



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA
CONTEMPORÂNEA

ANTONIO CLEBER ZEQUETTO

O *ETHOS* DO COOPERATIVISMO EM DIÁLOGOS E AFETOS

Cuiabá–MT
2023

ANTONIO CLEBER ZEQUETTO

O *ETHOS* DO COOPERATIVISMO EM DIÁLOGOS E AFETOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, da Universidade Federal de Mato Grosso, na linha de pesquisa: Comunicação e Mediações Culturais, como requisito para a obtenção do título de doutor em Estudos de Cultura Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Wendpap Nunes de Siqueira

CUIABA–MT

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

Z57e Zequetto, Antonio Cleber.
O ethos do cooperativismo em diálogos e afetos [recurso eletrônico] / Antonio Cleber Zequetto. -- Dados eletrônicos (1 arquivo : 201 f., il. color., pdf). -- 2023.

Orientadora: Aline Wendpap Nunes de Siqueira.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Cuiabá, 2023.
Modo de acesso: World Wide Web: <https://ri.ufmt.br>.
Inclui bibliografia.

1. Cooperativismo. 2. Ethos do cooperativismo. 3. Cartografia. 4. Semiótica da cultura. I. Siqueira, Aline Wendpap Nunes de, *orientador*. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA
CONTEMPORÂNEA

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: ETHOS DO COOPERATIVISMO EM DIÁLOGOS E AFETOS

AUTOR: Doutorando Antonio Cleber Zequetto

Tese defendida e aprovada em **05 de Abril de 2023**.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

1. **Doutora Aline Wendpap Nunes de Siqueira** (Presidente Banca / Orientadora)

INSTITUIÇÃO: UFMT

2. **Doutora Dolores Cristina Gomes Galindo** (Examinadora Interna)

INSTITUIÇÃO: UFMT

3. **Doutora Patrícia Silva Osório** (Examinadora Interna)

INSTITUIÇÃO: UFMT

4. **Doutor Miguel Rodrigues Netto** (Examinador Externo)

INSTITUIÇÃO: UNEMAT

5. **Doutor Elton Castro Rodrigues dos Santos** (Examinador Externo)

INSTITUIÇÃO: ICOOP

CUIABÁ,05/04/2023



Documento assinado eletronicamente por **Dolores Galindo, Usuário Externo**, em 12/04/2023, às 17:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Miguel Rodrigues Netto, Usuário Externo**, em 12/04/2023, às 21:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **ELTON CASTRO RODRIGUES DOS SANTOS, Usuário Externo**, em 13/04/2023, às 09:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **PATRICIA SILVA OSORIO, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 14/04/2023, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Aline Wendpap Nunes de Siqueira, Usuário Externo**, em 17/04/2023, às 23:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5708404** e o código CRC **B8104EBE**.

DEDICATÓRIA

"Certamente que a bondade e a misericórdia de Deus me seguirão todos os dias da minha vida".

(Salmo 23:6)

Dedico esta tese ao legado da minha mãe do coração, Elena Spadari, que partiu para a eternidade durante esta minha trajetória de estudo, em meio a pandemia, mas que acompanhou os momentos mais importantes da minha vida até aqui e me marcou para sempre com seu amor!

AGRADECIMENTOS

"O tempo é um rio que nos leva, mas a memória é uma âncora que nos mantém seguros".

Manoel de Barros

O tempo de agradecer é precioso. Eu acredito que gratidão traz prosperidade! E que a maior riqueza são as pessoas que temos e que passam pela nossa vida, porque a vida não é sobre o que temos, mas sobre quem temos! Assim como esta tese fala de afetos e de pessoas preciso reconhecer aos que contribuíram para que esse sonho pudesse se realizar. Em cada agradecimento existe uma memória, e como nos diz Manoel de Barros, as memórias são âncoras nesse imenso rio que é a vida!

Por isso, meu agradecimento especial vai à minha família. Agradeço à minha esposa Aghata e meus filhos Davi, Samuel e João, que sempre foram verdadeiras âncoras na minha vida. Aghata, nestes dezessete anos de vida conjugal até aqui, me ensinou, me apoiou, me curou, sempre renunciando a tempo para que eu pudesse realizar tantos projetos e sonhos profissionais e continua sendo quem mais me inspira e me ensina sobre altruísmo, verdade e cooperação. Aos meus filhos, o que dizer? São minhas alegrias e os meus pedaços de amores para a vida toda e que também me sustentaram, me ensinam nesta jornada. Vocês todos são a minha razão de estar aqui!

Agradeço aos meus familiares, (minhas mães, Elena (*in memoriam*) Helena e Devanil) que tenho privilégio de ter e me que me deram condições de eu estar concluindo esta etapa hoje. Ao meu pai Américo (*in memoriam*) que trago da infância os aprendizados sobre plantar e colher. Aos todos os meus irmãos que são parte da minha história.

Minha gratidão e alegria à minha querida orientadora Prof. Dra. Aline Wendpap Nunes de Siqueira, por ser pioneira neste tema relacionado a cultura juntamente comigo, e dentre tantas outras atribuições, foi minha parceira nesse caminho do doutorado apontando teorias e acolhendo cada detalhe. Sua forma calma e leve de conduzir foram também âncoras dessa minha evolução na construção da tese.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Culturas Contemporâneas da Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá, por ser através da coordenação e todos os professores envolvidos um elo potente e transversal na defesa da educação na América Latina.

Obrigado aos colegas de turma que mesmo em meio aos desafios da pandemia se reinventaram e superaram cada movimento para concluir esta etapa! Sucesso a todos vocês!

Minha gratidão aos doutores da banca de avaliadores por tanto acolhimento, contribuição, conhecimento e inspiração. Foram vocês que me respaldaram para visualizar as narrativas cooperativas sendo construídas.

Agradeço à profa. Dra. Dolores Galindo pelas lentes do caminho cartográfico e a condução na reescrita com afetividade; à Profa. Dra. Patrícia Osório pela serenidade em criticar a estrutura e apontar os caminhos a serem conduzidos e às noções de etnografia da antropologia; ao prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto pela acurada percepção sobre negócios, cultura empresarial e o despertar para a temática da responsabilidade social atrelado a tese; ao prof. Dr. Elton Castro pelo refinamento metodológico e sua parceria na atuação junto às entidades de educação cooperativas.

Agradeço à direção da Faculdade de Ensino e Pesquisa do Cooperativismo (Icoop), representada na ocasião da pesquisa pela prof^a Me. Janete Dalalibera, por me acolher e acreditar neste projeto de educação. Aos professores e profissionais da instituição pela parceria, especialmente à professora Carla Machado, por todo carinho e parceria com que cedeu espaço na sua disciplina para que eu pudesse realizar a pesquisa de campo e intervenções. Meu agradecimento se estende à direção e presidência da OCB/MT pelas oportunidades e possibilidades a partir deste estudo.

Agradeço aos meus alunos da Graduação em Cooperativismo do Icoop e alunos da Pós-Graduação em Gestão de Cooperativas por aceitarem participar das intervenções da pesquisa e fomentar comigo os diálogos e as subjetividades contidas nesta tese e por serem colaborativos nas atividades que realizamos durante as aulas estudos para esta tese.

Agradeço à cooperativa Sicredi Ouro Verde MT, da qual sou sócio e tive o privilégio de atuar por quase 5 anos como colaborador aprendendo e contribuindo com a educação e possibilitando novas conexões e saberes que me despertaram para a construção desta tese. Em agradecimento ao presidente Eledir Pedro Tecchio, estendo o apreço e gratidão a todos os colaboradores e diretores pelas trocas e experiências compartilhadas.

Agradeço também à Fundação Sicredi, com todos os profissionais envolvidos, por me incluírem em cada construção, acolher os saberes e permitir tantas boas conexões e trocas de experiências.

Muito obrigado por tudo e por tanto!

O estranho, o exposto, o não eu, também importa.
e visto que um encontro é junção de mutualidades,
de afetividades e um misto de cooperação, alteridades e subjetividades,
somos convidados a conhecer, fazer intervir para coexistir.

Antonio Cleber Zequetto

RESUMO

Esta tese realiza um estudo sobre o cooperativismo relacionando-o às pesquisas contemporâneas sobre cultura e sociedade. As teorias fundamentais são a cartografia e a semiótica da cultura, as mesmas que dão as diretrizes do referencial metodológico. A tese se debruça sobre a causa do cooperativismo nos cenários contemporâneos e investiga seus fenômenos constitutivos na busca pela compreensão e relações que se estabelecem entre seus precursores e as comunidades em que se inserem, sob o aspecto da relevância social gerada por este movimento. O objetivo principal é analisar os afetos nos diálogos de pessoas envolvidas e engajadas na dinâmica e no desenvolvimento do cooperativismo, bem como, em outros segmentos da sociedade no estado de Mato Grosso. São analisados os relatos e a produção coletiva obtida na intervenção cartográfica com acadêmicos estudantes da faculdade do cooperativismo (Icoop), na busca por compreender os modos como assimilam as nuances do modelo cooperativista em seus cotidianos. O *ethos* é um conceito que se refere aos valores, crenças e costumes compartilhados por um grupo social e o estudo da semiótica da cultura, embora em certa medida, seja voltado aos signos e símbolos e sua relação com a linguagem e a comunicação, interessa-se também pelas mesmas questões que o *ethos*, pois que essas formam a cultura, o que favorece o diálogo entre ambos. Portanto, eles se relacionam quando se trata de entender como o *ethos* é construído e comunicado por meio de signos e símbolos. Esta pesquisa se justifica, na medida em que, os conhecimentos gerados e proporcionados pelos princípios universais do cooperativismo (originados nos princípios de Rochdale), são qualificados e defendidos como o *ethos do cooperativismo* sob a égide de serem aliados na interpretação e defesa da democracia, da valorização da vida, dos valores humanos e na promoção da cooperação, pois corroboram para bom desempenho dos papéis sociais, emocionais e com a espiritualidade dos sujeitos na sociedade. Além de ser um dos poucos trabalhos a se dedicar sobre o assunto, na perspectiva da cultura, até o momento.

Palavras chaves: cooperativismo; *ethos* do cooperativismo; cartografia, semiótica da cultura.

ABSTRACT

This thesis conducts a study on cooperativism relating it to contemporary research on culture and society. The fundamental theories are cartography and semiotics of culture, the same ones that provide the guidelines for the methodological framework. The thesis focuses on the cause of cooperativism in contemporary scenarios and investigates its constitutive phenomena in the search for understanding and relationships that are established between its precursors and the communities in which they operate, from the perspective of the social relevance generated by this movement. The main objective is to analyze the affections in the dialogues of people involved and engaged in the dynamics and development of cooperativism, as well as in other segments of society in the state of Mato Grosso. The reports and the collective production obtained in the cartographic intervention with academic students of the faculty of cooperativism (Icoop) are analyzed, in the search to understand the ways in which they assimilate the nuances of the cooperative model in their daily lives. The *ethos* is a concept that refers to the values, beliefs and customs shared by a social group and the study of the semiotics of culture, although to a certain extent, it is focused on signs and symbols and their relationship with language and communication, of interest. if also for the same issues as the *ethos*, since these form the culture, which favors the dialogue between both. Therefore, they are related when it comes to understanding how the *ethos* is constructed and communicated through signs and symbols. This research is justified, insofar as the knowledge generated and provided by the universal principles of cooperativism (originated in the principles of Rochdale), are qualified and defended as the *ethos* of cooperativism under the aegis of being allies in the interpretation and defense of democracy, valuing life, human values and promoting cooperation, as they corroborate for the good performance of social and emotional roles and with the spirituality of subjects in society. In addition to being one of the few works to be dedicated to the subject, from the perspective of culture, so far.

Keywords: cooperativism; *ethos* of cooperativism; cartography, semiotics of culture.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABCUL	Associação das Cooperativas de Crédito Britânicas
ACI	Aliança Cooperativa Internacional
ECCO	Programa de Pós-Graduação em Estudos de Culturas Contemporâneas
FEPCOOP	Faculdade de Ensino e Pesquisa do Cooperativismo
ICOOP	Instituto do Cooperativismo
MEC	Ministério da Educação
OCB/MT	Organização das Cooperativas Brasileiras no Estado de Mato Grosso
ONU	Organização das Nações Unidas
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Prédio da Sociedade Equitativa dos Pobros de Rochdale, que atualmente é um museu dedicado à cultura e à história do cooperativismo mundial	69
Figura 2 – Fotografia oficial feita em 1865, que ocorreu 21 anos depois da fundação da sociedade, com apenas 13 dos 28 primeiros membros da sociedade	85
Figura 3 – Quadro de evolução dos princípios de Rochdale aos princípios do cooperativismo	94
Figura 4 – Visita em março de 2020 ao museu de Rochdale	106
Figura 5 – Visita em março de 2020 ao museu de Rochdale	107
Figura 6 – QR de acesso ao vídeo produzido	108
Figura 7 – Visita em março de 2020 ao banco Britânico Barclays	110
Figura 8 – Networking com Jovens Cooperativistas e Banco Barclays em Manchester	111
Figura 9 – Nuvem de palavras geradas a partir do 1º princípio do cooperativismo sobre outros temas contidos	116
Figura 10 – Nuvem de palavras geradas a partir do 1º princípio do cooperativismo sobre a prática	116
Figura 11 – Nuvem de palavras geradas a partir do 2º princípio do cooperativismo sobre a prática	117
Figura 12 – Nuvem de palavras geradas a partir do 2º princípio do cooperativismo sobre a prática	118
Figura 13 – Nuvem de palavras geradas a partir do 3º princípio do cooperativismo sobre a prática	119
Figura 14 – Nuvem de palavras geradas a partir do 3º princípio do cooperativismo sobre a prática	119
Figura 15 – Nuvem de palavras geradas a partir do 4º princípio do cooperativismo sobre a prática	120
Figura 16 – Nuvem de palavras geradas a partir do 4º princípio do cooperativismo sobre a prática	121
Figura 17 – Nuvem de palavras geradas a partir do 5º princípio do cooperativismo sobre a prática	122
Figura 18 – Nuvem de palavras geradas a partir do 5º princípio do cooperativismo sobre a prática	122

Figura 19 – Nuvem de palavras geradas a partir do 6º princípio do cooperativismo sobre a prática	123
Figura 20 – Nuvem de palavras geradas a partir do 6º princípio do cooperativismo sobre a prática	124
Figura 21 – Nuvem de palavras geradas a partir do 7º princípio do cooperativismo sobre a prática	125
Figura 22 – Nuvem de palavras geradas a partir do 7º princípio do cooperativismo sobre a prática	125
Figura 23 – Nuvem de palavras do <i>ethos</i> do cooperativismo.....	128
Figura 24 – Divulgação do formulário para colheita sobre cooperativismo	155
Figura 25 – Demonstrativo em gráfico da identificação dos participantes	155
Figura 26 – QR de acesso ao vídeo depoimento de Márcio Port	162

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Princípios Universais do Cooperativismo	95
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 MEANDROS DE UMA CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA.....	26
2.1 Nas teias da intervenção: métodos embricados na pesquisa.....	27
2.2 Fios da cartografia nas implicações da pesquisa	30
2.3 Fios do pesquisador	34
2.4 Fios dos participantes (coautores) da pesquisa.....	39
3 FUNDAMENTOS DO COOPERATIVISMO NA SOCIEDADE E CONCEITUAÇÕES IMBRICADAS	44
3.1 Aspectos da relação com os estudos contemporâneos.....	44
3.2 Fundamentos do cooperativismo	47
3.2.1 Os pensadores utópicos	49
3.2.2 Precusores do cooperativismo moderno.....	54
3.3 A cooperação para o cooperativismo	62
3.4 A noção de <i>ethos</i>	64
3.5 Semiótica da cultura	67
4 OS PIONEIROS DE ROCHDALE E OS PRINCÍPIOS DO COOPERATIVISMO.....	69
4.1 A gênese dos princípios de Rochdale	69
4.2 O ideal dos princípios de Rochdale por um olhar contemporâneo.....	88
4.3 Aliança Cooperativa Internacional e identidade cooperativa	92
4.4 Os princípios cooperativos no Brasil: a lei de regulamentação do cooperativismo	100
5 <i>ETHOS</i> DO COOPERATIVISMO.....	105
5.1 Afetos nas palavras sobre cooperativismo.....	113
5.2 Manejos e subjetividades nos diálogos sobre cooperativismo	131
5.2.1 Manejo de narrativas cooperativas	135
5.2.2 Manejo de diálogos cooperativos	142
5.3 Cooperativismo na contemporaneidade	153

CONSIDERAÇÕES SOBRE O DEVIR	165
REFERÊNCIAS	168
APÊNDICES	173
Apêndice A – Ecossistema do Cooperativismo.....	173
Apêndice B – Colheita do Cooperativismo	177
Apêndice C – Transcrições do grupo focal utilizadas para análise	187

1 INTRODUÇÃO

“O território é antes de tudo um lugar de passagem”.
(DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 132)

Não sabia o que buscava ao iniciar esta jornada. Nesta afirmação de Deleuze e Guattari (1997, p.132) descobri que o que eu tinha era é um caminho, um horizonte e um modo de me experimentar neste território, chamado cooperativismo. Ambiente tomado por contrapontos, utopias, devires e provocações. Caminho que ainda me aguça espreitar um pouco mais, para quem sabe, mais adiante descobrir que é enquanto se caminha que se vai encontrando, engajando, sendo afetado e aplicando sentido. Tudo isso simultaneamente enquanto estou colocando-me no lugar dos sujeitos, encontrando-me, fazendo-me ser sujeito, e assim, descobrindo que não há um domínio em si, mas um *ethos* “que é ao mesmo tempo morada e estilo” (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2016) e cuja existência se dá exatamente enquanto se vive, se produz e vai se tecendo a paisagem. Um processo de aprendizagem mútua e de transformação em movimento ao habitar este território.

Até este caminho ser habitado, outros aspectos da minha trajetória precederam o movimento de pesquisa desta tese. Peço sua licença para apresentar um pouco mais detalhadamente sobre minha subjetividade autoral, que me constituiu até aqui. Iniciei minha jornada acadêmica com a graduação em Licenciatura Plena em Letras com habilitação em português /inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Corumbá, em 2004, onde é minha cidade natal. Durante a graduação desenvolvi estudos e atividades de docência voltados à literatura e ensino de língua estrangeira, motivos especiais na decisão pelo curso. Nos primeiros anos participei ativamente de projetos de extensão, cursos, jornadas e feiras de estudos cujos temas foram específicos ao curso, tais como: formação e professores, contemporaneidade do ensino de línguas, vocação e responsabilidade social do professor, ensino de língua inglesa, gramática e estudos de linguagem.

Ao longo do curso tive a oportunidade de coordenar dois projetos de extensão voltados à literatura e à língua estrangeira: o Seminário de Estudos Literários, ocasião que homenageamos o poeta e cantor Vinícius de Moraes, a fim de conhecer sua literatura, relevância e contribuições para linguagem e música; e o 1º Seminário de Língua Inglesa do Campus de Corumbá, para aperfeiçoamento no ensino-aprendizagem da língua inglesa. Ambos oportunizaram aos demais acadêmicos participar de minicursos correlatos, palestras e exposições.

Concomitante os estes projetos e estudos em desenvolvimento me inscrevi e fui selecionado para atuar como bolsista do projeto de extensão universitária Programa Conexões de Saberes Conexões em Corumbá, cidade sede do projeto em 2005. Este programa idealizado pelo governo federal vigente e desenvolvido junto às universidades federais do país, visou, resumidamente, ao estudo, intervenção e aproximação dos estudantes oriundos das camadas populares menos favorecidas à vida acadêmica nas universidades federais. Atuei no projeto como ministrante de curso de inglês preparatório pré-vestibular, oficinas de produção de texto e grupos temáticos de estudo com o tema desigualdade e diferença na universidade: gênero, etnia e grupos sociais.

Dentre os objetivos do Programa constavam: estimular maior articulação entre a instituição universitária e as comunidades populares, com a devida troca de saberes, experiências e demandas; possibilitar que os jovens universitários de origem popular desenvolvam a capacidade de produção de conhecimentos científicos e ampliem sua capacidade de intervenção em seu território de origem, oferecendo apoio financeiro e metodológico para isso; realizar diagnósticos e estudos continuados sobre a estrutura universitária e as demandas específicas dos estudantes de origem popular. Uma das minhas contribuições foi a elaboração do um artigo científico coletivo que compôs a primeira publicação do projeto em 2006: desigualdades e diferença na universidade: gênero, etnia e grupos sociais populares¹.

A partir do diagnóstico, propusemos medidas que possibilitassem criar condições para o maior acesso e permanência, com qualidade, dos estudantes oriundos das favelas e periferias nas instituições de ensino superior. Com a intervenção, mapeamento e monitoramos realizados neste projeto, identifiquei a necessidade de me posicionar criticamente de modo a contribuir para o desenvolvimento de projetos de assistência aos grupos sociais em situação de vulnerabilidade social, em particular as crianças e os adolescentes. Com esta experiência, voltei meus interesses à estudos e pesquisas, bem como atividades voltadas à menos favorecidos, aos estudos de gênero e grupos sociais que envolvam crianças e a juventude.

Ainda durante a graduação fui selecionado para atuar como estagiário na mineradora Corumbaense Reunida S.A, ligada à empresa multinacional Vale, no departamento de comunicação e relações com comunidades. Ao final da minha graduação em 2007, fui contratado para exercer o cargo de Analista dos processos de comunicação e responsabilidade social e atuei implementando planos e projetos da área, na elaboração do material de apoio para campanhas e atividades afins, na implantação dos canais de comunicação e desenvolvimento

¹ Livro: *Desigualdade e diferença na universidade: gênero, etnia e grupos sociais populares*. Disponível em <http://flacso.redelivre.org.br/files/2012/07/333.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2023.

de ações integradas; na condução do programa de visitas corporativas; processos de doação e patrocínio. Nesta etapa profissional tive a oportunidade de ampliar o conhecimento em assuntos ligados à linguagem e comunicação social o que me possibilitou manter relacionamento com pessoas e equipes ligadas à ONG's, comunidades sociais e filantrópicas.

Pelo fato de estar inserido neste contexto profissional, iniciei curso de especialização em Gestão da Comunicação e Marketing Institucional, pela universidade Castelo Branco (RJ) que me permitiu aprofundar nos temas ligados à comunicação, responsabilidade social e então, a desenvolver o trabalho de conclusão de curso com tema: Patrocínio cultural, ocasião que analisei a intervenção social da Vale na instituição Moinho Cultural Sul Americano. Em 2009, ainda atuando na mineradora, participei do Programa de Pós-graduação (Mestrado) em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como aluno especial na disciplina “sexualidade, gênero e educação”, o que me despertou ingressar na docência acadêmica e considerar a possibilidade de avanços nos estudos ligados à educação.

Em 2010, após mudança para Rondonópolis, por motivos de trabalho, consegui aprovação no seletivo para atuar como consultor de relações de mercado no Serviço Social da Indústria (SESI). Na ocasião executei processos relacionados à inteligência de mercado, estruturação e monitoramento da área comercial e fui responsável por representar a organização institucionalmente no segmento das indústrias, através de visitas com foco em vendas e pós-vendas de serviços especializados, prospecção de novos clientes, elaboração de propostas e participação em eventos para ações de relacionamento e demais atividades pertinentes ao cargo.

Nesse mesmo ano iniciei o desenvolvimento de projetos pessoais de consultoria em treinamentos profissionais ligados aos temas educação, relações pessoais, comunicação, mídias sociais, vendas, entre outros e assessoria, com foco específico na utilização das ferramentas de marketing do Facebook para empresas. Em 2013, consolidei minha consultoria empresarial e me dediquei à atuação profissional como prestador de serviços, tanto ao SESI como as demais empresas e instituições que demandam serviços do meu escopo de trabalho.

Paralelo às experiências profissionais citadas, também atuei profissionalmente na área da docência. Ainda durante a graduação ministrei aulas de língua inglesa em escolas de ensino de idiomas e como professor particular. Após a conclusão do curso atuei por dois anos como professor contratado pela Secretaria Estadual de Educação em Mato Grosso do Sul, em Corumbá-MS, lecionando língua portuguesa, literatura e língua inglesa para jovens do ensino fundamental e médio. Nesta oportunidade pude compreender melhor sobre a prática educativa e um pouco do cenário socioeconômico da educação em na minha região.

Em 2016 iniciei minha segunda graduação, desta vez o bacharelado em teologia pela Universidade Metodista de São Paulo. Foram 4 anos de curso onde pude aprofundar meus conhecimentos teológicos, filosóficos e antropológicos, visto que o curso apesar de ser confessional prepara para uma atuação em amplas frentes de mercado, tais como ONGS, instituições de filantropia, capelania, OSCIPs etc., bem como na educação acadêmica e, no meu caso, para atuação como teólogo na Igreja Metodista para atuar em educação, música e apoio pastoral. Diz respeito a minha vocação e interesse pessoal, mas que complementa minha formação junto aos demais conhecimentos que adquiri ao longo dos anos. Resumindo um tempo, sou metodista desde 1998 e sempre atuei como voluntário na Igreja Metodista nas áreas acima citadas, daí meu interesse em concluir esta formação.

Ainda em 2016 obtive aprovação para o ingresso no curso Mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, ainda Campus de Rondonópolis na ocasião. A pesquisa se desenvolveu no âmbito do Grupo de Pesquisa “Infância, Juventude e Cultura Contemporânea” (GEIJC), da linha de pesquisa “Infância, Juventude e Cultura Contemporânea: direitos, políticas e diversidade”, que faz parte do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu), da UFMT/Rondonópolis. A pesquisa teve como temática central a infância contemporânea e, especificamente, o lugar social da criança no contexto das tecnologias digitais. Dado minha inserção na docência infantil na época recorri às teorias das sociologias da infância, Educação e Culturas Híbridas no contexto educacional para produzir e defender a dissertação que teve como título: *infância, corpo, educação e cibercultura: crianças e a produção de imagens nas redes sociais*².

Durante a trajetória do mestrado ingressei em 2017 uma nova oportunidade profissional como educador corporativo em uma cooperativa de crédito. Daí surge meu contato com o tema cooperativismo com o qual me imergi para conhecer, trabalhar e desenvolver formações ao longo dos últimos 5 anos. Com esta oportunidade vivenciei diversas experiências educacionais, tais como participar de viagens e vivências sobre cooperativismo no Brasil e no exterior. Razão pela qual desenvolvi apreço no tema e nas bases constituintes do movimento como um todo. Desta atuação, novas conexões surgiram tais como a participação em fóruns e congressos ligados ao cooperativismo no Brasil, como o 14º Congresso brasileiro do Cooperativismo em Brasília-DF; e outras experiências internacionais de pesquisa e intercâmbios como algumas edições do WYCUP (World Youth Credit Union Programme) Programa Mundial de Juventudes Cooperativas e Summit de Juventude Cooperativa em Londres-UK. Destas experiências, advém

² *Infância, corpo, educação e cibercultura: crianças e a produção de imagens nas redes sociais*. Disponível em: https://ri.ufmt.br/bitstream/1/2514/1/DISS_2018_Antonio%20Cleber%20Zequetto.pdf. Acesso em: 20 fev. 2019.

aberturas como docente em disciplinas de algumas universidades e cursos voltados para a profissionalização do cooperativismo, como a FACCAT e ICOOP, ambas lecionando a disciplina Responsabilidade Social, ambiente que já tinha envolvimento por formação e outras experiências profissionais, bem como a prática do ambiente nas cooperativas.

Ainda enquanto atuava como docente da faculdade ICOOP, que será mais contextualizada posteriormente, e como colaborador em uma cooperativa de crédito, obtive aprovação em 2019 no curso de doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea para desenvolver a pesquisa inicialmente com a ótica ainda voltada para a intenção sobre tecnologias digitais na educação, mas que percebendo minha inserção acadêmica e profissional fez muito mais sentido lidar com o tema cooperativismo e assim fortalecer ainda mais minha experiência e estudos nesta área.

Com efeito, considerando a minha trajetória acadêmica e despertar obtido no âmbito do PPG ECCO-UFMT, meus estudos foram direcionados para entender mais sobre a gênese do cooperativismo em sua perspectiva filosófica, antropológica, e também pelas lentes da teologia, principalmente para tratar das questões sobre o como o cooperativismo é percebido e tratado no Brasil. Foi então partir do meu grupo de alunos participantes da pesquisa onde percorri os caminhos da aprendizagem para defender a tese ora ventilada acerca do *ethos do cooperativismo*.

Neste ínterim, começo então este novo território habitado, interpretando o cooperativismo como um ato de solidariedade. A questão da solidariedade sempre esteve presente no desenvolvimento da sociedade, visto que ela se passa e se constitui através da união e movimentos entre as pessoas. É no século XXI, especialmente na segunda década dos anos 2000, que este tema vai versar de um modo globalmente conectado, quase que uníssono, sustentando questões, comportamentos e atitudes que não eram desconhecidas, porém pouco praticadas.

Esta pesquisa vale-se dos pressupostos dos estudos culturais e tem como um de seus vetores, a lógica da cooperação percebida no cooperativismo, um movimento social, econômico e cultural que versa sobre diversos âmbitos da sociedade. Neste sentido, busca explicar como as culturas sociais moveram os indivíduos a pensar coletivamente, como foram aperfeiçoados os conceitos, ideais e princípios motrizes deste movimento fundado desde o século XIX, que atravessou um período de extremos contrastes e circunstâncias políticas, econômicas e culturais, resultante de um deslocamento completo dos padrões sociológicos anteriores, e que tendo se adaptado às tendências que surgiram, provocou significativas transformações no comportamento dos indivíduos. É sobre um modelo social de pessoas que se pretende abordar.

Os modos como as sociedades se constituem ao longo da história, parecem ter se transformado e diluído em múltiplas práticas, saberes e experiências que cada vez mais vem sendo modeladas diante das constantes transformações do mundo globalizado, que forjam comunidades, consumidores, produtos, serviços e demandas de trabalho, cada qual carregando em si sua própria cultura e modificando as formas de pensar, organizar e se relacionar. Este novo ambiente gera conhecimentos ao mesmo tempo que cria oportunidades e hábitos a serem aprendidas.

Neste ínterim, este estudo dialoga e compartilha pressupostos de cooperação, de altruísmo e de alteridade, percebendo-os como aspectos fundamentais podem tornar a humanidade e os humanos melhores em um ciclo de virtudes que educam os indivíduos para valorizar o coletivo em detrimento do individualismo, evocando uma nova configuração étnica intercultural, aqui defendida como a *ethos cooperativo*.

A solidariedade como exercício pleno da empatia é uma atitude essencial sem a qual não haveria sobrevivência humana. Em períodos de crises e grandes catástrofes, é observado que as pessoas demonstram uma maior disposição para auxiliar indivíduos que não possuem vínculos familiares, evidenciando um comportamento solidário e de assistência mútua. Essa tendência é respaldada por dados empíricos fornecidos por organizações internacionais como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e observações feitas a partir das realidades observadas pelo pesquisador.

De acordo com dados da OCDE (2022)³, em emergências e desastres naturais, as comunidades se mobilizam para oferecer ajuda e apoio aos afetados, independentemente do grau de parentesco ou relação prévia. Por exemplo, durante a pandemia de COVID-19, foram relatados e percebidos inúmeros casos de pessoas se voluntariando para prestar assistência a desconhecidos, seja por meio de doações, prestação de serviços ou apoio emocional. Embora haja má conduta e certa displicência em alguns casos relatados em situações de catástrofes e vulnerabilidade social, estes não prevalecem às ações majoritárias de solidariedade manifestadas entre as pessoas no mundo.

Ao contrário, parece que este motivo leva as pessoas a se doarem ainda mais no sentido de conceber novas habilidades, reunir e fomentar ações conjuntas que materializem compaixão e o interesse pelo outro, não apenas como um olhar que conforta mais com ações concretar de reciprocidade que fazem justo ao significado da palavra. Solidariedade advém, etimologicamente, de “sólido e consistente” (*solidus*, em latim). Da palavra original do francês

³ Cf. https://www.oecd-ilibrary.org/industry-and-services/legal-frameworks-for-the-social-and-solidarity-economy_480a47fd-en. Acesso em: 20 jul. 2022.

solidarité, derivam o adjetivo *solum* (fundamento de apoio) e também os verbos *solidare* (consolidar, segurar, fazer sólido). Exercer a solidariedade, portanto, implica em algo em maior dimensão capaz de consolidar e concluir um propósito.

Durkheim (1995) já expressava que a solidariedade era fortemente marcada pelo viés social e de âmbito sociológico e pode ser percebida como um fenômeno, pois observa que o indivíduo em seu ambiente social a partir do século XVII, quando começam a surgir significativas modificações tanto na paisagem como no estilo de vida urbana, expressa-se com uma consciência individual combinada a uma consciência coletiva diante do surgimento das divisões de trabalho demandadas pela Revolução Industrial e pelo capitalismo, demarcando então, a existência de um reino social e compromisso moral, cujas implicações, para além dos efeitos econômicos, tendem a promovê-la.

[...] Os serviços econômicos que ela pode prestar são pouca coisa em comparação como efeito moral que ela produz, e sua verdadeira função é criar entre duas ou várias pessoas um sentimento de solidariedade. Como quer que esse resultado seja obtido, é ela que suscita essas sociedades de amigos, e ela as marca com seu cunho. (DURKHEIM, 1995, p. 2).

Esta compreensão parece estar muito bem relacionada como a terminologia da palavra cooperação, ou seja, o ato ou efeito de cooperar. Cooperar, etimologicamente, significar trabalhar em conjunto com outro, co-laborar, ou seja, contribuir com o trabalho do outro.

Holyoake (1972) ensina que o individualismo nos torna míopes e não permite superarmos as inquietantes situações de desconfiança que começam a aparecer na crise e é certo que falta uma visão ampla. Assim “a experiência tem demonstrado a cooperação é como um telescópio necessário para milhares de pessoas” (HOLYOAKE, 1972, s.p.), possibilitando que estas se conectem, se perceberem e assim possam conviver. É sobre experiências que este estudo propõe dialogar. Não é por acaso que constatamos ao longo das eras pessoas tentando se direcionar às outras no intuito de coexistir, para criar sentido à vida e dar significado ao que se faz, pois são as experiências que fortalecem a nossa jornada.

Neste contexto de transformações, o cooperativismo emergiu em meados do século XIX, na segunda metade da Revolução Industrial na Inglaterra, como uma das alternativas consequentes da modernidade. Resultado da frustração de muitas pessoas com o capitalismo tradicional e procedente da união de seus interesses comuns, o cooperativismo moderno propôs que ao compartilhar das mesmas crenças, valores e ideais se pudesse cumprir um objetivo: satisfazer as necessidades de sobrevivência e consumo mutuamente (MEINEN; PORT, 2012).

Este movimento foi sistematizado e estruturado por meio da experiência coletiva de trabalhadores operários desempregados do setor têxtil, tendo como protagonistas 28 tecelões, que organizaram a primeira cooperativa, instituída em 1844 no bairro de Rochdale–UK. Eles montaram um grande armazém com o intuito de reduzir o custo e melhorar a qualidade dos alimentos que consumiam. Estabeleceram princípios baseados em valores morais e sociais que serão descritos e contextualizados mais a diante. Vale destacar inicialmente que, estes princípios elaborados por estes pioneiros forneceram processos e padrões de conduta para as cooperativas e são considerados até hoje, a base do cooperativismo autêntico (PINHO, 1996). Assim, fez despertar um comportamento que sempre existiu nos indivíduos, que atravessa gerações e continua sendo a razão da continuidade de nossa existência — a cooperação.

As ideias da ajuda mútua, solidariedade e altruísmo, entre outros temas que compõem os princípios universais do cooperativismo, são o legado dos pioneiros de Rochdale. Portanto, compreender o significado destes princípios, seus fundamentos e aplicações práticas constituem-se o objeto desta pesquisa. E, as inquietações que atravessam este caminho geram algumas perspectivas que delimitam os objetivos mais específicos:

- Analisar os discursos de um grupo de voluntários, entre pessoas engajadas na dinâmica e desenvolvimento do cooperativismo e em outros segmentos distintos da sociedade no estado de Mato Grosso, no sentido de compreender os modos como assimilam a repercussão do modelo cooperativista em seus cotidianos.
- Contribuir com os conhecimentos já compartilhados sobre cooperativismo, na busca por outras reflexões teóricas que possam estabelecer maior diálogo sobre o assunto, entre a sociedade e os estudos acadêmicos.
- Compreender a relevância e o papel deste movimento na sociedade;

Esta importante experiência revela-nos que sua utilidade e vitalidade é permanente pois pode respaldar novas reflexões e compreensões dos fatos sociais, culturais, educacionais e organizacionais tanto em ambientes cooperativos como nos demais setores da sociedade. Nesse sentido, a cultura organizacional do cooperativismo deve abarcar princípios e valores que devem estar alinhados e ser construídos de forma participativa, de dentro para fora, de maneira a representar a essência da organização (ASHLEY, 2005).

Há poucas pesquisas em torno da temática do cooperativismo, voltadas à ótica da antropologia, sociologia e filosofia. Por isso, esta pesquisa de caráter interdisciplinar debruça-se sobre a causa do cooperativismo. É instigante perceber como uma ação protagonizada por um pequeno grupo de tecelões desempregados, resultou em um movimento expoente propagado

mundialmente, de cunho filosófico, que institui padrões de comportamentos orientados por valores e princípios, que apesar das transformações da sociedade e dos modos de trabalho se mantém sem perder a sua origem histórica e se configura a partir de múltiplas interfaces socioculturais quando desbrava os cenários contemporâneos.

Para investigar este fenômeno faz-se necessário assimilar epistemologicamente seus aspectos constitutivos, na busca pela compreensão de quais relações foram norteadoras e que ainda estabelecem conexão entre seus precursores e as comunidades contemporâneas, sob o aspecto da percepção dos impactos positivos causados por este movimento.

Desde seu começo, o cooperativismo consistiu essencialmente na organização de um meio social e econômico no qual o antagonismo de interesses individuais fosse substituído pela colaboração e associação (PINHO, 1966). Trata-se de um *ethos* filosófico, que é corporificado em um conjunto de comportamentos, valores e princípios que regem o *modus operandi* das pessoas envolvidas no movimento. Esse pressuposto é representado pela identidade cooperativa ou cooperativista, que expressa o fazer, as formas e os caminhos que devem guiar as pessoas e suas práticas.

Este movimento dialoga com temas do cotidiano e próximos às necessidades das pessoas e suas conexões sociais, tais como a necessidade de se relacionar, o espírito e senso de coletividade espontâneos que os seres humanos possuem, especialmente no que diz respeito a solidarizar-se com outras pessoas em situação de risco e/ou vulnerabilidade socioeconômicas, dentre outras situações que envolvam o senso coletivo, as ações e sentimentos humanos que compõem o *ethos*.

Ao considerar que a evolução do cooperativismo moderno se dá de maneira ininterrupta e sem perder sua origem histórica, configuram-se múltiplas interfaces socioculturais que permitam compreender o potencial deste movimento que pode desbravar os cenários inóspitos, incongruentes e caóticos, desafiando-nos em uma perspectiva contemporânea a observar sua utilidade e aplicação nos dias atuais, visto que em seu surgimento respondeu e ofereceu alternativas sobre muitos dos dilemas políticos, sociais e econômicos. Desta forma, pretende-se investigar que fenômenos culturais tecem o enredo desta construção social na busca por compreender as relações que se estabelecem entre os precursores do cooperativismo e as comunidades atuais, sob o aspecto da relevância social e cultural gerada por este movimento.

O desenvolvimento desta pesquisa permitirá que os conceitos fundantes do cooperativismo dialoguem com os dilemas e desafios da vida cotidiana por envolver os indivíduos em sociedade e por se tratar de valores humanos que estão intimamente ligados à comportamentos sociais como a solidariedade, justiça, a democracia, entre outros, a fim de

reverberar, tanto na academia, como na sociedade de um modo geral, especialmente no âmbito do estado de Mato Grosso, uma interlocução para se pensar as práticas sociais e culturais, a ampliação de saberes sobre este campo de estudo, bem como o fortalecimento de debates e novas percepções que compreendem a interdisciplinaridade proposta pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Culturas Contemporâneas (ECCO) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), dentro do qual esta pesquisa se insere.

Diante do exposto, a estrutura proposta para a presente pesquisa é composta de seis seções, sendo a primeira delas esta introdução. Na Seção 2, é apresentado o percurso metodológico desta tese, visando situar o leitor quanto às teias estabelecidas entre pesquisador, lócus de pesquisa, tema e sujeitos pesquisados para alcançar os objetivos propostos.

Na Seção 3, são apresentados os fundamentos do cooperativismo interligado à noção de *ethos* e decorrentes da cultura semiótica, destacando os principais pensadores que atuaram na implementação de tal pensamento perante a sociedade.

A Seção 4 buscou destacar os pioneiros do cooperativismo — Rochdale (UK) — e como nasceram os princípios do cooperativismo disseminados até a contemporaneidade, com foco especial no Brasil.

Na Seção 5, adentra-se o *ethos* do cooperativismo com o intuito de dialogar sobre os afetos verificados nos diálogos estabelecidos pelos e com os sujeitos da pesquisa, a subjetividade das concepções e a formação do que hoje se concebe como cooperativismo contemporâneo.

Por fim, são apresentadas as considerações finais sobre a temática da pesquisa e o referencial utilizado no decorrer do estudo.

2 MEANDROS DE UMA CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

Para responder esta inquietação sobre onde começar a pesquisar empresto a relação metafórica da teia de aranha para me aproximar do conceito que há no movimento da pesquisa. A teia é uma armação de fios de seda extremamente finos, porém muito resistentes, criadas por algumas espécies de aranhas para sua proteção, sustentação e sobrevivência e está interconectada por meio dos seus fios no tecido que se constrói ao mesmo tempo que fornece alimento por meio da sua armadilha, é habitação enquanto se delimita pelo espaço onde está. Dessa maneira, nesta ilustração biológica busco explicar que na pesquisa há sempre uma trama que nos conecta com e entre outros espaços. A teia em si é a pesquisa, o ato de pesquisar é a armadilha e o animal invertebrado, o pesquisador.

Nesse sentido, corrobora o entendimento que pesquisar é uma ação que tenciona dois movimentos: a de tomar a direção para conhecer e intervir e o de intervir para conhecer. Há, portanto, uma indissociabilidade e um engendramento que se estabelece entre o pesquisador e o objeto de pesquisa que se instaura na intenção de conhecer e que se atualizam a cada pesquisar. Isto quer dizer que pesquisar é uma relação interconectada que gera sentido à medida que expõe e expressa o devir da construção pesquisada.

Para Kirst e Fonseca (2003), a produção de uma pesquisa vem a partir de seu objeto e pode ser compreendida como sensações, percepções e afetos. Estes se integram de tal forma que já não temos percepções e o pesquisador. Somos percepções. E não temos o objeto e o pesquisador. Somos o objeto, visto que se estabelece uma relação de vínculo e identificação com os temas pesquisados.

Desta maneira, esta pesquisa começou em 2019 com a intenção instaurada em compreender os aspectos fundantes do cooperativismo⁴ em termos gerais de sua formulação,

⁴ Nascidas na primeira metade do séc. XX, no prolongamento das teorias de C. Fourier em França e de R. Owen na Grã-Bretanha, as cooperativas constituíram um meio de organização e de defesa dos trabalhadores fundado no conceito de autogestão. Além dos objetivos propriamente económicos, o movimento cooperativo desempenhou muitas vezes o papel de uma mutualidade, de um sindicato e de uma universidade popular. Atualmente, o movimento cooperativo fez questão em conservar uma missão de educação social. Divide-se em duas grandes categorias: as cooperativas que agrupam os produtores para o fabrico e/ou escoamento da produção (cooperativas agrícolas, artesanais, operárias de produção, de serviços, comunidades de trabalho) e as cooperativas que agrupam os consumidores ou utilizadores (cooperativas escolares, de consumo, de crédito). Ainda que o movimento cooperativo não constitua em parte nenhuma um modelo dominante, ele representa, de fato, um modelo original, uma espécie de terceira via em que a motivação militante leva a melhor, ou seja, ao mesmo tempo a convicção e a democracia. Agrupado numa Aliança Cooperativa Internacional, o movimento cooperativo foi solicitado a dar o seu contributo para participar no esforço de descolagem económica dos países em vias de desenvolvimento (DESARROCHE, 1976; LASSERRE, 1978).

partindo de suas constituições filosóficas, influências culturais e bases históricas que fundamentam este movimento. A partir daí, compreender os aspectos teóricos aplicados à relevância e ao papel do cooperativismo para a sociedade contemporânea, especialmente considerando o contexto obtidos nas observações das nuances no cotidiano.

Os contornos foram surgindo à medida que defini o interesse e a atenção que se devia seguir aqui, ou seja, tratar sobre as origens e constituições do cooperativismo e sua lógica a partir do interesse coletivo, tendo no associativismo uma das reações concretas que fez a cooperação entre pessoas e comunidades emergir como um movimento organizado.

Aqui, tanto do ponto de vista sociológico da integração e união entre pessoas, como no sentido técnico e educacional, o cooperativismo tem sido percebido tanto pela sua utilidade e aplicabilidade quanto pela promoção e manutenção da igualdade, autonomia e liberdade dos sujeitos e suas subjetividades.

Com este caminho delimitado, que funciona aqui metaforicamente como o centro da teia, outros fios vão sendo tecidos ao seu redor. Esses são constituídos pelos elementos fundamentais do processo de pesquisa, como outros fios quais sejam: o objeto, o método e o campo da pesquisa. Todos estes expostos a seguir.

2.1 Nas teias da intervenção: métodos embricados na pesquisa

Assumir o caráter de intervenção na pesquisa é compreender a inseparabilidade entre conhecer e fazer, justamente porque intervém nas realidades da experiência que agencia o sujeito e o objeto. Isto é, a teoria e a prática. A partir da combinação de conceitos que se modulam nas implicações do processo metodológico, encontramos nas teorias de René Lourau, Gilbert Simondon e Félix Guattari, novas formulações que apontam para algumas perspectivas.

Passos e Barros (2009) entendem que quando mergulhados na experiência do pesquisar, todo conhecimento se produz em um campo de implicações cruzadas e que estas determinam um jogo de forças que incluem valores, interesses, expectativas, compromissos, desejos, crenças etc. Por isso, quando se pratica a pesquisa, os processos de análises e acessos ao campo pesquisado coexistem de modo que não é possível ser neutro e imparcial e, ao contrário, as implicações se dão no coletivo e aí modificam as realidades conjuntamente. Afirmam, então, que “não há neutralidade do conhecimento, pois toda pesquisa intervém sobre a realidade mais do que apenas a representa ou constata em um discurso cioso de evidências” (PASSOS;

BARROS, 2009, p. 20). Este é, sobretudo, um posicionamento e um acolhimento metodológico nesta tese, para que se engrandçam as representações de subjetividades.

Nessa direção, os autores defendem os processos de individuação propostos por Simondon (2003), que diz respeito a uma ação que antecede a existência do ser indivíduo, ou seja, “o ser em processo de individuação é aquele no qual uma resolução aparece pela sua repartição em fases a partir de uma incompatibilidade rica em potenciais. Este entendimento do indivíduo vivo compõem a dinâmica de individuação como transdução⁵” (PASSOS, BARROS, 2009, p. 20). Dessa forma, complementam os autores, intervir é,

Fazer esse mergulho no plano implicacional em que as posições de quem conhece e do que é conhecido, de quem analisa e do que é analisado se dissolvem na dinâmica de propagação das forças instituintes característica dos processos de institucionalização. (PASSOS, BARROS, 2009, p. 25).

Seguindo esta mesma direção, Guattari propõe em 1964 o conceito de transversalidade para problematizar os processos de subjetivação que se passam na relação entre os sujeitos envolvidos na pesquisa. Nesta dinâmica o processo de análise nas pesquisas é percebido como um movimento transdisciplinar de descrever, intervir e criar efeitos-subjetividades. Este movimento se desdobra no tema redes comunicacionais que são estabelecidas entre os grupos sujeitos que interagem na pesquisa gerando identificação, reflexão e inflexão durante a experiência (PASSOS; BARROS, 2009).

Na busca por desdobrar este caminho, iniciei essa jornada considerando os fenômenos e aspectos constitutivos do cooperativismo, baseados nos princípios de Rochdale, que atribuo ser o *ethos* que dimensiona a gênese do cooperativismo como será abordado mais adiante. Diz respeito a essa conexão estabelecida entre os princípios e as lógicas da sustentação do movimento até os dias atuais.

Para tecer os fios desta criação o encontro com a cartografia trouxe uma direção teórico-metodológica para respaldar o percurso e o processo desta teia, cujas composições direcionam à compreensão e significação dos princípios cooperativos como objeto de pesquisa (PASSOS; BARROS, 2009). Assim, por meio da intervenção pode-se orientar metodologicamente para participar e observar a elaboração deste caminhar que configura o olhar da relação que se estabelece entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, na busca por uma melhor

⁵ [Física] Transformação de uma energia numa energia de natureza diferente. [Biologia] Transferência de material genético de uma célula para outra, realizada por intermédio de um vírus ou de um bacteriófago. Disponível em <https://www.dicio.com.br/transducao/>. Acesso em: 27 jun. 2021.

compreensão dos cenários e sentidos que atribuem aos lugares sociais onde transitam (CASTRO, 2008).

Como forma de delimitar as inúmeras possibilidades de análise do cooperativismo na contemporaneidade, optei pela realização e apropriação de análise do conteúdo a partir dos discursos de um grupo de voluntários, sujeitos desta pesquisa, com os quais se realizaram experiências coletivas de diálogos, discussões e conversas, importante frisar que as pessoas participantes são engajadas na dinâmica e desenvolvimento do movimento em segmentos distintos da sociedade no estado de Mato Grosso. tal movimento aconteceu no sentido de compreender os modos como assimilam a repercussão do modelo cooperativista em seus cotidianos; reunir as contribuições teóricas já produzidas academicamente sobre cooperativismo, na busca por outras reflexões teóricas que possam estabelecer maior diálogo sobre o assunto, e por compreender a relevância e o papel deste movimento na sociedade. tendo em vista que dessa maneira, seria possível analisar os conhecimentos e as experiências culturais compartilhados pelos envolvidos direta e indiretamente com o cooperativismo e compreender os processos que envolvem a incidência e percepção do cooperativismo contemporâneo na sociedade.

O campo do desenvolvimento da pesquisa se compõe por meio dos conteúdos e diálogos nas conversas realizadas com alunos dos cursos de graduação em Cooperativismo; nas experiências das aulas ministradas aos alunos do curso de Pós-graduação em Gestão de Cooperativas, bem como orientandos com trabalhos de conclusão do curso que referenciam, contribuem e assimilam nos temas aqui abordados. A realização foi possível graças à parceria firmada entre a Faculdade de Ensino e Pesquisa do Cooperativismo, mantida pelo Instituto do Cooperativismo (ICOOP), com sede em Cuiabá Mato Grosso e a Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO/UFMT).

A faculdade foi credenciada por meio da Portaria n.º 1.469, de 21 de novembro de 2017, do Ministério da Educação e Cultura (MEC), tendo como instituidora o Sindicato e Organização das Cooperativas Brasileiras no Estado de Mato Grosso (OCB/MT), órgão representativo do Sistema Cooperativista do Estado.

A criação de uma instituição educacional autônoma de caráter cooperativista para o estado de Mato Grosso ocorreu, na verdade, em 1988, por ocasião da elaboração do projeto do instituto, que veio se desenvolvendo até o seu credenciamento, em 2017, como Faculdade de Ensino e Pesquisa do Cooperativismo (Fepcoop).

2.2 Fios da cartografia nas implicações da pesquisa

A cartografia é inspirada nas formulações de Deleuze e Guatari (1995) que a descreve a partir do conceito ou princípio do rizoma. Este não possui um centro, mas performa por sua conectividade, tal como um mapa que pode possuir múltiplos acessos pelos quais se orienta a um caminho. Neste sentido, a cartografia visa o acompanhamento de percursos, implicações em processos de produção e suas conexões de redes e tem sido utilizado principalmente em pesquisas voltadas ao estudo de subjetividades nas ciências humanas e sociais.

Kisrt e Fonseca (2013), esclarecem que o termo cartografia usa expressões da geografia para criar relações diferença de “territórios” e dar conta de um “espaço”. Assim, de acordo com os autores:

[...] cartografia é um termo que faz referência a ideia de “mapa”, contrapondo a topologia quantitativa, que categoriza o terreno de forma estática e extensa, uma outra de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades, ou seja, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorridas no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebido do mundo cartografado. (KIRST; FONSECA, 2013, p. 92).

De acordo com Passos e Barros (2009), trata-se sempre de investigar um processo em produção, sendo caracterizados por um fluxo vivo, interventivo e heterogêneo. Por isso, os processos e a dimensão interventiva que orientam sua prática e não metas e objetivos previamente definidos, e por isso, busca-se uma reversão no sentido tradicional do método, no sentido original da palavra (*metá-hódos*), mas um caminhar que traça um novo percurso (*hódos-metá*)⁶, que orientam o percurso da pesquisa considerando o processo do pesquisar sobre o objeto de pesquisa, o pesquisador e resultados. Por isso, a cartografia é “um procedimento *ad hoc* a ser construído caso a caso” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 76).

Não se trata, contudo, de negligenciar ou eliminar as regras, porque nenhuma pesquisa que almeje certo rigor acontece sem o mínimo de parâmetros e de propósitos. Porém, as metas e os objetivos são móveis e flexíveis por encontrarem-se subordinados aos caminhos que vão sendo desdobrados no próprio processo do pesquisar, que acontece como intervenção. A diretriz cartográfica se faz, portanto, com pistas que orientam o percurso do pesquisar e é na intervenção que se encontra a primeira direção. Defender a intervenção como um caminho, exige-se um mergulho no plano da experiência,

⁶ *metá* (reflexão, raciocínio, verdade) + *hódos* (caminho, direção). Dicionário etimológico. Disponível em <https://www.dicionarioetimologico.com.br/metodo/>. Acesso em: 26 jun. 2021.

Lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão a neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito ou objeto cognoscentes prévios à relação que os liga. Lançados em um plano implicacional, os termos da relação de produção de conhecimento, mais do que articulados, aí se constituem. Conhecer é, portanto, fazer criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas. Quando já não nos contentamos com a mera representação do objeto, quando apostamos que todo conhecimento é uma transformação da realidade, o processo do pesquisar ganha uma complexidade que nos obriga a forçar os limites de nossos procedimentos metodológicos. (PASSOS; BARROS, 2009, p. 31).

Encontramos nesta reversão de sentido, então, o primor do caminhar que através de pistas direcionam os efeitos da experiência cartográfica no fluxo do processo criativo entre conhecer, pesquisar, experimentar, entrevistar, dialogar, analisar, teorizar etc.

De acordo com Passos e Barros (2009), pesquisar é intervir na realidade e não apenas representá-la. Logo, a intervenção que a pesquisa opera não é unilateral, ou seja, ela não se dá em um sentido único. Todos os que estão envolvidos na pesquisa estão implicados em todo o processo. Portanto, pesquisador-participantes-campo sofrem os efeitos do ato de pesquisar. Por isso, o que é vivido pelo pesquisador, enquanto ele pesquisa, mobiliza e viabiliza o acesso à transversalidade e ao plano comum, isto é, o corpus da pesquisa e assim resgata a dimensão do caráter sensível como abertura e orientação no processo de pesquisa, mediante o cultivo do olhar e da atenção aos movimentos em curso e aos efeitos destes sobre o pesquisador, participantes e o campo.

Segundo Passos, Kastrup e Tedesco (2016), a atenção é uma das pistas que compõe o método cartográfico para delinear os contornos do funcionamento do olhar durante o trabalho de campo. A atenção não diz respeito apenas à seleção, detecção e apreensão do objeto estudado, mas aos fragmentos, signos e forças circulantes no fluxo cognitivo que se abre durante o campo de pesquisa e que muitas vezes não é um sentido consciente. São as leituras unilaterais e variantes que interessam no estudo da subjetividade. O cultivo da atenção exercida pelo pesquisador reativa direções e pontos de vistas que nem sempre estão tão evidentes durante o ato de pesquisar, configurando qualidades inesperadas e outras virtualidades, pois “a construção do conhecimento se distingue em um progressivo domínio do campo de investigação e dos materiais que nele circulam” (KASTRUP, 2016, p. 49). Por isso,

O método cartográfico, faz do conhecimento um trabalho de invenção, tal como indica a etimologia do termo latino *invenire* – compor com restos arqueológicos. A invenção se dá através do cartógrafo, mas não por ele, pois não há agente da invenção [...] a atenção cartográfica, que através da criação de um território de observação, faz emergir um mundo que já existia como virtualidade e que, enfim, ganha existência ao se atualizar (KASTRUP, 2016, p. 49–50).

Deleuze e Guattari (1977) nos indicam que somente a expressão nos dá um procedimento. E como esta pesquisa busca investigar como as subjetividades das pessoas são narradas e percebidas nas observações, entrevistas e grupos focais, as expressões e narrativas de todas as partes envolvidas são os dados mais significativos que buscamos investigar.

Como movimento desta inserção no campo da pesquisa o grupo focal foi um potente instrumento para esta construção. Foi através dos dizeres de cada sujeito participante que se observou uma certa política da narratividade que vai sendo composta, isto porque se dá na tomada de uma posição diante dos assuntos tratados.

De acordo com Passos e Barros (2009) é esta dimensão política que forma os arranjos da atividade humana e que estabelece as relações entre os sujeitos, articulando-os segundo suas regras e normas estabelecidas. Assim,

Podemos pensar na política da narratividade como uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece. Sendo assim, o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é um problema teórico, mas um problema político. (PASSOS; BARROS, 2009, p. 151).

Esta percepção das subjetividades nos diz muito sobre os manejos dos lugares sociais percorridos. Afetamos e somos afetados em todo percurso de uma Pesquisa. Favret-Saada (2013), afirma que “ser afetado” é um poderoso instrumento de obtenção de significado e evidências empíricas. Logo, as possibilidades de dispositivos metodológicos surgem durante a pesquisa, à medida que vão sendo exercitados, aguçam este novo olhar e nova forma de escrever, de perceber e compor narrativas. Com a possibilidade de ser e estar mais próximo da realidade pesquisada, a atenção do cartógrafo “aos sentimentos e os afetos são propulsores com e nas pessoas.”, uma vez que “Cartografar é habitar um território existencial” (KASTRUP, 2016, p. 32).

Esse cultivo do território que vai se constituindo no processo da pesquisa dá lugar à uma autonomia da expressão sobre as condutas que a expressam (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 134). Dessa forma é possível refletir sobre as viabilidades de uma investigação para se resolver ou propor soluções aos temas que vão sendo identificados.

Partindo desta visão, a cartografia faz do pesquisador um ser ativo de todo processo de pesquisa. Logo, é possível provocar e ser provocado. Portanto como dispositivo desta jornada questiona-se para todos envolvidos: qual é o seu local de fala? Esta indagação se faz necessária para mover ambos envolvidos na investigação às possibilidades de uma melhor conexão da pesquisa a si mesmos e a comunidade de interesse. Esta forma de provocar conteúdo para

pesquisa amplia a noção do estado em que se está projetando ao estado que se deseja para ambos os participantes. Este tipo de intervenção, de fato, afeta significativamente a maneira como se escreve sobre o tema. A sensibilidade proposta aqui é um dos exemplos deste processo de subjetivação de si para o outro e que pode provocar tanto a curiosidade necessária para se produzir dados de pesquisa como constatações já próximas às realidades. Elegeu-se, então a cartografia, como conector metodológico, visto que esta tem por objetivo o acompanhamento de processos, que traz consigo forte viés interventivo e, por esta razão, assume o caráter de pesquisa-intervenção (PASSOS; KASTRUP; ESCOSSIA, 2009).

A transposição dos procedimentos cartográficos para a narrativa do cooperativismo inaugura, portanto, uma cartografia cooperativista ou cartografia do cooperativismo (*co-operative cartography*), no sentido social e epistemológico, pois faz referência ao ideário filosófico constituído em Rochdale (*Rochdale principles*).

As experiências que serão descritas, analisadas e problematizadas aqui, à luz da pluralidade de vozes que compõe esta tese, nascem imbricadas na processualidade desta investigação-interventiva, que se baseiam nas ações que envolvem o pesquisador/participantes/objeto, à medida que relaciona a objeto pesquisado às práticas e saberes compartilhados na geração coletiva dos afetos percebidos, narrados e quando são atribuídos os sentidos provocados pelo cooperativismo. Assim ocorre também nas associações que se formulam a partir dos territórios/pessoas/paisagens que habitam este processo. Com efeito, traz à tona a participação, inclusão e lógica dos lugares percorridos/visitados, os interesses e intenções mútuas que existem na dimensão coletiva, no plano comum que se estabelece nas relações e nas transformações envolvidas neste campo e que convergem, portanto, para a configuração do *ethos* cooperativo na busca por atualizar uma metodologia cooperativa, no sentido literal da palavra, construindo narrativas cooperativas.

Neste sentido, mais do observar e descrever o objeto deste estudo sobre quais são os temas e procedimentos contidos nos princípios cooperativos, a cartografia cooperativista caracteriza-se por provocar um deslocamento no imaginário e na cultura a partir das conversas e diálogos produzidos pelos atores deste movimento e suas relações estabelecidas nos encontros de pesquisa, nas relações educativas, nas entrevistas, no seu ambiente e conexões que fazem com os lugares e práticas do cotidiano em que estão inseridos.

Com base nessas tramas cartográficas emerge, portanto, o conceito de narrativa cooperativa, fundamentado nas pesquisas e teorias apresentadas neste estudo, aplicadas ao contexto dos princípios cooperativos, que constituem o objeto de investigação desta tese de doutorado. Portanto, a narrativa cooperativa pode ser compreendida como uma forma de

cartografia do cooperativismo que ultrapassa os procedimentos cartográficos tradicionais, estabelecendo-se como uma abordagem social e epistemológica que faz referência ao ideário filosófico desenvolvido em Rochdale, conhecido como princípios de Rochdale. Essas narrativas surgem como elementos essenciais de uma pesquisa-intervenção, fundamentada nas interações entre pesquisadores, participantes e o objeto de estudo, estabelecendo uma relação de mutualidade entre o objeto investigado e as práticas e conhecimentos compartilhados na construção coletiva de afetos, narrativas, frases e significados relacionados ao cooperativismo.

Além disso, essas narrativas também refletem as associações estabelecidas a partir dos territórios, indivíduos e paisagens envolvidos nesse processo. Essa conceituação e aplicação metodológica serão mais aprofundadas e mais bem detalhadas no capítulo cinco desta tese.

2.3 Fios do pesquisador

Para compor e desenvolver o caminho da minha intervenção sobre esta pesquisa recorri às fundamentações de Jones *et al.* (2013), que estabelecem uma nova forma de gerar percepções e marcar as subjetividades envolvidas na pesquisa a partir da qualificação da relação que há entre objeto e observador, ressaltando a importância desta interação e da experiência pessoal do pesquisador como forma de construção do conhecimento; a autoetnografia⁷.

Segundo Jones *et al.* (2013, p. 53), a autoetnografia propõe a pesquisa social numa prática ainda menos alienadora, em que o pesquisador não precisa suprimir sua subjetividade, pois pode “refletir nas consequências do [seu] trabalho, não só para os outros, mas para [si] mesmo também, e onde todas as partes – emocional, espiritual, intelectual, corporal e moral – podem ter voz e serem integradas”.

Nessa direção, um fator orientador na perspectiva da autoetnografia é que esta não vai contra a objetividade de outros métodos de pesquisa, uma vez que pode ser mais bem compreendida como uma postura perante um texto, onde “não existe neutralidade quando escrevemos algo assim, como quando lemos, trazemos todas as nossas relações para as páginas” (JONES *et al.*, 2003, p. 229). Na autoetnografia escreve-se pessoalmente oferecendo emoção, abertura à vulnerabilidade e desafio ao texto ortodoxo que pretende ser objetivo, super-racional

⁷ Segundo Jones, Adams e Ellis, o termo “autoetnografia” foi utilizado inicialmente pelo antropólogo Hayano em 1979, depois, no início dos anos de 1980, esta abordagem metodológica começou a ser desenvolvida e definida como um método de pesquisa, quando compreensões mais sofisticadas e complexas do campo de pesquisa emergiram e sua conexão com a experiência pessoal começou a ser desenvolvida no Departamento de Fenomenologia, Etnometodologia e Sociologia Existencial.

e textualmente distanciado. Abrir a vulnerabilidade implica visibilizar o “irracional, particular, privado, e subjetivo”, em contraponto com o racional, universal, público e objetivo (JONES *et al.*, 2003).

Portanto, de uma maneira menos convencional, trago minha reflexividade e engajamento no transcorrer da pesquisa com uma narrativa realista-descritiva que busca integrar ao leitor elementos que permitam construir em suas mentes uma forma de validação testemunhal dos fatos vividos e empreendidos durante a pesquisa.

Dos episódios que integram a minha jornada no cooperativismo está meu primeiro contato como educador quando integrei em 2017 ao time de assessores pedagógicos do programa A União Faz a Vida⁸. Este programa tem por objetivo desenvolver projetos articulados entre alunos, a escola, a família e a comunidade escolar, promover vivências onde aprendam os temas curriculares ao mesmo tempo que agregam e desenvolvem aprendizagens sobre cidadania e cooperação para viver e integrar à sociedade. Através dessa primeira noção em que fui habilitado para atuação e conheci os pressupostos teóricos da escola de aprendizagem, por meio deste programa, conheci também o universo do cooperativismo, seus fundamentos e valores, pois logo me integrei como colaborador de uma cooperativa de crédito.

Através desta experiência, fui tomando apreço e identificação com todos os temas, estratégias, vivências e atividades que passei a desenvolver logo que integrei ao time de colaboradores de uma cooperativa financeira atuando como assessor de desenvolvimento do cooperativismo. Minha atuação objetiva implementar, desenvolver e fomentar ações e iniciativas que valorizem as práticas dos valores e princípios do cooperativismo. As ações compreendiam ministrar formações, promover integrações, organizar reuniões e eventos ligados ao fomento da cultura do cooperativismo tanto internamente entre os demais colaboradores quanto externamente, junto aos associados vinculados à cooperativa e a comunidade da área de atuação da instituição.

Esse envolvimento me colocou em contato com outras instâncias sociais e institucionais que dialogam com os temas do cooperativismo, bem como com outros eventos educacionais relacionados. Desta caminhada até a conclusão desta tese já somam 5 anos atuando nesta posição, construindo e desenvolvendo pesquisas sobre os temas relacionados ao cooperativismo.

Trago ainda para compor esta tese as experiências de viagens técnicas realizadas na cidade Nova Petrópolis–RS (2019), onde se iniciou uma significativa transformação para o

⁸ Programa de Responsabilidade Social da Instituição Financeira Cooperativa Sicredi. cf. <https://www.sicredi.com.br/site/fundacao/uniao-faz-vida/>. Acesso em: 2 jan. 2022.

cooperativismo moderno, bem como uma viagem para participar de um congresso de jovens cooperativistas na Inglaterra e que rendeu uma visita ao museu dos Pioneiros de Rochdale (2020). Lá onde teve início o cooperativismo como um movimento sistematizado e formal. Os relatos destas experiências serão apresentados em mais detalhes posteriormente indicando as observações participantes que fiz que serão estudadas como fontes de pesquisa e aportes teóricos a serem assimilados no processo de construção das discussões que serão sustentadas nesta pesquisa.

Retomando a experiência da minha participação em um congresso para jovens cooperativistas na região na Inglaterra, tive a oportunidade de visitar e conhecer onde surgiram os princípios de Rochdale e perceber suas práticas difundidas ali como uma das formas de ampliar as relações de acesso e apropriações culturais por meio de uma interpretação vivencial das realidades. O que me despertou para pesquisar e conhecer mais sobre o tema.

Nesta cidade onde tive a oportunidade de participar de um congresso de delegados da cúpula do cooperativismo mundial, refleti sobre as escolhas e questões que afetaram os modos de fazer a cooperação e solidariedade em suas práticas sociais, e percebi oportunidades para desenvolver metodologias. Com esta compreensão, novas pistas podiam ser vislumbradas. Com inspirações desta factual cidade onde se desembocam muitas transformações culturais e sociais desde meados do século XIX, mesmo sendo Rochdale, uma cidade tão pequena e distante das atenções da grande elite naquela época, é instigante notar o seu potente impacto mundial na conjuntura cooperativista. É justamente por essa provocação singular que me encheram os olhos saber que há muito para se pesquisar e entender. Como professor de língua inglesa de primeira formação, sou imensamente grato por ter a oportunidade de conhecer Londres dentre outras cidades próximas, e especialmente, a cidade de Rochdale onde se desbravaram articulações que performam o cooperativismo para o mundo, através da sociedade dos pioneiros equitativos de Rochdale, que atualmente é o Pioneer Museum of Rochdale (RELATO DE EXPERIÊNCIA. DIÁRIO DE CAMPO, MANCHESTER-ROCHDALE, 2020).

Nesse sentido, retomei às pesquisas realizadas acerca dos referenciais teórico-metodológico de dialogismo e alteridade de Mikhail Bakhtin, para entender que além de se aproximarem das construções desta pesquisa, experiencias como estas que vivenciei, permitem a compreensão da linguagem como um processo dinâmico de interlocução e produção de sentidos, para sustentar os conceitos que serão defendidos e apropriar-se das produções discursivas que se instaurarem nas relações de alteridade das pessoas participantes da pesquisa (ZEQUETTO, 2018).

Nas formulações de Bakhtin a compreensão da linguagem se dá por um processo dinâmico de interlocução e produção de sentidos, visto que,

[...] tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vêm-me do mundo exterior, da boca dos outros, e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formatação original da representação que terei de mim mesmo (BAKHTIN, 1997, p. 378).

Todo conhecimento é, para Bakhtin (1997), marcado pela alteridade, já que não há enunciados que não estejam em tenso diálogo com enunciados alheios, de outras temporalidades e contextos, que os afetam internamente e externamente.

Neste contexto, fui também marcado e me constitui a partir das experiências que vivenciei desde conhecer mais sobre o que se trata o cooperativismo em termos gerais até visitar o lugar primário referencial deste movimento, e isso me atravessa num processo marcado pelas outras concepções que já tinha previamente.

Foi então, que logo percebi que a compreensão sobre o cooperativismo como alternativa de trabalho, modo de agir e vivência social ainda é muito incipiente e está marcado por muitas dúvidas e até mesmo distorções, visto que mesmo no âmbito acadêmico são poucos que compreendem a estrutura macro do movimento e não pouco que trazem um discurso marcado por distorções.

Ainda no início do doutoramento em 2019, logo após algumas das minhas exposições sobre os interesses de pesquisa, escutei as seguintes falas ao longo dos semestres:

“as cooperativas e o cooperativismo sempre quebram e não dão certo”.
 “São sempre pequenas”.
 “Na verdade, eu me refiro mais às cooperativas menores”.
 “Vai falar de banco? Eles são ricos e só querer ganhar mais,
 (Diário de Campo, 2019).

Nestas falas, percebe-se há uma ideia estereotipada em relação ao movimento do cooperativismo, visto que desconhecimento faz com que generalize. Como veremos mais a diante, apesar do movimento ter sido originado a partir de pequenos ajuntamentos e grupos de interesse comum, em sua maior parte, o movimento do cooperativismo, bem como as cooperativas são amplamente difundidas em todo mundo e estruturalmente organizadas, cada qual respondendo aos seus ramos de atuação e suas estruturas e de fato não são pequenas e sim um movimento forte, sólido e organizado.

Mais tarde, entendi também que estes discursos do senso comum que circulam sobre o cooperativismo, especialmente na região de Mato Grosso durante a década de 70, são marcados por experiências de pessoas que conheceram cooperativas menores como de catadores, de outras associações de bairros e que na maioria das vezes não está organizada institucionalmente.

E ainda cooperativas financeiras que faliram e geraram prejuízos aos seus sócios, mas que foram casos isolados de má administração e falta de direcionamento de estratégia negocial. De fato, essa informação me marcou, me deixando perplexo visto eu conheci outras realidades mais concretas do cooperativismo e por consequência, de estruturas robustas de cooperativas no Brasil e no exterior. Daí minha surpresa por haver este tipo de interpretação, principalmente no ambiente acadêmico.

Ao mesmo tempo que me marcou, esta inquietação me provocou a pensar sobre o porquê existe este tipo de interpretação. E logo me lembrei da principal barreira que o movimento cooperativo enfrenta na sua difusão e desenvolvimento nas sociedades: a falta de informação e conhecimento sobre. Logo, entendo que pesquisas como estas são de grande valia para que também se possa expandir essa compreensão sobre o tema no âmbito dos estudos acadêmicos para a propagação de conhecimento para sociedade.

Quero, dessa forma, demonstrar, que dada minha formação como mestre em Educação, licenciado em Letras, especialista em Comunicação e Cooperativismo, atuante como professor de Responsabilidade Social nas Cooperativas na pós Graduação entendo ser relevante mapear o movimento do cooperativismo, abordando sobre seus princípios constituintes, para ampliar a capacidade de crítica e reflexão sobre o tema, a fim de perceber como os atravessamentos alheios compõe outras alteridades e contribuem na formulação de discursos. Assim, lançar mão da minha primeira hipótese que os conhecimentos e oportunidades proporcionados pelos princípios do cooperativismo podem se constituir o *ethos* do cooperativismo e podem ser aliados na interpretação e defesa da democracia, da valorização da vida, dos valores humanos, pois corroboram para bom desempenho das funções sociais e emocionais dos indivíduos em sociedade.

Um outro aspecto que marca minha subjetividade é o fato de ser também teólogo metodista como mencionado anteriormente, e acreditar ser a fé uma realidade prática social que se dá por meio da demonstração de si para e com ou outros. A teologia em si com seu caráter interdisciplinar abarca e instrumentaliza outras perspectivas teóricas nas ciências humanas. Com efeito, quero ponderar sobre a minha busca por compreender os sentidos e relações sobre a fé, religiosidade e o divino instaurado nas pessoas, para lançar mão da minha segunda hipótese: a de que conectado ao cotidiano das pessoas, os princípios do cooperativismo sensibilizam e impactam atualmente, por que são marcados em si mesmo e sua origem filosófica, e além de outros fatores, por formulações idealizadas a partir de inspirações de pensadores e princípios cristãos que nortearam as práticas, a ética, a moral e o ambiente em que se constituíram, e que embora os princípios cooperativos estejam pautados sob o respeito à

individualidade de crenças, expressos no princípio de neutralidade religiosa – o que de fato é fundamental, haja vista a pluralidade de indivíduos e crenças existentes na sociedade, especialmente entre as sociedade cooperativas, percebo que, mesmo assim, os princípios cooperativos possuem um forte viés de religiosidade no sentido de mover o ser humano para uma dimensão mais coletiva, visto que cooperação é também é um potente instrumento de espiritualidade.

2.4 Fios dos participantes (coautores) da pesquisa

Escrever, nos diz Deleuze (1997, p. 11), “é uma passagem de vida, que atravessa o vivível e o vivido”. Por isso, constituir um ambiente para a participação dos coautores desta pesquisa, como os considero, foi fundamental para que as formulações e proposições pudessem ser vividas e analisadas.

O primeiro grande desafio foi o de instaurar uma relação de confiança e abertura que permitisse fluir os diálogos e conversas, visto que esta pesquisa teve grande parte do seu desdobramento durante a pandemia do COVID-19. Logo, como o principal recurso para esta construção foram encontros online síncronos, que eram permitidos e possíveis na ocasião. Houve um esforço ainda maior em proporcionar aos envolvidos conexidades, mesmo que distantes fisicamente.

Kastrup e Passos (2016, p. 27), explicam que garantir a participação dos sujeitos envolvidos na pesquisa cartográfica significa fazer valer o protagonismo do objeto e a sua inclusão ativa no processo de produção de conhecimento, o que por si só intervém na realidade, “já que desestabiliza os modos de organização do conhecimento e das instituições marcados pela hierarquia dos diferentes e pelo corporativismo dos iguais”. Assim, no ambiente proporcionado pelo ciberespaço⁹, criam-se horizontalidades, marcando os encontros virtuais por uma igualdade e heterogeneidade na produção de subjetividades.

Há sobretudo, segundo Kastrup e Passos (2016) uma necessária estratégia para que se capture os fenômenos desta produção subjetiva, caracterizados pelo movimento, pela transformação e pela processualidade. Estes, não implicam uma ordem nem regra, visto que na cartografia se desprendem do convencional desestabilizando os eixos cartesianos (vertical/horizontal) e trata de uma projeção transversal que vai se fazendo enquanto se

⁹ Definição de Pierry Levy (2009).

acompanha os movimentos das subjetividades e territórios. Por isso, cada subjetividade apresentada vem como contornos e nuances que se conectam na trama desta teia que vai sendo construída. Para fazer valer esta lógica, são utilizados os dispositivos, nos contam os autores, que traduzem esta processualidade nas subjetivações.

Recorrendo ao conceito de Michael Foucault (1979), um dispositivo se mostra nas produções de subjetividades como procedimentos concretos encarnados, ou seja,

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 1979, apud KASTRUP; PASSOS, 2016, p. 77).

Esta definição corrobora ainda ao que Deleuze (1992) chamou de conjunto multilinear onde os dispositivos escolhidos permitem as conexões necessárias para se criar a visibilidade e possibilidade do dizível, a fim de se extrair os potentes modos de subjetivação nas implicações da pesquisa. Os primeiros dispositivos possíveis junto aos coautores foram encontros virtuais com grupos focais, perguntas abertas e direcionadas sobre o cooperativismo, trocas de saberes entre os estudantes e pesquisa semiestruturadas com os envolvidos no cotidiano do cooperativismo, possibilitando a irrupção de novos agenciamentos que pudessem provocar exterioridades.

Após estabelecermos o acordo¹⁰ com o Icoop, na qual leciono a disciplina “Responsabilidade Social nas Cooperativas”, foram organizados momentos para construção e promoção da temática do cooperativismo a partir dos meus argumentos e interesses de pesquisa. O grupo focal como estratégia metodológica primária, era composto por estudantes do curso Tecnólogo em Cooperativismo¹¹ e as etapas ocorreram com encontros previamente acordados entre os estudantes do curso e a professora titular que cedeu parte de suas aulas para o desenvolvimento.

É-me dado autonomia pela professora anfitriã para falar abertamente e conduzir a abordagem. *“As pessoas já te conhecem e eu prefiro que você fale e tenha as portas da casa*

¹⁰ Acordo firmado entre a UFMT e o Icoop em 2021.

¹¹ O Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Cooperativas da Faculdade de Ensino e Pesquisa do Cooperativismo atende as demandas por educação cooperativista no Estado de Mato Grosso e vislumbra um projeto educacional voltado à formação de profissionais capacitados para participar da gestão dos negócios cooperativos de forma inovadora, empreendedora, sustentável e socialmente equitativa. Disponível em <https://www.icoop.edu.br/curso/curso-superior-tecnologico-em-gestao-de-cooperativas/>. Acesso em: 20 fev. 2020.

abertas pra você” (Diário de campo, 2020). Essa saudação com a qual sou recebido no encontro permitiu que eu me movimente a partir de uma posição de referência no grupo. Essa referência se dá pela qualidade do nosso vínculo intencional de pesquisa, configurando-se como outro dispositivo, capaz de criar/usar/fazer este território existencial se processar.

No primeiro encontro realizado no dia 3/11/2020, embora tenha acontecido virtualmente, por meio de plataforma Google Meet, foi possível despertar a todos a partir de um mapeamento da empatia do/para o cooperativismo, um ímpeto de conversas, risos e diálogos espontâneos. Com efeito, exploramos as percepções e afetos ligados ao movimento do cooperativismo. Participaram a professora anfitriã Carla Machado, coordenadora de ensino na instituição e que ministra uma das disciplinas do curso. Ao todo, cerca de 25 pessoas, entre discentes e docentes participaram dos grupos focais.

Após me apresentar e discorrer sobre os propósitos do encontro - uma conversa aberta sobre o cooperativismo - os convido para cantarmos juntos a canção *Como uma onda no mar*¹², contextualizando-a ao cenário de pandemia e realidades vividas por todos. No desafio de cantar e interagir virtualmente com todos, problematizo a conversa fazendo analogia das rotinas e fases da vida como ondas do mar. *“Há sempre expectativas dentro de nós, mas há muita vida lá fora”*. Esta foi a ênfase para convidá-los para um movimento de envolvimento e comprometimento com o que se desafiam a estudar e como praticar suas aprendizagens. Explico como decidi pesquisar sobre os pressupostos do cooperativismo e apresento as fontes que fundamentam meus estudos bem como as escolhas metodológicas. *“Meu convite pra todos vocês é que possamos juntos conhecer e descobrir coisas novas sobre a temática do cooperativismo”* (Diário de Campo, 2020).

Com essa abordagem, os convido a construir conhecimento para pesquisarmos conjuntamente. Após diferenciar o objetivo da pesquisa dos objetivos da instituição cooperativa, expliquei que este momento diz respeito à um aprofundamento qualitativo, apontando a proposta de pesquisa intervenção para que mutuamente possamos descobrir coisas novas e produzir os textos para composição da tese. Destaco as fundamentações da cartografia e como dialogam com as subjetividades das pessoas, contidas nas nuances do movimento cooperativista.

Acionar estes movimentos de sustentação no ambiente virtual, tais como as perguntas abertas, as frases temáticas; a própria música em si marcadas pelo seu ritmo, canto, estrofe, composição, musicalização e repetição; proporcionam a apreensão de novas intensidades. A

¹² Autoria de Lulu Santos (1983).

música, especialmente, está conectada ao conceito rizomático de Deleuze e Guattari (1995, p. 21), pois a forma musical é rizoma, e logo, constituinte do processo cartográfico. Performática por natureza, possibilita nas rupturas e proliferações, “seus próprios códigos, o que a estruturam ou a arborificam” e, como os autores preferem comparar, é como a erva daninha que se alastra e flutua ocupando seus espaços e provocando outras novas proliferações.

Mairesse (2003) ainda nos diz que tais movimentos, constituem redes de tradução em busca da criação de sentidos, já que o que se pretende explorar é a forma como o grupo percebe a si próprio dentro do cooperativismo e para além desta problematização, como se situam na confluência entre o estudar, participar e assimilar. O agrupamento, sobretudo, já promove a possibilidade de escuta e acolhimento de outras histórias, buscando uma verdade homogeneizante, que segundo a autora,

[...] impõe a circulação do sujeito por diferentes dispositivos e circuitos de produção de subjetividades tramadas por entre outras verdades e certeza, pondo em questão, aquelas, através das quais pretensamente o sujeito vinha se constituindo. Possibilita-se que a fala saia do lugar de representação, de comunicação intersubjetiva, para ocupar um lugar de criação. (MAIRESSE; 2003, p. 268)

A criação se desdobra, então, a partir da proposição citada abaixo, que ao mesmo tempo que recorre a explicar os modos como se deram os fatos, esclarece aqui nesta argumentação os anseios da pesquisa. Assim,

Produzir conhecimento é posicionar-se e tomar posição no mundo. Nenhuma ciência é neutra porque nasce como necessidade de respostas às inquietações humanas em meio a um mundo humano, situado, datado, e encarnado em cada sujeito em sua multiplicidade expressiva. (KASTRUP, 2016, p. 49)

O desafio de criar as condições para a participação do máximo de pessoas possíveis neste agenciamento virtual, levaram-me a constituição de um plano comum de confiança e interesse, conforme proposto por Kastrup (2016), se manifestou a partir de uma dimensão interativa/participativa, criando a realidade para novas cognições inventivas que são expressas pela subjetividade, na experiência e no pertencimento. As discussões, então, tendo sido provocadas fluem nas conversas.

É na confluência dos manejos e afetos contidos nos diálogos e discursos instaurados durante o percurso desta pesquisa que se formou o corpus para as análises e a composição desta tese. Para que se possa traçar um mapa que ilustre o *ethos do cooperativismo*, no próximo capítulo serão apresentados os fundamentos históricos do cooperativismo com seus respectivos

referenciais teóricos que sustentam o objeto pesquisado e que apoiarão nas análises e discussões a serem apresentadas.

3 FUNDAMENTOS DO COOPERATIVISMO NA SOCIEDADE E CONCEITUAÇÕES IMBRICADAS

A concepção do cooperativismo se deu ao longo da história, num processo de conceito cultural e amadurecimento dos ideais socialistas que resultaram na teoria fundamentada nas práticas das cooperativas e seus preparadores, e que forjaram a sistematização da doutrina do cooperativismo. Após ser propagado por outros teóricos e seus continuadores e realizadores, o cooperativismo se instituiu e ganhou notoriedade em todo mundo.

Nessa direção, quero elucidar alguns elementos sobre como a cooperação, ao fruir-se no cooperativismo, serve para dar materialidade ao movimento com seus respectivos referenciais teóricos. Como estratégia é interesse de pesquisa, relaciono a noção de *ethos*, que aqui atribuo, em primárias palavras, como hábitos que modelam uma cultura, para através do estudo destas referências, mapear as práticas atribuídas ao cooperativismo. Me servi ainda das aclarações sobre a semiótica da cultura, para apontar uma das perspectivas de análise das discussões empreendidas na tese.

Considero ainda importante, ponderar as teorias contemporâneas acerca da cultura na modernidade, oriundas dos estudos culturais, como fontes teóricas de interpretação.

3.1 Aspectos da relação com os estudos contemporâneos

Compreender os aspectos culturais de uma sociedade é um grande desafio dos estudos contemporâneos, visto que permeia um duplo sentido inaugurado pela modernidade. Para Ortiz (1994), a experiência das culturas mundializadas faz perceber as relações sobre a cultura em um sistema globalizante. Tanto a interpretação do mundo como sistema global e a integração dos horizontes mundiais como único sistema colaborativo, se dá em termos de culturas, estabelecendo-se as facetas que revelam o caráter sistêmico do mundo, ou seja, “um sistema-mundo, conjunto articulado no interior do qual todos os elementos se encontraram funcionalmente determinados pelo todo” (ORTIZ, 1994, p. 24).

Há, sobretudo, um universo, cercado de relações entre os aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais, em construção e cuja existência se define pela multiplicidade de fatores. No entanto, não se pode estabelecer esta correlação de maneira imediata. Esta associação tornou-se natural porque o processo cultural nessas sociedades, encerra um grau

elevado de autonomia e de industrialismo. Autonomia que se cristaliza no seio das instâncias especializadas separadas de outros setores da vida social e industrialismo provocado pela evolução e alternância dos processos empreendidos nos meios de trabalho e produção.

A racionalidade do mundo moderno distingue as diferentes esferas constitutivas da sociedade. No entanto, numa destas esferas, que se torna preponderante dentro de uma sociedade de consumo, o processo de padronização se instaura com força. “A padronização serializada de artefatos culturais permite, inclusive, uma analogia com a racionalidade fabril” (ORTIZ, 1994, p. 32).

Este industrialismo, que penetrou em diferentes domínios da vida moderna, fabricou também na sociedade diversas esferas culturais. Os padrões de vida, as relações sociais são como um standard que determina comportamentos individuais, mas impulsionam conjuntamente um modelo comum. De acordo com Ortiz (1994), o conceito de estandardização de cultura justifica-se uma homogeneização de costumes, entendendo a ciência, tecnologia e consumo como vetores fundamentais no processo de formação da sociedade globalizada.

Isto significa que a história cultural das sociedades capitalistas não se confunde com as estruturas permanentes do capitalismo. O século XIX conhece expressões culturais diferenciadas no seu início, com o nascimento da sociedade industrial, e no seu final, com a emergência da modernidade urbana e o *take off* [descolar] da segunda Revolução Industrial. “E se hoje, o tema da pós-modernidade se impõe é porque no âmago deste mundo que descrevemos como sendo capitalista, surgem *outras configurações irreduzíveis* ao processo econômico” (ORTIZ, 1994, p. 24, grifo do autor).

Diante dessa constatação é possível auferir acerca destas outras configurações existentes. Eu percebo que no cooperativismo, em um recorte ampliado, há um novo processo de fundamentos que deslocaram a sociedade para outros eixos de interesses, como o coletivismo que embora houvesse existido anteriormente, se perdeu de alguma forma por outras convergências e que com a emergência do cooperativismo, pode ressignificar permanentemente indivíduos.

Para dimensionar os discursos múltiplos, bem como numerosas histórias percorridas, a fim de compreender como são formadas as diferentes conjunturas e momentos do passado, bem como os modos como se revelam constituições culturais no presente encontramos nos Estudos Culturais um amparo.

De acordo com Azevedo (2017, p. 4), o marco inicial dos estudos culturais “pode ser localizado em *Culture and Society*, livro de Raymond Williams que materializa essa forma nova de discutir os fatos da cultura, reunindo a um só tempo análises literárias e sociopolíticas”. É

no bojo deste debate produzido por Williams (2001, p. 16) que nascem os Estudos Culturais, em função da necessidade política ligada à democratização da educação da importância dos conceitos que se atribuem e se formulam “às novas palavras que incorporam o cotidiano a partir do século XVIII, a saber: indústria, democracia, classes, arte e cultura, sendo esta última a que “engloba diversas relações e uma complexidade de ideais e referências”.

Nesse recorte ampliado, corroboram as proposições de Hall (2014, p. 9) acerca das constituições do sujeito contemporâneo fragmentados e compostos de várias identidades, a fim de estabelecer um diálogo conceitual para descobrir a profundidade dos discursos múltiplos na trajetória histórica do cooperativismo, considerando que são as “transformações associadas à modernidade que libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas”.

Antes, porém é preciso mencionar, que apesar objeto de estudo desta tese se originar no âmbito teorias europeias, os princípios do cooperativismo sistematizados a partir de Rochdale – Reino Unido – se engendram e desenvolvem na América Latina e, aqui tratado especialmente no Brasil. E é nesta realidade onde desenvolvo meu grupo focal absorvendo os processos de modelagem e concepção cultural. Com isso, quero estabelecer uma conexão aos estudos de Nestór García Canclini (2008), aludindo suas construções sobre as culturas híbridas. Embora, a meu ver, ele trate muito mais das questões relacionadas as artes em geral, entendo que é possível dialogar com suas teorias para tratar da questão da cultura do cooperativismo instaurada no Brasil. De acordo com o autor é no cruzamento sociocultural que o tradicional e o moderno se misturam. Nesse campo há uma incerteza que,

[...] deriva não apenas do que separa nações, etnias e classes, mas também dos cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se misturam. Como entender (esse) encontro? [...] Não se trata apenas de estratégias de estratégias das instituições e setores hegemônicos. É possível vê-las (os cruzamentos socioculturais) na reestruturação econômica e simbólica que os migrantes do campo adaptam seus saberes para viver na cidade; [...] quando os operários reformulam sua **cultura de trabalho** frente as novas tecnologias de produção, sem abandonar crenças antigas, e quando os movimentos populares inserem suas reivindicações no rádio e na tv (meios disponíveis e acessíveis). (CANCLINI, 2008, p. 18, grifo do autor).

Canclini (2008, p. 19) prefere empregar o termo ‘processos de hibridação’ para remeter-se a heterogeneidade cultural, visto que pode “abranger diversas mesclas interculturais – não apenas as raciais aos quais costuma-se limitar-se ao termo *mestiçagem* – e porque permite incluir as formas modernas melhor do que *sincretismo*”. Por este olhar, nota-se que os ambientes em que se estabelecem cultura extrapolam um único lugar físico. É na tentativa de trabalhar o conjunto dessas novas relações e fundamentações ligadas ao cooperativismo que este estudo se dirige.

Nessa compreensão de mundo globalizado, concordo ainda com Baumann (2005), que a liquidez e a velocidade das coisas transformam os espaços sociais, as formas de interação e contribui para que as percepções se modifiquem. No caso do cooperativismo, da época de seu surgimento havia um conceito bastante polarizado, entre os regimes capitalistas e socialistas que fez nascer muitas reações doutrinárias intervencionistas, como esta reação às consequências práticas da livre concorrência resultantes do liberalismo econômico, então reflito, quais foram as modificações provocadas pela inserção do cooperativismo na sociedade?

Na busca por compreender este processo já descobri que com o cooperativismo surge uma nova alternativa que visa equacionar dilemas e desafios propostos nos ambientes sociais da modernidade. Como nascem e se desenvolveram estas ideias, é o que veremos a seguir.

3.2 Fundamentos do cooperativismo

Dedico-me aqui, aos aspectos conceituais sobre a formulação da teoria do cooperativismo, especificamente as contribuições que levaram às sistematizações do movimento no surgimento e consolidação dos princípios de Rochdale, a fim de relacioná-los aos estudos contemporâneos.

Como nasce o cooperativismo, afinal? A resposta pode ser encontrada na história que remonta ao século XIX, período de forte oposição às consequências práticas da doutrina liberal e individualista (PINHO, 1966). Embora tenha encontrado sua forma sistematizada tempos mais tarde, o cooperativismo, como os demais surgimentos ao longo da história, se preparou num movimento de ideias e realizações advindos de um período que congregou uma diversidade de temas que buscavam aperfeiçoar o funcionamento da sociedade.

As concepções do cooperativismo emergem como desdobramento do pensamento utópico e que revelou uma forte oposição aos desequilíbrios sociais. Malgrado as questões culturais, o cooperativismo surge enquanto o mundo experimentava o início da doutrina econômica liberal — Concepção sistematizada por Adam Smith — filósofo e economista britânico — que sustentava o afastamento do Estado e da sociedade. Deste modo, os governos deveriam assegurar os direitos primários: paz e segurança, mas se desobrigavam de promover os direitos prestacionais ou secundários, tais como educação, trabalho, saúde, entre outros.

É na revolução industrial que se percebe o avanço poderoso do estado liberal que alavancou a economia ao mesmo tempo que gerou expressiva exclusão social, provocando algumas consequências como o êxodo rural, altas taxas de desemprego, salários baixíssimos e

péssimas condições de trabalho, além de altas jornadas de trabalho (PINHO, 1966; FARDINI, 2017).

De acordo com Pinho (1966), para os autores liberais, o indivíduo livre pode decidir os rumos dos seus próprios negócios e pode mesmo que involuntariamente beneficiar a sociedade economicamente. E soma, uma atuação em prol de seus próprios interesses que corroboram para o progresso geral. Entretanto, longe de muitas vezes se traduzir em harmonia social, dá lugar ao enriquecimento de uma minoria empreendedora, decorrentes da alta produtividade das máquinas, baixos salários, aumento da mortalidade infantil e criminalidade generalizada, dentre outros abalos sociais.

Diva Benevides Pinho (1966) foi uma economista que desenvolveu no Brasil pesquisas para organizar um panorama da teoria e percursos históricos do cooperativismo e seus vieses. Ela nos esclarece que apesar de aspectos diferentes em cada momento da história e cada região em que se desenvolve ao redor do mundo, a cultura do ideal do cooperativismo consistiu, desde o começo, essencialmente na organização de um meio social e econômico harmonioso no qual o antagonismo de interesses individuais fosse substituído pela colaboração e pela associação.

É diante dos vários percursos fragmentados ao longo da história, que o pensamento cooperativo ao transitar por variadas ideologias e tendo sido sistematizado como doutrina pelos teóricos Gide (1974), Holyoake (1972), Pinho (1966), dentre outros continuadores, se difunde no mundo ao penetrar nos regimes capitalistas e socialistas provocando efeitos e implicações que afetaram as dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais.

A história mostra, realmente que o cooperativismo sempre representou um refúgio para o indivíduo, uma defesa para sua personalidade. E as experiências dos nossos dias, bem como as previsões para o futuro permitem pensar que há no desenvolvimento da cooperativa ao lado de um poderoso elemento de prosperidade, um elemento igualmente poderoso – e ainda mais preciso – de solidariedade entre as [pessoas]. (PINHO, 1966, p. XIII).

Assim, verifica-se que o cooperativismo se diferencia de outros movimentos sociais e econômicos por ser uma forma de organização baseada na cooperação entre indivíduos, que buscam atender às suas necessidades comuns de forma autônoma e democrática. Dentre as principais características que o diferenciam de outros movimentos destacam-se: a) a propriedade coletiva; b) a autonomia e independência; c) a gestão democrática; d) a educação, formação e informação; e) a cooperação entre as cooperativas para o benefício mútuo.

Nesse sentido, ganha evidência aqui as noções das inspirações ligadas ao movimento cooperativo, sejam nas ideias ou nas realizações que começaram a ser feitas de forma sistematizada somente no fim do século XIX.

3.2.1 Os pensadores utópicos

Conhecidos como socialistas utópicos, os principais pensadores que se destacaram dentre os movimentos sociais e nas revoluções do século XIX foram o conde francês Henri de Saint-Simon, o sócio de uma fábrica têxtil na Inglaterra, Robert Owen, e o escritor e caixeiro viajante Charles Fourier e seus continuadores. Estes revelam-se emblemáticas influências para a formulação do conceito do cooperativismo que aqui qualifico como *ethos* do cooperativismo (CERRONI, 1975).

Importante mencionar que a retomada ao pensamento crítico destes principais pensadores, os pioneiros clássicos, se encontram inspirações centrais que se destacam por serem uma das diversas reações intervencionistas à doutrina liberal e ao individualismo, e que originam sob o mesmo espírito em que emergem o sindicalismo e o socialismo (ZWICK, 2016).

Neste contexto, a seguir serão identificadas as principais características destes reacionários e que vistas separadamente contribuem para a construção do pensamento do cooperativismo.

Saint-Simon (1760–1825)

Preocupado com as consequências vertiginosas da industrialização, o conde Claude Henri Rouvroy de Saint Simon dedicou-se às primeiras manifestações a respeito do socialismo antes mesmo que a palavra fosse criada ou delimitada. Embora Engels (1987) conteste que seus interesses beneficiassem diretamente ao proletariado, o filósofo e economista francês acreditava que a reorganização do regime socioeconômico só seria possível pela transformação social dos homens (ZWICK, 2016).

Seu sistema social tem como proposta uma espécie de socialismo de Estado, com uma organização central, dirigida pelos capitães da indústria. Esses nobres e inteligentes dirigentes do povo repartiriam todas as funções econômicas e administrativas entre os membros da sociedade de acordo com as qualidades de cada um. A propriedade individual não seria abolida, mas o direito individual da propriedade só pode ser fundado na utilidade comum e geral do exercício desse direito, utilidade que pode variar conforme os tempos (FARDINI, 2017).

Charles Fourier (1772–1837)

François Marie Charles Fourier foi um socialista francês que se opôs ao capitalismo liberal da sua época. Fourier via a solução do problema social na constituição de vários grupos que organizam sua vida em comum. Ele não pensou apenas nos operários manuais. Ao contrário, insistiu para que os grupos econômicos só dariam bons resultados se fossem formados por membros pertencentes a todas as classes sociais. Denominou esses grupos de “falanges”, evocando as invencíveis falanges da armada macedônica.

Nesse contexto, a propriedade individual seria mantida. Não se buscava suprimir a desigualdade da fortuna. O falanstério não era, pois, uma colônia comunista. A vida seria coletiva, mas com diferenças na maneira de viver. Na mesa, existiriam cardápios diferentes, segundo a renda e os gostos dos membros. No seu projeto, a colônia não seria criada por meio dos recursos próprios dos membros. O capital deveria provir de fora. Nestes falanstérios estabeleceu a existência de espaços públicos para reuniões e convívio coletivo. Para Fourier (1973, p. 158) “o falanstério ou morada da falange deve compreender apartamentos individuais e salas de relações públicas, que se denominam seristérios ou lugares de reunião para o desenvolvimento das séries passionais”.

Fardini (2017) afirma que ideal tenha sido formulado em vão, visto que durante toda sua vida, Fourier esperava o filantropo que deveria adiantar os fundos – evidentemente consideráveis – necessários à realização de seu falanstério. No entanto, o socialista não deixou de conceber ideal de vida coletiva, na projeção social dos falanstérios, pelo seu interesse na preservação da individualidade para os determinados momentos do convívio.

Robert Owen (1771–1858)

O socialista utópico Galês, Robert Owen, nascido em Newton, norte do país de Gales, começou sua vida como empregado no comércio e depois passou a sócio e diretor de uma grande fábrica de tecidos de algodão, no condado de New Lanark, Inglaterra. Segundo Fardini (2017), foi o precursor mais conhecido do cooperativismo moderno, sendo chamado de pai do cooperativismo inglês, especialmente por lhe conferirem ser o primeiro pensador da história a utilizar o termo cooperativa para designar as associações econômicas. Por esta razão as discussões em torno deste personagem da história são mais detalhadas aqui.

Embora tenha nascido em uma família de artesãos, Owen tornou-se um industrial de sucesso e se destacou por ter promovido melhoras significativas na vida e no trabalho dos seus empregados. Owen agiu a fim de melhorar o estado material e cultural da massa operária. Reduziu o número de horas de trabalho de 17 para 10 por dia e aumentou os salários. Proibiu o

trabalho de crianças com menos de 10 anos de idade nas oficinas e fez com que lhes fosse dado o ensino gratuito. Dirigia-se aos próprios industriais, a fim de envolvê-los em seus projetos de política social. Owen via a solução dos problemas sociais na criação de comunidades, baseadas na ideia da propriedade coletiva, espécies de colônias que deviam se manter por seus próprios meios e produzir tudo aquilo de que os membros tinham necessidade (MLADENATZ, 2003).

As experiências vividas por Owen e dada sua longevidade¹³ em relação aos outros utópicos clássicos lhe conferiram possibilidades de influenciar na sistematização dos princípios cooperativos mais intensamente, pois ao aderir à ação cooperativa, acreditava que as cooperativas poderiam gerar felicidade social. Para Russ (1991), o pensamento oweniano se baseia na herança das luzes, num movimento de reaproximação do iluminismo às ideias do século XIX, especialmente pela ideia de que a razão promove a capacidade de regenerar a humanidade. Igualmente, Engels (1987, p. 57) analisa que “as ideias de Owen partiam de uma influência do materialismo do século XVIII, onde o caráter do homem é produto de sua organização inata e fruto das circunstâncias que o envolvem durante a vida, sobretudo, sobre o período de desenvolvimento”.

Ao analisar as tradições do século XIX, Williams (2001, p. 37), reconhece em Owen “um revolucionário exitoso que transformou a Inglaterra por uma visão humana e não material e que vislumbrava sempre a felicidade das pessoas.” Não obstante, a filantropia, outra característica das luzes, estava presente em suas ações como na colônia comunitária Nova Harmonia (Indiana, EUA), projeto em que investiu quase toda a sua fortuna, depois de ter desfeito a sociedade em New Lanark. Esta última tratava-se de uma comunidade de operários muito pobres e marginalizados e teve como objetivo promover uma reforma social e econômica de modo a melhorar o estado material e cultural da massa operária.

Essas experiências práticas empenhadas por Owen nos movimentos sociais ligados à sua época, como o *movimento social inglês e o cartismo*¹⁴ conseguiu, por exemplo, que fosse votada a primeira lei limitando o trabalho da mulher e da criança nas fábricas (ENGELS, 1987; ZWICK, 2016; WILLIAMS, 2001).

¹³ Robert Owen viveu 87 anos (de 1771 a 1858), enquanto os outros dois utópicos fundadores viveram 65 anos cada, Saint-Simon de 1760 a 1825 e Charles Fourier de 1772 a 1837 (ZWICK, 2016).

¹⁴ Corresponde ao esforço sindical e união dos operários na busca por melhorias da qualidade de vida dos trabalhadores. Após diversas reações agressivas dos operários quanto às condições e máquinas de uso para o trabalho foram organizados movimentos sindicais. Somente depois de diversas tentativas frustradas de organização por reivindicações às condições de trabalho, a *Working Men's Association* se instituiu e consolidou os esforços de operários. E como resultado da tomada de consciência dos operários, dirigente sindicais e instâncias políticas, uma carta do povo em 1838 redige 6 pontos de petições e dá base ao movimento que ficou conhecido como *cartismo* (RUSS, 1991).

De sua herança filosófica fortemente pautada em seu determinismo e inteligência social o utopista propõe resolver a maldade humana através de um sistema racional que advém dos sentimentos afetos e convicções processadas ao longo da vida. Por esta razão, em todos os seus feitos, participações, escritos e projetos, propôs fortemente a educação como via social transformadora que poderia modelar o ser humano para uma vida mais feliz e realidade (RUSS, 1991), razão pela qual destaca-se por ter fornecido educação gratuita as crianças¹⁵ e oferecer melhores condições de trabalho para todos.

Por fim, o otimismo racionalista de Owen desdobra-se em um messianismo, onde devota ao cristianismo a via de acesso ao domínio de outros valores capazes de promover uma reconciliação para a transformação total. Nesta religiosidade de Owen se projeta uma metamorfose qualitativa que propunha vencer o mal com ações do bem.

É diante destes fatos históricos descritos acima, que Zwick (2016) sintetizou os principais elementos dos socialistas utópicos que tem relação ou influência direta sobre o pensamento do cooperativismo.

Em Saint-Simon, destacam-se:

(i) concepção materialista, econômica, da produção e noção de que a produção é social, dividida em classes; (ii) valorização do trabalho e das capacidades individuais contra as elites ociosas; (iii) não redução da ideia de indústria ao sistema fabril, mas a uma noção mais ampla, iluminista, de espírito produtivo versado nas várias artes liberais; (iv) organização racional hierárquica e planificada da produção, que expressa um viés tecnocrático, mas derivada da crença iluminista na vocação emancipadora da razão; (v) princípio motor das sociedades industriais assentado na participação e na cooperação pacíficas; (vi) princípio da administração das coisas, que soaria a Marx e Engels como uma sugestão de economia associada e superação do Estado; (vii) intuição, mas não percepção clara, da importância da pequena unidade social na transformação da sociedade; (viii) reorganização da vida social por um novo cristianismo, cuja conversão moral dos homens segundo o princípio do amor visa melhorar a sorte do proletariado; (ix) a ideia utópica de transformação é, pela primeira vez, relacionada às forças produtivas, porém sem suprimir a propriedade privada, a livre empresa e o lucro dos capitalistas, cuja riqueza deveria ajudar os mais necessitados. (ZWICK, 2016, p. 21) .

Sobre as ideias de Fourier, Zwick (2016) sintetizou nove aspectos:

(i) ressalva crítica ao otimismo iluminista quanto ao caráter intrinsecamente benéfico da indústria moderna; (ii) educação societária para o desenvolvimento das paixões e o preparo para o trabalho atrativo, recusando a formação instrumental e alienante voltada só para a riqueza material; (iii) trabalho associado, espontâneo e diversificado no lugar do trabalho assalariado e fixo, com remuneração relativa ao capital e às contribuições manuais e intelectuais de cada um; (iv) manutenção da propriedade

¹⁵Consagrando um cuidado especial à educação, Owen foi Segundo Engels (1987), o criador dos jardins-de-infância, que funcionaram pela primeira vez em New Lanark. As crianças eram enviadas às escolas desde os dois anos, e nelas se sentiam tão bem que só com dificuldade eram levadas para casa.

individual, bem como sustentação das colônias por meio de filantropia externa, especialmente pela contribuição de grandes empresários; (v) planejamento organizacional e arquitetônico dos falanstérios, estabelecendo pelos seristérios um espaço público de discussão e convívio coletivo; (vi) valorização da “pequena unidade social” por intermédio das séries e a construção de unidades sociais orgânicas, de número limitado e de base agrícola; (vii) pioneirismo em formas diversas de cooperativismo, como a popular, a de consumo e a de crédito, abolindo a especulação dos intermediários entre produtores e consumidores; (viii) ideia de feminismo, ao considerar que o grau de civilização alcançado pelas sociedades é proporcional ao grau de independência que a mulher nelas desfruta; e (ix) a sociedade ideal se organiza de modo que todas as paixões humanas possam ter livre curso para produzir uma harmonia universal, dentre as quais o amor tem papel central, abrindo espaço para a sensibilização filantrópica e para a colaboração de classes. (ZWICK, 2016, p. 23).

E finalmente, acerca de Robert Owen, destacam-se:

(i) adesão ao princípio iluminista da razão emancipatória na educação, vista como principal elo de integração e formação da homogeneidade dos participantes das cooperativas; (ii) crítica da sociedade industrial e retorno às virtudes da comunidade agrária, apegando-se à idealização do trabalho manual, numa certa herança de um vetor romântico das luzes; (iii) rechaço da propriedade privada e elaboração original de uma filosofia de reforma social de economia não-capitalista, baseada na ciência social e na teoria da comunidade; (iv) ideia da formação do homem por condições inatas e pelas circunstâncias externas, sob influência do materialismo mecanicista do século XVIII; (v) condenação do individualismo e colocação do trabalho como principal valor econômico do sistema social; (vi) firma, pela primeira vez na história, leis de proteção aos trabalhadores e redução do trabalho infantil; (vii) iniciativa do exemplo pela modificação da estrutura capitalista da fábrica, procurando humanizá-la, visando que os demais capitalistas adotassem tal princípio filantrópico fabril; (viii) definição do princípio cooperativo como doutrina, na principal formulação teórica que se vinculou ao cooperativismo na prática; (ix) pioneirismo no pensamento administrativo, pensado sob a ótica da democracia econômica, antecedendo a chamada “teoria clássica da Administração científica. (ZWICK, 2016, p. 23).

Apesar da tríade do socialismo utópico acima detalhada não ter sistematizado o cooperativismo como teoria, é possível perceber como se verá mais adiante, que contribuíram significativamente na emancipação do pensamento de muitos pioneiros do cooperativismo, especialmente quanto às estratégias práticas para intervenção na sociedade.

Buber (1971, p. 33) analisa que a trajetória destes pensadores não é um processo cronológico, mas apontam para superações simultâneas, visto que suas ações foram orgânicas no enfrentamento empírico como se vê na obra de Owen, *New View of Society*¹⁶, ou ainda nas soluções especulativas de Saint-Simon e Fourier. Embora o autor reconheça Owen como o mais promissor deles, visto que “seu pensamento é resultado de tentativas e experiências práticas”, era sobre estes intentos e formulações que todos eles pretendiam reconstruir a sociedade.

¹⁶ Obra que retrata sobre a experiência do autor ao constituir sociedade com o seu amigo Jones, num negócio ligado ao fabrico de máquinas para a indústria têxtil, tendo começado o seu percurso como empresário de sucesso, já que este negócio iria permitir-lhe ter uma vida razoável e emancipada. O seu êxito abriu-lhe horizontes e deu-lhe sobretudo audácia e autoconfiança para conquistar um lugar ao sol no mundo dos negócios.

Calcados nos alicerces destes pensamentos utópicos eles enfrentaram pioneiramente as crises de seu tempo por uma visão de transformação das estruturas sociais.

Assim o pensamento voltado para a cultura organizacional do cooperativismo, buscava agregar um conjunto de valores, crenças, hábitos, normas e comportamentos compartilhados pelos membros de uma organização, que influenciam a forma como esta era concebida, percebida e gerenciada. Nesse sentido, de acordo com Zwick (2006), os pensadores utópicos, desenvolveram ideias e teorias para uma sociedade ideal, na qual a justiça, a igualdade e a harmonia social seriam alcançadas. Assim, ainda que esses pensadores não tenham desenvolvido teorias diretamente relacionadas à cultura organizacional, suas ideias influenciaram a forma como as organizações passaram a ser concebidas e gerenciadas.

Exemplo disso tem-se o filósofo francês Charles Fourier com a sua teoria do "falanstério", que representava uma forma de organização social na qual os membros trabalhariam de forma colaborativa em uma comunidade ideal, sem hierarquia ou exploração. Ou ainda, o pensamento idealizado por Owen, que defendeu a criação de comunidades ideais, baseadas na cooperação e no compartilhamento de recursos, voltadas à gerir bem-estar social e prosperidade para todos (ZWICK, 2006).

Acredita-se que a partir dessas visões utópicas, tem-se o surgimento de cooperativas e outras formas de organizações baseadas na cooperação e na solidariedade o que ratifica a importância deste tópico, uma vez que embora esse pensadores não tenham desenvolvido teorias diretamente relacionadas à cultura organizacional, suas ideias influenciaram, ainda que indiretamente, a forma como as organizações são concebidas e gerenciadas, especialmente aquelas voltadas ao cooperativismo que valorizam para além da cooperação, a solidariedade e a igualdade.

3.2.2 Precusores do cooperativismo moderno

Notadamente o cooperativismo foi sendo estabelecido a partir de um movimento, e incorporado aos poucos aos outros predicados tais como veremos mais adiante, sejam estes: cooperativismo como doutrina (organizada por Charles Gide e seus continuadores), cooperativismo como sistema (fundamentado e articulado pela Aliança Cooperativa Internacional) junto aos seus membros representantes das cooperativas ao redor do mundo). Quando evoco a ideia de precursor, quero concordar com as ponderações de outros historiadores ao ressaltar aqueles que antecedem ao movimento sistematizado do cooperativismo, ou seja,

seus realizadores, que são aqueles que empenham ação para realizar a prática do cooperativismo organizadamente.

Fato é que, para esta tese esforço-me em trazer elementos a fim de apoiar na interpretação e investigação quanto às questões dos diálogos, interpretações e apropriações a partir do cooperativismo já estabelecido. Ainda que seja sucinto, o caminho aqui apresentado não é uma investigação exaustiva à altura de uma retomada feita por historiadores e sim releituras à luz do entendimento contemporâneo que provoquem e agucem novos interesses. Apesar de haver uma infinidade de personalidades, influenciadores, teóricos e tantos outros precursores que poderiam ser mencionados aqui, meu foco não é descrever o movimento e suas evoluções históricas em si, embora entenda que estas etapas são importantes para que o leitor conheça melhor do que se trata o tema. Por isso, delimito-me a tratar alguns deles, que além de mais afinidade e alcance que tive durante a pesquisa, entendi que são suficientes para minha abordagem.

No entanto, dedico o maior empenho para expor argumentações e análises que sirvam aqueles que se dedicam a estudar e investigar o tema, amparados nos assuntos preliminares que dialoguem com o cooperativismo para pensar nos desafios e proposições para os dias atuais (o cooperativismo na contemporaneidade) e como as narrativas do cooperativismo abarcam o teor de um *ethos* que dialogue com as nuances do cotidiano.

Diante disto, apresentamos outros precursores que tiveram ação mais direta nas fundamentações do pensamento cooperativo e merecem atenção. São eles: William King (1780–1865), considerado um dos mais qualificados teóricos do cooperativismo, especialmente pela sua influência direta nas cooperativas de consumo intuídas por seus escritos e ensinamentos, na qual se destaca o programa da primeira cooperativa moderna de consumo de Rochdale, na Inglaterra (MLADNATZ, 2003); Jorge Jacob Holyoake (1817–1906), que representa um marco significativo na modernização da prática do cooperativismo e destaca-se por ter acompanhado diretamente atividades das cooperativas e, posteriormente, como já mencionado, Charles Gide (1847-1932), quem apoiou na sistematização trazendo à racionalidade do cotidiano os temas pertinentes às ações e fundamentos do cooperativismo, para então, elencar a doutrina cooperativista.

William King

De acordo com Wilson (2003, p. 31), William King foi uma figura notável que contribuiu para a propagação do conceito e ideias de cooperação. Nascido em Ipswich, Inglaterra em 1786, estudou história e filosofia em Cambridge e posteriormente se tornou um

médico. sua atuação como médico lhe conferia um forte senso de obrigação religiosa e social se conferiu uma consciência que o fez prover tratamento médicos aos mais vulneráveis, o que o fez envolver-se ainda em diversas obras de caridade e ações sociais à população mais pobre. King se envolveu diretamente com a causa das sociedades cooperativas na sua época, razão de ser considerado um dos precursores do cooperativismo inglês pois foi um dos grandes propagandistas das ideias do cooperativismo, também difundidas por Owen. Ajudou a estabelecer sociedades cooperativas na região do Reino Unido e editou um jornal mensal – *The Co-operator* – que apoiou na difusão e na visibilidade de grupos de sociedades cooperativas que iam sendo estabelecidas na Inglaterra (WILLSON *et al.*, 2003).

Mladnatz (2003, p. 45–46) explica que mesmo que o jornal *The Co-operator* não tenha durado por muito tempo serviu para difundir e tratar dos temas escritos por King sobre cooperativismo, mutualismo, *trade-unios*, moral cristã, entre outros, e teve sempre a intenção de amparar com informações a classe operária para que estes tivessem uma vida mais independente e “Ao defender a associação cooperativa como a possibilidade de criar uma vida melhor, King entendeu que os meios de subsistência encontrados através da cooperativa colocam os envolvidos diretamente em sua própria ação emancipadora”.

A trajetória de King resultou na criação de inúmeras cooperativas na Grã-Bretanha. Seu empenho reformista marcando pelo seu forte interesse na emancipação da classe operária, forneceu ensinamentos e incentivos para que estes pudessem se organizar associativamente pela autogestão (*self-help*). Este conceito propõe a formação de associações livres por meio da associação de pequenas forças econômicas, dentre eles destacando-se, o interesse pela massa mais miserável da população com vistas a realização de uma vida mais humana. Este ideal acentuado e considerado por King “foi propagado pelos ingleses P.C Plockboy e Jonh Bellers, que o precederam, entre as décadas de 1654 e 1725 e contribuíram para a formação da concepção cooperativista moderna, pelo fato de desenvolverem os ideais dos pensadores utópicos em programas de realizações práticas” (MLADENATZ, 2003, p. 28–34).

Willson *et al.* (2003) acrescentam que os ideais de Owen e do movimento socialista cristão também ampararam King a entender que as cooperativas eram forte instrumentos de acúmulo de capital e apoiou o estabelecimento de comunidades cooperativas como uma forma de renúncia à sociedade capitalista que oprimia a classe operária na Europa pós-industrialista, para que a troca de bens e capital fossem obtidas com mais autonomia a fim de que estes, juntos nas sociedades organizadas proovessem seus próprios lucros e meios para obtê-los, não dependendo assim de intermediários.

Os autores analisam que todo empenho e trabalho de King em favor destas sociedades cooperativas aconteceram em um dos mais radicais e turbulentos momentos das mudanças na história britânica. Tanto a manifestação cartista da década de 1840 e quanto a Grande Reforma de 1832 que culminou na inclusão parlamentar do voto pela representação das classes emergentes, contribuíram para que disseminação da cooperação permeasse estes fenômenos e mais de 300 cooperativas fossem criadas nos períodos entre 1830 e 1835. No entanto a grande maioria delas logo eram dissolvidos frutos de má gestão, fraudes, severas flutuações na economia; ausência legislação inconsistente que amparasse os negócios coletivos, “a fraqueza na educação cooperativa de seus membros para o entendimento de todas as responsabilidades da sociedade que resultavam em desapontamentos e conseqüentemente padrões de qualidade e lucratividade insatisfatórios” (WILLSON *et al.*, 2003, p. 32–33).

Portanto é sob a influência do que Mladenatz (2003) chamou de doutrina de King, que as cooperativas estabelecem como princípio fundamental a organização do trabalho em proveito daqueles que fornecem o trabalho, que se fecunda como um diferencial no cooperativismo: o interesse genuíno pelo trabalho.

Jorge Jacob Holyoake

Nascido em Birmingham, importante centro político da Inglaterra e oriundo de família humilde, Jorge Jacob Holyoake foi um dos principais propagadores da cooperação. Ainda muito jovem esteve envolvido pelas ideias de Owen desde a década de 1830, às quais defendeu, tendo sido atuante em diversas causas políticas e sociais, sendo um participante ativo no movimento cartista. Como jornalista, se tornou escritor, editor e historiador e ficou conhecido mundialmente após escrever a célebre história dos “Probos Pioneiros de Rochdale” em 1852. Com a publicação desta obra traduzida já em diversos idiomas, incluindo o português, Holyoake liderou o impulso dos Pioneiros de Rochdale como uma raiz fecunda, constituindo-os como uma autoridade para cooperativismo (TENÓRIO FILHO, 1999; WILLSON *et al.*, 2003).

Segundo Willson *et al.* (2003, p. 37), essa notoriedade atribuída aos pioneiros de Rochdale, pode “auferir do imaginário que compõe o perfil dos habitantes da região – majoritariamente da classe trabalhadora, cautelosos e autodidatas – mas determinados a comandar uma posição respeitável na sociedade”. Conquanto alguns historiadores questionem o pioneirismo da Sociedade dos Pioneiros de Rochdale, visto que a região abrigara diversos outros movimentos, apontando que não estavam sozinhos na experimentação deste modelo cooperativista, a dedicação e entusiasmo com que Holyoake retratou a constituição,

características e desenvolvimento da Sociedade cooperativa, permitiu inferir conjuntamente que este grupo peculiar apontava traços que os diferenciava dos demais.

Dada sua notoriedade, a união Cooperativa do Reino Unido construiu, em 1911, quatro anos após sua morte. A Casa Holyoake, em memória ao ativista cooperativo. O local integra importantes instituições e associações ligadas ao cooperativismo britânico como o Colégio Cooperativo (Co-operative College) e a Associação das Cooperativas de Crédito Britânicas (ABCUL), além de abrigar um arquivo nacional que armazena coleções acerca da história do movimento cooperativo, como as cartas, manuscritos e outros escritos de Holyoake¹⁷.

Charles Gide

O professor de economia política da Universidade de Paris, Charles Gide, se destacou por fundar a escola de Nîmes, dedicada a sistematização do pensamento cooperativo, conhecida como doutrina cooperativista e que foi amplamente difundida e teve contribuições de seus continuadores¹⁸. Para Mladenatz (2003, p. 246) a escola se “funda inteiramente nos princípios de Rochdale” que sal a principal inspiração exercendo grande influência e interesse de estudo.

Segundo Pinho (1996) foi no círculo de debates desta escola que Gide conheceu diversos associados mutualistas e cooperativistas como Auguste Fabre, Edouard de Boyve na França, e por ter sido casado com uma inglesa também conheceu movimento cooperativo de Rochdale (TENÓRIO FILHO, 1999, p.34). Dado seu envolvimento e apego a causa, estudou, ampliou e elaborou as concepções sobre as práticas cooperativistas existentes até que proferiu em um congresso de Cooperativas na França, um verdadeiro discurso-programa no qual lançou as bases da doutrina cooperativa (PINHO, 1996, p. 25).

Gide emerge das diversas participações em congressos e conferências onde proferiu como um pensador profundo, economista agudo, cooperativista convencido e um humanista prudente. De sua crítica derivou-se inúmeros participações em conferências, congressos, aulas e publicações bem como rodas de debates. Em seu livro, *o cooperativismo*, traduzido e atualizado para o português, o professor se propõe a reunir todos estes materiais, compilados durante um longo período em que se dedicou a exercitar, ensinar e praticar o cooperativismo.

Antes, porém, convém destacar certa analogia evidenciada pelo próprio Gide,

Certo dia, um inglês apostou que ele estaria sobre a Ponte Nova, em Paris, desde as oito da manhã até o meio oferecendo trocar luíses de ouro por moedas de um centavo

¹⁷ Conforme informações obtidas em https://en.wikipedia.org/wiki/Holyoake_House. Acesso em: 21 out. 2022.

¹⁸ Conforme Tenório Filho (1999) outros mais notáveis se dedicaram a difusão e desenvolvimento da doutrina cooperativa.

e que ninguém as aceitaria. Com efeito, cada passante a quem ele oferecia sua moeda de ouro por um centavo, encolhia os ombros dizendo: ele deve acreditar que sou louvo pra pensar que possa deixar-me apanhar desde modo! Alguns ameaçaram fazê-lo prender por vigarista. Na realidade, como parece, o inglês ia ganhar a aposta, por que o meio-dia estava para chegar, quando para sua desgraça, uma mãe passou com seu bebê, que, vendo as formosas moedas de ouro, pôs se a gritar que as queria. A boa mulher tratou de apaziguá-lo. O menino gritou tão forte que ela terminou por ceder, dizendo-se que, afinal, só perderia um centavo. (GIDE, 2008, p. 83).

Deste modo, serve-se desta premissa para testemunhar acerca da história da cooperação, aqui compreendida pela prática do cooperativismo, ilustrando a troca das misérias sociais da atual organização social pela organização cooperativa, dizendo que haverá sempre os que desacreditam, os que contestam, mas destacando que assim como o bebê da referida ilustração, cada qual que acredita e defende a causa, grite e seja como voz que clama por justiça social, mudanças e transformação (GIDE, 2008).

Sobre seu livro, atrevo-me a sintetizá-lo, apesar de sua teoria ser mais ampla que nos parágrafos seguintes, ao fazer uma releitura sobre sua tese das doze virtudes da cooperação, que são enumeradas assim a referir-se aos doze meses do ano, acreditando em uma completude que cada virtualidade carrega para a vida humana.

Para um melhor entendimento as classifiquei em grupos distintos, sendo eles:

a) da relação das pessoas e economia

A primeira delas é *viver melhor*, que alude à necessidade de se sustentar com boa alimentação, que advém de alimentos de qualidade e de boa procedência, citando as cooperativas de consumo como provedoras confiáveis, visto que há interesse mútuo de benefícios e advertindo contra as sociedades que oferecem produtos e serviços adulterados (GIDE, 2008, p. 84).

A segunda virtude diz ser *pagar em dinheiro, à vista*. Nisto Charles Gide depreende acerca do desafio entre ricos e mais pobres consumir, destacando que para o rico é mais fácil, porém ele tem reservas para que possa inclusive tomar crédito e realizar compras maiores. Ao operário (assalariado), que recebe pagamentos fracionados é um erro comprar a prazo, visto que as formas de juros e créditos o aprisiona ao credor. Não pouco estimula a tentação dos gastos supérfluos e o expõe à vergonha, porque dívida é uma forma de escravidão. Logo a compra à vista é independência e liberdade. Por esta razão “as sociedades cooperativas estimulam o costume seus membros e associados a não comprar sem ter no bolso com que pagá-lo” (GIDE, 2008, p.85).

A terceira, *poupar sem pena*. Entende-se que poupar especialmente para os mais pobres é sacrifício visto que precisa fazer escolhas e sempre renunciar a algo importante, enquanto

para o rico pode ser privação de algo supérfluo. Destaca-se os retornos proporcionados pelas sociedades cooperativas que nas comercializações de produtos e serviços recebem um percentual de benefício aqueles que são sócios. Um incentivo a poupar enquanto precisa consumir por necessidade, já que de “forma pitoresca as cooperativas realizam poupança por meio do gasto (*consumo*)” (GIDE, 2008, p. 86).

Na quarta, *suprimir os parasitas*, entende o sistema capitalista como uma organização social complicada, visto que quer envolver a terceirização e inúmeros intermediários que atravessam as relações comerciais fazendo o que produz se submeter a irrisórios benefícios e explorando o consumidor final nas taxas altas de precificação. Nas palavras de Gide (2008, p. 87), “as sociedades cooperativas suprimem todas estas rodagens inúteis e fará a riqueza chegar pelas vias mais diretas, das mãos do consumidor às do produtor”. De acordo com Mladenatz (2003), é baseado nessa premissa que Gide (2008) propõe a fórmula – o reino do preço justo – em oposição à regra do poder de compra, cujas práticas de comércio privado estabelecem como base para o preço das mercadorias.

A quinta proposição de virtudes, *combater as despesas com bebidas alcoólicas*, questiona-se a multiplicação de lojas de bebidas, visto que nelas há o infortúnio de incitar ao consumo desregrado, especialmente a realidade vivida por sua época na França. Destaca-se a responsabilidade por parte das sociedades cooperativas de consumo de desempenharem tal serviço de maneira regulamentada (GIDE, 2008, p.87-88).

b) da relação das pessoas com a sociedade

A sexta virtude, sobre a *inclusão das mulheres para a questão social*, ressoa-se ao intento de estimular a autonomia da mulher para além de um ambiente apenas doméstico, e seu envolvimento ainda que indireto às questões ligadas a solidariedade, trabalho, direitos etc. Como majoritariamente percebidas como as donas do lar, agora poder exercer o papel de donas também em uma associação cooperativa e dada sua experiência que lhe é peculiar pode contribuir significativamente para o sucesso no movimento cooperativo (GIDE, 2008, p. 88–89).

Ao pensar sobre a participação da mulher, abrem-se enormes possibilidades, mais que apenas tratar de incluir as mulheres nas questões sociais, que se esbarram nos temas equidade e acerca do empoderamento feminino e que serão detalhadas posteriormente.

A sétima virtude, *promover a educação do povo*, está extremamente ligada a causa e a cooperação em si, “visto que é também poderosamente educadora e moralizadora pelo esforço que exige de nós” (GIDE, 2008, p. 90). Diz respeito, então ao aprimoramento necessário das

classes trabalhadoras e que aspiram desempenhar outros e ainda melhores posições na sociedade. As questões especificamente ligadas a prática nos negócios e educação econômica são preponderantes. Por esta razão as sociedades cooperativas ao serem fundadas reservam uma proporcionalidade de seus lucros para investir em fundos dedicados exclusivamente à educação de seus membros (GIDE, 2008, p. 90–91). Não obstante, é por meio da cooperação que se exerce a educação, pois “significa um ato de libertação, de emancipação: o melhor meio para as pessoas aprenderem a governar por si mesmos é começar por aprender a servirem-se eles mesmos”.

c) da relação das pessoas e benefício mútuo.

A oitava virtude, sobre *facilitar a todos o acesso à propriedade*, se formula na prerrogativa do coletivismo e na conjugação do possessivo *nós* para ilustrar que a propriedade individual deva ser acessível a todos para que se possa com alegria anunciar como em Fourier: nossa terra, nossa casa etc. aplacando assim as desigualdades de monopólios (GIDE, 2008, p. 91–92).

A nona, *reconstruir uma propriedade coletiva*, através da formação de um patrimônio cooperativo, que é coletivo e está a serviço de um interesse geral e permanente, acima de nossas existências efêmeras (PINHO, 1982).

A décima, *estabelecer o preço justo*, mas remunerando todo trabalho consagrado à produção, inclusive o trabalho de direção e os trabalhos intelectuais preparatórios A decima primeira, *eliminar o lucro capitalista*, criando a preocupação com a satisfação das necessidades dos homens e não com a obtenção de lucros (PINHO, 1982);

A décima segunda, *eliminar os conflitos*, visto que na cooperativa de consumo, o consumidor torna-se seu próprio fornecedor, na cooperativa de produção, o operário torna-se seu próprio patrão, na cooperativa de crédito, o sacador torna-se seu próprio sacado, na cooperativa de habitação, o locatário torna-se seu próprio locador, e assim por diante, de modo que toda disputa cessa pela fusão dos inimigos, ou melhor, o combate cessa por falta de combatentes (PINHO, 1982).

Por hora, o que se pode inferir é que a dimensão otimista das relações pessoais com que Gide encarou a temática da cooperação e, de forma indissociável aqui, o cooperativismo, demonstra sua capacidade ecumênica em responder aos embates políticos, sociais e econômicos, dada sua rigorosa e sólida formação. Muito embora toda sua investigação e base para análise sejam os Princípios de Rochdale, como se verá detalhadamente mais a diante, ele não apenas aborda sob um prisma francês, o local onde vive e fomenta o a educação, mas está aberto e se

projeta a incluir o cultivo dos valores mais excelsos do ser humano, conferindo uma dimensão universal ao seu pensamento.

Destaca-se, portanto, ainda mais que a cooperação, embora não seja exclusiva no cooperativismo, é potente e fundamental ao movimento.

3.3 A cooperação para o cooperativismo

A cooperação, como forma de organizar a vida, é que dá sentido aos vários movimentos que surgiram durante a evolução da humanidade e no cooperativismo se justifica por ser a ferramenta propulsora dos seres humanos em que o antagonismo dos interesses coletivos se sobrepõe aos valores e interesses individuais, como nos diz (PINHO, 1996). Eu concordo e entendo que ao mesmo tempo que seja uma atitude nobre visto que somos seres relacionais (basta olhar em volta e percebem como sempre nos organizamos em grupos (relações familiares, grupos étnicos, instancias e organizações societárias, dentre outras formas de ajuntamento social), é um grande desafio já que somos instintivamente e naturalmente individualistas (queremos sempre garantir o nosso pão) para sobreviver. Recorrer à cooperação não só valida a prática social, como também é expressão de solidariedade, é ser mais humano e antes de tudo é um exercício de empatia.

No movimento, as cooperativas são as organizações associativas de pessoas que ao exercer a cooperação contribuem, ou seja, cooperam por um objetivo comum. No entanto, é importante explicar terminologicamente a diferenciação do significado entre cooperativa, cooperativismo e cooperação. Afinal, são palavras sinônimas?

Etimologicamente, cooperação, do verbo latino *cooperari*¹⁹, de *cum* e *operari*, significa operar conjuntamente com alguém, e alude à ação ou ato de cooperar, de auxiliar e colaborar, de prestar ajuda ou auxílio; dar contribuição para; colaboração, de coletividade ou contribuição. Como exemplo, temos na Organização das Nações Unidas (ONU)²⁰ a busca por esforços coletivos para atingir a paz por meio de uma cooperação internacional.

Sociologicamente, a cooperação diz respeito à maneira conjugada de pessoas se unirem, de um modo formal ou informal, para alcançar o mesmo objetivo. Cooperação remete também a movimento, no sentido de evolução da própria história, que se baseou na vida em

¹⁹ Cooperação - Dicio, Dicionário Online de Português. Disponível em www.dicio.com.br/cooperacao. Acesso em: 26 jun. 2021.

²⁰ Carta das Nações Unidas (unicef.org). Acesso em: 26 jun. 2021.

coletividades e possibilitou a sobrevivência humana, assim também como de outras espécies, pois ela enaltece o sentido do coletivismo. Por isso, possui sentidos de ação de compromisso e empenho com outras pessoas, e nesse aspecto se contrapõe ao individual (PINHO, 1966; GAMBETTA, 1996; JESUS; TIRIBA, 2003; WEBERING, 2020)

A *cooperação* quando organizada de acordo com estatutos previamente estabelecidos, ganha contornos sistemáticos e dá origem a determinados grupos sociais. Dentre estes grupos, as *cooperativas* são sociedades de pessoas organizadas em bases democráticas e que visam, em primeiro lugar, os interesses comuns para fins econômicos, sociais ou educacionais. O *cooperativismo* é, portanto, a doutrina que deu base teórica às realizações cooperativistas e visa à renovação social e econômica através da cooperação (PINHO, 1966). Nesses termos, fica mais fácil compreender que cooperação, cooperativismo e cooperativa não são, portanto, palavras sinônimas.

Deste modo, é importante esclarecer que esta pesquisa se debruça sobre os princípios e fundamentos do cooperativismo (*movimento sistematizado*) e não sobre a cooperativa (*instituição associativa de pessoas*). Por isso, as menções aqui abordadas sobre a instituição servem para dar concretude às noções, pressupostos e análises que serão apresentadas. Assim, o território existencial a ser habitado e traçado para esta pesquisa é o *locus* do *cooperativismo*.

Nesse sentido, a noção de cooperativismo perpassa a ideia de se tratar de um terceiro setor e para além dessa concepção pois buscam impactar a sociedade positivamente ao garantir controle da vida econômica por meio da cooperação e do desenvolvimento de práticas sustentáveis, por meio de adesão voluntária e livre, gestão democrática, autonomia e independência sempre pautados no interesse pela comunidade.

Outro elemento importante advindo do cooperativismo refere-se à responsabilidade social, uma vez que se refere à capacidade de uma organização de assumir a responsabilidade pelos impactos de suas ações na sociedade e no meio ambiente, buscando contribuir para o desenvolvimento sustentável e para o bem-estar das comunidades em que está inserida (MACHADO FILHO, 2006).

Assim, de acordo com o autor e no contexto do cooperativismo, a responsabilidade social é uma das principais características das cooperativas, pois para além de gerar lucro, busca, acima de tudo promover o desenvolvimento econômico e social das comunidades em que atua, buscando atender às suas necessidades econômicas e sociais de forma democrática e autônoma, com foco e preocupação no desenvolvimento sustentável por meio da preservação do meio ambiente e da utilização racional dos recursos naturais (MACHADO FILHO, 2006).

Para ele, o cooperativismo também é responsável por promover a responsabilidade social por meio de diversas ações, como programas de educação financeira, de formação e capacitação de jovens e adultos, e de promoção da cultura local, por meio de projetos sociais em parceria com outras organizações (MACHADO FILHO, 2006). Disso infere-se que a responsabilidade social é uma das principais características do cooperativismo.

3.4 A noção de *ethos*

Para tratar acerca do *ethos* recorri às significações da palavra em algumas definições de dicionários online e sites, uma vez que o termo pode ser ambíguo, já que depende usualmente de uma vasta explanação para justificar cada sentido a ele empregado. Dado esta complexidade, o que trago a seguir são alguns contornos rudimentares para evocar o sentido da palavra e como se pretende empregá-la nesta pesquisa.

Primeiramente é importante dizer que o vocábulo *ethos* alude a dois termos gregos: êthos (ἦθος – com *eta* inicial) e éthos (ἔθος – com *épsilon* inicial). A estas duas grafias gregas atribuem-se distintas definições embora estejam semanticamente interligadas. O primeiro (êthos) diz respeito ao lugar, *habitat*, moradia e está evocando o sentido de estadia, permanência e local de viver. O segundo (éthos) está relacionado ao hábito, costume, estilo de vida e refere-se inicialmente ao comportamento e ao modo característico de proceder dos humanos ou um agrupamento humano (PINHEIRO, 2018; MELO CARVALHO RIBEIRO *et al.*, 2008; PROSCURCIN, 2007).

Pois bem, à primeira vista, é possível dizer que ambas as significações gregas sinalizam interesses ao que ora ventilamos, pois os termos traduzem em certa medida, percursos e processos usados nesta pesquisa. Quanto à primeira semântica do termo *ethos*, quero destacar o sentido **lugar**, que remete à permanência ou habitat, ainda que em um sentido implícito, este lugar é a cooperativa, captada a intenção que há especialmente no ambiente da cooperativa, por meio do qual se propaga e a cooperação e materializa-se o cooperativismo. Este sentido é também atribuído por Pinho (1966) ao esclarecer que,

[...] as cooperativas são sempre escolas de democracia por se fundarem nos princípios da autogestão e da igualdade absoluta entre os associados. São ainda eficiente instrumento de progresso econômico e social, por permitirem a participação consciente da grande massa popular no processo de desenvolvimento econômico. (PINHO, 1966, p. 4).

Ainda que esta não seja foco a ser analisado, as cooperativas se conectam ao objeto de pesquisa – reitero: os princípios do cooperativismo nos diálogos e afetos mapeados no cotidiano. Dizer que a cooperativa é o lugar remete a instrumentalização e onde se vigora e se desenvolve o cooperativismo, pois é na/com a cooperativa que se criam os ambientes necessários para realizar e praticar o cooperativismo com a cultura específica.

Quanto ao **hábito ou costume**, quero remeter ao comportamento, a ideia do fazer. Neste sentido, as ações e práticas peculiares ligadas ao cooperativismo – especificamente os princípios e valores, podem ser assimilados como este comportamento ou modo característico de um grupo, e que se desdobra, a meu ver, a ideia indissociável de coletividade, que é uma das características mais marcantes das realizações do cooperativismo.

Algumas definições mais contemporâneas ajudam a esclarecem um pouco mais sobre os significados em torno da palavra *ethos*. O dicionário online Cambridge University Press²¹ descreve *ethos* como um conjunto de crenças, ideias etc., sobre o comportamento social e as relações de uma pessoa ou grupo. Semelhantemente, o dicionário digital Caldas Aulete²² aponta as seguintes definições: conjunto dos hábitos e traços comportamentais característicos de um povo (*ethos* dos brasileiros, por exemplo); conjunto dos valores que conformam a visão própria de um movimento artístico ou cultural, ou de uma obra de arte; conjunto das características morais, afetivas, sociais e comportamentais de um indivíduo.

Já o dicionário brasileiro de língua portuguesa Michaelis²³, ao transliterar o termo para etos, sem o h, apresenta uma diferenciação nos usos do termo para a antropologia e a retórica. Quanto a aplicação antropológica refere-se à disposição, ao caráter, valores, ideias ou crenças fundamentais e peculiares a determinado povo, cultura ou época que influenciam suas manifestações e expressões artísticas e culturais.

Assim como o modo de ser, natureza (emocional, moral, intelectual) habitual de um indivíduo. Já a aplicação da retórica, isto é, dos conceitos clássico aristotélicos, indica o princípio de composição da argumentação, onde congregam o modo de ser, do caráter imparcial, da experiência e do conhecimento, que o orador deve se apropriar a fim de tornar seu argumento válido e que inspire a confiança de seus ouvintes.

Nesta direção, me servi da tese *Lições preliminares para o estudo do ethos contemporâneo* (2018), de Sandra Maria Patrício Ribeiro que investigou sobre a polissemia da palavra *ethos* amparada nas ideias veiculadas ao seu uso, bem como a relação natural que se

²¹ <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/ethos>. Acesso em: 13 out. 2022.

²² <https://www.aulete.com.br/ethos>. Acesso em: 13 out. 2022.

²³ <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/etos/>. Acesso em: 13 out. 2022.

estabelece no âmbito das ciências humanas e sociais. Corroborando, então, nesta discussão Ribeiro (2018) expõe que desde seu surgimento, a palavra *ethos* vem sendo empregada e transmitida para abranger os costumes típicos de uma comunidade ou de um povo quando se tornam uma apreciação positiva após homogeneizados no compartilhamento do grupo.

A autora sugere que não há um *ethos*, digamos, ruim. Complementarmente, descreve sobre a teoria do *ethos* discursivo de Dominique Maingueneau²⁴ para acrescentar que não somente na retórica, mas na literatura, *ethos* está relacionado às qualidades de um orador/escritor imbuídos de seus aspectos morais, intelectuais e verbais que transparecem em seus discursos para influenciar aqueles a quem se dirige. Neste sentido, *ethos* corresponde a um componente moral traduzido pelo caráter e autoridade do orador em seu discurso, auxiliado pelos demais componentes também com vocábulos gregos que seriam o *logos* (uso do raciocínio, da razão) e o *páthos* (uso da emoção).

Ainda considerando as contribuições de Ribeiro (2018), encontro pistas que revelam peculiaridades valiosas ao meu estudo. A autora afirma que a palavra *ethos* é complexa por ser polissêmica, uma vez que possui forte imbricação de seus muitos significados e deformações empregados ao longo da história. Diante da complexidade de elementos que a autora se vale para tentar explicar as variações e significações possíveis da palavra, destaco que a conexão à noção que intento invocar aqui é a de que para além das ideias que se vinculam o uso da palavra *ethos* - tudo que se pense, avalie e conclua sobre - apoiam na compreensão da vida e do mundo na contemporaneidade, pois “*ethos* é a relação como que de moldagem contínua e recíproca entre o lugar e a vida de seus habitantes” (RIBEIRO, 1998, p. 16).

Diz Ribeiro (1998) que por moldagem está metaforicamente evocando aos elementos objeto-modelo e o molde; o molde e a cópia que daí envolvem uma ação que de naturezas distintas cada um deles, em si mesmo mutáveis e autorreplicáveis, acontece de modo contínuo. Então,

Parece justificável dizer que *ethos* corresponde as matérias, condições e processos mais básicos mais originários, a partir dos quais são moldados, ao mesmo tempo e ao longo do tempo, os lugares e as vidas, os modos de viver e interagir com o mundo [...] uma visão explicitamente realista. [...] se trata primordialmente e uma relação natural que estabelece limites estreitos para modificações em seus termos. [...] Enfim, pensar o *ethos* como uma relação real implica considerar a gravidade objetiva desta relação – o que inclui pensar que o próprio pensamento, como manifestação da vida interior do ser humano, está também moldado por ela (pela relação que se trata de pensar). (RIBEIRO, 2019, p. 21–22).

²⁴ A teoria do *ethos* discursivo pode ser encontrado em: MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana. Raquel; SALGADO, Luciana. (Org.). *Ethos* discursivo. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11–29.

Outra informação relevante que encontrei, diz respeito aos vocábulos ligados a palavra *ethos* com variações que advém do indo-europeu, cujas semânticas terminológicas reportam outros sentidos, tais como: peculiaridade, costume, “que teria dado origem a palavras, como no inglês: *sodality/sodalities* (irmandade/fraternidade), indicativa da associação de pessoas que possuem alguma característica comum, compartilhada, sendo solidárias entre si).

Portanto, mais uma vez a noção de coletivo que fortemente entrelaçado à semântica do termo *ethos*, às noções de lugar e formas de coexistir, carrega consigo o tecido sobre qual se debruçam a práxis do cooperativismo. Ao utilizar o termo *ethos* aqui, recorro à esta realidade compreendida como a expressão de um sistema culturalmente padronizado, que é a meu ver esclarecedor e se faz pertinente para entender que a lógica do cooperativismo seja como doutrina ou sistema pode ser entendida como um *ethos*. Digo assim por que os conteúdos que narram suas teorias e práticas são acima de tudo adquiridos e interpretados culturalmente na abstração da vida afetiva dos envolvidos.

Daí proponho-me a defender nesta tese sobre o *ethos do cooperativismo* ao referir exclusivamente sobre os princípios formulados a partir dos pioneiros de Rochdale e que deram a forma originalmente à Sociedade dos Probos Equitativos de Rochdale e numa relação dialógica e cultural vai abranger todos os contornos da vida dos cooperados, das cooperativas dos sistemas cooperativistas. Em suma, os princípios de Rochdale, são a gênese que congregam o essencial cultural do cooperativismo de maneira geral.

Em um nível mais abrangente, evoco *ethos* do cooperativismo em uma correspondência ao que Ribeiro (2019) conceituou de *ethos* subjacentes, referindo-se aqueles que vão se repetindo e se inteirando, isto é, as formulações que deles se derivaram. É, sobretudo, então, acerca dos sete princípios universais do cooperativismo, que após terem sido consolidados pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI), se imbricam nas nuances desta pesquisa para aclarar possíveis análises.

3.5 Semiótica da cultura

A semiótica como ciência busca investigar os signos e todas as linguagens e conhecimentos culturais como fenômenos que produzem significação. Há três vertentes diferentes, a semiótica pierciana, atribuída por Charles Sander Pierce, nos Estados Unidos; a semiótica discursiva, desenvolvida por Ferdinand Saussure, na França; e a semiótica da cultura, formulada no âmbito da escola russa de Tartú-Moscou fundamentada pelo principal teórico Iúri

Lotman. A semiótica da cultura, como um dos ramos da semiótica, interessa-se particularmente pelos processos de produção de sentido (semiose) a partir de toda engrenagem que se estabelecem na cultura e nas formas de expressão (MACHADO, 2007; SIQUEIRA, 2020). É sobre este referencial teórico que me servi a fim de analisar as transformações ocorridas nas formulações dos princípios do cooperativismo, bem como as interpretações dos diálogos obtidos nos grupos focais, nas entrevistas e sondagens que realizei.

Para Lótman (1998) a cultura é um *continuum* semiótico, percebida na dinâmica da significação das palavras, fruto das interações entre diversos sistemas sígnicos nos espaços e processos culturais; é tido como um texto, isto é, reflexos de processos e não produtos sociais. Entender, então, os processos culturais que se instauram nas formulações do cooperativismo ajudam a interpretar tanto a sua lógica em si como as abordagens instituídas sobre ele.

Nessa direção, Velho (2009), ressalta que a cultura e todas as suas linguagens podem ser estudadas como unidades em movimento feitas de diferentes sistemas de signos, mergulhados num ambiente que sustenta, que permite a formação de sentido. Sendo esta, a compreensão de semiosfera, sustentada pelos estudiosos de Lótman.

Segundo Siqueira (2020), apesar de toda teoria da semiótica da cultura em Lótman, estar profundamente marcada por uma preocupação com a história, ela não é estática, mas se dá de maneira dinâmica, à medida que dialoga com questões próximas ao cotidiano das pessoas, aos seus pensamentos e ações. Daí, justifica-se meu interesse em recorrer a esta teoria para tratar sobre os processos dialógicos e afetações vividas no âmbito da pesquisa.

É fundamentado nos referenciais teóricos apresentados que irei aprofundar acerca do objeto de estudo. Os elementos chaves, que do que se pode chamar de a primeira lei que resumizou o cooperativismo são os *Princípios de Rochdale*, estes impulsionaram outros movimentos cooperativos e se tornaram as diretrizes para a cristalização dos valores e práticas das cooperativas através do mundo.

4 OS PIONEIROS DE ROCHDALE E OS PRINCÍPIOS DO COOPERATIVISMO

Neste capítulo, buscou-se abordar detalhadamente sobre os princípios formadores do cooperativismo a partir da experiência dos pioneiros de Rochdale.

4.1 A gênese dos princípios de Rochdale

Rochdale é uma cidade no interior da Inglaterra que ficou conhecida após protagonizar inúmeras ações cooperativas e lutas das classes trabalhadoras e seus movimentos sociais. É nesta cidade que se desenvolve a experiência da Sociedade Equitativa dos Pobros de Rochdale (Figura 1), que fica localizado à rua Toad Lane, 31, em Rochdale-Reino Unido, e que abriga hoje o museu de história do cooperativismo, como consequência em ter sido adotada como inspiração e modelo para o movimento cooperativo pelo mundo, como veremos mais adiante.

Figura 1 – Prédio da Sociedade Equitativa dos Pobros de Rochdale, que atualmente é um museu dedicado à cultura e à história do cooperativismo mundial



Fonte: site Cooperativismo de crédito (2001).

Estes pioneiros desbravadores, em sua maioria tecelões, ousaram inovar na crise e diante das angústias para criar oportunidades em um momento em que as incertezas aplacavam a esperança e os sonhos das pessoas por um futuro melhor. Fairbairn (1994) explica que durante as primeiras décadas do século XIX, havia um grande declínio nas cidades manufatureiras de base têxtil, aplacados pela revolução industrial. Além disto, as concorrências, perdas e diversos descontentamentos oriundos destas realidades fizeram de Rochdale o ponto focal das mais diversas manifestações e disputas sociais e políticas.

Holyoake (1972) contribui para esclarecer como se deu esse processo. Segundo o autor, um deste episódios ocorreu na década de 1830, quando a classe de operários das indústrias de flanela, importantes propriedades da época, reivindicaram um aumento de salário movidos

pelos baixos recebimentos e grande carga de tarefas. Por isso, intentaram organizar greves para propor assembleias visando acordos entre seus patrões. As tentativas fracassaram resultando no fechamento de algumas fábricas da região que preferiram assim que a ceder aos pedidos. Segundo Mladenatz (2003) esta época dos primeiros passos do regime capitalista forjava tristes realidades como esta, e que afetavam a classe operária, indefesa diante da força do capital.

Não obstante, em meio a estas incertezas e recorrentes circunstâncias de penúria, um grupo de pessoas entre eles tecelões decidiu reunir-se e formulavam meios para sair da situação de miséria e agravamentos sociais que acometiam os operários e suas famílias. Muitos deles eram inspirados pelos ideais de Robert Owen, cujo aprendizado que obtiveram era o de que “deveriam sempre raciocinar em situações de tensão e especialmente diante de decisões” (HOLYOAKE, 1972, p. 13). Sobre isso, Mladenatz (2003) narra que,

[...] os pobres tecelões reuniram-se no dia seguinte a uma greve, cujo fracasso agravava ainda mais seu estado de miséria. Uma série de meios então foi apresentada. Uns propunham a expatriação, outros a abstinência de bebidas alcoólicas, outros – partidários de movimento político cartista – a firmavam que o [único meio era a conquista dos direitos políticos pelo povo, e enfim alguns socialistas, discípulos das ideias de Roberto Owen, que conheciam os ensaios do Dr. William King, propuseram a criação de um armazém cooperativo de consumo. (MLADNATZ, 2003, p. 79).

Como se vê, a fundação dos pioneiros de Rochdale não foi um sucesso mágico como muitas vezes atribuem alguns pensadores e historiadores, dentre eles o próprio Holyoake (1972). Embora o autor apresente detalhes importantes da criação e primeiros passos dessa sociedade de consumo (o armazém cooperativo), há sobretudo, uma ideia muito romantizada da própria utopia concebida em torno deles. Falou-se em alternativas e como proposta de emancipação decidiram a expensas suas à luta pela vida, “Considerando-se comerciantes, industriais e capitalistas sem dinheiro, prepararam-se para criar os seus próprios meios de ação e para conseguir, mediante o auxílio mútuo (self-help) tudo que precisavam (HOLYOAKE, 1972, p. 14).

Havia os *Teetotallers*, membros da sociedade de temperança, que argumentavam,

Era melhor abster-se em absoluto das bebidas alcoólicas e destinar os salários exclusivamente par aumentar o bem-estar da própria família. A proposta tinha um aspecto bom, mas aparentemente implicava estes conceitos: no mundo industrial atual, tudo marcha muito bem; o operário para ser rico, basta ser sóbrio, o trabalha é remunerado como deve e os industriais cuidam já bastante dos interesses dos seus operários. Todas estas afirmações eram destruídas pelos fatos, e infelizmente, a proposta não foi tomada em consideração. (HOLYOAKE, 1972, p. 14).

Dentre eles, também um grupo de *cartistas* que,

[...] pleitearam calorosamente a adesão ao movimento político em prol da carta do povo [...] ao que diziam, o povo faria por suas próprias mãos, as leis e eliminaria tudo quanto pudesse ser prejudicial. A proposta significa que qualquer outro esforço deveria ser abandonado e que a felicidade do povo podia ser votada ao seu bel prazer. Mas o progresso social não é uma invenção [...] e a carta do parlamento não pode decretar a abolição dos males que afligem a sociedade nem a felicidade do gênero humano. (HOLYOAKE, 1972, p. 15).

Holyoake (1972) ainda dá detalhe que quando atormentados por toda agitação que se avolumava, os *socialistas* alertam para o longo tempo de espera que se devia aguardar até que esta Carta definitivamente se concretizasse e fizesse chegar aos fins desejados. Foi então, que propuseram uma ação conjunta e lançaram mão dos meios que dispunham para melhorar a situação. Esta proposta prevaleceu, a saber que “James Daty, Charles Howarth, James Smithies, John Hill e Jhon Bent foram estes principais advogados do cooperativismo, nesta discussão, que se terminou um projeto para abrir um armazém cooperativo de consumo” (HOLYOAKE, 1972, p. 15).

Uma das razões da tamanha notoriedade da história dos pioneiros de Rochdale, seja o fato da obra de Holyoake - *os vinte e oito tecelões de Rochdale* - ter sido traduzida em muitos idiomas e, conseqüentemente, afetou a compreensão de muitas outras cooperativas legitimando-os ao redor do mundo como um ideal a ser seguido. Fairbain (1994) afirma, que toda história em trono de Rochdale, incluindo os pioneiros da sociedade cooperativa faz parte de um mito. Como já foi explicitado, a formulação da sociedade de Rochdale advém de décadas de trabalho árduo, fracassos e decepções, já que a própria cidade foi centro de diversas outras cooperativas, muitas das quais não evoluíram. Contudo, destaca-se a partir de Rochdale o protagonismo de um modelo cultural baseado em princípios e valores sólidos que foi capaz de inspirar pessoas ao redor do mundo. Como o autor descreve,

O mito de Rochdale tem a ver com vinte e oito tecelões empobrecidos que começaram uma loja em Toad Lane em 1844; uma loja que se tornou a primeira cooperativa de sucesso no mundo; uma cooperativa que definiu os princípios a serem seguidos por todas as cooperativas posteriores. (FAIRBAIRN, 1994, p. 24)

Para o autor, o legado de Rochdale é símbolo e marco de uma realidade acessível e concreta, pois tem uma tradição ativa e viva que influencia a compreensão das cooperativas em países ao redor do mundo hoje (FAIRBAIRN, 1994). Diante deste desafio de investigar as pistas históricas e inspirações deste ideal fornecido pelos pioneiros de Rochdale, interessa para este estudo compreender qual foi a efetividade destes princípios, visto que estes tenham sido elaborados por meio de um conjunto particular de circunstâncias restritas à pequena cidade, ao norte da Inglaterra, mas que, em um processo de disseminação e compreensão ao longo da

história, foram adotados para referenciar o movimento do cooperativismo em todo mundo, atravessando culturas, gerações e movimentos sociais ao longo da história.

Depreendendo a realidade dos princípios de Rochdale, recorri à Holyoake (1972), Fairbain (1994), Mladenatz (2003) e Wilson *et al.* (2013), para situar as formulações e pesquisas já desenvolvidas sobre o tema. É unânime a informação de que estes princípios (regras dos pioneiros) foram formulados por meio da experiência coletiva de trabalhadores operários desempregados do setor têxtil, tendo como protagonistas 28 tecelões que organizaram a primeira cooperativa, instituída em 1844 de Rochdale, distrito de Manchester, no Reino Unido.

Eles montaram um grande armazém com o intuito de reduzir o custo e melhorar a qualidade dos alimentos que consumiam ao se ajudarem mutuamente combatendo ao individualismo e praticando a solidariedade. Com o objetivo de lutar pela sobrevivência devido às deslocamentos sociais que sofriam pela revolução industrial, tais como o desemprego, as baixas condições salariais e locais de trabalho insalubres, organizaram a primeira cooperativa que marcou o surgimento do movimento que se difundiu e revelando uma utopia que tem inspirado pessoas ao redor do mundo.

Há, sobretudo, um imenso desafio fazer um diagnóstico preciso do que representam as cooperativas hoje existentes, em termos de instituições e movimentos criados a partir das inspirações deste ideal fornecido pelos pioneiros de Rochdale, por esta razão, restringi-me neste estudo a ponderar acerca de sua significação. Encontramos já ao nome dado à sociedade uma simbologia ideológica e visionária dos envolvidos naquela época. “Equitativo é uma das palavras favoritas sugeridas como nas formulações das sociedades criadas por Robert Owen para representar as atividades de trocas e serviços mútuos ignorando intermediários” (FAIRBAIN, 1994, p. 4).

Nesse sentido, pode-se dizer que *equitable* equivale às ações de trocas de bens e serviços que eliminaria o estilo capitalista de exploração e intermediários. Essa ideia de equidade é fundamental para o movimento cooperativo desde que foi incorporada nos princípios estabelecidos pelos Pioneiros de Rochdale. Por esta razão, todos os membros de uma cooperativa devem ter uma participação igualitária nos benefícios e na tomada de decisões. Isso significa que cada membro tem voz e voto igual no processo de governança da cooperativa, independentemente do seu nível de investimento ou contribuição para a cooperativa.

Essa visão equitativa do cooperativismo é consistente com a teoria econômica da justiça distributiva, que se preocupa com a distribuição justa e igualitária dos recursos entre os membros de uma sociedade. A justiça distributiva se baseia em princípios de igualdade, mérito

e necessidade, e busca equilibrar as desigualdades que possam surgir devido a diferenças de poder ou recursos.

Alguns autores, como Hansmann (1996), argumentam que a distribuição equitativa de benefícios é um elemento fundamental para o sucesso e a longevidade das cooperativas. Além disso, a equidade também é vista como um fator importante para a coesão e a solidariedade entre os membros da cooperativa (Vanek, 1977).

A palavra pioneiro também carrega seu ideal. Fairbain (1994), sugere que pode ter sido inspirada no primeiro jornal regional *The Pionner* (o Pioneiro em inglês), importante órgão difusor dos sindicatos operacionais, que mais tarde foi consolidado por Owen para abranger também o setor comercial. Como se vê, escolher um nome como ‘Pioneiros Equitativos’ em 1844 foi “uma declaração social e até mesmo política, e insinuou que estes pioneiros estavam conscientemente tomando um lugar no movimento pela reforma social e no avanço da classe trabalhadora e seus interesses” (COLE, 1944, p. 77).

Wilson *et al.* (2013) investigaram e analisaram diversas representações e interpretações, muitas vezes contrastantes, acerca dos pioneiros de Rochdale. Para os autores não há dúvidas que foram um modelo particular de cooperação bem adaptado aos desafios de sua época. Concordo com os autores sobre esta relação de adaptação, pois essencialmente até os dias atuais os princípios de Rochdale são interpretados como ferramentas práticas e que precisam ser aplicados às realidades de cada cooperativa, ou pelo menos provocar uma adaptabilidade que provoque transformações do ambiente onde se pratica o cooperativismo. O que está sempre em questão acerca da aplicabilidade é que sejam factíveis e apoiem, acima de tudo, o desenvolvimento da sociedade.

Corroborando a estas ponderações, Fairbain (1994) analisa que o razoável padrão de sucesso que obtiveram e que insurge até o presente como ideal de cooperação se deve a três fatores: os detalhes da estrutura e das regras; a forma como foram implementados e ainda, aos fortuitos acidentes de desenvolvimento histórico que ocorreram. O autor salienta que, antes de tudo, a própria concepção dos pioneiros de Rochdale era um movimento que se poderia chamar de uma cooperativa multiuso (FAIRBAIN, 1994, p. 3), pois empreendia uma variedade de diferentes tipos de atividades econômicas em nome de seus membros. Com proposições ideológicas e ações bem pragmáticas,

Os objetos e planos desta Sociedade são formar arranjos para o benefício pecuniário, e melhoria da condição social e doméstica de seus membros, levantando uma quantidade suficiente de capital em ações de uma libra cada, para colocar em operação e seguir planos e arranjos. A criação de uma loja para a venda de provisões e roupas etc.; O prédio, comprando ou erguendo uma série de casas, nas quais esses membros,

desejando ajudar uns aos outros na melhoria de sua condição doméstica e social, podem residir ; Iniciar a fabricação de artigos como a Sociedade pode determinar, pois o emprego de tais membros podem estar sem emprego, ou que pode estar sofrendo em consequência de repetidas reduções em seus salários; Como mais um benefício e segurança para os membros desta Sociedade, a Sociedade comprará ou alugará e imóveis ou propriedades de terra, que serão cultivadas pelos membros que possam estar fora do emprego, ou cujo trabalho possa ser mal remunerado; que, assim que possível, esta Sociedade proceda para organizar os poderes de produção, distribuição, educação e governo, ou seja, estabelecer uma colônia de interesses unidos autossustentável, ou ajudar outras sociedades a estabelecer tais colônias; que, para a promoção da sobriedade, um hotel de temperança seja aberto em uma das casas da Sociedade o mais rápido possível”(FAIRBAIN, 1994 *apud* LAMBERT, 1963, p. 292; BONNER, 1961, p. 46; COLE, 1944, p. 75).

Embora tiveram muito êxito atuando com o armazém de consumo, os Pioneiros de Rochdale pretendiam operar com muitas outras frentes. Sendo estas: empresas produtivas de propriedade dos trabalhadores, habitação cooperativa, propriedades agrícolas administradas por trabalhadores e comunidades cooperativas, esta última mais fortemente ligada às aspirações aprendidas com Owen. À medida que o acúmulo de capital ia sendo incrementado, colocavam em práticas as teorias aprendidas com Dr. William King, demonstradas no envolvimento do grupo em detalhar minuciosamente a estrutura e regulamentos a fim de proteger a sociedade de má gestão frustração como ocorreram com outros empreendimentos anteriormente.

Entendo que estas características fortalecem ainda mais a noção de que a utopia se torna realidade em uma sociedade fortemente marcada pelo industrialismo exploratório. O que também deixa claro que a criação da sociedade dos pioneiros de Rochdale são uma reinvenção que aperfeiçoou as experiências de cooperação e mutualismos previamente existentes, garantindo que os erros cometidos no passado servissem como base para melhorar o empreendimento que carregava em sua ideia toda uma filosofia e estratégia de organização empresarial (WILSON *et al.*, 2013, p. 37). E, talvez, seja justamente por isso que prosperou, por não abarcar apenas idealismo filosófico.

Como salienta Fairbain (1994), os pioneiros imaginaram sua associação crescendo em termos de diversificação e integração, o que poderia ser chamado no século XX, de integração horizontal e vertical. Com o objetivo de uma cooperação integrada em escala comunitária, os pioneiros estavam, sem dúvida, refletindo a cultura e a experiência prática da organização da classe trabalhadora na Grã-Bretanha. Esta experiência coletiva, já nos primeiros anos da sociedade, forjava seu desenvolvimento por meio dos diálogos entre seus membros evidenciando que o conceito básico de democracia era o cerne deste modelo de sociedade.

Wilson *et al.* (2013) destacam que a estrutura de responsabilidade pela autogestão e liderança compreendia assembleias gerais ordinárias e a eleição de diretores e conselheiros com

base em um membro e um voto. A quantidade de ações detidas por um membro não era permitida de forma alguma interferir com o princípio de um membro, um voto. O debate e a discordância foram uma característica saudável dessa cultura democrática em desenvolvimento. Mais do que apenas indicar uma estrutura, tais práticas evocam um simbolismo político, visto que nesta época a classe trabalhadora era vista como educacionalmente incapaz de ser emancipada. Então, um negócio administrado por pessoas da classe trabalhadora com ações democráticas era de grande importância.

O que se pode evidenciar, principalmente, é que tais pessoas não eram apenas capazes de exercer um julgamento responsável em um contexto democrático, mas de compreender e operar dentro de uma estrutura constitucional disciplinada. Além disso, ao transmitirem a mensagem que as pessoas da classe trabalhadora podiam exercer julgamento e poder democrático para administrar um negócio, elas também certamente estariam aptas a votar. Com este preceito incorporado, a igualdade passa a ser um valor irrestrito, o que irá repercutir em todas as sociedades cooperativas subsequentes – um membro, um voto. Assim, como advertem Wilson *et al.* (2013), o exercício do *princípio da democracia* era um importante controle sobre o perigo de os ligeiramente mais ricos ou mais instruídos virem a dominar a organização.

Como já foi dito anteriormente, Holyoake (1972) talvez tenha sido o maior difusor do cooperativismo, uma vez que esteve envolvido diretamente com a sociedade pioneira. Notadamente reconhecido por diversos autores como uma figura importante, teve em sua obra citada a tarefa de ilustrar os princípios de organização e funcionamento para as cooperativas. Mladenatz (2003) refere-se a pesquisas que eram realizadas nas traduções da obra de Holyoake (1972) nos diversos países por onde influenciou. Uma das conclusões reconhece,

Para a maioria, a importância de Rochdale foi decisiva. A maioria aprendeu com Rochdale. Muitas pessoas dos diferentes países visitaram Rochdale, viram de perto esta vida imensa, estudaram o sistema e aplica-o em seus países; corresponderam-se com William Cooper e perguntaram como seria possível criar seguindo o exemplo de Rochdale. (MLADNATZ, 2003, p. 101).

A sociedade de Rochdale segue sendo a referência como se observa. Não à toa, em 1930, foi criado pela Aliança Cooperativa Internacional (instituição que integra todas as cooperativas no mundo e que será detalhado posteriormente), o comitê dos princípios de Rochdale, cuja tarefa era procurar saber em que medida as regras estabelecidas em Rochdale seriam aplicadas pelas organizações cooperativas em diferentes países.

Retomando Holyoake (1972) identificamos que o *princípio da venda à vista*, embora não tenha sido uma aplicação fácil, foi muito respeitado e algo que os sócios da cooperativa

não abriam mão. Como resultado dos interesses comuns de seus consumidores, a cooperativa não era em relação aos associados um comerciante. Por conseguinte, ao comprarem mercadorias a crédito estariam emprestando a si próprios, o que não seria racional. Então, o ponto mais claramente respeitado era que vender a vista defendia a cooperativa dos maus pagadores assim como auxiliava na constituição de patrimônio, já que poderia haver um controle mais rigoroso sobre as vendas.

Mladenatz (2003) ressalta que o hábito de comprar a crédito era visto com um grande problema ao necessitado, que acaba por consumir mais do que seus meios permitem. Acredito que aqui, cabe entender que este princípio potencializou não somente a estrutura e crescimento da cooperativa como também a educação da população, especialmente aqueles que sem controle quanto aos gastos e percebendo oportunidade do crédito padecem com o endividamento que carregam, e que, por vezes, acaba perdurando por toda vida e se transfere aos familiares.

Um dos grandes méritos atribuído por diversos estudiosos aos pioneiros de Rochdale foi o fato de terem demonstrado o valor do *princípio de distribuir os lucros*²⁵ em proporção às compras e não em proporção ao capital investido na sociedade. Segundo Holyoake (1972) outras sociedades tentaram anteriormente incorporar em seus estatutos o princípio da distribuição dos lucros, mas ele só foi levado à prática quando Carlos Howarth, um tecelão dentre os pioneiros, assumindo o papel de secretário da sociedade incitou seus companheiros a adotarem tal prática,

[...] o princípio de dividir os lucros entre os consumidores, sem os quais não seria possível nenhum resultado, constitui uma espécie de vínculo entre o sócio e o armazém; mediante esse vínculo, o comprador chega-se a interessar pelo êxito da empresa. Além disso, esse princípio fazia parte do programa dos compradores, porquanto eles se tinham proposto a dividir os lucros entre todos os que contribuíssem para produzi-los, em vez de dá-los ao capital. (HOLYOAKE, 1972, p. 26).

Essa premissa fez incorporar posteriormente nos estatutos das sociedades cooperativas uma das vantagens mais importantes, especialmente quanto ao seu benefício mútuo e contribuição econômica para a sociedade em geral: “a realização pelos membros de uma economia que, no final do ano lhes é restituída sob forma de retorno” (MLADNATZ, 2003, p. 88). Para o autor, este método de repartição do excedente está no espírito da cooperativa e que

²⁵ A divisão do lucro se efetuava na sociedade dos pioneiros de Rochdale trimestralmente depois de ter sido descontados de todo faturamento: as despesas de administração, os juros correspondentes às obrigações, a percentagem de depreciação das mercadorias inventariadas, os juros ao capital social. Destinava-se ainda uma reserva para o aumento do capital da sociedade, assim como um percentual proporcional em educação em geral para o aperfeiçoamento moral e intelectual de seus membros (HOLYOAKE, 1972).

hoje é distribuído proporcionalmente ao que cada associado consome, isto é, do quanto utiliza da cooperativa.

Fato é, que atualmente essa prática permeia o ambiente capitalista. Esta prática é conhecida como “*cashback*”, uma expressão inglês que em uma tradução livre significa literalmente dinheiro de volta. Diversas instituições das mais variadas soluções buscam estimular sua clientela por meio de algum benefício atrelado ao que se consome, seja em forma de dividendos, retorno financeiros, descontos, trocas de pontos ou abatimento de dívidas como uma das estratégias para fidelizá-los. Entretanto, destaca-se que sem este princípio a cooperação na perspectiva da cooperativa ficaria reduzida a um mero aparato mercantilista, ou talvez algo muito insignificante. O que está sendo proporcionado neste retorno para o seio do cooperativismo e que, por consequência é uma feliz realidade para a cooperativa, é a não limitação do número de sócios.

À medida que o capital acumulado e as vendas proporcionavam crescimento, os desafios de integrar e sustentar o empreendimento também se avolumavam. Foi a *liberdade de receber novos associados* que conferiu tanto à sociedade de Rochdale como ao cooperativismo de modo geral, sua mais rica fonte de prosperidade, não pelo dinheiro que se poderia obter com o capital adquirido nas novas participações, nem pelo volume das transações comerciais, mas da qualidade apreendida na diversidade de pessoas que se associava. Este é um quesito potente e que irá acolher futuramente muitos outros interesses sociais e culturais como a equidade, igualdade, inclusão, dentre outros importantes.

No início da sociedade havia uma espécie de seleção de novos membros aos interessados em participar os quais deveriam “dar provas de um bom caráter e de uma perfeita honestidade” (MLADNATZ, 2003, p. 93). Fossem nas novas indicações, ou espontâneos interesses em novas participações, advindas das propagandas que se intensificavam, essa medida ressoavam como proteção contra os desinteressados, mal-intencionados, violentos ou outra situação qualquer que pudesse de alguma forma comprometer o bom desempenho da sociedade. Ao se associar contribuía-se com uma cota mínima estipulada²⁶ e ao contribuir financeiramente para o capital da cooperativa desenvolvia-se o hábito da previdência, já que o valor poderia ser resgatado em caso de desistência de associação à sociedade. E é desta forma que até hoje funcionam todas as sociedades cooperativas.

²⁶ O valor de referência era o mínimo 1 libra esterlina (moeda oficial do Reino Unido), que correspondia ao montante de 5 ações da sociedade, além de ser necessário adquirir um exemplar do estatuto social (HOLYOAKE, 1969).

Com a chegada de cada novo sócio, os direitos e deveres precisam ser exercidos, dentre os quais o de exprimir suas convicções e sentimentos são legítimos. Nas palavras de Holyoake (1972) “o exercício do espírito de tolerância para com todas as opiniões” era a insígnia da cooperação, já que pessoas diferentes pensam diferente. Empenhados em salvar o princípio de liberdade, os pioneiros aconselharam-se mutuamente e decidiram pela *neutralidade política e religiosa*. Fortemente evocado na expressão de Holyoake (1972) este posicionamento reforçou que mais do que práticas sobre como as cooperativas deveriam proceder, o que se propõe é um alcance para a questão maior do que definir uma cooperativa, e sim quais características eram essenciais para a cooperação existir.

De acordo com Mladenatz (2003), esta é uma disposição importante nos estatutos dos pioneiros em uma época em que lutas políticas eram intensas e, portanto, tal posicionamento demonstrava sabedoria dos dirigentes em zelar pelo respeito junto à sociedade. Ao considerar a multiplicidade de opiniões e de crenças oriundas dos diversos participantes - basta recorrer à história dos precursores citados para se ter uma ideia das dimensões religiosas que os envolviam – optar por este cuidado refletia não a proibição ou ausência do assunto, mas a persistência pela manutenção da solidariedade, do altruísmo, da confiança, demonstrados antes de tudo, pelo exercício da empatia com o próximo.

Nesse aspecto, Fairbain (1994 *apud* BONNER, 1961) menciona que nas práticas dos pioneiros de Rochdale não havia o interesse de se intrometer com as diversas diferenças religiosas ou políticas existentes na sociedade. O que se pretendia era fortalecer um vínculo comum, ou seja, de unir os meios, as energias e os talentos de todos para o benefício comum de cada um.

Nesta direção, a instituição cooperativa de Rochdale não negligenciou seu *papel social*, já que parte do seu lucro era destinado às obras sociais. Mesmo ainda sem interpretarem a real dimensão do que se constituía naquele momento, em torno na cooperativa criaram-se diversas instituições de assistência. Mladenatz (2003) cita, por exemplo, a casa de apoio para os casos de doença ou morte chamadas de sociedades de socorros mútuos; ações de propaganda contra o alcoolismo que era um problema latente; e ainda auxílio aos desempregados e aos mal remunerados. Holyoake (1972, p. 81) destaca as instituições para construção de casas econômicas, criadas pelos próprios pioneiros “para comprar terrenos e construir casas aos seus sócios que tinham dificuldades em pagar locação ou por alguma razão, que lhes fugia o controle, viam-se despejados por seus inquilinos.”

Como já foi explicado anteriormente, os pioneiros de Rochdale conheciam bem as tristes realidades que assolaram a muitos, ao passo que a própria criação da cooperativa foi um dos

alcances para fugir das práticas insalubres que os acometia. Ancorados na premissa do *self-help* e somado aos demais movimentos sociais que emergem a partir do presente século a saber: a própria concepção liberal, a influência da pedagogia social, o socialismo moderno como Lassalle, Marx dentre outros; os cristãos sociais, o solidarismo, o sindicalismo etc. (MLADNATZ, 2003), o movimento cooperativo é uma manifestação social que acopla e nesse quesito, consegue estabelecer relação com o sistema capitalista e outras doutrinas de movimento social moderno, pois aí se concorda que o ser humano tem responsabilidade com a sociedade desde seu nascimento, e ainda que se distinguem um do outro pela sua subjetividade, podem organicamente se juntar em prol da solidariedade.

A este respeito, ainda se espelham as conexões que o cooperativismo estabelece com outras ideologias, filosofias, novas ciências e diversas formas de religiosidade. Como eu costumo explicar aos alunos e nas formações que realizo, o cooperativismo abraça a todos, não há quem se aproxima e não se sinta incluído e convidado a partilhar. O que foge disso, de fato não corresponde ao que se chama de identidade cooperativista. De acordo com Mlandnatz (2003), a relação estabelecida pelos pioneiros do cooperativismo com os chamados cristãos sociais retratados, por exemplo, visava estabelecer conexões sociais que não só espelhavam as práticas cooperativistas como influenciavam os movimentos religiosos da época.

Diante da minha relação pessoal com o tema, destaco que uma descoberta que me surpreendeu neste percurso da tese, durante a investigação histórica, foi saber da conexão do cooperativismo com o movimento cristão, especificamente o metodismo.

De acordo com Thompson (1994), o piso térreo 31 da loja à rua Toad Lane estava sendo alugado por metodistas que administravam ali uma escola diária para prover educação às crianças. Cole (1994) narra também que muito antes de o movimento cooperativo de Rochdale ser consolidado, os metodistas já haviam se afiliados a outros parceiros na cidade para fundar em 1783, a primeira escola dominical bem-sucedida na região rural da cidade (COLE, 1994, p. 10)

Segundo o historiador cooperativo, David J. Thompson (1994) a Sociedade de Pioneiros Equitativos de Rochdale, tendo sido criada representa o nascimento do movimento cooperativo moderno. Para ele embora Rochdale historicamente uma cidade pequena, desempenha um papel importante no desenvolvimento da era industrial na Grã-Bretanha. Neste ínterim, o autor relata que John Wesley, o fundador do metodismo, visitou a cidade em 1749 e falou na capela situada em Toad Lane. Para os que buscavam a salvação celestial, Wesley insistia em práticas terrenas como “cooperar um ao outro vendendo produtos uns aos outros, ajudarem-se mutuamente nos

negócios” e “ganhar tudo o que podem e salvar tudo o que podem” (THOMPSON, 1994, p.3). Os metodistas e os pioneiros de Rochdale mais tarde dominaram as duas práticas.

Diante do exposto é possível inferir sobre minha hipótese levantada e que também era uma suspeita, que os pioneiros de Rochdale foram instrumentalizados e receberam certa influência do movimento cristão, que os apoiou ao nortear as práticas, a ética, a moral e o ambiente em que se constituíram, e portanto, reforça a ideia de que os princípios cooperativos possuem este viés no sentido de mover o ser humano para uma dimensão mais coletiva, visto que cooperação é também é um potente recurso de espiritualidade.

Em continuidade, o desenvolvimento da sociedade dos pioneiros, se formulou com a predisposição em ajudar, como uma das características marcantes deste movimento, era o que os impulsionava a defender a *educação de seus membros* e não somente a estes, mas como de toda sociedade. As reuniões constantes que realizavam no próprio espaço do armazém após seu período de funcionamento, a fim de se apoiarem mutuamente, despertou-lhes o interesse por um espaço dedicado à educação. Então, cinco anos após a constituição da cooperativa, fomentam uma biblioteca, com livros doados pelos próprios sócios inicialmente, e que depois passa a contar com um próprio fundo destinado a partir do repasse de 2,5% dos lucros para o incremento do local. Esta decisão torna possível a abertura ao público e ainda ao custeio de despesas com professores para instrução, primeiro para crianças e depois para adultos.

Com a biblioteca em plena expansão e angariando recursos para sua manutenção, “o espaço dedicado à educação promove artigos, revistas e jornais, bem como salas de leitura, escola para instrução mútua, salas para suas assembleias e outras reuniões, tais como conferências gratuitas e variados encontros de incentivo à educação” (HOLYOAKE, 1972, p. 85–90). Como se pode notar, educar as pessoas constituiu-se um fator fundamental, e neste contexto, tão prioritário quanto vender ou prestar algum tipo de serviço.

Consoante aos detalhamentos que Holyoake (1972) apresenta em seu livro, é possível inferir que os pioneiros entendiam das vulnerabilidades, a ponto de perceberem que a pobreza em si era o maior obstáculo para o desenvolvimento das pessoas. Logo, a tarefa de convencer aqueles que necessitavam e de combater as injustiças se tornava ainda mais agravante, haja vista os próprios preconceitos sociais instaurados. Quando se fala em preconceito, logo evocamos aqueles que de alguma maneira nos acometem ou que conhecemos de perto.

Seja pelo preconceito racial, religioso, social (de classes), linguístico, cultural ou ainda as questões mais veladas pelo nível de maturidade na época como orientação sexual e de relações sobre gênero, o industrialismo do século XIX fez suscitar e ampliaram muitas desigualdades. À vista disso, desembocam-se algumas questões potentes e latentes na

contemporaneidade. Como a educação pode contribuir para gerar ainda mais equidade e combater as desigualdades? Quais são os principais temas que o cooperativismo imbuído de um viés social, e fortemente marcado pela luta de classes, pode promover para o combater as desigualdades? Que espaços precisam ser ocupados para que se abram caminhos para se pensar ainda mais a inclusão? São estas algumas das problematizações que percorrem as teias desta pesquisa. A respeito da equidade e das questões de gênero, por exemplo, destaca-se uma problematização: como a cooperativismo tendo atravessado alguns séculos de culturas predominantemente machistas se propõe a fazer para cumprir com os valores declarados nas regras dos princípios que evocam a igualdade e a inclusão?

Sinto-me interpelado a considerar sobre a igualdade de gênero, assumindo um compromisso social de desmistificar a compressão equivocada que apenas as mulheres devem falar sobre isso, senão que todos precisam promover discussões e reflexão em torno da resistência que incide sobre tema. Não digo isto apenas no sentido de dar voz às mulheres, mesmo que isso seja fundamental diante de uma sociedade tão sufocada pelo machismo e pela intolerância, mas principalmente para valorizar e reconhecer o seu papel e importância na sociedade. Isto posto, torna-se relevante refletir sobre como as barreiras que marcaram a história e que impediram a visibilidade da mulher nas esferas sociais, políticas e culturais podem ser cada vez mais rompidas.

No tocante à emergência do gênero e da importância de dialogar sobre o tema, evoco Louro (2014) para situar como ações isoladas ou mesmo coletivas, como a autora menciona, que têm sido dirigidas contra a opressão das mulheres. Não somente os estudos no âmbito acadêmico que fortalecem a promoção da discussão, mas o próprio movimento social do feminismo que nasce na virada do século XX, adquirem manifestações contra a discriminação feminina.

O chamado sufrágismo, que se volta a estender o direito do voto a mulheres; às reivindicações ligadas ao acesso ao estudo e à determinadas profissões; os desdobramentos de ações e a promoção de novos discursos para aplacar a áurea investida sobre a mulher em relação à sua exclusividade ao ambiente doméstico; dentre outras instâncias e espaços (LOURO, 2014), se articulam na tentativa de compreender e se combater essa desigualdade social. Desse modo, os estudos feministas assumem seu caráter político,

Estudos sobre as vidas femininas – formas de trabalho, corpo, prazer, afetos, escolarização, oportunidades de expressão e manifestação artística, profissional e política, modos de inserção na economia e no campo jurídico – aos poucos vão exigir mais do que descrições minuciosas e passarão a ensaiar explicações. Se para algumas as teorizações marxistas representarão uma referência fundamental, para outras as

perspectivas construídas a partir da Psicanálise poderão parecer mais produtivas. Haverá sempre aquelas que afirmarão a impossibilidade de ancorar tais análises em quadros teóricos montados sobre uma lógica androcêntrica e que buscarão produzir explicações e teorias propriamente femininas, originando o “feminismo radical”. Em cada uma destas filiações teóricas usualmente se reconhece um móvel ou causa central para a opressão feminina e, em decorrência, se constrói uma argumentação que supõe a destruição dessa causa central como um caminho lógico para a emancipação das mulheres. (LOURO, 2013, p. 23–24).

Ao explorar o contexto percorrido por Holyoake (1972) nos detalhamentos que dá sobre os pioneiros de Rochdale, é possível identificar, dentre outros temas, como se apresentam discursos enviesados que corroboram para a visão da centralidade da mulher ao contexto doméstico, embora parecesse demonstrar afeição às mulheres. Entusiasmado por enaltecer a inauguração do armazém cooperativo, o autor aponta que a qualidade dos produtos oferecidos favorecia as relações mutualmente honestas e de confiança que se estabeleciam entre seus clientes,

[...] os primeiros membros da Sociedade de Rochdale era compradores sinceros; compravam no armazém todos os artigos que suas famílias precisavam, sem preocupar-se se o negócio estava perto ou distante, se os preços eram altos ou cómodos, se a qualidade era boa ou má. Aqueles homens eram crentes convictos e suas esposas, não menos entusiastas, eram animadas pela mesma fé. **As mulheres** se orgulhavam de pagar as mercadorias a dinheiro à vista, sentiam que o armazém era sua propriedade e experimentavam por ele vivo interesse. A adesão da **mulher** ao movimento cooperativista tem enorme importância, pois que se a mulher não se associa com amor a um movimento semelhante, o êxito tem de ser muito limitado. Se, ao contrário, a **dona de casa** consente em suportar algum aborrecimento e comprar, as vezes com certo sacrifício, artigos que não satisfazem completamente o seu gosto; se está disposta a fazer suas compras um pouco mais longe do que seria de desejar [...] o progresso do armazém cooperativo está garantido. (HOLYOAKE, 1972, p. 21–22).

No interesse de exaltar a mulher, o destaque para um acurado objetivo: o de servir ao lar, constituir família, organizar as “coisas do lar”; um pseudo reconhecimento que reflete a cultura de uma época, que mesmo na efervescência das mudanças sociais que eram gestadas na Europa, especialmente nas notáveis Inglaterra, Alemanha e França imbuídas de seu teor intelectual, expressam o esvaziamento do interesse pelo protagonismo feminino.

Em contraponto a isso, embora a luta por reivindicações às mulheres e pelo empoderamento feminino já tem assumido há algum tempo uma dimensão global, o modelo de cooperativa de consumo em Rochdale contribuiu para fortalecer o protagonismo e ascensão da mulher junto a sociedade, em uma época em que as mulheres não tinham muitos direitos. Em 1846, A tecelã Eliza Brierley²⁷, após lutar para se tornar membro de pleno direito de voz e voto

²⁷ Eliza era casada e aparentemente com um dos sócios da cooperativa. Não se pode precisar que eram os pioneiros fundadores, visto que Holyoake identifica o sr. John Brierley, vinte e três anos após a fundação atuando como

da Sociedade Cooperativa dos Probos de Rochdale, foi a primeira mulher que se tem registrado, a integrar como sócia ao movimento na cooperativa da Inglaterra. Com sua determinação em contribuir e participar ativamente na sociedade, conseguiu forjar a aceitação pelos homens associados para que tivesse os mesmos direitos. Desde então até os dias atuais o cooperativismo acolhe e agrega ao empoderamento feminino contribuindo para construir um mundo melhor para as mulheres, nesta causa que atualmente, não somente na esfera das sociedades cooperativas, é tarefa persistente nas instâncias políticas e sociais das questões ligadas à equidade de gênero.

A adesão das mulheres ao movimento cooperativista²⁸ a partir do exemplo de Eliza Brierley é muito potente e de extrema importância para o seu sucesso. Os resultados do Anuário do Cooperativismo Brasileiro²⁹ de 2022 revelam que, em 2021, as mulheres representaram 40% do quadro social das cooperativas, enquanto os homens corresponderam a 60%. Esses números se mantiveram relativamente estáveis em comparação com os anos anteriores, indicando uma persistente disparidade de gênero. Em 2020, a representatividade feminina também foi de 40%, enquanto em 2019, as mulheres correspondiam a 38% do quadro social.

Embora seja positivo observar um aumento gradual da participação feminina no ambiente cooperativista, os dados mostram que ainda há uma desigualdade significativa em relação aos homens. A falta de equidade de gênero pode ser resultado de diferentes fatores, como barreiras culturais, estereótipos de gênero e falta de oportunidades igualitárias. No entanto, é importante ressaltar que a valorização da mulher se limitava ao seu papel tradicional no lar e na família. Essa visão reflete a cultura da época, em que as mulheres eram vistas principalmente como responsáveis por servir ao lar, constituir família e organizar as atividades domésticas.

Embora houvesse uma efervescência de mudanças sociais na Europa, é evidente que o protagonismo feminino não recebeu o devido reconhecimento naquela época. Ainda

secretário. As percepções e o contexto social da época podem indicar que sim. Ela sofreu também com o encerramento de operações fabris na Inglaterra. Disponível em: <https://www.thenews.coop/37434/topic/equality/co-operatives-are-building-better-world-women/>. Acesso em: 20 out. 2022.

²⁸ No mundo, em média, as mulheres representam cerca de 29% do quadro social de cooperativas. No Brasil, as mulheres representam aproximadamente 40% do quadro social das cooperativas. Disponível em: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA (FAO). The State of Food and Agriculture 2020: Overcoming Water Challenges in Agriculture. Rome: FAO, 2020. Disponível em: <http://www.fao.org/3/ca9692en/CA9692EN.pdf>. Acesso em: 31 de mar. 2023; INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cadastro Central de Empresas 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/industria/9221-cadastro-central-de-empresas.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 31 mar. 2023.

²⁹ <https://anuario.coop.br/brasil/cooperados>. Acesso em: 31 mar. 2023.

prevaleciam as ideias arraigadas sobre os papéis de gênero, que relegavam as mulheres a um papel secundário na sociedade.

No entanto, é importante estabelecer uma conexão com a realidade atual e refletir sobre como o tratamento da mulher na sociedade tem evoluído ao longo do tempo. Nas últimas décadas, houve um crescente movimento de empoderamento feminino, com mulheres assumindo papéis de liderança em diversos setores, inclusive no campo cooperativista.

Atualmente, as mulheres têm conquistado espaços e alcançado avanços significativos em diferentes áreas, incluindo a política, a economia, a ciência e a cultura. Essa conquista é resultado de um processo de luta e resistência contra as desigualdades de gênero, que ainda persistem em diversas esferas da sociedade.

No campo do cooperativismo, as mulheres têm se engajado ativamente, contribuindo de forma relevante para o sucesso dessas organizações. Além de desempenharem papéis-chave como consumidoras conscientes, elas também ocupam cargos de liderança e participam ativamente das tomadas de decisão.

No entanto, ainda há desafios a serem enfrentados. A desigualdade de gênero persiste em muitas áreas, incluindo no âmbito cooperativista. As mulheres ainda enfrentam barreiras e estereótipos que limitam suas oportunidades de participação plena e igualitária.

É fundamental que as organizações cooperativistas continuem promovendo a inclusão e o empoderamento das mulheres, por meio de políticas de equidade de gênero, promoção da liderança feminina e garantia de igualdade de oportunidades. Somente assim será possível alcançar uma sociedade mais justa, em que as mulheres possam desempenhar plenamente seu potencial e contribuir de forma significativa para o desenvolvimento coletivo. Como já foi dito anteriormente o desafio de consolidar este diagnóstico acerca da idealização dos princípios de Rochdale e todas as suas conexões possíveis aos temas da sociedade permanece. Contudo, seu arcabouço histórico retrata como inspirações, ideias e experiências vivenciadas conjuntamente naquela época forjam não somente a organização de outras cooperativas, como contribui para sua perpetuação.

Esparsos são os relatos reunidos acerca dos primeiros fundadores ³⁰ da sociedade detalham suas contribuições e ainda qualificações para empreenderem a cooperativa. Como esta

³⁰ Os notáveis pioneiros foram retratados por diversos autores, especialmente os ingleses. O próprio J. G. Holyoake (1969) faz menção aos “célebres vinte e oito” retratando sua fama universal. A lista completa dos nomes em ordem alfabética, apresentados por Holyoake são: Benjamim Jordam, Jayme Smithies, Carlos Howarth, William Cooper, David Broocks, John Collier, Samuel Ashworth, Miles Ashworth, William Mallalien, Jamie Tweedale, Jayme Daly, John Bent, John Kerhau, John Scowcroft, Jayme Maden, Jaime Standring, Jaime Manock, José Smith, William Taylor, Roberto Taylor, Benjamin Reedman, Jayme Wilkinson, John Garside, Jorge Harley, Samuel Teewdale, John Hill e John Holt, Joseph Smith (HOLYOAKE, 1968, p. 57).

especificidade retrata mais sobre o perfil de cada um, e considerando os olhares desta pesquisa, me ative em apenas descrevê-los. A fotografia histórica da Figura 2, retrata os pioneiros subjacentes retratando anos mais tarde após o surgimento da cooperativa e dado seu crescimento e difusão, a realidade de apenas homens assumindo a visibilidade e as posições de liderança na representatividade da sociedade. Nessa imagem, é possível observar apenas 13 dos 28 primeiros membros da sociedade. Essa representação visual evidencia a realidade da época, em que apenas homens assumiam a visibilidade e ocupavam as posições de liderança na sociedade.

A cultura da fotografia naquele período refletia as normas sociais e as desigualdades de gênero presentes na sociedade. A prática fotográfica era predominantemente dominada por homens, tanto na produção quanto na representação das imagens. Os estúdios fotográficos eram, em sua maioria, operados por homens, que detinham o conhecimento técnico e artístico da fotografia.

Além disso, a seleção de pessoas para serem fotografadas e registradas também era influenciada pelas normas e convenções sociais da época. As fotografias frequentemente retratavam figuras masculinas, que eram consideradas as autoridades e os líderes nas diferentes esferas da sociedade. Isso refletia a visão dominante de que os homens eram os protagonistas e detentores do poder em diversos setores da vida pública.

Figura 2 – Fotografia oficial feita em 1865, que ocorreu 21 anos depois da fundação da sociedade, com apenas 13 dos 28 primeiros membros da sociedade



Fonte: site Cooperativismo de crédito (2001).

A ausência de mulheres na fotografia oficial da sociedade cooperativa nessa época é um reflexo das barreiras e limitações enfrentadas pelas mulheres para acessar espaços de poder e

liderança. Elas muitas vezes eram excluídas dessas posições e subrepresentadas nas imagens fotográficas, o que perpetuava a ideia de que o papel das mulheres estava confinado ao ambiente doméstico e familiar.

É importante ressaltar que a cultura da fotografia evoluiu ao longo dos anos, acompanhando as mudanças sociais e as lutas por igualdade de gênero. Atualmente, há uma maior conscientização sobre a importância da representatividade e diversidade nas imagens fotográficas, buscando dar voz e visibilidade às mulheres e a outros grupos marginalizados.

Essa reflexão sobre a cultura da fotografia naquela época nos leva a reconhecer a necessidade contínua de promover a igualdade de gênero e o empoderamento feminino, não apenas no contexto cooperativista, mas em todas as esferas da sociedade. A inclusão e a representatividade das mulheres são essenciais para construir um mundo mais equitativo, em que todos tenham oportunidades iguais de participação e liderança.

Diante deste entorno, é importante perceber que a história da cooperativa pioneira e como entender Rochdale pode ser um terreno contestado. A versão de J. G. Holyoake dos acontecimentos deixa muitas lacunas sobre o contexto e a luta interna dentro do movimento britânico durante a maior parte do século. Tempo este que refletiu uma luta ideológica mais ampla de ideias como a economia clássica, que foi substituída pela economia neoclássica e o início da ideia de uma sociedade de consumo - muito à frente de um centro da agenda do que considero a tendência reacionária e reformista que havia vencido no setor cooperativo britânico até o final do século XIX. Mesmo quando não contestada pela história, o papel de uma cooperativa moderna seja qual for o segmento hoje é visto de forma muito diferente nos vários silos econômicos que representam o agregado da atividade cooperativa. Por esta razão é muito desafiador precisar cada movimento, suas origens e ideais constitutivos.

Ao que pude investigar, considerando todas as ponderações abordadas, os princípios de Rochdale podem ser reunidos da seguinte forma:

1. Haveria democracia na sociedade, para cada sócio um voto;
2. A sociedade seria aberta para quem quisesse participar, desde que integrasse a cota de capital mínima igual para todos;
3. Qualquer dinheiro investido na cooperativa seria remunerado por uma taxa de juro, mas não daria a seu possuidor qualquer direito adicional de decisão;
4. Tudo que sobrasse da receita, deduzidas todas as despesas, inclusive o juro, seria distribuído entre os sócios em proporção às compras que fizessem na cooperativa;
5. Todas as vendas seriam à vista;
6. Os produtos vendidos seriam sempre puros e de qualidade;
7. A sociedade deveria promover a educação dos sócios nos princípios do cooperativismo;
8. A sociedade seria neutra política e religiosamente (HOLYOAKE, 1972; PINHO, 1996; SCHNEIDER, 2012).

Diante do que foi apresentado, esta é a base da ideologia do cooperativismo que Pinho (1996, p. 13) chamou de comportamento cooperativo nas diversas formas de capitalismo e socialismo; Holyoake (1972) denominou de doutrina puramente cooperativa, Schneider (2012) reconhece como uma filosofia coletivista, amparada nesta doutrina do cooperativismo; Gide (1987) sistematizou como doutrina cooperativa como apresentado no capítulo anterior, e que nesta tese qualifico como a teoria do *ethos do cooperativismo*, traçando um mapa para ponderar sobre este ideário contido nos princípios de Rochdale por novas reflexões contemporâneas, incluindo a minha própria subjetivação sobre o tema.

Conforme Pinho (1996) analisou, este ideal cooperativista visou principalmente promover o espírito da cooperação manifestada nestes temas acima descritos, e que somado aos valores da solidariedade, democracia, igualdade e equidade, revelam uma tradição que muito antes do pioneirismo da Sociedade de Rochdale já ecoava nas reivindicações e manifestações das sociedades marginalizadas resultantes do industrialismo europeu, como já vimos anteriormente. Todavia, desponta-se que,

A singularidade de Rochdale pode ter tido algo a ver com a combinação particular de regras que seguiu ou a eficácia com que foram implementadas; mas também, o significado de Rochdale estava ligado à sua abordagem geral, visão de longo alcance e conjunto de valores. Os Pioneiros de Rochdale inspiraram as pessoas porque evidenciavam o idealismo filosófico no contexto de uma cooperativa comercialmente bem-sucedida. Suas regras específicas estavam situadas neste campo mais amplo de ideias, e a visão maior é o que se mostrou impossível de capturar em listas concisas de regras e princípios. (FAIRBAIN, 1994, p. 22).

Não somente na Inglaterra, mas em outras partes da Europa, outros³¹ foram pioneiros de ideias cooperativas para combater a pobreza e os desajustes sociais resultando na criação de inúmeros outros sistemas e ramos de cooperativas.

Aplicado a todos estes fatores, a cooperação funcionou, portanto, como uma âncora a respaldar e instrumentalizar a prática das ações das sociedades cooperativas e para o entendimento desta tese corrobora nas compreensões saber como este comportamento humano foi o elo fundamental que possibilitou a perpetuação do movimento e lhe conferiu a aparente vitalidade.

³¹ Cada qual com suas características e necessidades dos seus públicos prioritários, na Alemanha Friedrich Wilhelm Raiffeisen e Hermann Schulze-Delitzsch desenvolveram ideias que levou a cooperativas de poupança e crédito. Wilhelm Haas é considerado o meio termo entre os princípios de Raiffeisen e Delitzsch na Alemanha. Luigi Luzzati modificando os exemplos anteriores aprimorou sua visão para cooperativas de crédito na Itália. Daí proliferaram-se diversos outros ramos de cooperativas de crédito na Europa e em todo mundo. Mladenatz (2003) traz detalhes em sua obra sobre cada um deste outros sistemas pioneiros do cooperativismo que se desenvolveram alguns muito próximos ao modelo de Rochdale e outros tempos depois.

Schneider (2012), que é um dos estudiosos do cooperativismo no Brasil, reconhece também o coletivismo da classe trabalhadora britânica que protagonizou a manifestação e elevação dos valores sociais e que hoje demarcam uma típica característica cooperativista,

A doutrina cooperativa situa-se na linha do dever ser, não numa dimensão impositiva, mas como um apelo às consciências, próprio da educação em prol da solidariedade, para se optar por uma proposta comportamental na sua atividade econômica e social, que conduza a uma sociedade e a um sistema econômico alternativo, mais solidário, justo, autônomo, democrático e participativo. O elenco de valores, princípios e normas que tal doutrina propõe é um paradigma que ajuda a orientar a ação dos cooperadores no seu empenho em prol da realização dos objetivos da cooperação. (SCHNEIDER, 2012, p. 254).

Isto implica dizer que apesar destes temas abordados nos princípios cooperativos serem percebidos em outras entidades e organizações, são as organizações cooperativas que os adotam em seu conjunto, como um sistema integral, dando-lhe coerência interna e uma expressão definitiva (SCHNEIDER, 2012, p. 256). É, essencialmente, no cruzamento destes elementos e na hibridação sociocultural integrada por estes princípios e as pessoas envolvidas, que vislumbro análises que podem ser amplamente discutidas e mais bem contextualizados.

4.2 O ideal dos princípios de Rochdale por um olhar contemporâneo

Dada a diversidade cultural que emergem na atualidade, e por ser provocado no âmbito do programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, ainda que não tenha abordado nos referencias teóricos, epistemologias outras me atravessam. Recorro, então ao conceito de performance³² problematizado por Schechner (2006) para ponderar acerca do elenco destes valores característicos e sua ideação no cooperativismo (aqui referindo-me aos sentidos e relações que se fazem perceber no movimento, tais como: vida em sociedade, participação na comunidade, bens e serviços, ética nos negócios, respeito entre as pessoas, cidadania, dentre outros). Como atribuir a estes princípios relações que se estabelecem entre as pessoas com suas realidades cotidianas distintas?

³² Para a antropologia uma performance pode ser definida como toda e qualquer atividade de um determinado participante em uma certa ocasião, e que serve para influenciar de qualquer maneira qualquer dos participantes. Tomando um participante em especial e sua atuação como ponto básico de referência, podemos nos referir a aqueles que contribuem para as outras performances como o público, os observadores, os outros participantes. O padrão pré-estabelecido da ação desenvolvida durante uma performance e que pode ser apresentada ou encenada em outras ocasiões podem ser chamada de “parte” ou de “rotina”. Estes termos situacionais podem facilmente ser relacionados com casos de estrutura convencional (SCHECHNER, 2011).

Primeiro, ao identificar o cooperativismo como performance da vida entrelaçadas, estou marcando seus simbolismos e viesses fortemente ligados à cultura de sua época, e reconhecendo nos pioneiros de Rochdale a manifestações de rituais³³, num senso de coletividade e ações de uma vida cotidiana, para a fundação de uma organização cuja causa foi servir a seus objetivos sociais e interesses comuns, ou seja, uma cidadania empresarial. No tocante ao ritual, estão ao centro as subjetividades humanas,

O sujeito ritual, seja ele individual ou coletivo, permanece num estado relativamente estável mais uma vez, e em virtude disto tem direitos e obrigações perante os outros de tipo claramente definido e “estrutural”, esperando-se que se comporte de acordo com certas normas costumeiras e padrões éticos, que vinculam “os incumbidos de urna posição social, num sistema de tais posições. (TURNER, 1974, p. 117).

Encapsulando este conceito aos princípios de Rochdale, verifica-se que, por meio de ações econômicas e sociais concretas, que estes desempenharam papéis para sociedade da época e para outras tantas, inclusive às sociedades do porvir. O cooperativismo desperta então formas de trabalho igualitárias para troca de bens e serviços diretamente uns com os outros, sem intermediários, eliminando assim a exploração do estilo capitalista como uma das maneiras de recompensar o esforço e trabalho de forma justa (SCHNEIDER, 2012; FAIRBAIRN, 1994).

Segundo, que a compreensão dos princípios como afetos amplamente relacionados ao cotidiano das pessoas e ao desenvolvimento do cooperativismo permite ratificar e aqui, parafraseando Holyoake (1972, p.12), que a experiência coletiva dos princípios cooperativos de Rochdale enaltecem a cooperação, e esta é como um telescópio necessário para milhares de pessoas, possibilitando que se conectem, se percebam e assim possam conviver.

E depois, é fundamental ponderar para este estudo que essa tradição dos princípios rochdeleanos implicam no que Schechner (2006), atribuiu ser um comportamento restaurado³⁴, à medida que estes dão formas e estruturas às pessoas diretamente envolvidas nas sociedades cooperativas. As performances vividas pelos pioneiros são comportamentos marcados por um ritual e regras que produzem nas pessoas e nos seus envolvidos um senso de pertencimento e identificação. Logo estes princípios ao reproduzirem estes mesmos feitos nas relações que se estabelecem tanto nas cooperativas como nas atividades do cotidiano de seus envolvidos fazem

³³ O conceito antropológico de “sujeito ritual” de Victor Turner (1974) relaciona-se à demonstração de um ambiente simbólico materializado de representatividades constituintes do indivíduo. São os ritos de passagem, que abrangem tanto os comportamentos que simbolizam a participação social de um indivíduo, como suas características dentro de uma sociedade que o estruturam.

³⁴ Comportamento restaurado: ações físicas, verbais ou virtuais, que não são pela primeira vez, que são preparadas ou ensaiadas. Uma pessoa pode não estar ciente que ele ou ela desenvolve uma porção de comportamento restaurado. Também conhecido como comportamento duas vezes vivenciado (SCHECHNER, 2006).

destes comportamentos, expressões que se instauram para gerar significado para si, seu “eu”, ou estabelecer perspectivas para outrem. Estas relações são o principal interesse aqui e no próximo capítulo serão detalhados como se desdobram na configuração do *ethos* do cooperativismo.

Percebidos nesta dinâmica, os princípios cooperativos de Rochdale denominados por Holyoake (1972) como “regras de ouro”, além de servir como herança tanto nos países desenvolvidos, especialmente nos nórdicos, quanto nos países em desenvolvimento, nas mais diversas formas de economia, entendo que se articulam a pelo menos duas das funções que a performance visa representar na teia social: formar ou modificar uma identidade; e construir ou educar uma comunidade (SCHECHNER, 2006).

E, a partir desse entendimento alcança-se o que hoje se entende por cidadania empresarial. Assim, a cidadania empresarial é um conceito que se refere à capacidade das empresas de assumir a responsabilidade pelos impactos de suas atividades na sociedade e no meio ambiente, buscando contribuir para o desenvolvimento sustentável e para o bem-estar das comunidades em que estão inseridas, envolvendo não apenas a preocupação com a geração de lucro, mas também com a promoção de valores éticos, sociais e ambientais (MACHADO FILHO, 2006).

De igual modo como no cooperativismo, a cidadania empresarial pressupõe uma atuação de forma ética e transparente, respeitando os direitos humanos, promovendo a igualdade e a diversidade, e contribuindo para a preservação do meio ambiente, podendo ser promovida por meio de diversas ações, como programas de voluntariado, projetos sociais, investimentos em pesquisa e desenvolvimento de tecnologias sustentáveis, e promoção da cultura local (ASHLEY, 2005). Além disso, as empresas podem adotar políticas de responsabilidade social e ambiental, comprometendo-se com metas e práticas sustentáveis. No contexto do cooperativismo, a cidadania empresarial pode ser vista como uma extensão da responsabilidade social cooperativa, uma vez que as cooperativas também são empresas que assumem a responsabilidade pelos impactos de suas atividades na sociedade e no meio ambiente, buscando contribuir para o desenvolvimento sustentável e para o bem-estar das comunidades em que atuam

Assim, a cidadania empresarial refere-se à responsabilidade social corporativa, que é o conjunto de ações que as empresas podem adotar voluntariamente para contribuir para a melhoria da sociedade e do meio ambiente em que estão inseridas. Embora não haja uma lista exaustiva de direitos pela cidadania empresarial, algumas das principais ações que as empresas podem realizar incluem: a) respeitar os direitos humanos e trabalhistas; b) contribuir para o

desenvolvimento sustentável; c) apoiar a comunidade local; d) praticar a transparência e a ética; e) incentivar a diversidade e a inclusão. Destacando-se que a cidadania empresarial é uma escolha voluntária das empresas e não está diretamente relacionada a direitos de cidadania.

Portanto, provocado por estas ponderações contemporâneas, considero respectivamente que, um dos significados destes princípios para a vida cotidiana hoje é que eles forneceram um projeto para outras sociedades imitarem, fornecendo a base para um empreendimento cooperativo sustentável, visto que atraiu a atenção e adesão das classes trabalhadoras a partir do século XIX. E, enquanto iam se tornando um padrão a ser seguido e proporcionando elevação das classes menos favorecidas, foram “aceitos” por toda a sociedade, por meio da educação de seus adeptos nestes mesmos princípios (WEBSTER *et al.*, 2013, p. 42).

Neste aspecto, destacam-se temas contidos nestes princípios tais como interesse pela comunidade local e educação por meio da cooperação, que não estão totalmente explícitos nas regras, mas despontam nos desdobramentos que pude averiguar. Desta forma quando geram oportunidades de trabalho e renda e visam equalizar a distribuição de riqueza operam, também como catalizadores tanto moral, social como cultural (HOLYOAKE, 1972; SCHNEIDER, 2012; WEBSTER *et al.*, 2013)

Em uma análise mais profunda, um outro aspecto é que própria ideia da vida cotidiana e sua intervenção nesse conceito podem parecer extremamente problemáticos. Acredito que as condições da década de 1840 na Grã-Bretanha tem mais do que apenas uma relevância passageira para a vida cotidiana para cerca de 80% da população global hoje. Estes eram os “quarenta famintos” de acordo com o historiador social inglês G.D.H Cole, pois havia poucos direitos humanos, sem participação com voto, sem bem-estar ou acesso à educação, e a organização sindical mal era legal e ainda estava sujeita a restrições legais muito repressivas. De fato, a escravidão só havia sido ilegal no Reino Unido dez anos antes da fundação da cooperativa Rochdale em 1844, então, se enfrentavam resquícios de uma cultura massacrante instaurada.

No entanto, há duas diferenças significativas então e agora. Em primeiro lugar, a importância econômica dos trabalhadores artesanais, mesmo nos os estágios iniciais da revolução industrial foram praticamente eliminados pela gestão científica e agora pela robótica. A segunda é que a vida cotidiana não é a mesma que a *experiência cotidiana*, a última é manipulada e gerenciada globalmente por uma elite cultural e tecnocrática hoje que não poderia ter sido sonhada em 1844. Em vez de pães e circos temos McDonalds e Netflix. A vida cotidiana é gerenciada e observada através de uma teia de tecnologias de vigilância e comunicação. Volto meus olhares para meus grupos focais de jovens intelectuais para extrair dos seus discursos e

considerações uma contribuição que seja importante a fazer para a questão: como um movimento cooperativo tendo este perfil transformador pode ser lançado e superar a tecnologia de manipulação e repressão para engajar e mobilizar o povo?

Minha própria resposta, portanto, é que devemos desenvolver não apenas uma cultura de diversidade, mas uma cultura unificadora ou ideologia de cooperação que, por si só, exigirá uma ampla estética difundida, bem como expressão política para ganhar terreno e é aqui no terreno estético onde suspeito que a mistura e a reação à mistura cultural possam fazer uma contribuição ainda poderosa. Linguagem, história, artefatos e práticas religiosas e outras ações culturalmente específicas, como as que aqui já foram problematizadas são apenas o pano de fundo para que a adoção de valores compartilhados sejam manifestos. Isso quando esses valores compartilhados se tornam reconhecidos como compartilhados. Por causa disso, a importância em mapear e refletir sobre a percepção que os participantes da pesquisa têm sobre estes princípios.

4.3 Aliança Cooperativa Internacional e identidade cooperativa

A formação da Aliança Internacional Cooperativa³⁵ (ACI) em 1895 deu novo impulso à discussão das regras ou princípios de Rochdale. Isso porque “à medida que as cooperativas tentavam construir estruturas internacionais, elas eram enfrentadas cada vez mais com a questão do que faz uma cooperativa diante do cenário de instabilidades econômicas e novas conjunturas socioculturais (FAIRBAIN, 1994, p. 22)

Para Mladenatz (2003), o estudo do pensamento cooperativo pode ser facilitado pela exposição dos esforços realizados e que ainda continuam, para se criar uma organização única no sentido de se organizar a história do pensamento cooperativista. Esta não é, no entanto, uma invenção moderna. Ao apresentar de antemão os precursores do movimento, indiquei que Robert Owen já considerava uma organização mundial para o cooperativismo. A associação de todas as classes e todas as nações (*association of all classes off all nations*) é um exemplo disso.

³⁵ A Aliança Cooperativa Internacional une, representa e serve cooperativas em todo o mundo. Fundada em 1895, é uma das mais antigas organizações não-governamentais e uma das maiores medidas pelo número de pessoas representadas: 1 bilhão de cooperados no planeta. É o órgão máximo que representa as cooperativas, que são estimadas em cerca de 3 milhões em todo o mundo, fornecendo uma voz global e um fórum para conhecimento, experiência e ação coordenada para e sobre as cooperativas. Disponível em: <https://www.ica.coop/en/about-us/international-cooperative-alliance>. Acesso em: 1º abr. 2019.

Embora esse projeto não teve continuidade a ideia não se perdeu, mas foi lentamente sendo formatada.

Neste sentido, as concepções balizares da escola de Nímes, liderada por Charles Gide, foram um importante começo nas discussões em torno dos interesses da internacionalização do cooperativismo. Destacam-se nos fóruns cooperativos independentes realizados, as argumentações que podem ser consideradas a primeira proposta concreta,

Nós queremos hoje em dia levar adiante sua obra alargando-a. Queremos fundar entre os cooperativistas franceses e ingleses uma liga internacional cujo projeto congresso já foi favoravelmente acolhido pelo Congresso de Plymouth. Essa aliança cooperativa, voltada para a resolução de forma progressista e pacífica de todas as questões sociais. [...] Ela demonstrará o que pode produzir a associação com o objetivo do bem de todos, sem distinção de classes, de crenças, de raças. Ela demonstrará, enfim, que o cooperativismo, ao mesmo tempo em que se ocupados problemas cotidianos, pode se elevar até os cumes sociais mais altos. (HALBERSTD, 1924 *apud* MLANDATZ, 2013, p. 141).

Considerável dizer que, conquanto seja um ideal perseguido, a ACI não abarca todas as cooperativas existentes no mundo. Muito embora haja um esforço de formalização com fins de regulação identitária e institucional, sabe-se de empreendimentos cooperativos independentes e que se situam por sua própria experiência e entendimento, absorvendo e utilizando apenas os interesses normativos e fiscais que lhes dispõe. Contudo, é relevante o que a Aliança Cooperativa Internacional, que reúne grande parte das cooperativas “oficiais” de todos os países, ainda em 1995 tenha reafirmado os princípios gerais do cooperativismo em termos essencialmente idênticos aos da economia solidária, fornecendo elementos para acreditar que, apesar dos indícios de degeneração de muitas cooperativas, a maioria delas mantém-se fiel ao espírito dos Pioneiros Equitativos de Rochdale.

O ano de 1895 marca o momento em que o cooperativismo ganhou evidência mundial com a criação da Aliança Cooperativa Internacional, que se funda em Londres, Inglaterra, em 19 de agosto, durante o 1º Congresso Cooperativo integrado. Estiveram presentes delegados de cooperativas da Argentina, Austrália, Bélgica, Inglaterra, Dinamarca, França, Alemanha, Holanda, Índia, Itália, Suíça, Sérvia e EUA. Representantes estabeleceram o objetivo da Aliança Cooperativa Internacional de fornecer informações, definir e defender os princípios cooperativos e desenvolver o comércio internacional (BANCEL *et al.*, 2015). Dentre eles, o importante papel de ser a guardiã da declaração sobre a identidade cooperativa, que inclui uma definição, 10 valores e 7 princípios operacionais: é esta premissa que se versa como o denominador comum mínimo para todas as cooperativas em todos os setores e todas as regiões.

Schneider (2012, p. 259) enfatiza que os princípios “sofreram algumas modificações, mas sem descaracterizar o modelo rochdaleano, num esforço de adequá-los às peculiaridades de cada época”. E até que se chegasse a uma convenção dos temas definitivos dos princípios cooperativos, tensões e debates permearam os congressos em 1937, em Paris; em 1966, em Viena; para então, em 1995, no da ACI ser definirem os Princípios do Cooperativismo em temas fundamentais.

Nesta mesma direção, Bancel *et al.* (2015) realçam que enquanto os princípios foram reformulados e reafirmados, sua essência permaneceu, pois eles são os princípios orientadores pelos quais a identidade e valores cooperativos são trazidos à vida nas operações do dia a dia de uma cooperativa. A Figura 3 mostra um comparativo das modificações apuradas apresentando a evolução dos princípios que precederam a formação oficial de 1995,

Figura 3 – Quadro de evolução dos princípios de Rochdale aos princípios do cooperativismo

Estatuto de 1844 (Rochdale)	Congressos da Aliança Cooperativa Internacional		
	1937 (Paris)	1966 (Viena)	1995 (Manchester)
1. Adesão Livre 2. Gestão Democrática 3. Retorno pró-rata das Operações 4. Juro Limitado ao Capital investido 5. Vendas a Dinheiro 6. Educação dos Membros 7. Cooperativização Global	a) Princípios Essenciais de Fidelidade aos Pioneiros 1. Adesão aberta 2. Controle ou Gestão Democrática 3. Retorno Pró-rata das Operações 4. Juros Limitados ao Capital b) Métodos Essenciais de Ação e Organização 5. Compras e Vendas à Vista 6. Promoção da Educação 7. Neutralidade Política e Religiosa.	1. Adesão Livre (inclusive neutralidade política, religiosa, racial e social) 2. Gestão Democrática 3. Distribuição das Sobras: a) ao desenvolvimento da cooperativa; b) aos serviços comuns; c) aos associados pró-rata das operações. 4. Taxa Limitada de Juros ao Capital Social 5. Constituição de um fundo para a educação dos associados e do público em geral 6. Ativa cooperação entre cooperativas em âmbito local, nacional	1. Adesão Voluntária e Livre 2. Gestão Democrática 3. Participação Econômica dos Sócios 4. Autonomia e Independência 5. Educação, Formação e Informação 6. Interooperação 7. Preocupação com a Comunidade

Fonte: formulado pelo autor, com base em Tenório Filho (1999) e Pinho (2016).

Isto posto, a partir daqui irei aprofundar alguns dos aspectos destes princípios tendo como base a formulação oficial internacional de Manchester (1995) consolidadas em sete princípios, que a partir de Rochdale conhecidos como Princípios Universais do Cooperativismo. Assim, busco mapear e compreender ainda mais sobre a aplicabilidade de novas semânticas contidas nestes princípios pelas lentes dos estudos contemporâneos.

Sobre aplicabilidades refiro-me a experiência humana em si, que se traduz em signos, um imenso sistema de signos. Neste sentido, também compreendido como a cultura, organiza-

se o processo da vida em sociedade ao criar as regras imprescindíveis à tradução de informações em novos signos, que são armazenados ou reinterpretados quando novas demandas surgem. Em outras palavras, a cultura também é um sistema de armazenamento, processamento e transferência de informação. De acordo com Bancel *et al.* (2015), os princípios do cooperativismo estão distribuídos em sete premissas:

Quadro 1 – Princípios Universais do Cooperativismo

Princípio	Descrição
1º Princípio: Adesão voluntária e aberta.	Cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas capazes de usar seus serviços e disposto a aceitar as responsabilidades de membro, sem distinção de gênero, social, racial, discriminação política ou religiosa.
2º Princípio: Controle Democrático de Membros.	As cooperativas são organizações democráticas controladas por seus membros, que ativamente Participam democraticamente na definição de suas políticas e na tomada de decisões.
3º Princípio: Participação Econômica do Membro.	Os membros contribuem equitativamente e controlam democraticamente o capital é propriedade comum da cooperativa.
4º Princípio: Autonomia e Independência	As cooperativas são organizações autônomas de autoajuda controladas por seus membros.
5º Princípio: Educação, Treinamento e Informação	As cooperativas oferecem formação para seus membros, representantes eleitos, gerentes e colaboradores para que possam contribuir efetivamente para o desenvolvimento do cooperativismo.
6º Princípio: Cooperação entre Cooperativas	As cooperativas servem seus membros de maneira mais eficaz e fortalecem o movimento cooperativo, trabalhando juntos por meio de estruturas locais, nacionais, regionais e internacionais.
7º Princípio: Preocupação com a Comunidade	Cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentável de suas comunidades por meio de políticas aprovados por seus membros.

Fonte: traduzido pelo autor de Bancel (2015).

Como anunciam os princípios há um território cultural de democracia e liberdade que, em meio aos vieses eurocêntricos fortemente marcados pelo individualismo e competitividade capitalista propõe romper com os desvios sociais existentes, tais como desemprego, vulnerabilidades sociais, exclusão social, preconceitos contra a mulher e os assalariados, dentre outros que afetam a dignidade do ser humano. Razão pela qual se constituíram por meio da autogestão e da associação o que marca uma distinção peculiar ao sistema cooperativista. Em primeira análise é possível encontrar nos princípios do cooperativismo uma visão de cultura amplamente inclusiva, visto que estes dialogam com as nuances do cotidiano trazendo o indivíduo para uma mesma perspectiva quanto sua importância e posição social no mundo.

Dessa forma, a associação entre o entendimento da cidadania empresarial e um plano de benefícios pode ser muito relevante para as empresas que desejam desenvolver uma estratégia de responsabilidade social corporativa mais abrangente e efetiva. Um plano de benefícios pode ser uma forma de as empresas demonstrarem seu compromisso com a melhoria da qualidade de vida de seus funcionários e suas famílias, bem como com a comunidade em que estão inseridas.

Retomando alguns pormenores, Watkins (1970, p. 49 *apud* FAIRBAIRN, 1994, p. 22) menciona que,

Tanto o congresso de Londres de 1895 quanto o congresso de Paris no ano seguinte afirmaram que a ACI não se preocuparia com política ou religião; o congresso de Paris adotou regras que incluíam a declaração: “A cooperação é um terreno neutro em que as pessoas que têm as mais variadas opiniões podem reunir-se e agir em comum. A cooperação é autossuficiente e não deve servir como o instrumento de qualquer parte.

Percebe-se que a definição do 1º princípio sobre adesão voluntária e aberta, por exemplo, constam vários outros enunciados da matriz dos pioneiros (especificamente os itens 1, 2 e 8) e que de fato o que se quer evidenciar é o discurso da cooperação, que ao expressar o movimento do cooperativismo, incorpora o caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso e que nestes trechos citados evidenciam um princípio fundamental: o da cooperação.

Em uma análise enunciativa, recorri à Possenti (2004) para entender que o universo de discursos contidos nos princípios cooperativos da ACI revela, no interior da formação discursiva, que cada enunciador envolvido na elaboração, problematização e atribuição dos temas trazem à tona a subjetividade contida nas palavras e nas épocas em que foram compostas, e se expressam entre aquilo que está *dito*, *interdito* e o *não-dito*. Como nos explica o autor, perceber estas variações trata-se de,

[...] explicitar outro aspecto deste processo que se faz aos poucos: colocar fronteiras entre o que é “selecionado” e o que não é selecionado não é excluir apenas o não-dito, mesmo no sentido explicitado, mas consiste, principalmente, em assinalar essa “seleção” de alguma forma (...) o discurso se constrói de fato por este processo de enunciação. (POSSENTI, 2004, p. 377).

Para se verificar estas variações, cabe apresentar alguns trechos de discursos provenientes das formulações dos princípios cooperativos. Tomemos como exemplo trechos de comentários ao 1º princípio apresentado por Bancel *et al.* (2015), no Guia dos princípios cooperativos, publicado pela ACI:

Acerca da questão da discriminação (1),

A Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas e a Internacional de 1966 e o Pacto de Direitos Cíveis e Políticos assume uma forma semelhante. A sociedade mudou desde que os Princípios Cooperativos foram reformulados pela última vez em 1995. Há uma tendência global bem-vinda para celebrar a diversidade humana e um compromisso crescente ao direito à igualdade de tratamento para todas as pessoas. Em “sem discriminação”, o princípio impõe às cooperativas o dever de enfrentar o desafio de incluir todas as pessoas na adesão, um desafio que é particularmente agudo em países e culturas onde discriminação com base em crença religiosa, etnia ou raça, gênero ou orientação é uma norma cultural (BANCEL *et al.*, 2015, p. 10).

Quanto a neutralidade política e religiosa (2),

Considerando que o mundo cooperativo contém pessoas de todas as seitas religiosas, e de todos os partidos políticos, é unanimemente resolvido que os cooperadores como tais, não são identificados com quaisquer dogmas religiosos, irreligiosos ou políticos de qualquer; nem as do Sr. Owen nem de qualquer outro indivíduo [...] Da mesma forma, as Regras de Conduta de 1860 dos Pioneiros de Rochdale incluíam um parágrafo introdutório que dizia: “O presente movimento cooperativo não pretende se intrometer nas várias diferenças religiosas ou políticas que agora existem na sociedade, mas por um vínculo comum, nomeadamente o do interesse próprio, reunir as energias dos meios e os talentos de todos para o benefício comum de cada um”. Este princípio de neutralidade política e religiosa foi mantido em cada revisão e reformulação destes Princípios Cooperativos (BANCEL *et al.*, 2015, p. 10).

Fairbain (1994), em seu estudo sobre o significado de Rochdale nos ajuda a entender que de um modo geral, embora os princípios digam que as cooperativas "deveriam" fazer isso e "deveriam" fazer aquilo, estes incorporam um discurso predominante ao serem apresentados como princípios universais e "inseparáveis" de que "todos possuem autoridade igual" e "devem" ser observados em sua totalidade por todas as cooperativas (ACI, 1966, p. 160–181 apud FAIRBAIRN, 1994, p. 31).

O trecho (1) traz evidências de que outras regulamentações internacionais apoiam estes temas e o reforçam. Assim como também há uma tendência global dado o aumento populacional e a inserção de cooperativas oriundas de variadas nacionalidade, etnias e continentes veiculadas à ACI que merecem tratamentos igualitários. Logo, “sem discriminação” passa a ser um imperativo. Já no trecho (2) encontram-se vestígios para interpretar que a neutralidade política ou religiosa não se constitui uma falácia, pois desde sua primeira fundação, ainda que muitas das convicções dos pioneiros tivessem sido provenientes de seu principal idealizador, o socialista Robert Owen e uma parte dos pioneiros fossem de confissão cristã, o movimento cooperativo sempre esteve aberto a pessoas de todas as convicções políticas e religiosas, pois o que está sendo promovido é a valorização do conjunto, ao passo que se respeitam as individualidades.

Por designação, mesmo que possa haver outros tipos de princípios que se aplicam a esta ou aquela cooperativa, são esses reformulados pela ACI que se aplicam universalmente a todas as cooperativas, e qualquer organização que falhe em um destes não é reconhecida como tal. Com efeito, o “sem discriminação” está intrínseco que pode haver aqueles que ainda não praticam a tolerância e o respeito igualitário. Embora às vezes possa haver uma tendência de tratar os princípios como “uma lista de características ótimas ou desejáveis das cooperativas” (FAIRBAIRN, 1994, p.33), o que não está evidenciado na declaração dos princípios universais do cooperativismo, teve e continuará tendo a intenção de ser uma descrição das características mínimas das cooperativas.

Entre o que deveriam e não deveriam proceder está claro que as cooperativas devem almejar além desses princípios o elemento comum em todos os momentos, evidenciado aqui mais uma vez que a – cooperação - em sua melhor forma, visa algo além da promoção dos interesses individuais que compõem uma cooperativa a qualquer momento. Seu objetivo é antes de tudo promover o progresso e o bem-estar da humanidade.

Nesse sentido, de acordo com Scheneider (2019), esses princípios refletiam valores como a liberdade política e religiosa, a democracia, a equidade, a igualdade e a ajuda mútua. Complementa o autor ao afirmar que “os princípios são diretrizes segundo as quais as cooperativas colocam seus valores em prática” (SCHNEIDER, 2019, p. 106) e são guias de atuação para a cooperativa.

Dessa forma, a cooperativa, ao realizar esses princípios, cumpre com a importante função de se diferenciar de uma empresa mercantil. Evidencia para o associado e para a comunidade que essa organização é diferente, é comprometida com a comunidade e foi criada para satisfazer as necessidades das pessoas (SCHNEIDER, 2019)

Descrever os pormenores da doutrina do cooperativismo é como recorrer à compreensão de antiestrutura de Vitor Turner (2013). Ao perceber a relação dos movimentos recriados dentro do movimento cooperativo a partir de uma estrutura social (realidade dos pioneiros de Rochdale) e que se modifica e apoia-se na liminaridade dos sujeitos envolvidos para gerar um novo esboço, se dá origem a essa nova forma social. Logo, compreende-se o cooperativismo como um novo ritual em uma instância da modernidade e que se movimenta e se alimenta das práticas convencionadas socialmente (princípios da Aliança Cooperativa Internacional). Podemos recorrer ao conceito de *communitas*, pois forjada na intensidade da vida social que como nos diz Dawsey (2005, p. 23), “os princípios universais do cooperativismo recriam experiências de liminaridade suscitadas por efeitos de estranhamento em relação ao cotidiano”.

Segundo Turner (2013), a vida social se movimenta a partir de um caminho dialético que envolve a estrutura social e *communitas*, um termo que desenvolveu para distinguir uma modalidade de relação social de uma área da vida em comum, alimentado pelas práticas rituais. Esta compreensão é a base de seus estudos antropológicos que a partir de análises de processos rituais de tribos africanas onde compreendeu que os ritos de passagem nos quais os sujeitos estão inseridos fora de uma estrutura social, dão origem a uma nova realidade - *communitas*, isto é, uma forma de antiestrutura construída pelos vínculos entre indivíduos ou grupos sociais que compartilham uma condição liminar de momentos ritualizados (TURNER, 1974).

A compreensão dos termos liminaridade e *communitas* permitiu a expansão da compreensão de outros agrupamentos sociais diversos para além dos ritos das sociedades tribais africanas. Por esta razão, parece-me adequado relacionar esta compreensão para descrever os atributos dos ritos de passagem com os fenômenos e processos rituais éticos das sociedades cooperativas, os instrumentos de materialidade do cooperativismo.

Não se trata apenas de delimitar o cooperativismo enquanto performance, mas de marcar, que neste espaço de transformações há um rito de passagem que configurou o cooperativismo neste movimento contemporâneo que hoje está imbricado aos processos sociais da vida cotidiana. Em cada narrativa descrita nos princípios cooperativos encontram-se o “sentimento de abnegação pelo bem-estar do outro (HOLYOAKE, 1972, p. 51); e por traz deste cenário utópico instaurado houve inúmeras situações de desajustes.

Da exploração e remuneração precárias a perda do emprego da única indústria de flanelas na cidade; do bom senso de se preservar o espírito de tolerância diante das opiniões divergentes e controvérsias; da resiliência diante de muitos opositores que tendiam a desacreditar de algo que há muito já haviam tentado... Este e muitos outros abalos de ordem financeira e social vividos por um grupo de trabalhadores da pequena cidade de Rochdale os impeliu a se unirem e mudarem a realidade injusta onde viviam (HOLYOAKE, 1972).

Esta trajetória de superação ficou registrada em muitos livros, textos jornalísticos e artigos científico, dentre os quais, a pesquisa em desenvolvido citada fará parte. E foi no ano de 2012, momento em que as Nações Unidas³⁶ celebraram o ano internacional das cooperativas³⁷, em homenagem e reconhecimento ao desempenho com que afetaram estruturas

³⁶ Conforme conteúdos disponíveis em United Nations International Year of <https://social.un.org/coopsyear/Cooperatives> (IYC) 2012. Acesso em: 2 jan. 2022.

³⁷ Em 1923, em um congresso da Aliança Cooperativa Internacional – ACI, foi instituído o Dia Internacional do Cooperativismo, comemorado, desde então, no primeiro sábado do mês de julho de cada ano (Fundamentos do Cooperativismo/ Organizador: Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo, Organização das Cooperativas Brasileiras. - 2. ed. Brasília: SESCOOP, OCB, 2020).

sociais, políticas e econômicas de todo mundo, empresas cooperativas se uniram para também produzir um filme que relatou estas experiências. *The Rochdale Pioneers*³⁸, dirigido por Adam Lee Hamilton e John Montegrando foi um filme que recriou a experiências pioneira do surgimento dos princípios e a base do cooperativismo moderno.

Apoiado na visão de Turner (2013); Schechener (2006) corroboram o entendimento que este filme é uma performance cinematográfica que além de trazer à tona todo valor histórico como um novo comportamento restaurado, retrata como a linearidade das vidas que ali operavam e lutavam por melhores condições de vida e trabalho inspirou pessoas comuns a se unirem por meio de seus símbolos, articulando diferenças e parcialmente irem resolvendo tensões sociais aos moldes do espírito dos pioneiros de Rochdale.

Com o passar do tempo, o movimento cooperativo se expandiu para outros países europeus, como França, Alemanha e Itália, e para outras regiões do mundo, como América do Norte e Ásia. Na América Latina, as primeiras cooperativas surgiram no final do século XIX, no Chile e na Argentina (OIT,2019).

No Brasil, o movimento cooperativista teve início na década de 1920, com a criação da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Companhia Melhoramentos de São Paulo. A partir daí, as cooperativas se multiplicaram em diferentes setores da economia, como agricultura, crédito, saúde, habitação e transporte.

4.4 Os princípios cooperativos no Brasil: a lei de regulamentação do cooperativismo

O cooperativismo brasileiro é bastante diversificado, com cooperativas de diferentes tamanhos e tipos, desde pequenas cooperativas de produtores rurais até grandes cooperativas de crédito e saúde (IOT, 2019; YUNES, 2008). Diversas experiências pautadas nas ideias de cooperação e autoajuda possibilitaram a união de pessoas em torno de interesses comuns. Algumas de forma espontânea e outras por inspirações intelectuais que advém de vários outros sistemas cooperativos já consolidados na Europa e Ásia, dentre eles o modelo rochdeleano.

A existências de marcos legais e regulatórios específicos, na esteira de um país pós colonizado e recém regido pela ditadura militar, foram fundamentais para o avanço do movimento cooperativista no país. Em todos os lugares onde a presença do cooperativismo está, existe uma estrutura que apoia o fortalecimento e desenvolvimento das ações em prol da causa.

³⁸ Conforme descrição disponível em <https://www.imdb.com/title/tt2506416/>. Acesso em: 2 jan. 2022.

Em 1971, o governo militar decreta a lei 5.764³⁹, que regulamenta o sistema cooperativista nacional, criando a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), órgão técnico consultivo federal com função de gerenciamento e difusão do sistema cooperativista nacional. Em torno dessa organização constitui-se um movimento pré-cooperativista conhecido como “cooperativismo oficial”, composto por diversas entidades, dentre as quais podemos destacar suas filiais em cada Estado, as Organizações das Cooperativas Estaduais (OCEs). As instituições ligadas a esse movimento, entre outras atividades, desenvolvem projetos de fomento ao cooperativismo, que incluem cursos de difusão e produção de material sobre os mais diversos temas relacionados a esse tipo de empreendimento. A partir daí começam-se a constituir e oficializar novos movimentos cooperativos, e sempre com o auspicioso desafio de se preservar a identidade constituída internacionalmente. A partir disso, podem ser apresentados alguns trechos da Lei n. 5.764/1971:

Art. 4º As cooperativas são sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, não sujeitas a falência, constituídas para prestar serviços aos associados, distinguindo-se das demais sociedades pelas seguintes características:

- I - Adesão voluntária, com número ilimitado de associados, salvo impossibilidade técnica de prestação de serviços;
- II - Variabilidade do capital social representado por quotas-partes;
- III - limitação do número de quotas-partes do capital para cada associado, facultado, porém, o estabelecimento de critérios de proporcionalidade, se assim for mais adequado para o cumprimento dos objetivos sociais;
- IV - Inacessibilidade das quotas-partes do capital a terceiros, estranhos à sociedade;
- V - Singularidade de voto, podendo as cooperativas centrais, federações e confederações de cooperativas, com exceção das que exerçam atividade de crédito, optar pelo critério da proporcionalidade;
- VI - Quórum para o funcionamento e deliberação da Assembléia Geral baseado no número de associados e não no capital;
- VII - retorno das sobras líquidas do exercício, proporcionalmente às operações realizadas pelo associado, salvo deliberação em contrário da Assembléia Geral;
- VIII - indivisibilidade dos fundos de Reserva e de Assistência Técnica Educacional e Social;
- IX - Neutralidade política e discriminação religiosa, racial e social;
- X - Prestação de assistência aos associados, e, quando previsto nos estatutos, aos empregados da cooperativa;
- XI - área de admissão de associados limitada às possibilidades de reunião, controle, operações e prestação de serviços. (BRASIL, 1971).

Criada no bojo das emancipações que se vivenciava o Brasil, com o crescimento das atividades do campo e da necessidade da política econômica para a área agrícola⁴⁰, a Política Nacional do Cooperativismo, estabelecida por meio da publicação da Lei 5.764, torna público a prática da atividade cooperativista no Brasil e revela algumas características deste discurso.

³⁹ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5764.htm. Acesso em: 3 jan. 2022.

⁴⁰ Conforme informações disponíveis em <https://www.ocb.org.br/historia-do-sistema-ocb>. Acesso em: 1º jan. 2022.

Colocando a questão da definição e da natureza das cooperativas, a lei traz em seu artigo 4º exposto acima, apesar de não ser mencionado diretamente no seguimento do texto, a incorporação dos discursos acerca dos princípios cooperativos, que se constituem a identidade cooperativista, conforme regulamentadas pela ACI. Cria-se então, uma formação discursiva brasileira amparada nos moldes de Rochdale, como uma função marcada fortemente por causas sociais.

A necessidade de fortalecer a constituição do movimento cooperativista, bem como classificar os ramos existentes, seus regimentos e estatutos, fez prever nos textos da lei que se seguem questões sobre o funcionamento, formas de organização e suas variáveis, que visaram acima de tudo amparar as associações e organizações oriundas da reforma agrária.

Dando notoriedade à questão da representação do sistema cooperativista no Brasil, a lei regulamenta no seu capítulo XVI as seguintes definições, previstas em seu Art. 105:

A representação do sistema cooperativista nacional cabe à Organização das Cooperativas Brasileiras - OCB, sociedade civil, com sede na Capital Federal, órgão técnico-consultivo do Governo, estruturada nos termos desta Lei, sem finalidade lucrativa, competindo-lhe precipuamente: a) manter neutralidade política e indiscriminação racial, religiosa e social; b) integrar todos os ramos das atividades cooperativistas; c) manter registro de todas as sociedades cooperativas que, para todos os efeitos, integram a Organização das Cooperativas Brasileiras - OCB; d) manter serviços de assistência geral ao sistema cooperativista, seja quanto à estrutura social, seja quanto aos métodos operacionais e orientação jurídica, mediante pareceres e recomendações, sujeitas, quando for o caso, à aprovação do Conselho Nacional de Cooperativismo - CNC; e) denunciar ao Conselho Nacional de Cooperativismo práticas nocivas ao desenvolvimento cooperativista; f) opinar nos processos que lhe sejam encaminhados pelo Conselho Nacional de Cooperativismo; g) dispor de setores consultivos especializados, de acordo com os ramos de cooperativismo; h) fixar a política da organização com base nas proposições emanadas de seus órgãos técnicos; i) exercer outras atividades inerentes à sua condição de órgão de representação e defesa do sistema cooperativista; j) manter relações de integração com as entidades congêneres do exterior e suas cooperativas (BRASIL, 1971).

Assim como a lei cooperativista propõem, as funções e responsabilidades da OCB no Brasil, mostram que essa formação discursiva passou não apenas a admitir e incorporar em seus discursos oficiais, como pode ser visto no item acima citado, como a eufonizar alguns valores e princípios originários de Rochdale, presentes também nos discursos da Lei 5.764/1971 (igualdade, justiça, solidariedade, dentre outros temas presente nos princípios de Rochdale) e a neutralidade política, temas relativos ao fomento da educação e da expansão do cooperativismo.

Neste contexto, os princípios originais de Rochdale passam a ser adotados como medidas universais para referenciar o cooperativismo, assim como no Brasil as modificações dos discursos resvalam nas temáticas de legislação e que assumem um caráter legislativo, diferentemente do tema institucionalizado previsto pela ACI. Estas nuances revelam como os

deslocamentos históricos perpassam por transformações conjuntas que se incorporam à uma formação social dada (COURTINE, 1981, p. 44 apud FULANETI, 2008).

Considerando que o que fora exposto reúne pressupostos da análise do discurso, uma vez que estes princípios discutidos aqui estão sendo incorporados no processo de cultivo e início de novos movimentos dentro do cooperativismo internacional, lanço mão destes aportes para situar que interessa aqui como o sentido da palavra muda conforme seu uso. Segundo Krieg-Planque (2018, p. 94) as palavras não se apresentam sozinhas “e são rodeadas por outras palavras, com as quais formam, ao longo de uma cadeia verbal linear, falas, construções variadas, frases, textos...” O que se nota, então, acerca das mudanças e adequações dos princípios do cooperativismo, são certas formas de cristalizações que incorporam uma dada produção discursiva posta em circulação.

Como exposto nas variações e contexto histórico dos princípios do cooperativismo desde Rochdale, podemos relacionar os usos diretamente situados nas interpretações ao longo da história e enunciados individuais ou coletivos que foram sendo cristalizados ao vocabulário do cooperativismo. O uso dos termos cooperação, solidariedade, igualdade e ajuda-mútua, dentre outros que despontaram até aqui estão cercadas entre uma e outras das suas palavras sinônimas como uma formação cristalizada, que de certa forma delimita o contexto específico do movimento do cooperativismo.

Ademais, ao agregarmos a cidadania empresarial ao conceito de cooperativismo e da responsabilidade social, no Brasil, contamos com algumas normativas que tratam da temática, tais como: a Constituição Federal de 1988 (estabelece diretrizes para a promoção do bem-estar social e da redução das desigualdades sociais, incluindo a proteção dos direitos trabalhistas e a preservação do meio ambiente), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) (estabelece as normas trabalhistas aplicáveis a todas as empresas que atuam no Brasil, incluindo regras diversas para a relação de trabalho), as Normas Regulamentadoras (NRs) (emitidas pelo Ministério do Trabalho e Emprego que estabelecem as normas de segurança e saúde ocupacional aplicáveis a cada setor ou atividade específica), a Lei da Responsabilidade Social das Empresas (Lei nº 13.303/2016), a Lei do Voluntariado (Lei nº 9.608/1998).

Para além dessas leis e normas, existem outras iniciativas governamentais e não governamentais que promovem a cidadania empresarial no Brasil, como o Pacto Global da ONU, o Instituto *Ethos*, o GIFE (Grupo de Institutos, Fundações e Empresas) e outras entidades que incentivam as empresas a adotarem práticas de responsabilidade social corporativa.

Portanto, quer nos ideias originais dos pioneiros de Rochdale, nas diretrizes regulamentares e/ou nas minhas composições e subjetividades percebidas e apontadas aqui, na

declaração dos princípios de Rochdale pela ACI que resultaram nos princípios universais do cooperativismo ou nas variações e incorporações encontradas na Lei 5.764 no Brasil, o que nota-se é o domínio social de fenômenos de padronização de expressões tecendo um discurso próprio, que fomenta comportamentos próprios e suscita procedimentos próprios, e que vai compondo unidades fraseológicas específicas. Logo, faz prosperar a ideia de que há o cultivo de um *ethos* para o cooperativismo.

5 ETHOS DO COOPERATIVISMO

"A cooperação é fundamental para o cooperativismo, assim como o rio é para o mar. Ambos se sustentam e seus caminhos estão entrelaçados e conectados, fornecendo vitalidade um ao outro" (ZEQUETTO, 2023).

Entender o processamento de informações na produção de subjetividades das experiências vividas no campo, foi como combinar teias, linhas e desatar nós a fim de gerar os efeitos, sentidos e afetos instaurados no cotidiano das intervenções realizadas e nos sujeitos participantes da pesquisa.

Neste sentido, prossigo para evidenciar a construção cartográfica de um *ethos*, como o seu modo permanente de exibir a produção coletiva construída sobre os princípios do cooperativismo.

Refiro-me ao coletivo por evocar cada acolhimento gerado no território habitado na pesquisa: alunos da graduação do curso de cooperativismo, alunos da pós-graduação em gestão de cooperativas, a associados de cooperativas entrevistados, as observações participantes, diários de campo produzidos, as conversas, e outros mais... Enfim, no processamento de todas as variáveis que permitem a produção de conhecimento. Imerso neste plano coletivo de forças, lanço-me ao aprendizado de todos os afetos e movimentos deste território na busca por identificar as aproximações e sentidos atribuídos pelos participantes ao cooperativismo, e assim mapear cada alteridade contida nos textos, diálogos e proposições, incluindo a minha própria alteridade instaurada na composição do *ethos*.

Diante disso, retomo a viagem de intercâmbio e estudos que fiz na Inglaterra em março de 2020⁴¹ tive a oportunidade de conhecer Manchester e Rochdale, especialmente a 31st Toad Lane Street, onde fica localizado o edifício (Figura 1) que hoje abrigam o museu dedicado à cultura do cooperativismo mundial e ainda em atividade a cooperativa de consumo. Lá registrei toda estrutura de representação dos primeiros artefatos que retratam a experiência dos pioneiros no início do empreendimento no século de sua criação.

No interior do museu a demonstração do início das operações expõe como foram as atividades, além de objetos, livros e outras referências visuais para ilustrar e ensinar aos visitantes sobre o contexto e da importância da sociedade para o cooperativismo. A placa

⁴¹ Viagem financiada pela cooperativa de crédito que atuava como assessor de desenvolvimento do cooperativismo.

disposta à frente do que representa o cenário onde se realizavam as vendas de produtos de consumo consta sete princípios e que demarca, de certa maneira, o entorno dos temas que até aqui já foram levantados (Figura 4), em uma tradução livre são: 1. adesão aberta, 2. democracia, 3. dividendos sobre o excedente proporcionalmente ao comércio e ao capital, 4. juros limitados sobre o capital, 5. neutralidade política e religiosa, 6. negociações em dinheiro e 7. promoção da educação.

Figura 4 – Visita em março de 2020 ao museu de Rochdale



Este acervo (Figura 5) representa para mim, muito mais que apenas uma fotografia que retrata minha presença neste local visitado com as representações gráficas histórias sobre os princípios de Rochdale. Esta imagem demarca a realização de um sonho e uma conquista como um movimento de superação, pois como professor de Letras habilitado em Língua Portuguesa e Inglesa, sempre quis conhecer a Inglaterra e engrandecer os meus saberes da língua estrangeira.

Figura 5 – Visita em março de 2020 ao museu de Rochdale



Fonte: acervo particular do pesquisador (2020)

A tradicional cultura britânica conhecida mundialmente por seu repertório social e histórico sempre esteve presente em minha trajetória, seja na música, na arte, nos romances, nos estudos da educação básica como na vida acadêmica e, viver essa oportunidade, para além de realizar um grande feito na vida, representou uma vitória uma vez que eu vim de uma família simples e numerosa, e sendo minha mãe doméstica e meu pai empreendedor e pequeno comerciante, viagens, passeios longos e outras descobertas culturais não faziam parte da minha infância e adolescência.

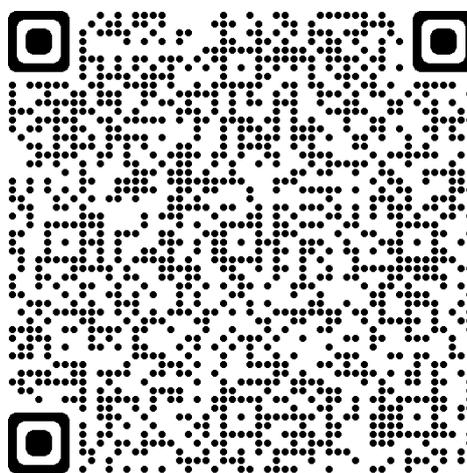
Lembro-me de fazer a primeira longa viagem de ônibus aos dezesseis anos para participar de um congresso religioso da Igreja Metodista em Londrina-PR e aos dezenove anos a primeira viagem de avião ao Rio de Janeiro na sede da empresa onde trabalhava como assalariado. Muito embora houvesse dificuldades, meus pais sempre se esforçaram para oferecer uma vida suficiente para todos nós e penso que esta vida mais simples, às vezes com escassez de recursos foi o que me impulsionou a me dedicar aos estudos. E assim, o que afinal contam estas imagens é que a educação foi meu processo de transformação. Hoje como professor de linguagens e pós-graduado, oriundo das camadas populares da sociedade, entendo que foi o estudo e a busca por conhecer e aprender mais que me colocaram em melhores oportunidades pessoais e profissionais.

Segundo Kastrup (2016) o acesso a uma experiência concreta pode afetar a dimensão da produção de subjetividades, fazendo do conhecimento adquirido uma nova crítica empírica de criação de mundo. Neste contexto, minha percepção a partir desta experiência de intercâmbio cultural a partir de Rochdale e suas conexões líquidas marcaram um processo de subjetivação

que me atravessou de forma tão significativa a ponto de gerar dados e criações resultantes do relato de descrição, sobre as imagens, a visita, o local e o cultivo dos afetos abstraídos desta imersão cultural no cooperativismo. Ademais, no devir desta relação baseada em afetos e sensações, segue minha autodescrição e auto subjetivação neste processo de escrita sobre a vivência pesquisada a fim de conhecer mais sobre o alcance desta experiência em Rochdale-UK,

Apreendi em novos contextos, onde posso criar sons e imagens a partir de novas inventividades a identificar nos diálogos que a sociedade vai sempre se diluindo e se constituindo. Mas que os comportamentos definem nossa maneira de interagir e interpretar o outro. O estranho, o exposto, o não eu, também importa e visto que um encontro é junção de mutualidades, de afetividades e um misto de cooperação alteridades e subjetividades, somos convidados a conhecer, fazer intervir para coexistir. Pessoas se materializam nas outras, pois somos partes de um todo, de um experimento sendo testados a todo tempo. Que experiência queremos contar sobre nós para o outro? Como posso me aproximar do que é desigual sem ofuscar as singularidades? Como posso aprender mais nesse plano coletivo que me ajuda a escrever o futuro? (TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO PRODUZIDO COMO RESULTADO DA ATIVIDADE NA DISCIPLINA EPISTEMES CONTEMPORÂNEAS III, 2020)

Figura 6 – QR de acesso ao vídeo produzido



Fonte: gerado pelo pesquisador (2023).

Nesta narrativa, que resultou na produção de um vídeo⁴² como atividade de autodescrição a partir de uma imagem que representasse o escopo/objeto da minha pesquisa, reconheço a indissociável relação entre estar no mundo e estabelecer uma relação consigo mesmo na busca por conhecer mais. Conhecer implica em uma política cognitiva que envolve

⁴² A experiência de Rochdale-UK. O vídeo pode ser acessado através do *QR Code* acima e está disponível em: <https://1drv.ms/v/s!AIJ0Oa4D9hpo21fQzU3HaldyahkD?e=g5vYY2> Acesso em 13 mar. 2023.

“uma posição em relação ao mundo, e a si mesmo, uma atitude, um *ethos*” (KASTRUP, 2016, p. 220), que aqui se insere e envolve-se embricado da percepção e dos conceitos do cooperativismo já expostos.

Corroborando ao acervo e novos sentidos vividos na experiência de Rochdale produzi *narrativas cooperativas*, a partir dos relatos de experiências, que contam mais sobre os afetos e reflexões relacionadas ao acesso a esta experiência. Nas narrativas que serão apresentadas a partir daqui, são identificadas diferentes perspectivas e significados atribuídos ao cooperativismo e que refletem a pluralidade de vozes e pontos de vista dos sujeitos envolvidos, revelando a complexidade e a riqueza desse movimento.

Ao reconhecer a singularidade das experiências, as narrativas cooperativas fornecem insights valiosos para compreender os princípios, os valores e as práticas subjacentes ao cooperativismo. Elas revelam os desafios, as conquistas e os dilemas enfrentados pelos cooperativistas, bem como as transformações sociais, econômicas e culturais desencadeadas por essa forma de organização.

O relato de experiência a seguir ocorreu poucos dias antes de ser instaurado estado de pandemia pelo coronavírus no Brasil, enquanto a Europa já enfrentava algumas restrições sociais e sanitárias:

A arte de cooperar: Não é sobre competição, é sobre como aprender a ajudar outras pessoas. É muito fácil ser seu próprio crítico. Dizer o que você não sabe, o que precisa conhecer, isto ou aquilo que eu podia, mas não sei, devia, mas não consegui etc. Às vezes podemos até perder oportunidades, atrasar entregas ou simplesmente não conseguir começar um projeto porque não se percebe capaz ou idealiza algo que não se concretiza como esperado e, conseqüentemente, pode gerar frustração. No entanto, isto não pode nos tornar inferiores aos demais. Todos têm o seu devido valor. Assim, sem a pretensão de querer conceituar ou parafrasear os principais pensadores dos estudos cognitivos, volto a atenção ao que realmente importa pra mim neste momento de reclusão. Como podemos lidar melhor com as nossas emoções? Antes de tudo, é preciso parar, olhar para dentro de si, exercitar a introspecção, e perguntar-se: o que eu tenho de melhor? o que eu tenho para oferecer? A verdade é que encontrará mais respostas positivas que negativas (sim elas existem). Para evoluir podemos considerar que somos todos indivíduos em constante aprendizagem, por isso precisamos olhar para dentro de nós e dizer o que temos de valor e saber que todas as pessoas também têm algo bom para compartilhar. Tudo gira em torno de como eu resolvo lidar com a minha emoção. A decisão é a ferramenta mais poderosa e que está disponível gratuitamente. Eu sempre canto em minhas palestras e formações um trecho da música de Gonzaguinha que diz: "viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz, eu sei que a vida devia ser bem melhor e será, mas isso não impede que eu repita: é bonita..." Faça isso para lembrar todos que estamos no mesmo barco e que nesta escola da vida somos eternos aprendizes. Isto faz sentido para você? Vivenciei uma das experiências mais significativas da minha vida profissional e de realização pessoal, entre os dias 8 e 15 de março de 2020, ao participar do *Young Professional Network and Summit* (Rede e Encontro de Jovens Profissionais) em Londres/Manchester - UK, organizada pela Association of British Credit Unions, oportunizado pela instituição financeira cooperativa Sicredi, onde atuo como educador e para o desenvolvimento do cooperativismo. Foram dias intensos e

profundos que marcaram minha carreira para sempre. Muitos aprendizados e novos conhecimentos eu produzi. Todos foram especiais e agregaram à minha vida pessoal, profissional e espiritual, mas gostaria de começar contando sobre um networking que participei em Manchester, em 12 de março, juntamente com outros colegas oriundos de diferentes cooperativas financeiras dos Estados Unidos, países do Reino Unido e Brasil, para juntamente com o banco britânico Barclays, compartilhar experiências e contar como as nossas missões e causas impactam e nos ensinam a viver e desenvolver nossas comunidades. Foram vários *cases* e *insights* que nos permitiram vivenciar a cooperação. E isto fez muito sentido pra mim e me impactou. Não estávamos falando sobre tags institucionais, nem sobre o que há de melhor nesta ou naquela instituição, mas sobre como a vida de cada um podia contribuir para que todos pudessem se beneficiar com os conhecimentos compartilhados. É o que chamo de arte da cooperação, pelo exercício da ajuda mútua e solidariedade. Não foram discursos, mas atos e isso dá sentido e envolve as pessoas pois há um mesmo pensamento e gera uma legítima motivação. Preciso destacar a apresentação do colega Jean Lange, membro do comitê jovem do Sicredi no estado do PR que fez uma brilhante contribuição, destacando como se inspira em ser um agente multiplicador da cooperação e em participar de uma instituição que ajudar sua comunidade e colabora com todos. Ele nos deu a ideia de neste momento perceber o cooperativismo como uma boa onda do bem que nos ajuda a aplacar as tensões propagadas pelo coronavírus. (RELATO DE EXPERIÊNCIA, DIÁRIO DE CAMPO, 2020).

Figura 7 – Visita em março de 2020 ao banco Britânico Barclays



Fonte: acervo particular do pesquisador (2020)

Foram diversas atividades e apresentações que mobilizaram todos a engajar-se ainda mais em suas atuações profissionais e voluntárias. Fizemos uma atividade bem divertida sobre como está nosso equilíbrio, ao tentar equilibrar uma garrafa sobre a cabeça sem usar as mãos, fazendo uma metáfora para que possamos refletir sobre como enfrentamos nossos desafios. Para encerrar o Networking, o CEO da instituição anfitriã enfatizou que cada pessoa é única e cada indivíduo importa, valorizando os temas como paixão e sonhos para que se possa construir boas jornadas para o futuro. Como resultado de todo este intercâmbio durante a semana de atividades, conheci muitas pessoas de diferentes culturas e envolvidas com projetos e desafios junto a suas comunidades e cooperativas. Agradeço aos colegas que me inspiraram e ensinaram em cada troca de experiências muita praticidade, simplicidade e resiliência em suas falas, comportamentos e conhecimentos. Todos a sua maneira me ampliaram a visão sobre o significado da cooperação e me ajudaram substancialmente na carreira e como educador, a compreender melhor os cenários onde atuo e sobre as tendências que pesquiso em meus estudos acadêmicos. Esta foi sem dúvida uma oportunidade de

aprimorar o inglês (compreender o sotaque britânico e escocês foram ótimos desafios).

Figura 8 – Networking com Jovens Cooperativistas e Banco Barclays em Manchester



Fonte: acervo particular do pesquisador (2020)

Como parte dos aprendizados tive um breve bate papo com a CEO da South Manchester Credit Union, Sheenagh Young (Figura 8), sendo esta uma riquíssima oportunidade de conhecer os desafios contemporâneos das cooperativas britânicas, compartilhar meus anseios e experiências, além da inspiração de ver uma mulher exercendo esta importante atribuição estratégica, algo comum no Reino Unido e que no Brasil já começa a se desenvolver. Como podemos valorizar o que realmente importa? Reencontrar os valores essenciais na vida podem ser um caminho? Para se viver bem consigo e com ou outros não podemos perder de vista que a cooperação é uma arte e, portanto, pode ser aprendida por todos. Que possamos buscar, encontrar e utilizar nossos melhores tesouros para tornar a vida em ações ainda mais significativas e que nos permitam desfrutar e completar o nosso verdadeiro propósito. (RELATO DE EXPERIENCIA, DIÁRIO DE CAMPO, 2020)

O que há de concreto neste meu relato é que a própria experiência de subjetividade, pesquisador e objeto, se bifurcam ao habitar o território em torno do *ethos* do cooperativismo. No caminho que se relaciona ao meu movimento como pesquisador, foram as percepções, as lentes imaginárias, as reflexões e demais características narradas acima, que demonstram como deixar-se afetar pelo campo de pesquisa impacta diretamente as realidades, gera autenticidade e promove a criticidade aos conhecimentos vividos e adquiridos.

O que configuro aqui, como arte da cooperação, diz mais sobre meu movimento neste território e situa-se em uma análise inseparável entre meu ponto de vista e o aspecto coemergente da própria experiência. Por meio desta atenção e inserção no campo mais se provocou uma “modificação mútua entre o observador e observado” (KASTRUP, 2016, p. 187). É nesse sentido que o próprio ato de observar se configura como uma etologia capaz de produzir deslocamentos de ponto de vista. Dentre as modulações que permearam esse processamento instauram-se os agravos sobre a pandemia que gerou inúmeras sequelas sociais, físicas e

culturais e que marcaram ainda mais nesse momento a veracidade e legitimidade do que se pretende apresentar, criticar e informar.

A cooperação é como uma extensão que lastreia a causa do cooperativismo, e baseado nesta realidade vivida está para a vida cotidiana muito mais do que simplesmente uma arte. É um comportamento que pode e deve ser cultivado, incorporando, então, um forte viés de intencionalidade que fazem emergir realidades, provocações e novas problematizações. Assim, como um *ethos* tácito aos limites de cada linha percorrida, os saberes desta experiência aqui investidos, demarcam como a cooperação faz parte de um movimento evolutivo da humanidade.

Já em relação ao caminho voltado ao objeto, ou seja, o *ethos* do cooperativismo contidos nos princípios do cooperativismo estudados, ao percorrer outras modulações por meio de dispositivos nas redes sociais, por exemplo, ganham um novo amparo, como outras evidências que também fizeram eclodir novas percepções, saberes, afirmativas, engendrando uma aproximação de realidades, bem como a validação de outras subjetividades dos sujeitos que se sentiram conectados aos relatos, como se vê a seguir:

“A experiência com certeza foi agregadora, não só de conhecimento, mas de dinâmicas e atitudes, gratidão por compartilhar! Aprendendo muito!”

“Uma experiência rica em conhecimento e cooperação. Que venham muitas outras”.

“Excelente Cleber! Obrigada por compartilhar suas vivências! Cooperar é simples e lendo seu texto reafirmei isso mais uma vez! Parabéns pelo belo proveito que fez desta experiência!!”

“todo aprendizado colocado a serviço dos outros fortalece a caminhada”

“Muito bacana Cleber, parece que estivemos lá também ao sentir as emoções no texto. Nossa sabedoria vai sendo moldada a partir das experiências e aprendizados que temos a oportunidade de vivenciar. E em especial no cooperativismo - que pra mim é um estilo de vida - uma escolha, fazer o bem às pessoas é papel que precisamos exercer - como líderes - e praticar ainda mais a cada dia. Juntos, para construir comunidades melhores, ainda mais nesses dias que estamos vivendo”.

“Expressar e transmitir conhecimento a todos aqueles que te rodeiam fazem da sua simplicidade e energia contagiante [querer se] envolver em explorarmos todos os temas que dissemina e propaga como ferramenta de transformação”. (DIÁRIO DE CAMPO, 2020)

Ao analisar os processos desta experiência, acerca da discussão cartográfica da objetividade, Kastrup (2016), afirma que a experiência se põe diante do que é evidente. No entanto, embora seja um tanto óbvio dizer que a cooperação é necessária, é denunciante e calamitosa a situação de vulnerabilidade em que muitas pessoas estão submetidas por serem mais individualistas. Há muitos jogos de poder e de interesse quando se fala sobre relações humanas. Porém, como se pode perceber, essa predisposição e intenção pelo fazer em conjunto emergem nas afirmativas citadas da própria relação estabelecida no processo de produção destes dados. E o que mais fez sentido, para mim, foi identificar o cultivo de um *ethos* por meio do

cooperativismo, passível de ser compartilhado, estudado e apreendido. É a partir daqui que se conectam outros elementos ligados aos afetos, que provocados pelo cooperativismo foram representados e analisados nas outras intervenções e observações realizadas.

5.1 Afetos nas palavras sobre cooperativismo

Como forma de amadurecer a perspectiva dos princípios cooperativos, me servi das teorias de Lótman (1996) como uma das maneiras de entender a cultura, vista como híbrida, pela sociedade atual e na qual estamos inseridos. Acredito que Lótman colaborará com a compreensão dos fenômenos culturais e sociais que envolvem o Cooperativismo contemporâneo, que recebeu o lastro e teve suas formulações a partir dos princípios de Rochdale.

Desta maneira, provoquei circunstâncias dialógicas com intuito de traduzir os sentidos que permeiam a consciência dos participantes e assim apontar os sentidos outros (signos culturais) adjacentes nos repertórios culturais de cada envolvido, já que "sentido é, portanto, linguagem em movimento, diálogo (SANTAELLA, 2014, p. 168). Outrossim, são subjetividades que expressam tanto um acúmulo histórico como novos estímulos provocados nas relações dialógicas dos grupos focais realizados com os alunos da graduação em Cooperativismo e Pós-graduação em Gestão de Cooperativas da Faculdade do Cooperativismo – Icoop.

Dizer que estas memórias e o cultivo delas servem como meios de tradução é como reconhecer, nas memórias dos participantes da pesquisa, a formação de um *ethos* permanente, que está constantemente se "conservando e se enriquecendo mutuamente" (BAKHTIN, 1982, p. 352). Para os estudos semióticos defendidos por Lótman (1996), memória é intrínseca à cultura, visto que estas se embricam num processo de conservação e transmissão de comunicados (textos), validando a inteligência coletiva ou por assim dizer, memória coletiva de um determinado grupo de cosmo sêmico, aos quais, por sua vez, evocam outros signos (textos). Neste aspecto, semiótica da cultura surge como um desdobramento teórico da semiótica da comunicação e que foi denominado por Lótman como culturologia (MACHADO, 2007).

Atrelado a este sistema interpretado na semiótica da cultura como fenômeno de linguagem está o conceito de semiosfera. A memória assim, funciona como um ambiente da natureza de um ecossistema ao redor do ser humano, formando sua estruturalidade, ou seja,

composições que se acumulam e moldam diferentes situações da vida e traduzem fenômenos em cultura. É na ação fundamental de cultura que se organizam as estruturas.

A utilização da abordagem pelo *ethos* decorre por se tratar de um conceito que se refere aos valores, crenças, atitudes e comportamentos que orientam as práticas e ações de um grupo ou comunidade. E, quando voltado ao contexto do cooperativismo, o *ethos* se mostrou essencial pois possibilita a construção de uma cultura cooperativista forte e coesa, que permita aos membros da cooperativa trabalharem juntos em prol de um objetivo comum. Isso porque, *ethos* cooperativista é baseado em princípios como a participação democrática, a cooperação entre cooperativas, a preocupação com a comunidade e a preocupação com a educação, treinamento e informação e baseado em valores como a solidariedade, a equidade, a transparência e a responsabilidade social e ambiental. Assim, ao adotar o *ethos* do cooperativismo contribui-se para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Diante dessas premissas e amparado nos conceitos de Lótman (1996), criei um ambiente fomentador de interação e produção de sentidos o que chamei de ecossistema do cooperativismo. Segundo Lótman (1996) o texto tem heterogeneidade semiótica e, como resultado, a capacidade de gerar novas mensagens. Por isso, nesse espaço atravessado em si mesmo pelas interjeições subjetivas de cada indivíduo, provoquei um agrupamento de elementos textuais, que exploram a meu ver as variações e nuances do *ethos* do cooperativismo, onde a palavra e as estruturas de outras palavras buscam umas às outras e se conectam produzindo um *continuum* semiótico.

Um ecossistema, desta característica viva, orgânica e auto reprodutiva e como marca essencial, inacabada por suas variantes possíveis, neste processamento evolutivo constante, criei o ambiente na dimensão virtual que ainda vivíamos devido a pandemia aludindo aos textos e linguagens sobre os princípios que evoluem em novas subjetivações. Considerei, então os princípios universais do cooperativismo conforme Bancel *et al.* (2015) e convidei os participantes a registrarem todas as palavras que na visão deles estão relacionadas ao referido princípio, a partir de duas provocações: *como outros temas da atualidade estão conectados ao princípio do cooperativismo e como vivenciá-lo, na prática*. Com efeito, como forma de facilitar a visualização do resultado da ação, agrupei as respostas no formato de nuvens de palavras, gerados por um aplicativo virtual⁴³, que reproduz em maior ou menor grau de acordo com o número de incidências, um panorama das palavras citadas em uma lista, consolidando

⁴³ Disponível em: <https://makewordcloud.com/pt/word-cloud-maker>. Acesso em 10/10/2022. Acesso em: 10 out. 2021.

então, um processo simbiótico (Lótman, 1996), para um ecossistema do *ethos* do cooperativismo.

Segundo Lótman (2002), os sistemas culturais são formados por uma complexa rede de relações simbióticas entre diferentes elementos, tais como signos, textos, indivíduos, instituições e práticas culturais. De acordo com Lótman, o processo simbiótico ocorre quando diferentes elementos culturais interagem entre si, influenciando-se mutuamente e formando novas configurações culturais. Essas configurações, por sua vez, tornam-se parte do sistema cultural maior, alimentando e transformando-o constantemente (LÓTMAN, 2002).

A estrutura em nuvens de palavras foi a maneira que encontrei para relacionar, perceber e demonstrar as subjetividades dos participantes neste ecossistema do *ethos* do cooperativismo. Embora possam parecer uma checagem aos 7 princípios do cooperativismo, na semelhança de um decalque, o que contrapõem os pressupostos da cartografia, quer seja, o de acompanhar processos, os textos expostos em categorias se fazem necessários para que se percebam as nuances dos contextos na produção de subjetividades e no processamento das informações obtidas na pesquisa. As nuvens de palavras que se apresentam a seguir retratam as respostas dos meus alunos na disciplina Responsabilidade Social, da Pós-graduação em Gestão de Cooperativas do Icoop, que aceitaram participar da pesquisa,

Quanto ao *primeiro princípio: adesão voluntária e aberta* temos que:

Cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas capazes de usar seus serviços e disposto a aceitar as responsabilidades de membro, sem distinção de gênero, social, racial, discriminação política ou religiosa.
--

Que outros temas da atualidade se relacionam com este princípio?

Figura 9 – Nuvem de palavras geradas a partir do 1º princípio do cooperativismo sobre outros temas contidos



Fonte: elaborado pelo pesquisador (2020).

Na prática, como vivenciar este princípio?

Figura 10 – Nuvem de palavras geradas a partir do 1º princípio do cooperativismo sobre a prática



Fonte: elaborado pelo pesquisador (2020).

Esse princípio estabelece que a adesão a uma cooperativa é voluntária e aberta a todas as pessoas que compartilham dos valores e princípios do cooperativismo, independentemente de sua raça, gênero, orientação sexual, religião, posição política ou econômica. Isso pode ser verificado a partir das palavras coletadas que formaram as figuras 8 e 9, que ratificam o entendimento de que a cooperativa deve estar aberta a receber novos membros que desejem

participar de suas atividades e se comprometer com seus princípios e valores, sem restrições indevidas, de forma que os membros tenham igualdade de direitos e obrigações, garantindo diversidade, a autonomia e inclusão que levem ao desenvolvimento de ações sociais/comunitárias para alcançar a todo o grupo ainda que composto de pessoas de diferentes origens e perspectivas.

Quanto ao *segundo princípio: controle democrático de membros*:

As cooperativas são organizações democráticas controladas por seus membros, que ativamente

Participam democraticamente na definição de suas políticas e na tomada de decisões.

Que outros temas da atualidade se relacionam com este princípio?

Figura 11 – Nuvem de palavras geradas a partir do 2º princípio do cooperativismo sobre a prática



Fonte: elaborado pelo pesquisador (2022).

Na prática, como vivenciar este princípio?

Figura 12 – Nuvem de palavras geradas a partir do 2º princípio do cooperativismo sobre a prática



Fonte: elaborado pelo pesquisador (2022).

Esse princípio estabelece que as cooperativas são organizações democráticas controladas pelos seus membros, que participam ativamente na tomada de decisões e no gerenciamento das atividades da cooperativa. Cada membro da cooperativa tem direito a um voto nas assembleias gerais da cooperativa, independentemente de sua participação financeira ou de sua posição na cooperativa.

Verifica-se, dessa forma, a partir das palavras inseridas, que o controle democrático pelos membros garante que as decisões da cooperativa sejam tomadas de forma justa e equitativa, levando em consideração as necessidades e os interesses de todos os membros. Trata-se de um princípio que está diretamente relacionado com outros princípios cooperativistas, como a adesão voluntária e aberta, a participação econômica dos membros e a autonomia e independência da cooperativa. Juntos, esses princípios garantem que as cooperativas sejam organizações verdadeiramente democráticas, gerenciadas pelos próprios membros e voltadas para atender às necessidades e aos interesses dos membros e da comunidade em que atuam.

Quanto ao *terceiro princípio: participação econômica do membro*:

Os membros contribuem equitativamente e controlam democraticamente o capital é propriedade comum da cooperativa.

Fonte: elaborado pelo pesquisador (2022).

Que outros temas da atualidade se relacionam com este princípio?

Figura 13 – Nuvem de palavras geradas a partir do 3º princípio do cooperativismo sobre a prática



Fonte: elaborado pelo pesquisador (2022).

Na prática, como vivenciar este princípio?

Figura 14 – Nuvem de palavras geradas a partir do 3º princípio do cooperativismo sobre a prática



Fonte: elaborado pelo pesquisador (2022).

Esse princípio estabelece que os membros de uma cooperativa contribuem financeiramente para a cooperativa e participam dos resultados econômicos da cooperativa de acordo com sua participação e uso dos serviços oferecidos. Isso significa que cada membro contribui para o capital da cooperativa, seja por meio de sua contribuição inicial ou por meio de contribuições periódicas, e que a cooperativa é propriedade coletiva dos seus membros.

Figura 16 – Nuvem de palavras geradas a partir do 4º princípio do cooperativismo sobre a prática



Fonte: elaborado pelo pesquisador (2022).

Esse princípio estabelece que as cooperativas são organizações autônomas, controladas pelos seus membros, e que devem buscar a independência econômica e a autogestão em todas as suas atividades. Isso significa que as cooperativas devem ter liberdade para tomar suas próprias decisões e definir suas próprias políticas, sem influência externa ou interferência governamental ou de outras organizações.

A partir da prática realizada foi possível aferir que os sujeitos entendem e corroboram com a concepção de que as cooperativas devem ser capazes de atuar de forma independente e autônoma, sendo uma das palavras de ordem a governança e a gestão independente. Também foi possível aferir nesse quesito sobre a necessidade de as cooperativas serem capazes de gerar receitas suficientes para financiar suas atividades e investir em sua própria expansão e desenvolvimento, pois, a partir dessa independência financeira torna-se possível a manutenção da sua autonomia sem, contudo, deixar de praticar a intercooperação.

Quanto ao *quinto princípio: educação, treinamento e informação*:

As cooperativas oferecem formação para seus membros, representantes eleitos, gerentes e colaboradores para que possam contribuir efetivamente para o desenvolvimento do cooperativismo.

Fonte: elaborado pelo pesquisador (2022).

Que outros temas da atualidade se relacionam com este princípio?

Figura 17 – Nuvem de palavras geradas a partir do 5º princípio do cooperativismo sobre a prática



Fonte: elaborado pelo pesquisador (2022).

Na prática, como vivenciar este princípio?

Figura 18 – Nuvem de palavras geradas a partir do 5º princípio do cooperativismo sobre a prática



Fonte: elaborado pelo pesquisador (2022).

Esse princípio estabelece que as cooperativas devem oferecer oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento para seus membros, funcionários e comunidade em geral, para que possam participar plenamente das atividades da cooperativa. Na prática foi possível verificar que a educação, treinamento e informação são entendidos como elementos essenciais para o sucesso do cooperativismo, pois permitem que os membros tenham conhecimento sobre

o funcionamento da cooperativa, compreendam seus direitos e deveres, e participem ativamente das decisões que afetam a cooperativa e seus membros.

Além disso, a educação, treinamento e informação também ajudam a fortalecer a cooperação entre os membros da cooperativa, promovendo o trabalho em equipe, a comunicação efetiva, a captação de pessoas jovens e a resolução de conflitos, aprimorando a gestão e governança da cooperativa, e fortalecendo a cooperação entre os membros.

Quanto ao *sexto princípio: cooperação entre cooperativas*:

As cooperativas servem seus membros de maneira mais eficaz e fortalecem o movimento cooperativo, trabalhando juntos por meio de estruturas locais, nacionais, regionais e internacionais.

Fonte: elaborado pelo pesquisador (2022).

Que outros temas da atualidade se relacionam com este princípio?

Figura 19 – Nuvem de palavras geradas a partir do 6º princípio do cooperativismo sobre a prática



Fonte: elaborado pelo pesquisador (2022).

Na prática, como vivenciar este princípio?

Figura 20 – Nuvem de palavras geradas a partir do 6º princípio do cooperativismo sobre a prática



Fonte: elaborado pelo pesquisador (2022).

Esse princípio estabelece que as cooperativas devem trabalhar juntas em prol de objetivos comuns, fortalecendo o movimento cooperativista e contribuindo para o desenvolvimento econômico e social das comunidades onde estão inseridas (Intercooperação). Esse princípio é importante porque permite que as cooperativas compartilhem recursos e conhecimentos, promovam a integração e a solidariedade entre si, e ofereçam serviços e produtos de qualidade para seus membros e clientes.

Na prática realizada os sujeitos da pesquisa ratificaram o entendimento exposto de que a cooperação entre cooperativas somente se faz efetiva se forem estabelecidas relações de confiança e respeito mútuo entre elas, bem como mediante o desenvolvimento de mecanismos de intercooperação que permitam a troca de informações, experiências e recursos.

Quanto ao sétimo princípio: preocupação com a comunidade:

Cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentável de suas comunidades por meio de políticas
aprovados por seus membros.

Fonte: elaborado pelo pesquisador (2022).

Que outros temas da atualidade se relacionam com este princípio?

Isso pode ser corroborado a partir das palavras coletadas na prática realizada, em que questões como as iniciativas como a geração de empregos e renda, o apoio a projetos de educação e cultura, ações de preservação ambiental, entre outras, foram destacadas pelos participantes. Além disso, a preocupação com a comunidade também pode ser expressa na forma como as cooperativas se relacionam com seus membros, clientes e fornecedores, respeitando seus direitos e promovendo a igualdade de oportunidades, contribuindo para o fortalecimento dos valores cooperativistas, como a solidariedade, a participação e a responsabilidade social.

Assim, verifica-se que ao especular o papel do cooperativismo e provocar os participantes sobre os outros temas contidos nestes princípios, quis resgatar a bagagem cultural que possuem, como enfatiza o processamento simbiótico proposto por Lótmán (2002), visto que estes estão intrinsecamente relacionados aos princípios de Rochdale e suas convenções instituídas. Nota-se na leitura das enunciações geradas eletronicamente as diferentes esferas e conexões entre os diversos sistemas que habitam o indivíduo.

Embora esta amostra seja um pequeno recorte e, por isso, aponte apenas um vislumbre ainda bastante primários acerca das diferentes informações provenientes do cooperativismo como um todo, já podemos anunciar como alguns elementos reverberam padrões específicos de uma cultura e aqui respaldado na noção de cultura como texto. E parece que diante destes dados, a questão propositiva de reconhecer o *ethos* do cooperativismo está parcialmente resolvida, visto que revelam com afinco, afetações num discurso próprio, cujo teor reflete o valor histórico e cultural do cooperativismo.

Na mesa destas discussões, cabe ainda depreender do objeto estudado um olhar de investigação para reconhecer e perceber a culturologia do *ethos* do cooperativismo por meio da releitura e percepções afetadas pela cultura de cada sujeito participante. Assim, deve-se compreender a linguagem verbal, a estrutura, os signos em um sentido mais amplo do termo, quais as costuras adjacentes que integram este *ethos*.

Antes, merecem destaque os estudos de Irene Machado, uma pesquisadora brasileira que desenvolveu conceitos sobre a semiótica da cultura, abordando a análise dos símbolos e das formas de comunicação que expressam a identidade e a cultura de diferentes grupos sociais. Em sua obra "Semiótica da Cultura e Semiótica da Mídia" (MACHADO, 2003), a autora apresenta uma abordagem teórica que relaciona a semiótica da cultura à semiótica da mídia, destacando a importância dos símbolos e das formas de comunicação na construção das identidades sociais e culturais.

Machado (2003) destaca que a cultura pode ser entendida como um sistema de símbolos que transmitem significados compartilhados pelos membros de um grupo social, e que esses símbolos são utilizados para a construção da identidade coletiva e para a comunicação entre os membros do grupo. A autora também destaca a importância da análise das formas de comunicação utilizadas pelos grupos sociais, incluindo as formas mais evidentes, como objetos e gestos, até as formas mais abstratas, como ideias e crenças. Nesse sentido, a análise semiótica permite identificar as formas simbólicas que expressam a cultura e a identidade de um grupo social, bem como as formas de comunicação que são utilizadas para transmitir esses significados.

A abordagem de Machado (2003) é importante para a compreensão dos processos de construção da identidade cultural e para a análise das formas de comunicação utilizadas pelas diferentes mídias na transmissão dos significados culturais. Sua obra é referência para os estudos de semiótica da cultura e de semiótica da mídia no Brasil.

Diante do exposto, o *ethos* do cooperativismo pode ser analisado com a semiótica da cultura, considerando que as práticas e símbolos utilizados pelas cooperativas para construir sua identidade e cultura organizacional são formas de comunicação que expressam seus valores e ideais. Esses símbolos são utilizados para transmitir significados e valores que são compartilhados pelos membros do grupo (MACHADO, 2003).

No caso do cooperativismo, é possível identificar diversas formas simbólicas que expressam seu *ethos*, como por exemplo, o logotipo da cooperativa, que pode incluir símbolos que representam a união, a solidariedade e a igualdade. Além disso, a própria estrutura organizacional das cooperativas, baseada na democracia participativa e na gestão coletiva, pode ser vista como uma forma simbólica que expressa valores como a cooperação e a solidariedade.

Corroborando a isso, outra forma simbólica importante no cooperativismo é a linguagem utilizada pelos seus membros, que inclui termos específicos que expressam a cultura e os valores da cooperativa, como por exemplo, "autogestão", "intercooperação" e "equidade". Esses termos são utilizados para transmitir ideias e valores que são fundamentais para o cooperativismo e que diferenciam essa forma de organização de outras formas de negócio.

Parafraseando Bakhtin (1997), quando estudamos as subjetividades humanas, estamos buscando sentido em tudo para encontrar significado em todos. Não obstante, a corporeidade do *ethos do cooperativismo* se mostra aqui adjacentes ao entorno de cada cultura, que para Lótmán é o mesmo que texto. Assim, no trabalho estrutural exposto das nuvens de palavras se percebe a semiotização do entorno de cada palavra. E no processamento de todas estas nuvens a fim de gerar um *continuum* semiótico (LÓTMAN, 1996) percebeu-se a necessidade da

composição de um formato único, integrando todas estas nuvens de palavras mencionadas e analisadas anteriormente para uma única nuvem de palavras como processamento do *ethos do cooperativismo*, conforme demonstrado na Figura 23 a seguir:

Figura 23 – Nuvem de palavras do *ethos* do cooperativismo



Fonte: elaborado pelo pesquisador (2023).

Esta grande nuvem simbiótica de palavras se distingue pelo caráter ativo, pois sempre se sabe mais do que a mensagem inicial. Para Lótman (1996), o processo informacional é concebido de acordo com o seguinte esquema: “um certo significado é codificado por um certo sistema linguístico e adquire existência material em forma de texto” (LOTMAN, 1996, p. 7).

Por esta razão, a escolha da representação e disposição do *ethos* do cooperativismo na nuvem de palavras com dois pinheiros é proposital. Os pinheiros são frequentemente usados como símbolo do cooperativismo, pois representam a ideia de unidade, cooperação e força coletiva. Essa simbologia ganha significado a partir do contexto cultural em que são usados (LÓTMAN, 1996; 2002). Nesse sentido, os pinheiros como símbolo do cooperativismo se conectam entre si. As palavras *democracia*, *igualdade* e *participação*, em evidência no primeiro pinheiro e *ações*, *projetos sociais* e *desenvolvimento*, em evidência no segundo pinheiro, revelam que esta maior incidência dos termos narrados pelos participantes desta construção semiótica evocam e ilustram tanto um símbolo cultural, como uma rede de significados culturais que valorizam a união e a cooperação em prol de um objetivo comum. Tem-se, então, um *ethos* do cooperativismo, descrito, narrado e decodificado nas palavras contidas neste ecossistema.

Lótman (2002) argumenta que os símbolos culturais são capazes de transcender o tempo e o espaço, conectando diferentes gerações e culturas por meio de sua capacidade de transmitir significados e valores que são importantes para a sociedade. Assim, os pinheiros como símbolo do cooperativismo podem ser entendidos como uma forma de expressar a ideia de que a união e a cooperação são valores fundamentais para a construção de uma sociedade justa e equitativa.

Além disso, os pinheiros como símbolo do cooperativismo também podem ser interpretados a partir de sua relação com a natureza. Os pinheiros são árvores resistentes, que crescem em solos áridos e difíceis. Essa capacidade de adaptação e resistência pode ser vista como uma metáfora para a força coletiva que é capaz de superar as dificuldades e desafios.

Dentro do contexto do cooperativismo, os pinheiros representam ainda a ideia de união e colaboração, em que cada membro da cooperativa contribui para o sucesso do grupo como um todo. Assim como as árvores de uma floresta, os membros de uma cooperativa trabalham juntos para alcançar um objetivo comum, compartilhando recursos e conhecimentos para alcançar sucesso em conjunto.

Assim, esta composição dos pinheiros representando o *ethos* do cooperativismo, no âmbito da pesquisa sobre o cooperativismo aqui cultivada, apontam para incidências e sentidos que materializam nas palavras uma semiótica que precede o que está dado, mas que também provocam novos textos, uma certa causalidade, já que na fronteira em que se dão os encontros dialógicos, os elementos da homogeneidade contidas nos princípios universais do cooperativismo e somado à heterogeneidade das pessoas que recebem e qualificam estes princípios, permitem a hibridação e o diálogo, que “vão se conformar oferecendo a possibilidade de novos textos, novas composições com novos significados” (VELHO, 2009 p. 256). Ademais,

A possibilidade de diálogo pressupõe tanto a homogeneidade quanto a heterogeneidade dos elementos. Desse ponto de vista a diversidade estrutural da semiosfera constitui a base do seu mecanismo [...] por uma parte os sistemas não são idênticos e emitem textos diferentes, e, por outro outra, se transformam facilmente um em outro o que lhes garante a traduzibilidade mútua. Assim, podemos dizer que, para que seja possível o diálogo, os participantes devem ser diferentes, e cada um, ter em sua estrutura a imagem semiótica da sua contraparte. (LÓTMAN, 1996, p. 36–37).

Pode-se dizer, então, que a convergência destas palavras propõe refletir sobre temas urgentes que emergem no cenário contemporâneo. As palavras *diversidade, inclusão e liberdade*, por exemplo, que aparecem como correspondentemente nas palavras *ações sociais, apoio e acolhimento comunitário* se revelam como elementos da prática deste princípio, demonstram o interesse pelos valores humanos a serem propagados. Por isso, pressupõe que há

uma tradução mútua que assume o caráter de um apelo social. Não se trata, simplesmente de interpretar o que fora dito nas palavras, mas de problematizar que há outros sentidos que penetram as variantes destas palavras.

Já foi dito aqui, a globalização deslocou as estruturas sociais e culturais ao longo da história. De acordo com Hall (2013), a identificação cultural molda a história das culturas modernas. Este deslocamento das identidades sobrepostas, mais especificamente desde a virada do século XX, tem sido provocado por novas combinações entre espaço-mundo, que atravessa fronteiras nacionais, integram comunidades e organizações, tornando o mundo em uma nova experiência interconectada. A globalização implica em um movimento da ordenação do tempo e do espaço, e como fenômeno que promove a autonomia, está inerentemente ligada a modernidade (HALL, 2015, p. 39).

Agregado a isso, ao investigar as culturas que orbitam estes cenários globalizantes, Canclini (2003) já assinalava algumas tendências que se mostram como possíveis soluções para as sociabilidades deste momento. O isolamento social e como consequência a restrição da vida privada acentuaram ainda mais as classes e novos processos colaboram nessa reorientação, sendo a digitalização, a midiaticização dos conteúdos, a nova audiência digital ainda mais popularizada pelas transmissões ao vivo nas redes sociais, a nova forma de circulação do dinheiro e os novos hábitos de consumo e produção de bens e serviços, alguns dos elementos que vulgarizam e até mesmo interpelam a vida social.

O crescimento dos mercados informais, a precarização de algumas esferas do trabalho e em sua maior totalidade as grandes mudanças econômicas e sociais são consequências fundantes de uma provável revolução social causada pela pandemia do coronavírus e que gerou ainda mais a necessidade de se pensar em formas de inclusão e equidade pela diversidade de pessoas, das classes, de gêneros etc., para promover ainda mais liberdade para conviverem dignamente.

Ou seja, estamos diante de um cenário coletivo em que todos somos afetados pelos desencontros e desajustes sociais, direta ou indiretamente. Neste aspecto, reconheço que há um mundo fraturado e fragmentado, povoado por diversas comunidades e identidades em guerra onde o poder está polarizado como nunca e onde a própria cadeia alimentar está prestes a ser desmutualizada e patenteada. Sem acesso as condições mínimas de inclusão, pessoas são cada vez mais marginalizadas e, por isso, as cooperativas conjuntamente aos órgãos sociais e instâncias governamentais podem contribuir ainda mais para a promoção de movimentos como inclusão financeira e social, o voluntariado nas ações sociais para uma mitigação dos efeitos negativos que a globalização carrega; para a manutenção do respeito às pessoas, às raças, à

individualidade do ser humano e a preservação dos direitos humanos de maneira geral. Esta é sem dúvida, uma agenda permanente e o grande e mais urgente desafio da humanidade.

Estamos diante de uma mudança que cria outras percepções inventivas nas formas de viver ao mesmo tempo que se agravam os abalos na vida das pessoas em todas as dimensões sociais. Recriar e reaprender são formas de superar e sobreviver neste período de mudanças comportamentais profundas. Esta é também uma maneira de exercer a cooperação que se mostra tão necessária para a vida cotidiana (ZEQUETTO, 2021).

Diante disso, tem-se que o cooperativismo se apresenta como um movimento, uma filosofia de vida e um modelo socioeconômico cujos referenciais fundamentais são: participação democrática, solidariedade, independência e autonomia. Trata-se de um sistema econômico social criado para ser alternativa aos desajustamentos sociais que decorrem dos efeitos de práticas capitalistas agressivas e que se justifica na afirmação de que existem princípios e elementos essenciais que configuram a forma cooperativa como um corpo complexo de normas e de princípios envoltos por doutrina e filosofia que configuram um *ethos*, ou seja, uma orientação ética da ação de seus adeptos.

5.2 Manejos e subjetividades nos diálogos sobre cooperativismo

Entre o atravessamento das ideias que surgiram nos diálogos produzidos e a dimensão processual que se descortinou nos efeitos e sentidos, nasceram apreciações de realidades que o cooperativismo instaura no cotidiano dos participantes. Tais apreciações surgem, quando verifico que o manejo do campo problematizado são potentes lentes e dispositivos para análise de dados. Por esta razão, proponho aos alunos que já estão na reta final do curso de Gestão Tecnólogo em Cooperativismo, durante uma aula de Relações Humanas, que reflitam sobre as motivações que os levaram a estudar nesta graduação, em uma perspectiva de autoavaliação sobre o antes, durante e depois de começar o curso.

Verifica-se, então, que ao acessar e habitar o campo com atenção concentrada e aberta com etapas orientadas e direcionadas, desenvolvi uma política cognitiva inventiva, que segundo Kastrup (2009), é próprio do manejo da situação grupal na perspectiva participativa. Assim, ao acolher as subjetividades e narratividades dos participantes apresentaram-se os seguintes dados:

ANTES:

“Cheio de expectativas e com um entendimento muito vasto do conteúdo”

“Buscar a teoria e o que rege as cooperativas, minha família sempre esteve envolvida com o cooperativismo.”
 “Chego com muita vontade de colaborar.”
 “Sou apaixonada pelo Cooperativismo, decidi fazer a graduação por trabalhar durante algum tempo em uma cooperativa.”
 “Não sabia, e nem Imaginava em algo tão maravilhoso como o cooperativismo.”
 “Sem entendimento sobre o Cooperativismo.”

DURANTE:

Aprendendo muito!
 Gostando da proposta
 Cada dia que passa ainda mais apaixonada, somente triste por as cooperativas se tornando cada vez mais mercantilista
 “Percebo que quero continuar.”
 “Percebo as falhas que ocorrem nas cooperativas.”
 “Estou amando o cooperativismo, apreendendo muito nesta gestão e acredito que juntos nós podemos.”
 “eu percebo... que não sabia muito sobre o cooperativismo”.
 “Leituras sobre o Cooperativismo”.

DEPOIS:

Ser Gestor em Cooperativa!
 Integrar cooperativismo com a pecuária
 Fazer pesquisa e um Doutorado em Cooperativismo.
 Cartografia como metodologia da atenção.
 Foco nos processos, experiências e afetos (intelectualidade x afetividade)
 Cartografia é acompanhar processos: não se formulam regras, mas pistas
 Envolver o cooperativismo com outras áreas
 Ser Gestor, e viver em cooperação.
 Aprofundamento em pesquisas cooperativista
 Envolvimento contínuo em pesquisas e entendimento aprofundado ao Cooperativismo

De acordo com Kastrup e Passos (2016), no que se refere à criação teórico-conceitual e de intervenção, não se deve apenas percorrer caminhos previamente conhecidos, e sim criar conceitos que se revelam necessários acatando ideias que nos forcem a pensar e enfrentar os riscos envolvidos no processo de criação. Com esta compreensão, os efeitos da tensidade articuladas entre o antes, durante e depois expostos nas frases extraídas desta narrativa dos participantes fazem emergir os interesses e o entendimento sobre o cooperativismo. Um olhar atravessado pela esperança exposto nas expressões: *juntos nós podemos, quero continuar, ainda mais apaixonada...* retratam um devir como fenômeno de aceitação e um processo de identificação, porém marcado por uma relação até enigmática e conflituosa quando expõem visões tanto positivas quando negativas simultaneamente.

Nota-se também que no processamento do antes e o durante da vivência e do aprendizado sobre o cooperativismo, os participantes manifestam o desejo de envolver-se mais e contribuir para a constituição deste movimento.

Verifiquei ainda, que o impacto da relação entre o pesquisador e participantes é tão afetada a ponto de algumas frases imprimirem os termos e sentidos que apropriaram das rodas de conversa e diálogos provocados em situação de grupo, tais como: *fazer um doutorado em cooperativismo, cartografia como metodologia da atenção, foco nos processos*, verbalizando assim as suas interpretações na relação e na experiência.

Outro disparador da intervenção foi perguntar aos alunos: como se conectam ao movimento e atividades ligadas ao cooperativismo? Respostas objetivas como percebem solidariedade, entusiasmo, valores, união, paixão, compartilhar, participar surgiram.

Dadas estas conexões, proponho aos alunos a construção coletiva de uma ferramenta de apoio para atividade em grupo, denominado mapa da empatia, cujo foco é identificar e exercer a empatia com o tema estudado, apontando, assim as contribuições que sobre o que dizem, pensam, fazem e sentem sobre o cooperativismo.

O mapa da empatia é uma ferramenta de *design thinking*⁴⁴ que pode ajudar a analisar as motivações, desejos e necessidades de um determinado público-alvo. No caso dos alunos que estudam o curso Tecnólogo em Cooperativismo, o mapa da empatia pode ser usado para entender melhor seus perfis e comportamentos, bem como para identificar oportunidades de melhoria em relação ao curso e os desafios que se apresentam com o cooperativismo.

O que DIZEM sobre COOPERATIVISMO:

“Não se fala”
 “Uma vez que você conhece, nunca mais deixa de ser”.
 “Modelo de negócios, futuro dos empreendimentos, visão”.
 “Companheirismo, união, quem faz parte não quer sair. quem está fora e conhece quer fazer parte.”
 “O cooperativismo levou à fundação do município.”
 “um ajuda o outro e junto somos mais fortes.”
 É mais "humano" que o mundo mercantil.
 Ainda não é muito conhecido
 O que é Cooperativismo?

O que PENSAM sobre o COOPERATIVISMO:

me move a pensar no crescimento coletivo
 crescimento, união, sabedoria e colaboração.

⁴⁴ Design thinking é uma abordagem de solução de problemas que enfatiza a empatia com os usuários, a colaboração interdisciplinar e a experimentação rápida para desenvolver soluções inovadoras e centradas no usuário. Segundo Brown (2008), o design thinking é um processo que começa com a compreensão profunda das necessidades e desejos dos usuários, passa pela geração de ideias e prototipação rápida, até chegar à implementação da solução escolhida. O objetivo é desenvolver soluções que não apenas atendam às necessidades do usuário, mas que também sejam viáveis do ponto de vista técnico e financeiro. BROWN, T. Design thinking. Harvard Business Review, v. 86, n. 6, p. 84-92, 2008. Disponível em: <https://hbr.org/2008/06/design-thinking>. Acesso em: 24 mar. 2023.

O cooperativismo me faz pensar em um mundo menos individualista
 Infelizmente a prática não segue bem a teoria
 Tudidibom, humanidade, amor, companheirismo, troca, cumplicidade, doação.

O que FAZ o COOPERATIVISMO:

Pensar em algo melhor!
 “Pensar no outro, trabalhar em conjunto, viver em união, melhorar o meio que estou., pensar diferente, melhorar constantemente.”
 “Buscar melhorias.”
 “eu faço parte, o cooperativismo me faz agir diferente, e agir diferente, me faz querer buscar sempre o conhecimento e me proporciona momentos incríveis.”
 “Desenvolver novas ideias e projetos.”
 Atuar em Gestão, para gerar melhorias contínuas aos processos.
 Atuar em equipe, empatia, ver como um todo, o ser antes do ter.
 o cooperativismo mostra outra visão de agir, me faz crescer pessoalmente e profissionalmente. ser empático, trabalhar em equipe, ajudar próximo.

O que SENTEM sobre o COOPERATIVISMO:

Levando em consideração o que rola na prática, ainda há o que melhorar.
 eu sinto paixão pelo cooperativismo, me completou muito me trouxe a solução de querer aprender e entender mais e mais.
 Ser mais humano
 Pode melhorar ainda mais!
 Ser cada dia melhor, ser humano.

Diante do aparato semiótico contido nas frases da narrativa apresentada, verificou-se uma decodificação do sistema de signos que possuem uma espécie de linguística própria ao cooperativismo, novamente evocando a noção de um *ethos* instaurado. A cartografia como uma abordagem teórico-metodológica que busca compreender o mundo através da construção de mapas, entendidos como representações do real em constante transformação e negociação, enfatiza a importância do ponto de vista dos sujeitos envolvidos na pesquisa, bem como a sua subjetividade e experiência (KASTRUP; PASSOS, 2016).

Nesse sentido, percebi nas narrativas apresentadas a presença de diferentes perspectivas e significados atribuídos ao cooperativismo. Alguns dos relatos apresentam visões positivas, como a ideia de companheirismo, união, ajuda mútua e força coletiva, enquanto outros apontam para uma falta de conhecimento sobre o assunto ou para uma visão mais mercantilista do cooperativismo, como um modelo de negócios ou uma estratégia para o futuro dos empreendimentos. Verifiquei, então, que essas narrativas são expressões subjetivas de experiências e vivências concretas dos sujeitos envolvidos e exploram a forma como essas experiências são expressas, bem como as diferentes perspectivas e sentidos que emergem a partir delas.

Além disso, como a abordagem cartográfica valoriza a diversidade de vozes e visões presentes em um determinado contexto, nota-se que a construção de mapas representa a complexidade e a pluralidade das experiências envolvidas. Com efeito, ao acionar por meio deste mapa da empatia, como um dispositivo junto aos participantes, foi possível acessar os sentidos e percepções e que podem apoiá-los na continuidade e conclusão do curso que estão desenvolvendo.

5.2.1 Manejo de narrativas cooperativas

As narrativas são compreendidas como relatos que expressam a experiência humana e desempenham um papel fundamental na construção do conhecimento e na compreensão dos fenômenos sociais. Segundo Riessman (2008), as narrativas são formas de conhecimento que permeiam as ciências humanas, permitindo a análise e interpretação dos significados atribuídos pelos indivíduos às suas vivências. De acordo com Bruner (1990), as narrativas são atos de significação, por meio dos quais os seres humanos constroem e compartilham sentido sobre suas vidas e experiências.

Dessa forma, as narrativas cooperativas referem-se aos relatos e histórias compartilhados pelos participantes da pesquisa, considerados aqui como cooperativistas, sobre suas experiências no contexto do cooperativismo. Essas narrativas não apenas comunicam informações e experiências, mas também desempenham um papel na criação de identidade e sentido de pertencimento entre os cooperativistas e podem ser amplamente difundidas e utilizadas como recurso metodológico para favorecer a criação, mapeamento e processamento de conteúdos pertinentes ao contexto de desenvolvimento do cooperativismo. Ao compartilhar suas histórias, os cooperativistas contribuem para a valorização, conscientização e educação sobre o cooperativismo, fortalecendo o movimento cooperativo e promovendo transformações sociais. Por esta razão, desempenham um papel essencial na compreensão e promoção do cooperativismo.

Retomo então, neste momento, as ponderações expostas no capítulo intitulado "meandros de uma construção metodológica", a fim de manejar os diálogos mencionados anteriormente, buscando atualizar o processamento de frases e diálogos por meio dos pressupostos da cartografia. Isso implica na construção de uma narrativa cooperativa, que desempenham um papel fundamental na estabilização e atribuição de sentido ao cooperativismo. É essencial ressaltar que o conceito de "narrativa cooperativa" utilizado aqui refere-se a uma estratégia metodológica utilizada para decodificar a linguagem expressa no

ethos do cooperativismo, revelando um mapeamento social e epistemológico que emerge das experiências compartilhadas no campo cooperativista. Assim, essa abordagem incorpora uma forma de cartografia que vai além da representação de dados, buscando compreender as relações, afetos, perspectivas e significados atribuídos ao cooperativismo.

Essa concepção de narrativa cooperativa está fundamentada nos relatos de experiências, diálogos e frases presentes nos diálogos estabelecidos ao longo desta trajetória de pesquisa, proporcionando uma compreensão mais aprofundada dos afetos e reflexões associados ao envolvimento com experiências cooperativas. Verifica-se, assim, uma decodificação dos sistemas de signos presentes nos diálogos, frases e relatos comporta uma narrativa singular, caracterizada por uma linguística própria ao cooperativismo e reafirmando a presença de um *ethos* estabelecido.

Com base nos pressupostos teóricos da cartografia propostos por Kastrup e Passos; (2016; 2009), analisei as frases contidas nesta narrativa sobre o cooperativismo e suas percepções, buscando entender como estas se relacionam com a experiência e a subjetividade dos indivíduos envolvidos.

Em relação ao que DIZEM sobre o COOPERATIVISMO:

As frases apresentadas sobre o que as pessoas dizem sobre cooperativismo revelou quão emergente é se problematizar sobre as experiências que as pessoas vivem em relação aos pressupostos da cooperação, bem como sua significação e importância na sociedade.

A primeira frase, "*Não se fala*", pode ser interpretada como uma falta de informação ou interesse em relação ao tema do cooperativismo. É possível que essa pessoa nunca tenha tido contato com a cooperativa ou não tenha compreendido completamente o seu papel e a sua importância.

A segunda frase, "*Uma vez que você conhece, nunca mais deixa de ser*", destaca a fidelidade e o comprometimento que muitos membros de cooperativas possuem com o modelo de negócio. Isso pode ser interpretado como um indicativo de que o cooperativismo pode proporcionar uma experiência significativa e satisfatória para seus membros.

A terceira frase, "*Modelo de negócios, futuro dos empreendimentos, visão*", indica uma percepção de que o cooperativismo é uma alternativa viável e eficaz para a organização empresarial, especialmente em um contexto de mudanças sociais e ambientais significativas.

A quarta frase, "*Companheirismo, união, quem faz parte não quer sair. quem está fora e conhece quer fazer parte*", destaca a importância do sentimento de pertencimento e da construção de laços sociais significativos entre os membros de uma cooperativa. Isso pode ser

interpretado como uma das vantagens do modelo cooperativo, que enfatiza a cooperação e a solidariedade entre seus membros.

A quinta frase, "*O cooperativismo levou à fundação do município*", destaca a importância histórica do cooperativismo como um modelo de organização social e econômica que pode ter impactos significativos na vida das pessoas e das comunidades.

A sexta frase, "*um ajuda o outro e junto somos mais fortes*", reforça a ideia de que a cooperação e a solidariedade são valores fundamentais do cooperativismo, e que esses valores podem levar a benefícios significativos para todos os membros da cooperativa.

A sétima frase, "*É mais 'humano' que o mundo mercantil*", destaca uma percepção de que o cooperativismo pode ser um modelo de negócio mais ético e responsável do que o modelo tradicional de negócios baseado no lucro e na competição.

A oitava narrativa, "*Ainda não é muito conhecido*", indica uma percepção de que o cooperativismo ainda não é amplamente difundido e reconhecido, e que ainda há muito trabalho a ser feito para promover e expandir esse modelo de negócio.

Em suma, foi possível compreender que a narrativa contida nestas frases apresentadas são construções sociais que estão relacionadas com a subjetividade dos sujeitos e suas experiências. Dessa forma, é importante considerar o contexto desta narrativa como ponto de partida para a construção de um conhecimento coletivo sobre o cooperativismo e sua importância para o desenvolvimento social e econômico.

Em relação ao que PENSAM sobre COOPERATIVISMO:

As frases apresentadas sobre o que as pessoas pensam do cooperativismo revelam diferentes visões e concepções em relação a essa prática social e econômica. Ao analisar essas narrativas com base nos pressupostos teóricos da cartografia, entendo como essas visões são construídas e quais são as implicações dessas construções na prática do cooperativismo.

Segundo Kastrup (2016), a realidade é construída através de processos discursivos e sociais, ou seja, as concepções e visões que temos sobre a realidade são construídas a partir de nossas experiências, interações e relações sociais. Nesse sentido, as narrativas apresentadas sobre o que as pessoas pensam do cooperativismo refletem suas construções sociais e discursivas em relação a essa prática.

A primeira frase "*me move a pensar no crescimento coletivo*" reflete a visão de que o cooperativismo é uma prática que promove o crescimento coletivo, ou seja, que os indivíduos podem alcançar objetivos comuns trabalhando juntos em cooperação. Essa visão está alinhada

com os princípios cooperativistas, que enfatizam a cooperação, a participação democrática e a distribuição equitativa de benefícios.

A segunda frase "*crescimento, união, sabedoria e colaboração*" também reflete a visão de que o cooperativismo é uma prática que envolve crescimento coletivo e cooperação, mas também destaca a importância da sabedoria e da união na construção de uma cooperativa bem-sucedida. Essa visão sugere que a construção do conhecimento e a colaboração são fundamentais para o sucesso do cooperativismo.

A terceira frase "*o cooperativismo me faz pensar em um mundo menos individualista*" reflete a visão de que o cooperativismo é uma prática que promove a cooperação e a solidariedade em contraposição ao individualismo. Essa visão está alinhada com a ideia de que a prática do cooperativismo pode contribuir para uma transformação social mais ampla, promovendo valores cooperativos em contraposição aos valores individualistas.

A quarta frase "*infelizmente a prática não segue bem a teoria*" sugere uma visão crítica em relação à prática do cooperativismo, indicando que nem sempre a teoria e os princípios cooperativistas são seguidos na prática. Essa visão destaca a importância de monitorar e garantir que as práticas cooperativistas estejam alinhadas com os princípios cooperativistas, para que os benefícios coletivos possam ser alcançados.

Por fim, a quinta frase "*Tudidibom, humanidade, amor, companheirismo, troca, cumplicidade, doação*" sugere uma visão positiva e emocionalmente carregada em relação ao cooperativismo, enfatizando valores como amor, companheirismo, troca e doação. Essa visão sugere que a prática do cooperativismo pode estar associada a uma experiência emocionalmente significativa e gratificante para os indivíduos envolvidos.

Em resumo, a análise da narrativa cooperativa contida nas frases apresentadas sobre o que as pessoas pensam do cooperativismo permitiu explorar as dimensões subjetivas, afetivas e simbólicas da cooperação e colaboração entre os participantes da pesquisa.

Em relação ao que FAZ o COOPERATIVISMO:

As frases apresentadas sobre o que faz o cooperativismo estão intimamente relacionadas aos processos de subjetivação que emergem das experiências vividas pelos indivíduos em suas relações com o mundo. De acordo com Kastrup e Passos (2016), a cartografia propõe uma perspectiva de análise que valoriza a singularidade das experiências e dos sujeitos, e busca compreender as múltiplas dimensões que se entrecruzam nas práticas cotidianas.

Esta narrativa apresenta, ainda, uma riqueza de elementos e dimensões que podem ser explorados a partir dos pressupostos teóricos da cartografia. Em primeiro lugar, é importante

destacar que essas narrativas são expressões das práticas e experiências vividas pelos sujeitos no contexto cooperativista, e que estão em constante processo de transformação e criação.

A partir dessa perspectiva, analiso as frases contidas nesta narrativa cooperativa como um conjunto de práticas e significados que emergem da experiência cooperativista. Por exemplo, a primeira frase "*Pensar em algo melhor!*" pode ser interpretada como uma expressão da busca constante por inovação e melhoria das práticas cooperativistas, que se baseia na ideia de que sempre é possível pensar em alternativas melhores para os desafios enfrentados. Também destaca a importância de ter um pensamento crítico e reflexivo sobre o que pode ser melhorado na realidade em que se vive. Apontou ainda para a busca por soluções inovadoras e criativas para os problemas e desafios enfrentados pela comunidade cooperativista. Na perspectiva da cartografia, essa narrativa revelou uma dimensão da produção de subjetividade, ou seja, como ela contribui para a construção de um senso de identidade e pertencimento na comunidade cooperativista.

Já a segunda frase "*pensar no outro, trabalhar em conjunto, viver em união, melhorar o meio que estou, pensar diferente, melhorar constantemente*", destaca a importância do trabalho em equipe e da cooperação para alcançar objetivos coletivos. Evocou ainda a prerrogativa da necessidade de se pensar além do individualismo e de se engajar em ações que visem melhorar a vida não apenas dos cooperativistas, mas de toda a comunidade. Na perspectiva da cartografia, revelou uma dimensão da afetividade, ou seja, como ela contribui para a construção de laços de solidariedade e empatia entre os cooperativistas.

Na terceira frase, "*Buscar melhorias*", destacou-se a importância da busca constante por melhorias e aperfeiçoamentos no cooperativismo. Ela aponta para a necessidade de se estar sempre em movimento, buscando novos desafios e oportunidades de crescimento. Na perspectiva da cartografia, essa narrativa revelou a dimensão da criação, ou seja, como ela contribui para a construção de um senso de agenciamento e transformação na comunidade cooperativista.

Na quarta frase "*Eu faço parte, o cooperativismo me faz agir diferente, e agir diferente, me faz querer buscar sempre o conhecimento e me proporciona momentos incríveis.*" destacou-se a importância do cooperativismo na transformação pessoal e profissional dos indivíduos. Ela aponta para a valorização do aprendizado e do desenvolvimento pessoal como elementos fundamentais para a participação ativa na comunidade cooperativista. Na perspectiva da cartografia, essa narrativa revelou também a dimensão da subjetividade, ou seja, como ela contribui para a construção de uma identidade cooperativista que valoriza o conhecimento e o crescimento pessoal.

A quinta frase, "*Desenvolver novas ideias e projetos*", destaca a importância do desenvolvimento de novas ideias e projetos no cooperativismo, sugerindo que essa prática pode ser um caminho para a inovação e a transformação social. O mapeamento das práticas cooperativistas que envolvem a criatividade e a inovação, permite identificar outros novos processos de subjetivação que emergem dessas práticas.

A sexta frase "*Atuar em Gestão, para gerar melhorias contínuas aos processos*", destaca a importância da gestão cooperativa para a melhoria contínua dos processos. Desta forma, revelam os elementos da gestão participativa e democrática, bem como a identificação dos processos de subjetivação que emergem dessas práticas.

Por fim, a sétima frase "*Atuar em equipe, empatia, ver como um todo, o ser antes do ter*", revelou a importância do trabalho em equipe, da empatia e da visão sistêmica no cooperativismo.

Portanto, a narrativa contida, nas frases acima mencionadas enfatizaram a importância da construção de uma visão de mundo mais empática e solidária, que valorize o ser antes do ter. Esse aspecto expressa a dimensão axiológica do cooperativismo, que se baseia em valores como solidariedade, cooperação, autonomia e democracia.

Em relação ao que SENTEM sobre o COOPERATIVISMO:

A narrativa apresentada sobre o que sentem em relação ao cooperativismo evidencia aspectos importantes para a compreensão dos processos de subjetivação que emergem da experiência cooperativista, em especial, os aspectos emocionais, afetivos e subjetivos associados à participação em cooperativas.

A frase "*Levando em consideração o que rola na prática, ainda há o que melhorar*" destaca a importância de se buscar constantemente melhorias na prática cooperativista. Essa narrativa apresenta uma perspectiva crítica e reflexiva sobre a experiência cooperativista, evidenciando a importância de se pensar em estratégias para aprimorar as práticas e processos de gestão cooperativa.

A frase "*eu sinto paixão pelo cooperativismo, me completou muito me trouxe a solução de querer aprender e entender mais e mais*", destaca aspectos afetivos e subjetivos associados à participação em cooperativas. Essa narrativa apresenta uma perspectiva de valorização da experiência cooperativista como fonte de realização e aprendizado, que traz sentido e significado para a vida do sujeito.

A frase "*Ser mais humano*", destaca a importância de se valorizar a dimensão humana nas práticas cooperativistas. Essa narrativa apresenta uma perspectiva de humanização das

relações sociais, evidenciando a importância de se construir práticas mais solidárias e justas na sociedade.

A frase "*Pode melhorar ainda mais! Ser cada dia melhor, ser humano*", reforça a importância de se buscar constantemente aprimorar as práticas cooperativistas e de valorizar a dimensão humana nas relações sociais.

Dessa forma, a narrativa cooperativa expressa nas frases sobre o que sentem em relação ao cooperativismo apresentam aspectos subjetivos e afetivos que são fundamentais para compreender os processos de subjetivação que emergem da experiência cooperativista. A cartografia se apresenta como uma abordagem teórico-metodológica capaz de capturar a dinamicidade e a complexidade desses processos, permitindo que sejam elaboradas estratégias mais efetivas para fortalecer e ampliar o cooperativismo como alternativa para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

De acordo com Kastrup e Passos (2016), a cartografia propõe uma perspectiva de análise que valoriza a singularidade das experiências e dos sujeitos, e busca compreender as múltiplas dimensões que se entrecruzam nas práticas cotidianas. Nesse sentido, as narrativas cooperativas apresentaram uma visão singular e multifacetada do que significa ser cooperativista, evidenciando novamente a noção de um **ethos do cooperativismo**. Estas narrativas destacam aspectos como a busca por melhorias, o trabalho em conjunto, a empatia, a valorização do ser antes do ter, a busca constante por conhecimento e desenvolvimento pessoal e profissional, entre outros. Esses aspectos são fundamentais para compreender as práticas e processos de subjetivação que emergem da experiência cooperativista.

Ao mesmo tempo, é importante destacar que essas narrativas não são universais ou fixas, mas sim dinâmicas e mutáveis, e estão em constante processo de construção e transformação. Isso significa dizer que, ao longo do tempo, novas práticas e sentidos podem emergir do cooperativismo, e a narrativa cooperativa apresentada pode ser ampliada, modificada ou mesmo contestadas.

Diante das análises e do processamento desta narrativa cooperativa apresentada, buscou-se fundamentar a compreensão dos pressupostos teóricos da cartografia, na dimensão de uma **cartografia do cooperativismo**, pois é uma abordagem que processou o mapeamento das práticas na subjetivação de frases que emergem das experiências vividas pelos indivíduos em suas relações com o mundo e com o cooperativismo.

Portanto, a narrativa cooperativa é uma ferramenta essencial para a compreensão e o avanço do cooperativismo. Ela amplia a conscientização, promove o diálogo e estimula a reflexão crítica sobre o papel e a importância desse modelo de negócio na sociedade

contemporânea. Por meio das narrativas cooperativas, é possível construir um conhecimento mais aprofundado e contextualizado sobre as práticas cooperativas, contribuindo para a disseminação e fortalecimento desse movimento e para o desenvolvimento de abordagens teórico-metodológicas inovadoras no estudo do cooperativismo.

Como forma de ampliar essa reflexão, apresento a seguir o manejo de diálogos contidos nas colheitas produzidas durante o processamento deste estudo.

5.2.2 Manejo de diálogos cooperativos

Na relação processual que se descortinou junto aos participantes da pesquisa, promovi novas conversas com objetivo de entender, ouvir e acolher as subjetividades. Nesta direção, propus que argumentassem nos encontros de grupos focais, sobre as motivações que os levaram a estudar e conhecer sobre o cooperativismo, a fim de identificar o quanto são afetados pelas alteridades instauradas. Segundo Kastrup, Passos e Tedesco (2016) conhecer implica em uma ação e intervenção no plano instituído. E a partir dos encontros realizados a própria experiência de pesquisa se constituiu é uma ação criadora de mundos, “gerando um processo perpétuo de transformação-conhecimento das atividades que se desenvolvem” (BARROS; SILVA (2016, p.128). Com base nestas ponderações foi que solicitei a cada participante que fizesse um reconhecimento ao outro colega participante no sentido de evidenciar qualidades e apresentar sua própria subjetividade. Reuni alguns destaques nos excertos a seguir, como resultado da intervenção que gerou espontaneamente os seguintes diálogos. Os nomes dos participantes foram preservados e substituídos por um X,

PARTICIPANTE 1: oi boa noite a todos obrigada. X esqueci de te falar da do tom da voz dela eu acho um charme charme pai meu o problema assim tão nosso ar concordo com você seria o mesmo tempo tão marcante tão forte ai muito obrigada Senhora é eu reconheço todas essas qualidades que a Senhora falou né é uma pessoa que eu quero falar um pouquinho dela e dele X eu acho que ainda ninguém falou dela uma pessoa que eu vejo que ela é determinada esforçada inteligente ela vai atrás busca conhecimento não é está muito empenhada em aprender libras e muito perto de ser patinho para também na nas aulas não é comunicativa e é isso eu vejo essas qualidades Na nossa colega X também eu acho que o X pode falar agora não é X você está aí acho que caiu de novo pra eu estou vendo ali não é caiu aqui porque nós temos mais uma pessoa aí para reconhecer e eu vou pedir a ajuda de vocês dos colegas que estão mais próximo que conhecem alguém que seja um voluntário para falar e reconhecer que eu acho que é.

PARTICIPANTE 2: Eu não foi reconhecido ainda né... conversar eu quase não interajo aqui só é que eu sou mais prático e racional daí eu acho que não me abro muito na minha vida pessoal etc. tá certo.

PARTICIPANTE 3: Assume e começa a falar dele... mas eu vou falar você quer uma pessoa admirável você é muito jovem comprometido nós fizemos um trabalho juntos todas as dúvidas você sempre me procurou a gente sempre trabalhou junto você é muito companheiro os trabalhos que a gente faz em grupo pelo menos é isso que você aparenta a sua responsabilidade seu companheirismo e você agrega muito na equipe obrigado pela ajuda.

PARTICIPANTE 4: vou complementar é um menino interessado e não subestime o fato de você ser quieto pelo contrário eu vou te indicar um livro professor clima deve conhecer eu li esse livro por conta da minha filha que é quieta então se chama o poder dos quietos eu poder dos insetos e tem um poder dos quietos ser quieto ser é introvertido se quieto palavra é isso não é defeito isso não é não é problema das pessoas na verdade deveriam ser mais quietas analisar pensar antes de falar com seria bem melhor então hoje a gente precisa de pessoas estejam corretas introspectivas analíticas críticas essa é uma das analista frente não é só para me conhecerem para o 5 obrigado pessoas isso aí não tem certo e errado viu participante 3 cada um tem uma personalidade cada um tem uma subjetividade isso é muito bom somos pessoas diferentes o que você às vezes caracteriza como ao pequeno posso ter entendido como algo não bom pode ser uma Fortaleza sua então cada um tem a sua fortaleza quem sabe ser programático ser mais.

PARTICIPANTE 5: eu acho que eu princípio está bastante ligado a nossa origem o que foi nos passado a nossa formação eu penso assim os valores é o valor é o que a gente vem conquistando através dos princípios que nos for passado. Com o tempo a gente vai adquirir os valores observar mesmo acho que eu ainda mais ligado, na minha opinião, tá mais lhe dado origem ao principal princípio acho que está mais ligada origem a nossa base nossa informação dos valores é mais com o tempo já vem mais através de um processo vai com o tempo a gente vai adquirindo vai conhecendo ou vai passando a reconhecer determinados valores tanto faz se positivos ou não, isso é o que eu acho.

PARTICIPANTE 6: seria se o princípio seria a regra estar todo mundo e os valores são as minhas regras aquilo que Eu Acredito, ou seja, se é dentro da ética, dentro da moral não é então aí que são os princípios é aquilo que o que move o mundo dentro da ética dentro da moral dentro dos bons costumes seria o princípio certo não sei eu quero ouvir vocês o que que é princípio que é valor mais alguém gostaria de contribuir.

As subjetividades aqui levantadas se traduzem como elementos importantes nos diálogos sobre cooperativismo, uma vez que as cooperativas são organizações formadas por pessoas, com experiências e valores distintos. Assim é possível aferir que as subjetividades dos participantes podem influenciar a forma como a cooperativa é gerenciada, bem como os objetivos que são estabelecidos e as ações que são implementadas. Por exemplo, as subjetividades podem influenciar a forma como os membros se relacionam entre si, a tomada de decisões, a gestão financeira e a implementação de políticas e ações voltadas para a comunidade. Embora sejam estudantes do cooperativismo, estão se preparando para atuar no segmento, como se propõe a ementa do curso já apresentado.

Ademais, as subjetividades podem estar relacionadas a fatores como cultura, etnia, gênero, orientação sexual, idade, entre outros aspectos. Por isso, é importante que as cooperativas promovam diálogos abertos e inclusivos, que levem em consideração as

subjetividades dos membros e a diversidade de perspectivas. A escuta ativa, o respeito mútuo e a valorização da diversidade são elementos-chave para a construção de um ambiente cooperativo saudável e produtivo. Além disso, é importante que as cooperativas invistam em políticas e práticas que promovam a inclusão e a equidade, evitando a reprodução de relações de poder e desigualdades. Isso pode incluir a adoção de políticas de igualdade de gênero, ações afirmativas para grupos marginalizados, entre outras medidas.

Com efeito, os diálogos cooperativos são assim denominados por traduzirem experiências compartilhadas sobre os princípios cooperativos aqui estudados. Ao serem apresentados fornecem ricos elementos textuais que corroboram tanto com a perspectiva da semiótica da cultura, no que se refere à análise dos signos e símbolos que são utilizados nos diálogos, como em perspectiva cartográfica, em relação a abordagem que busca mapear as práticas e discursos que permeiam a realidade dos participantes.

Diante do exposto, trago as seguintes ponderações:

No primeiro diálogo do participante 1, é possível identificar a presença da semiótica da cultura na forma como o participante se comunica, utilizando expressões e tom de voz característicos da cultura em que estão inseridos. Por exemplo, a expressão "*um charme charme pai meu*" pode ser vista como um sinal de aprovação ou admiração na cultura em que os participantes se encontram. Além disso, há uma busca por reconhecer as qualidades de um colega, evidenciando uma prática cooperativista de valorização e reconhecimento mútuo.

Já no segundo diálogo, o participante 2 apresenta uma postura mais individualista e racional, demonstrando uma resistência em se abrir para o grupo. Esse comportamento em análise cartográfica, diz respeito a existência de diferentes subjetividades e posicionamentos dentro do grupo.

No terceiro diálogo, há uma valorização e reconhecimento das qualidades de um participante, indicando uma prática cooperativista de valorização mútua e trabalho em equipe. Através da cartografia, é possível identificar a existência de uma dinâmica de trabalho em grupo e a importância da colaboração para alcançar objetivos em comum.

No quarto diálogo, é possível identificar uma reflexão sobre as diferentes personalidades e subjetividades dos participantes do grupo. Esse tipo de reflexão pode ser visto como uma prática cooperativista de respeito e valorização da diversidade. Além disso, a discussão sobre o poder dos quietos pode ser entendida como uma reflexão sobre a importância de diferentes tipos de personalidades em um grupo e como essas características podem ser vistas como fortalezas.

Por fim, no quinto diálogo, há uma reflexão sobre a origem dos valores e princípios que orientam a prática cooperativista. Essa discussão pode ser entendida como uma busca por

compreender as raízes da cultura cooperativista e como ela se desenvolveu ao longo do tempo. Através da cartografia, é possível identificar as diferentes práticas e discursos que permeiam a cultura cooperativista e como essas práticas são construídas ao longo do tempo.

Em síntese, os diálogos apresentados evidenciam a importância tanto da semiótica da cultura quanto da cartografia na análise das práticas cooperativistas. Através da análise desses elementos, é possível compreender como os valores e princípios cooperativistas são construídos e praticados na realidade. Além disso, é possível identificar as diferentes subjetividades e posicionamentos dos participantes do grupo, evidenciando a importância da valorização da diversidade no contexto cooperativista.

Diante dos efeitos destes diálogos apresentados, em que participei ativamente nas etapas, interessa ponderar que há um processo de coemergência que se estabeleceu durante a conversa e que se configurou quase como uma entrevista, seja “diferenciando novos sentidos, traçando novos fios de conversa, promovendo e agenciando outros discursos coletivos” (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2016, p. 114), o que se efetiva na intervenção e confiança mútua durante o manejo cartográfico da experiência. Sobre isso, considero que,

As questões são fabricadas como outra coisa qualquer. Se não deixam que se fabriquem suas questões, como elementos vindos de toda parte, de qualquer lugar, se as colocam a você, não tem muito o que dizer [...] o objetivo não é responder as questões, é sair delas [...] uma entrevista poderia ser simplesmente o traçado de um devir (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 9–10 *apud* KASTRUP; PASSOS, 2016, p. 92).

Concomitante a isso, no acompanhamento dos processos, a cartografia promove trocas de informações e acesso à novas experiências,

A cartografia requer que a escuta e o olhar se ampliem, sigam para além do puro conteúdo da experiência vivida, do vivido da experiência relatado na entrevista, e inclua seu aspecto genético, a dimensão processual da experiência, apreendida em suas variações (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2016, p. 95).

Em vista disso, apresento as modulações e variações que ocorreram nos diálogos obtidos durante um encontro em forma de grupo focal com os alunos da Graduação em Cooperativismo do Icoop, realizado em 14/04/2021, de maneira virtual. Durante a conversa sobre os princípios do cooperativismo, apresentei o resultado do processamento do ecossistema do *ethos do cooperativismo* (Figuras 8 a 21), detalhado no subcapítulo “Afetos nos diálogos sobre cooperativismo”, o que permitiu surgir diversas ponderações revelando certa expertise, controvérsias e o conhecimento de mundo dos participantes. Esta experiência oportunizou

problematizar os temas apontados originando performatividades ao retomar as questões concernentes aos conteúdos e conhecimentos provocados pelos princípios cooperativos.

Desse modo, as enunciações dialógicas se efetivaram na dimensão processual. Após escutar as gravações, reler as transcrições do encontro e diários de campo, pude reescrever e, então, cartografar novas linhas e ritmos aos momentos de conversas, em um formato mais fluido, no manejo destes recursos e dispositivos utilizados, permitindo uma criação teórico-conceitual e efeitos de intervenção, bem como uma política de escrita e narratividade (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2016) em formato de alguns diálogos cooperativos. A seguir apresento o recorte do primeiro Diálogo Cooperativo desta construção obtida a partir dos diálogos realizados com o grupo focal. Esclareço que os nomes dos participantes foram preservados, sendo representados a seguir pelas letras do alfabeto, indicando, a interação de pessoas, como é próprio do cooperativismo, uma sociedade de pessoas.

DIÁLOGO COOPERATIVO 1

Pessoa A: "Essa questão é cultural. Não podemos negar que os modos europeus têm grande influência sobre nós, especialmente porque estamos em um país emergente. A cultura afeta muito a questão do acesso e interpretação do conhecimento, facilitando ou dificultando a compreensão de questões sensíveis, como o racismo e sexismo."

Pessoa B: "Concordo plenamente com você. Nossa cultura está enraizada em políticas que perpetuam o racismo e o sexismo. No entanto, o cooperativismo gerou uma inovação ao criar um modelo rotativo que foi iniciado por 28 pioneiros, entre eles uma mulher que era esposa de um dos pioneiros. Isso foi uma conquista significativa para a época, considerando que as mulheres não tinham muita voz e eram limitadas pelas normas sociais que as restringiam ao serviço doméstico."

Pessoa C: "Sim, realmente foi uma conquista importante. É encorajador ver que, mesmo em um ambiente tão repressivo, uma mulher foi capaz de fazer parte dos preceitos e princípios do cooperativismo. Certamente, a sensibilidade feminina foi essencial para o sucesso da iniciativa."

Pessoa B: "Concordo plenamente. É muito importante que as mulheres tenham um papel ativo em movimentos como o cooperativismo, porque sua sensibilidade é valiosa e, sem ela, muito estaria perdido."

Pessoa A: "Exatamente. O que precisamos é de mais iniciativas como essa para promover a igualdade e justiça em nossa cultura. Precisamos trabalhar juntos para criar um futuro melhor."

C: "Com certeza, devemos continuar a discutir e buscar maneiras de melhorar a sociedade em que vivemos."

Segundo Passos, Kastrup e Tedesco (2016), a cartografia se baseia na ideia de que a realidade é sempre múltipla e heterogênea, e que os saberes são construídos a partir das experiências e dos diferentes modos de vida das pessoas envolvidas na pesquisa. Nesse sentido, podemos observar que o diálogo acima reflete essa multiplicidade, ao trazer diferentes questões culturais e sociais que afetam o acesso ao conhecimento e a interpretação de questões sensíveis, como o racismo e o sexismo.

Além disso, a cartografia propõe a ideia de que a pesquisa é uma prática colaborativa, em que os pesquisadores e as pessoas envolvidas no processo criam juntos um plano comum de ação. Podemos observar essa colaboração no diálogo, quando os participantes discutem a importância do cooperativismo como uma fonte de inovação e citam exemplos de mulheres pioneiras que ajudaram a criar os preceitos e princípios da cooperativa.

Outro aspecto importante da cartografia é a ideia de que o conhecimento é sempre situado e relacional, ou seja, está sempre ligado a um contexto específico e é construído a partir das relações estabelecidas entre as pessoas. Nesse sentido, podemos perceber que os participantes do diálogo trazem suas experiências e vivências pessoais para a discussão, o que enriquece o debate e possibilita uma compreensão mais ampla do tema.

Na perspectiva cartográfica, é a valorização da subjetividade e a singularidade das experiências de cada pessoa que busca criar espaços de escuta e acolhimento para que essas experiências possam ser compartilhadas. Verifica-se essa valorização da subjetividade no diálogo, quando os participantes falam sobre a sensibilidade das mulheres e a importância de sua presença na criação dos preceitos e princípios da cooperativa.

Portanto, considero que à medida que o diálogo acima reflete alguns dos pressupostos da cartografia, traz no conteúdo a multiplicidade e heterogeneidade da realidade, a colaboração entre os participantes, a contextualização do conhecimento e a valorização da subjetividade e singularidade das experiências de cada pessoa.

Considerando este contexto e as análises do diálogo 1, algumas problematizações e perguntas que podem ser levantadas no sentido de ampliar a reflexão para o tema pesquisado: Como a cultura afeta a percepção e o acesso ao conhecimento em temas sensíveis como o racismo e o sexismo? De que maneira a presença de mulheres como pioneiras do cooperativismo contribuiu para a inovação e os preceitos e princípios dessa prática? Como o cooperativismo pode ser visto como uma forma de resistência cultural a práticas dominantes que excluem ou marginalizam grupos específicos, como as mulheres? Quais são as possíveis implicações da cultura na adesão e no sucesso de empreendimentos cooperativos em países em desenvolvimento ou emergentes?

Enquanto professor e membro atuante no ambiente das cooperativas, bem como participante de movimentos institucionais e formativos, além de fornecer instrução em níveis gerenciais e acadêmicos dentro do âmbito das cooperativas no Brasil, observo que o diálogo apresentado suscita algumas questões relevantes para a reflexão sobre a aplicação dos princípios cooperativistas na sociedade. Na tentativa de iniciar respostas às perguntas que trago, é interessante problematizar que em relação à forma como a cultura afeta a interpretação de

questões sensíveis, como o racismo e o sexismo, avalio como os valores e práticas culturais podem ser uma barreira para a inclusão e participação plena de todas as pessoas no cooperativismo. Além disso, podemos questionar como as experiências e vivências pessoais dos participantes podem influenciar na criação de um plano comum de ação e na construção de saberes colaborativos. Por isso, considero que a diversidade de vivências pode enriquecer o debate e possibilitar uma compreensão mais ampla do tema, mas também pode gerar conflitos e dificuldades na tomada de decisões conjuntas.

Outra problematização relevante que reconheço aqui, é a forma como o cooperativismo pode ser uma fonte de inovação e transformação social, a partir da valorização da subjetividade e singularidade das experiências de cada pessoa. É importante também refletir sobre como os princípios cooperativistas podem ser aplicados de forma a garantir a participação ativa de todas as pessoas, especialmente daquelas que historicamente foram excluídas e marginalizadas.

A análise do excerto deste diálogo cooperativo apresentado revelou então, as seguintes ponderações. As problematizações e perguntas levantadas aqui nos ajudam a refletir sobre como o cooperativismo pode ser uma ferramenta para a promoção da igualdade de gênero e para a inclusão social. Como podemos fortalecer a presença e participação das mulheres nas cooperativas? Como podemos garantir que as cooperativas sejam um espaço seguro e acolhedor para todas as pessoas, independentemente de sua raça, gênero ou orientação sexual?

Para responder a essas perguntas, é fundamental que as cooperativas promovam a educação e a conscientização sobre questões de diversidade e inclusão. Em resumo, a análise do diálogo cooperativo nos mostra como o cooperativismo pode ser uma força para a inclusão social e para a valorização da diversidade. Ao reconhecer e valorizar a importância da cultura na compreensão das questões sensíveis, podemos construir cooperativas mais justas e igualitárias.

Na sequência, apresento outro recorte no segundo Diálogo Cooperativo. Vale destacar que a ordem alfabética das pessoas apresentadas semelhante ao diálogo anterior, não reflete necessariamente os mesmos participantes,

DIÁLOGO COOPERATIVO 2

Pessoa A: Aqui, nesse ponto da questão, trata-se da discriminação, que está vinculada ao primeiro princípio que envolve a participação das cooperativas no combate à discriminação. É super importante perceber que existem atitudes que faltam para que o raciocínio lógico conjuntamente com vocês possa se desenvolver. As palavras que surgiram nesse contexto incluem ações voluntárias, como o voluntariado, que não deve ser confundido com voluntariedade, que é proposta pelo primeiro princípio. Temos aqui palavras como liberdade de expressão, projetos

sociais multiplicadores, reunião, respeito, conhecimento, solidariedade, igualdade, todos unidos com um só objetivo: a humanidade. É importante perceber que somos seres humanos, não máquinas, e que devemos ser tratados com sensibilidade e dedicação humanitária. Pertencer a essa causa é muito bacana, pois envolve amor ao próximo, dedicação, vida e doação.

Pessoa B: Entendi. Mas a decisão dos operários é sempre levada em consideração?

Pessoa D: Sim, claro. Durante muitos anos participei de um voluntariado dentro da cooperativa, e a decisão dos cooperados sempre foi respeitada.

Pessoa C: Posso complementar dizendo que o voluntariado também colabora para o desenvolvimento pessoal. É uma oportunidade para nos desenvolvermos como seres humanos, e não se trata apenas de envolvimento local. Além disso, é uma forma de agregar valor e interesse individual.

Pessoa D: Exatamente. Temos aqui palavras e atitudes relacionadas a esse primeiro princípio, voltadas para a ótica das ações do voluntariado e suas projeções. Em relação à inclusão de pessoas, é importante perceber o quão inclusivo é o cooperativismo. Não se trata apenas de gerar igualdade geral, mas de unir um leque de pessoas, gerar valorização e aproximação, respeito e networking. Acessibilidade, paz, comunicação e equidade são importantes nesse contexto. A inclusão gera valorização e liberdade de expressão, além de desenvolvimento social. A diferença no tratamento de um cooperado para o outro pode ser interpretada de diversas formas, mas é importante que todos sejam tratados com igualdade e respeito.

Pessoa B: Entendi melhor agora. Obrigado pela explicação.

Interessam aqui, os manejos deste excerto que se configuram como um agenciamento coletivo de enunciação (Deleuze; Guattari, 1995). Neste diálogo cooperativo, é possível notar uma grande dificuldade de compreensão por parte dos interlocutores. Há uma confusão entre os temas discutidos, com a introdução de novas ideias sem um encadeamento claro com as anteriores. Isso indica uma falta de clareza e objetividade na comunicação, o que pode prejudicar a construção de um plano comum entre os participantes. Tal plano é dito comum, “não por ser homogêneo ou por reunir atores (sujeitos e objetos, humanos e não humanos) que materializam em si relações de identidade, mas porque opera comunicação entre singularidades heterogêneas, num plano que é coletivo” (KASTRUP; PASSOS; 2016, p.16).

Nessas relações de identidade entre os participantes, é possível notar uma certa resistência por parte de um dos interlocutores sobre o tema do voluntariado na cooperativa. Ele parece questionar a obrigatoriedade da participação voluntária e apresenta uma visão um tanto individualista, ao afirmar que a decisão de participar deve ser exclusivamente do cooperado. Esse posicionamento pode indicar a presença de conflitos internos na cooperativa em relação a essa questão, o que pode afetar o clima organizacional e a construção de um plano comum entre os cooperados.

Outro ponto que merece destaque é a presença de palavras-chave relacionadas aos princípios do cooperativismo, como liberdade, igualdade, solidariedade e respeito. Esses princípios são fundamentais para a construção de um plano comum entre os cooperados e para

a promoção de uma cultura cooperativista que valorize a participação ativa e democrática dos membros da cooperativa.

Afinal, é importante destacar a necessidade de uma escuta ativa e empática por parte dos interlocutores, a fim de que se possa compreender melhor as visões e posições de cada um e construir um plano comum que contemple as necessidades e desejos de todos os membros da cooperativa. A cartografia proposta por Passos, Kastrup e Tedesco (2016) enfatiza a importância de uma abordagem transdisciplinar e dialógica, que valorize a diversidade e a complexidade das experiências humanas e que busque a construção de planos comuns capazes de promover mudanças significativas na realidade.

Nesta direção algumas problematizações podem ser levantadas diante destas análises. Como a experiência dos participantes do diálogo influencia suas percepções e interpretações do cooperativismo e do voluntariado? Quais são as implicações da ênfase em palavras e conceitos como “respeito”, “igualdade”, “solidariedade” e “amor ao próximo” para a compreensão e prática do cooperativismo? Como as questões de inclusão e diferença se manifestam no contexto do cooperativismo, e como isso afeta a experiência e participação dos cooperados? Como os conceitos de liberdade, expressão e desenvolvimento pessoal podem ser incorporados no modelo de cooperativismo discutido no diálogo? Quais são as possíveis limitações e contradições do voluntariado dentro de uma cooperativa, especialmente quando a participação não é obrigatória para todos os cooperados?

Os pressupostos da cartografia propostos por Passos, Kastrup e Tedesco (2016) permitiram identificar que a falta de clareza e objetividade das falas dos interlocutores dificulta a compreensão dos pontos de vista e das questões levantadas, o que pode comprometer a qualidade da vivência nas relações sociais.

No entanto, é importante destacar que esses problemas não são exclusivos desse diálogo ou grupo específico, mas sim de muitas situações de interação social, inclusive no âmbito do cooperativismo. Por isso, é fundamental que os membros de cooperativas e demais organizações sejam estimulados a desenvolver habilidades comunicativas, como a capacidade de expressar ideias com clareza, de ouvir com atenção e respeito e de trabalhar em conjunto na busca de soluções compartilhadas.

A cartografia em si, pode ser uma ferramenta útil nesse sentido, uma vez que permite a construção de um plano comum de pesquisa e intervenção, no qual as diferenças e divergências são valorizadas e trabalhadas de forma criativa e colaborativa. Dessa forma, a análise crítica dos diálogos e práticas cotidianas pode contribuir para o fortalecimento das cooperativas como espaços de participação, solidariedade e desenvolvimento humano.

Por fim, apresento a seguir um último recorte no terceiro Diálogo Cooperativo,

DIÁLOGO COOPERATIVO 3

Pessoa A: Eu acredito que a inclusão de pessoas é o bem inclusivo do cooperativismo. Não é para gerar igualdade geral, mas sim unir um leque na vertical, geral. Valorização aproxima pessoas, respeito à união. Olha o respeito de novo, que legal! A incidência da palavra "respeito" é moderna. Marca aqui, ó networking! Acessibilidade, paz, comunicação, equidade, é inclusão! Gera valorização e liberdade de expressão. Igualdade de novo. Desenvolvimento social.

Pessoa B: Ah, eu não entendi muito bem o que você quis dizer com a diferença no tratamento de um cooperado para o outro. Pode me ajudar aqui a interpretar melhor esse relato?

Pessoa A: A diferença que eu quis dizer é que, às vezes, um cooperado recebe mais atenção do que outro. Por exemplo, quando tem uma assembleia de núcleo, nem sempre o gerente de conta consegue entrar em contato com todas as pessoas num tempo hábil. Então, um cooperado às vezes fica sabendo de uma assembleia pelas redes sociais, outro recebe um convite ou uma cartinha, e outro recebe a visita no seu estabelecimento. Isso pode fazer com que um cooperado se sinta de forma desigual em relação aos outros.

Pessoa C: Eu concordo que isso pode ser um empecilho para o movimento cooperativista. A qualidade da atenção que é dada aos cooperados pode variar muito, e nem sempre é tão personalizada quanto se fala.

Pessoa D: Eu acho que isso acontece porque, querendo ou não, sempre há entre os colaboradores uma certa discriminação. Por mais que seja ao cooperativismo, sempre tem aqueles que não gostam de tal pessoa porque ela sabe mais que eles ou sempre os corrige. Isso acaba excluindo a pessoa dos círculos e pode gerar preconceitos.

Pessoa E: Eu concordo que o fator humano interfere muito nisso. Cada um tem sua personalidade e isso pode criar atritos. Mas a questão é que a gente não precisa concordar com todos, mas sim acolher a dor das pessoas e tentar melhorar a qualidade da atenção que damos aos cooperados.

Pessoa D: Eu concordo, a qualidade da atenção é um ponto bastante sensível. Mas muitas vezes, é preciso mais do que isso para criar um ambiente acolhedor e inclusivo para todos.

Retomando Kastrup, Passos e Tedesco (2016) entendemos que para mapear as subjetividades e as múltiplas dimensões do ser humano, deve-se levar em conta a complexidade das experiências vividas. Nesse sentido, no diálogo acima, podemos perceber que há uma complexidade nas relações interpessoais envolvidas na situação descrita. Em relação à cartografia, podemos ver que o diálogo acima apresenta uma multiplicidade de pontos de vista e perspectivas. Cada pessoa envolvida na conversa traz sua própria visão e experiência, e é importante que todas essas vozes sejam ouvidas e levadas em consideração. A cartografia nos ensina a não privilegiar um único ponto de vista e a não considerar que um indivíduo tenha o conhecimento absoluto sobre determinado assunto. Em vez disso, precisamos mapear os diferentes saberes e práticas envolvidos em uma determinada situação.

Recorro à Deleuze e Guattari (1995), para trazer um olhar crítico ao capitalismo e uma proposta de pensar em alternativas ao sistema atual. O diálogo acima apresenta algumas preocupações relacionadas ao trabalho e à produtividade, que são questões centrais no

capitalismo. Eles incitam a pensar em outras formas de organização social e econômica, que não sejam baseadas na competição e na exploração. Como afirmam “o importante não é saber como uma sociedade se mantém unida, mas como ela se desfaz e se recompõe, como passa por seus movimentos e seus processos de desterritorialização e reterritorialização” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 225).

Essa ponderação pode ser relacionada à análise do diálogo anterior, pois a análise não se concentra apenas em entender como o cooperativismo é mantido como uma ideologia ou prática, mas como ele está em constante mudança, desterritorialização e reterritorialização. Além disso, a própria abordagem cartográfica enfatiza a importância de entender a complexidade do mundo social e a subjetividade dos indivíduos envolvidos nos processos de mudança e transformação.

No contexto do cooperativismo, é possível pensar em alternativas ao modelo de negócio tradicional, que muitas vezes é baseado na exploração dos trabalhadores em prol do lucro dos donos da empresa. As cooperativas são uma forma de organização em que os trabalhadores são também os donos e tomam as decisões coletivamente. Essa é uma proposta que se alinha com as ideias de Deleuze e Guattari sobre a importância da coletividade e da cooperação, para refletir, por exemplo, como o cooperativismo pode contribuir para a desmistificação das relações de poder existentes na sociedade?

A partir dos autores citados, a análise do diálogo acima leva a refletir sobre a importância de ouvir todas as vozes envolvidas em uma situação e pensar em alternativas ao sistema capitalista tradicional. No cooperativismo encontramos modelos de organização que valorizem as subjetividades e promovam relações de cooperação e solidariedade, em contraposição ao sistema capitalista que, muitas vezes, estimula relações hierárquicas e de dominação.

Ainda com base nas teorias e pressupostos da cartografia de Passos, Kastrup e Tedesco (2016), pode-se destacar a importância de se considerar os processos de subjetivação e os afetos envolvidos nas interações humanas, como é o caso do diálogo analisado. Além disso, a cartografia também enfatiza a importância de se considerar o contexto e as múltiplas perspectivas envolvidas nas situações, o que pode levar a diferentes interpretações e significados.

Já a obra de Deleuze e Guattari, especialmente em "Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia" (1995), traz uma abordagem crítica em relação às estruturas de poder e controle presentes na sociedade, enfatizando a importância de se questionar e resistir a essas estruturas. Nesse sentido, é possível problematizar a questão da hierarquia e poder presentes na relação

entre cooperativismo e os membros de cooperativas, entre as relações de hierarquia existentes nas cooperativas e pensar em alternativas mais horizontalizadas e colaborativas.

Portanto, a confluência dos assuntos e ponderações obtidas a partir destes Diálogos Cooperativos analisados permitiu uma compreensão mais profunda sobre a valorização da diversidade, as relações de identidade nas vivências cooperativas e sobre as relações de poder e das dinâmicas presentes nas interações humanas, e que podem ser expandidas para outros temas relacionados a dinâmica do cooperativismo e da sociedade.

Assim, verificou-se mais uma vez na pluralidade dos discursos e nas experiências apresentadas e analisadas, que os sentidos compartilhados existem o processamento do *ethos do cooperativismo*.

5.3 Cooperativismo na contemporaneidade

O cooperativismo é uma prática que vem se destacando cada vez mais na contemporaneidade, sendo percebido como uma alternativa à lógica do individualismo e da competitividade que têm predominado em nossa sociedade. Através da cooperação e da solidariedade entre os membros de uma comunidade, o cooperativismo busca promover o desenvolvimento social e econômico de forma mais equilibrada e sustentável.

Essa percepção do cooperativismo na contemporaneidade pode ser analisada à luz da semiótica da cultura. Segundo Lótman (1996), a cultura é um sistema semiótico que engloba as formas simbólicas e os significados compartilhados por uma determinada comunidade. Nesse sentido, o cooperativismo pode ser entendido como um signo cultural que expressa valores e ideias relacionadas à solidariedade, à igualdade e à cooperação. Atualmente, o cooperativismo é percebido como uma alternativa viável para a resolução de problemas sociais e econômicos em diferentes contextos. De acordo com Lótman (1996), a compreensão de um fenômeno cultural depende da relação entre os elementos que o constituem e os sistemas de significado em que estão inseridos (LOTMAN, 1996).

Nesse sentido, é possível perceber que o cooperativismo se insere em diferentes sistemas de significado, como a economia solidária, a sustentabilidade e a busca por um modelo mais justo e igualitário de organização social e produtiva. Esses sistemas de significado são construídos por meio da interação entre diferentes agentes sociais, como cooperados, cooperativas, organizações governamentais e não governamentais, movimentos sociais e comunidades.

O contexto da contemporaneidade, essa semiose do cooperativismo se intensifica devido às demandas e desafios do mundo atual. A globalização e as transformações tecnológicas, por exemplo, têm gerado desigualdades e exclusões cada vez mais evidentes, o que tem levado muitas pessoas a buscar formas alternativas de organização social e econômica. Nesse sentido, o cooperativismo surge como um signo cultural capaz de oferecer soluções inovadoras para os problemas contemporâneos. Nesse contexto, as cooperativas são afetadas também frente às demandas e necessidades de seus cooperados e da sociedade em geral, buscando formas inovadoras de atuação e de geração de valor para seus membros e para a comunidade.

Dessa forma, é possível afirmar que o cooperativismo é uma prática cultural dinâmica e em constante transformação, que se relaciona com diferentes sistemas de significado e que busca responder aos desafios da contemporaneidade de forma criativa e inovadora. Além disso, a percepção do cooperativismo na contemporaneidade também está relacionada a uma mudança de paradigma na forma como concebemos as relações humanas. Ao invés de valorizar apenas a competição e a individualidade, o cooperativismo valoriza a colaboração e a interdependência entre os membros de uma comunidade. Esse novo paradigma cultural vem sendo percebido cada vez mais como uma alternativa mais sustentável e justa para as sociedades contemporâneas.

Dessa forma, podemos concluir que a percepção do cooperativismo na contemporaneidade está diretamente relacionada à sua capacidade de expressar valores e ideias que são relevantes para os desafios do mundo atual. Essa percepção pode ser compreendida através da análise semiótica da cultura de Lótman, que nos permite entender o cooperativismo como um signo cultural que representa uma alternativa inovadora e mais justa para a organização social e econômica.

Como evidência empírica desta abordagem realizei uma coleta de dados, através de um formulário virtual, que chamei de colheita sobre cooperativismo (Figura 24) com pessoas envolvidas com o tema, a fim de capturar elementos que configurem as percepções sobre o entendimento do tema e as relações subjetivas mediadas pelos cenários contemporâneos. Os dados foram coletados entre os meses de julho e agosto de 2021 com associados e colaboradores de cooperativas, apreciadores do cooperativismo e membros de cooperativas, sendo estes, subjetividades diretamente afetadas pelo cooperativismo. A colheita contou com 46 participantes respondentes, com idades entre 18 e 70 anos de idade (Figura 25) direcionadas por 3 questões fundamentais e abertas: o que é cooperativismo para você? Como o cooperativismo afeta você? E qual é a sua contribuição para o cooperativismo?

Figura 24 – Divulgação do formulário para colheita sobre cooperativismo



Fonte: elaborado pelo pesquisador (2021).

Figura 25 – Demonstrativo em gráfico da identificação dos participantes

1. Informe sua faixa etária:

[Mais Detalhes](#)

● Menor de 18 anos de idade	0
● Entre 18 e 35 anos de idade	12
● Entre 36 e 65 anos de idade	32
● Acima de 65 anos de idade	0



2. Identifique o teu perfil:

[Mais Detalhes](#)

● associado(a) de cooperativa	16
● colaborador(a) de cooperativa	23
● Outra	5



Fonte: elaborado pelo pesquisador (2022).

Destaca-se, que o cooperativismo na contemporaneidade se apresenta como uma forma de organização socioeconômica capaz de enfrentar os desafios do mundo atual, caracterizado por transformações tecnológicas, sociais, econômicas e ambientais cada vez mais intensas e rápidas. A partir desse entendimento apresentaremos algumas características inerentes ao cooperativismo que podem ser corroboradas, na sequência pelas falas dos sujeitos participantes

da pesquisa. Na pergunta *O que é cooperativismo para você?* As respostas destacaram elementos de inovação, sustentabilidade, diversidade, inclusão e fortalecimento individual e coletivo, ao afirmarem se tratar de: “*Uma filosofia de vida*”; “*Um modelo de negócio*” “*(negócio justo)*”; “*um movimento social, econômico e interativo*” voltado ao “*desenvolvimento sustentável da comunidade etc.*” Ademais agrupei todas as respostas em três principais eixos temáticos destacando recorrências mais relevantes, conforme a seguir:

Eixo Temático 1: Cooperativismo como modelo de Negócio

Um modelo de negócio justo, sustentável e equânime de autogestão.

Um novo modelo econômico e social, para o século XXI.

É um modelo que proporciona, ao mesmo tempo, desenvolvimento econômico e social, baseado em princípios e valores que visam gerar prosperidade econômica, tendo como uma forte base a distribuição da riqueza de forma proporcional ao trabalho de cada associado.

O cooperativismo é um modelo socioeconômico, pautado na união voluntária de pessoas que, juntas, buscam solucionar suas necessidades econômicas e sociais pelas vias da cooperação.

Cooperativismo é a cooperação entre associados e grupo de pessoas com os mesmos interesses.

Cooperativismo é um modelo econômico que tem como propósito unir pessoas, com um mesmo objetivo, para atuar no mercado, onde o ‘eu’ dá lugar para o ‘nós’.

É um modelo de negócio que efetivamente desenvolve as comunidades onde está presente e que procura verdadeiramente agregar renda e melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Eixo Temático 2: Cooperativismo como movimento Social

É uma filosofia de vida! É um movimento social!

O cooperativismo é um movimento social, econômico e interativo que se pauta e agrega visão de conjunto, de colaboração e comunhão.

União de pessoas para solucionar um problema ou uma dificuldade coletiva.

Ato de cooperar, ajudar o próximo. Compartilhar. É um sistema de colaboração mútua entre os sócios com mesmo interesse socioeconômico.

Algo que estamos buscando com excelência.

É estar em um ambiente em que as pessoas estejam ligadas por um mesmo interesse colaborando efetivamente para o bom funcionamento e alcance das metas.

É a forma como as pessoas se unem em associação para superar desafios ou obter vantagem competitiva.

Eixo Temático 3: Cooperativismo como Benefícios e Valores

Uma forma justa, inteligente e sustentável para apoiar o desenvolvimento das pessoas e comunidades.

União de pessoas em busca de interesses comuns, para a construção de negócios e sociedades mais desenvolvidas e sustentáveis.

É quando pessoas se unem de forma coletiva para buscar alternativas para suas necessidades.

E a sinergia de várias pessoas dispostas a prosperar em comunidade.

É um movimento que propõe modelos justos e colaborativos para se atuar econômica e socialmente, a partir de valores e propósito das pessoas.

Doutrina que visa conscientizar as pessoas para que possam cooperar e compartilhar conhecimentos e ações visando a melhoria das condições de vida tanto econômicas quanto sociais das pessoas e de suas comunidades.

É a possibilidade das pessoas trabalharem o desenvolvimento econômico e social num mesmo nível, ou seja, de forma colaborativa tendo como pano de fundo o bem comum.

Como já foi dito anteriormente, o cooperativismo pode ser analisado sob diferentes perspectivas, mas uma das que mais pertinentes e defendo nesta tese é a da cultura, já que as cooperativas são instituições sociais que se baseiam em valores compartilhados e em formas específicas de organização e interação. Por esta razão, a semiótica da cultura (LÓTMAN, 1995; 2022), como abordagem teórica, enfatiza a importância dos sistemas de signos e dos processos de comunicação na construção e na transformação das culturas.

No que se refere ao primeiro eixo temático, "Cooperativismo como modelo de negócios", a semiótica da cultura sugere que a cooperação pode ser vista como uma forma de "produção de significados" que contribui para a construção de uma identidade coletiva e para a valorização de práticas culturais específicas. Como observa Lótman (1995, p. 145), "a cultura é uma forma de cooperação social, uma 'máquina' para produzir um significado compartilhado". Nesse sentido, o cooperativismo pode ser analisado como um sistema de signos que produz um sentido de pertencimento e de colaboração entre os seus membros, além de gerar impactos socioeconômicos em diferentes níveis. Além disso, como pode ser verificado nas respostas mencionadas acima, cooperativismo é também um jeito de fazer negócios. E nesse sentido, é negócios visto que há interesses em jogo, tanto para o associado que se beneficia da sua cooperativa, como para a própria cooperativa que atua como um instrumento gerador de negócios sociais na comunidade em que está inserida.

No segundo eixo temático, "Cooperativismo como movimento Social ", a semiótica da cultura pode ajudar a compreender as relações entre os diferentes sistemas de signos que estão presentes na gestão das cooperativas, tais como as normas, os procedimentos, as estratégias, os valores e os símbolos. Como enfatiza Lótman (1995, p. 137), "os sistemas semióticos não são entidades isoladas, mas existem em interação mútua e em relação a outras formas de vida". Nesse sentido, a gestão das cooperativas pode ser vista como um processo de produção e de negociação de significados, que envolve a mobilização de diferentes sistemas semióticos e a negociação de valores e interesses.

Finalmente, no terceiro eixo temático, "Cooperativismo como benefícios e valores", a semiótica da cultura pode ser útil para analisar as formas como as cooperativas criam significados e novas práticas sociais, a partir da combinação de elementos culturais preexistentes. Como aponta Lótman (1995, p. 160), "a cultura é sempre um sistema híbrido, que se constitui a partir da combinação de elementos que pertencem a diferentes tradições culturais". Nesse sentido, a combinação de benefícios e valores conforme ilustrado acima, gera uma inovação social no cooperativismo e que pode ser vista como um processo de

"hibridização" cultural, que envolve a combinação de elementos culturais diversos e a criação de novas formas de interação e de cooperação.

Considerando a análise dos temas abordados nos eixos temáticos, pode-se perceber que o cooperativismo é uma importante ferramenta para o desenvolvimento econômico e social, principalmente em contextos de desigualdade e exclusão social. Além disso, a discussão intrínseca aos relatos sobre a sustentabilidade e a responsabilidade social das cooperativas demonstra a preocupação do movimento cooperativista em criar uma sociedade mais justa e equilibrada.

No entanto, é importante lembrar que o cooperativismo não é uma solução mágica para todos os problemas sociais e econômicos. É necessário um trabalho conjunto e contínuo entre as cooperativas, os governos e a sociedade civil para que os objetivos cooperativistas possam ser alcançados. Além disso, é preciso estar atento às relações de poder dentro das próprias cooperativas, para evitar que alguns membros tenham mais voz e poder de decisão do que outros, comprometendo a democracia interna.

Por fim, é fundamental que o movimento cooperativista continue se atualizando e se reinventando, buscando novas formas de atuação e de impacto social. O mundo está em constante mudança, e as cooperativas precisam estar preparadas para se adaptar e se transformar, mantendo seus valores e princípios fundamentais.

Já na questão *como o cooperativismo afeta você?* Conforme já sinalizado por Machado Filho (2006) e Ashley (2005), as respostas positivas levam ao sentido de empoderamento, melhoria de condições econômicas, desenvolvimento e potencialização de habilidades, fortalecimento da identidade individual e coletiva e promoção da inclusão social. A seguir, agrupei todas as respostas em três principais eixos temáticos destacando as recorrências fundamentais, conforme a seguir:

Eixo temático 1: Benefícios pessoais e coletivos do cooperativismo

O cooperativismo contribui como escolha de vida social e econômica que traz benefícios pessoais e coletivos.

O cooperativismo me ensina a ser um cidadão melhor! Uma pessoa melhor, capaz de olhar para o meu entorno unir pessoas e mudar o que pode ser mudado!

O cooperativismo é um agente de transformação pessoal e empresarial

Faz parte da minha vida.

Gerando prosperidade para minha vida

Afeta positivamente, gosto de fazer parte de uma cooperativa pois me identifico com os princípios e valores que as cooperativas tem.

Afeta no sentido positivo, trazendo novas possibilidades de vivências, aprendizado e oportunidades tanto sociais como financeiras.

Eixo temático 2: Impacto econômico e profissional do cooperativismo

Nicho de mercado para trabalhar

*Como usuário e associado.
Em meus valores
O cooperativismo me faz buscar novas oportunidades
Sou colaborador de cooperativa e associado, defendo esta causa importante.
Diretamente porque faço parte de uma cooperativa.
Diretamente, pois é o meu viver e trabalho*

Eixo temático 3: Transformação social e comunitária pelo cooperativismo

*Paradigmas emergentes.
Possibilidades do viver/humanizar.
Artes conhecer/conviver/significar a história e a cultura de uma comunidade.
Fomentando a comunidade onde eu estou
Impacta vida profissional e pessoal, agregando valores comuns
Principalmente nas atividades financeiras, com acesso a melhores condições de produtos, serviços e relacionamento.
Como associado vejo a redução de custos e maior rentabilidade dos meus recursos financeiros
Afeta na medida em que vejo o impacto positivo que gera, os resultados distribuídos, as taxas justas e o desenvolvimento social dos associados e comunidade.*

Na sequência, em resposta ao questionamento, ***qual é a sua contribuição para o cooperativismo?*** As respostas coadunaram com o que os teóricos apontam, quanto a necessidade de contar com uma participação ativa, engajamento na gestão do negócio, atuação no fortalecimento da cultural organização para a cidadania empresarial e promoção da sustentabilidade, conforme se verifica neste último agrupamento das respostas por eixos temáticos a seguir:

Eixo temático 1: Engajamento e disseminação

*Trabalho voluntário e divulgação do movimento cooperativista
Estudo sobre o modelo de negócio para levar o conhecimento a mais pessoas
Influenciar pessoas para que vivam em cooperação
Como educador, disseminar a identidade cooperativa para colaboradores e associados
Disseminar a cultura cooperativista nos jovens em idade escolar
Propagar os benefícios do cooperativismo nas minhas conversas com amigos, familiares, redes sociais e no meu trabalho
Inspirar as pessoas a conhecerem os princípios e valores que norteiam o cooperativismo
Posso contribuir pelo exemplo da coerência do discurso e a prática*

Eixo temático 2: Atuação profissional

*Como advogada do sistema OCB/MT contribuo auxiliando as cooperativas e grupos interessados em constituir uma cooperativa a estarem em conformidade legal
Colaborando direta e indiretamente através do meu trabalho
Como colaborador, entendendo as necessidades dos associados e atendendo-os integralmente
Contribuindo como colaboradora, auxiliando a desenvolver produtos que atendam as necessidades das pessoas e programas que auxiliam com o seu desenvolvimento
Cooperativismo de crédito, fomentando negócios e desenvolvimento para economia local*

Eixo temático 3: Participação como associado

Como associado, concentrando a minha movimentação financeira na minha cooperativa de crédito

Como coordenador de núcleo, fazendo minha parte para aprimorar o processo de gestão democrática

Na participação ativa como associada da cooperativa Sicredi Ouro Verde, na ocasião conselheira, no incentivo e apoio à cooperativa local, a cooperita com alguns trabalhos voluntários de registros e organizações

Tendo como única instituição a minha cooperativa de crédito há 20 anos, ajudando na sua saúde financeira

Com meus valores, talentos, opinião e necessidades

Cumprindo meu dever de associado tendo como principalidade a minha cooperativa.

Diante dos dados apresentados, é possível afirmar que as instituições declaradamente cooperativistas emergiram como uma alternativa aos modelos capitalistas do final do século XIX para solucionar problemas coletivos não apenas pela lógica do lucro acima de tudo, sem se preocupar com as condições desumanas do trabalho e com o esgotamento dos recursos naturais.

Considerando a cultura contemporânea, é importante destacar que a disseminação de valores e ideias não pode ser vista de forma isolada, mas sim em um contexto mais amplo de transformações sociais e culturais. Nesse sentido, a cultura da cooperação e do engajamento deve ser vista como uma possibilidade de transformação social, em que a atuação individual pode contribuir para a construção de uma sociedade mais solidária e justa. Assim, recorri à Renato Ortiz (1994), em sua obra "mundialização da cultura", que destaca como cultura contemporânea é influenciada pela globalização e pela circulação de informações em nível mundial, o que pode levar à homogeneização cultural e à perda das identidades locais. Nesse contexto, as práticas cooperativistas analisadas podem ser vistas como formas de resistência à homogeneização cultural e de preservação das identidades locais, ao mesmo tempo em que buscam disseminar valores e princípios universais do cooperativismo,

Os produtos culturais já não se apresentam simplesmente como portadores de informações. Eles passaram a ser fontes geradoras de sensações, de emoções e de sentimentos. O produto cultural passa a se apresentar como uma linguagem, como uma espécie de código que se aplica não só aos bens simbólicos, mas também aos materiais. (ORTIZ, 1994, p. 60)

Essa citação de Ortiz ilustra como a cultura contemporânea se transformou em um fenômeno globalizado e permeia todas as esferas da vida social, incluindo as práticas cooperativistas. A cultura já não é vista apenas como uma fonte de informação, mas também como uma linguagem que evoca emoções, sentimentos e sensações nas pessoas. Dessa forma, as práticas de engajamento, disseminação, atuação profissional e participação como associado no contexto do cooperativismo não são apenas uma questão de informação, mas também de

linguagem e cultura que moldam a maneira como as pessoas se envolvem e se relacionam com as cooperativas.

No entanto, é importante também considerar que a cultura contemporânea é marcada por uma grande diversidade de valores e ideias, o que pode dificultar a disseminação de um determinado movimento, como é o caso do cooperativismo. Além disso, a cultura do individualismo e da competição ainda é bastante presente, o que pode dificultar a adesão de algumas pessoas ao movimento cooperativista.

Por outro lado, a atuação profissional e a participação como associado podem contribuir para fortalecer o movimento cooperativista, já que essas são formas de atuação mais concretas e que podem gerar resultados tangíveis. A atuação profissional pode contribuir para que as cooperativas sejam mais eficientes e atendam melhores as necessidades dos associados, enquanto a participação como associado é fundamental para que as cooperativas tenham legitimidade e sejam efetivamente representativas dos interesses dos associados.

Com o intuito de destacar a natureza cultural do cooperativismo (ORTIZ, 1996) como um produto que envolve sensações, emoções e sentimentos, e que também influencia a formação do *ethos* cooperativista na contemporaneidade, recorri à cartografia como uma forma de explorar as pistas desse processo (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2016). Assim, foi possível aprofundar qualitativamente a noção de *ethos* ao observar as palavras, vivências, interpretações e representações dos participantes na colheita apresentada anteriormente. Desse modo, os dados empíricos foram articulados ao *ethos*, considerando a minha intervenção e a relação com os participantes como um elemento que compõe o campo habitado da pesquisa.

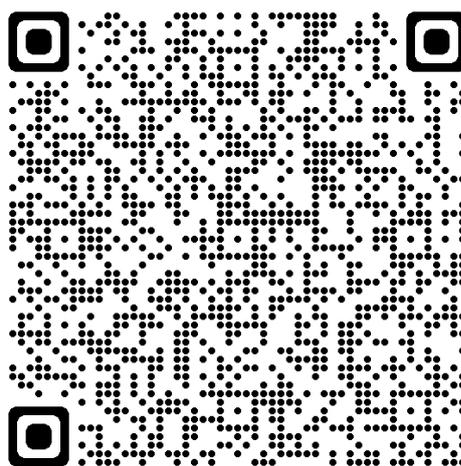
Depois de realizar a colheita ilustrada acima, eu me aproximei de um dos participantes que se destacou nas palavras por ser um ativista cooperativista. Márcio Port⁴⁵ é professor e membro do conselho de administração de uma cooperativa, sendo reconhecido como uma referência no assunto. Ele concordou em compartilhar suas reflexões sobre o tema, respondendo à pergunta: "*Qual é a sua contribuição para o cooperativismo?*" Abaixo, apresento o depoimento reescrito conjuntamente,

Se for falar aí na, na contribuição do cooperativismo tem toda a questão, aí vamos pensar hoje, eu estou com três livros publicados sobre cooperativismo. Dois deles falam assim, da gestão de uma cooperativa no dia a dia, né? É, junto com ele, o Meinen, não é? E tem um que foi lançado agora em dezembro, que é cooperativismo

⁴⁵ Atua no cooperativismo há mais de 30 anos. Vivenciou diversas ocupações em cooperativas e atualmente exerce o cargo de presidente do conselho de administração de uma cooperativa financeira. Das suas principais publicações destacam-se o compêndio teórico: cooperativismo financeiro – percurso histórico, perspectivas e desafios; e sua mais recente publicação intitulada: cooperativismo financeiro: uma história com propósito. Ambas as obras publicadas pela editora confebras. (cf. PORT, 2022)

financeiro, uma história com propósito que resgata toda a história do cooperativismo. O motivo de existir de uma cooperativa, né? Nossa essência? Então, falando em termos de livros, né? Tem também 2008 a lancei o portal do cooperativismo financeiro, né? Talvez tu o conheças. O site o cooperativismo de crédito, então isso falando assim de contribuições digamos aí da porta para fora, não é? aí, internamente vejo que eu consegui apoiar bastante aí em alguns avanços aqui. Depois até foram copiados por outras cooperativas. O voto eletrônico em assembleias, por exemplo, o fundo social não é, o crédito de várias cooperativas do país. Cooperativas escolares também, toda questão da governança, aprimoramento da governança, melhoria, qualificação de conselhos. A defesa de papel do conselho como um órgão estratégico da cooperativa que saia do dia a dia da execução e vá para, de fato, aspectos estratégicos, não só para citar algumas questões, né? Mas eu, eu costumo sempre destacar uma frase, [...] uma história centenária só se constrói reconhecendo que não fazemos nada sozinhos, né? Então eu sempre sou muito cuidadoso ao falar de contribuições, porque ninguém faz nada sozinho, não é? Eu acho que é a soma dele, várias...várias coisas, às vezes encontrar adeptos ou parceiros para alguma inovação que faz com que as coisas acabam evoluindo. Mas sozinho mesmo, então não, não tem aí, digamos, não tenho a pretensão de ser um transformador sozinho, agora em conjunto sim, acho que eu tenho várias contribuições. (TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO PRODUZIDO COMO RESULTADO DA COLHEITA SOBRE COOPERATIVISMO, 2021)

Figura 26 – QR de acesso ao vídeo depoimento de Márcio Port



Fone: gerado pelo pesquisador (2023).

Neste depoimento que evidencio no vídeo⁴⁶ identificado na Figura 26 e mediado pela atenção ao plano de produção de subjetividades que foram percebidos nesta colheita, agenciam-se sujeitos e mundos (DELEUZE, 1976) em um arranjo de forças que compõe a multiplicidade da discursividade desta tese. Essas forças e arranjos se demonstram à medida que a colheita expõe a dimensão do objeto pesquisado. Assim, é possível afirmar que há uma política de narratividade inseparável (PASSOS; BARROS, 2009, p.151) aliada ao *ethos* do cooperativismo como no processamento das frases “*não faço nada sozinho*”, “*não tenho a pretensão de ser*

⁴⁶ Depoimento de Márcio Port. O vídeo pode ser acessado através do *QR Code* acima e está disponível em: <https://1drv.ms/v/s!AIJ0Oa4D9hpo5DeqDPdFykRIWeYC?e=tw5kGV>. Acesso em 2 abril de 2023.

um transformador sozinho” e que revelam a identidade cultural do cooperativismo traduzida e mapeada nos valores e princípios do cooperativismo, como a cooperação, altruísmo, igualdade, adesão e inclusão voluntária e democracia. Ainda sobre o depoimento de Marcio Port (2023) reiteram-se temas que aparecem como aliados ao cooperativismo tais como *voto eletrônico, cooperativas escolares e aspectos da governança*, sinalizando as tendências empresariais e desafios estratégicos que se apresentam no contemporâneo.

A partir do que foi apresentado, é possível realizar reflexões e levantar novas problemáticas sobre temas que se relacionam com as nuances do cotidiano tanto das pessoas quanto das relações que se estabelecem entre os membros das cooperativas e sua atuação nas comunidades. Nesse sentido, em relação ao pressuposto da cooperação, que se refere à ação de auxiliar, colaborar, prestar ajuda ou dar contribuição, como já teorizado anteriormente, é possível entender metaforicamente que a cooperação é fundamental para o cooperativismo, assim como o rio é para o mar. Ambos se sustentam e seus caminhos estão entrelaçados e conectados, fornecendo vitalidade um ao outro.

Dessa forma, é possível concluir que o engajamento e a disseminação da cultura cooperativista são importantes para a construção de uma sociedade mais justa e solidária, mas que essa disseminação deve ser vista em um contexto mais amplo de transformações sociais e culturais. A atuação profissional e a participação como associado são fundamentais para o fortalecimento do movimento cooperativista, mas é necessário reconhecer que a cultura contemporânea apresenta desafios importantes para a disseminação desses valores e ideias.

Assim, mesmo que o conceito de desenvolvimento sustentável tivesse sido utilizado, pela primeira vez, apenas no século XX, o cooperativismo ecoa como um exemplo de um movimento que já nasceu com valores de sustentabilidade, uma vez que, desde seu início, buscou formar unidades socialmente justas e culturalmente diversas, pautadas em uma conduta ecologicamente correta e economicamente viável, que tem como premissa transformar o mundo em um lugar mais justo, feliz, equilibrado e com melhores oportunidades para todos.

Ademais, os bons resultados da cooperação constituem uma prova de que é possível unir desenvolvimento social e econômico, sustentabilidade e produtividade, individual e coletivo, de forma que o cooperativismo beneficia as pessoas, o país e o planeta. Assim, envolver as formas de trabalho das cooperativas pode ser um grande aliado no desafio para quem atua com sustentabilidade, visto que a partir dos seus princípios, tais como o cuidado e o respeito com a comunidade, e as cooperativas influenciam positivamente no desenvolvimento humano e na sustentabilidade da sociedade.

Ao olhar para esses dados e todo desenvolvimento desta tese, sinto que mais uma vez foi reforçado o espírito cooperativo que permeia as histórias e as crenças das pessoas que participaram da pesquisa, principalmente meu movimento em torno de desta construção. Foi incrível colher essas informações e analisá-las, pois, pude perceber claramente como esses valores se manifestam nas narrativas e nos discursos dos participantes. Sinto que isso demonstra a importância e a força desse *ethos* cooperativista, que pode fazer uma grande diferença na vida das pessoas e em suas comunidades. Estou muito grato por ter tido a oportunidade de estudar e aprender mais sobre esse assunto.

Eu acredito que os temas discutidos durante minha pesquisa deram ainda mais força à noção de afetos que pude observar nas conversas dos participantes, nos dados que coletei e até mesmo em minha própria experiência pessoal, que compartilho aqui. Isso evidencia que as emoções e os sentimentos que sentimos em nosso corpo têm um grande impacto em nossa capacidade de agir e nos relacionar com o mundo, como Spinoza (2010) já afirmava em sua teoria dos afetos. Para mim, é fascinante perceber como essas afeições podem ser tão poderosas e determinantes para nossa vida e bem-estar.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O DEVIR

Nesse processo de pesquisa e reflexão sobre o cooperativismo, pude perceber o quão importante é estabelecer conexões entre o conhecimento teórico e a realidade prática, especialmente quando se trata de questões que afetam diretamente a vida das pessoas. Ao acessar os conceitos fundantes do cooperativismo e relacioná-los com os dilemas e desafios da vida cotidiana, pude sentir uma maior empatia pelos indivíduos envolvidos nesse movimento coletivo e compreender melhor as suas motivações e crenças.

Ao revisitar a história dos pioneiros de Rochdale foi possível compreender como o cooperativismo se mostrou uma ferramenta poderosa para enfrentar as dificuldades políticas e econômicas do seu tempo. Essa perspectiva histórica me permitiu reescrever uma narrativa contemporânea, em que valores como cooperação, altruísmo e solidariedade se mostram fundamentais para (sobre)viver neste novo século.

Ao explorar os afetos ligados às percepções e lugares onde estamos inseridos, pude perceber como essas experiências pesquisadas vão além do campo descritivo e se tornam dados reais e consistentes que podem ser ampliados e investigados. Nesse sentido, o *ethos* do cooperativismo se revela não apenas um modelo socioeconômico, mas sim uma filosofia de vida capaz de unir o desenvolvimento econômico e bem-estar social, com base na participação democrática, solidariedade, independência e autonomia.

Ao mesmo tempo em que os valores do cooperativismo nos inspiram a trabalhar juntos em prol de objetivos comuns, eles também são capazes de enfrentar grandes desafios da vida cotidiana, como o desemprego, a exclusão social, o acesso a serviços básicos e a crise econômica. Através da organização coletiva e do trabalho em equipe, as cooperativas podem ajudar a superar essas dificuldades e promover a solidariedade entre os membros.

Ademais, ainda que o *ethos* seja um conceito que se refere aos valores, crenças e costumes compartilhados por um grupo social e o estudo da semiótica esteja voltado aos signos e símbolos e sua relação com a linguagem e a comunicação, eles se relacionam quando se trata de entender como o *ethos* é construído e comunicado por meio de signos e símbolos.

Assim, os afetos aqui trabalhados puderam ser provocados e discutidos a partir dos temas ligados aos princípios cooperativos, mostrando-se que são não só termos potenciais para a compreensão das posições sociais contemporâneas como essenciais para a reafirmação de manter no presente e buscar para o futuro uma perspectiva coerente e sustentável de vida em sociedade.

Com efeito o objetivo central desta tese, o de compreender o significado dos princípios cooperativos, seus fundamentos e aplicações práticas foram cumpridos e alcançados, visto que ao longo do desenvolvimento foram analisados os discursos das pessoas engajadas na dinâmica e desenvolvimento do cooperativismo e em outros segmentos distintos da sociedade no estado de Mato Grosso. Embora estes dados apresentados representem uma pequena amostra do todo, foi verificado mediante problematizações, reflexões e diversas inferências feitas a partir dos referenciais teóricos e dos dados empíricos apresentados, que a compreensão dos modos como assimilam o modelo cooperativista nos afetos e diálogos, representa um *ethos* instaurado no cotidiano dos envolvidos e que se propaga em discursos e narrativas, além de outras formas de comunicar e manifestar no entorno das comunidades, das cooperativas e das relações que se estabelecem entre os seus pares e grupos, uma filosofia própria, com teor e propriedade peculiar deste nicho chamado cooperativismo.

A presente tese também ofereceu uma contribuição significativa aos conhecimentos já existentes sobre o cooperativismo, ao estabelecer conexões com outras reflexões teóricas que abordam o tema tanto na sociedade em geral quanto nos estudos acadêmicos, especialmente dentro do âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos de Culturas Contemporâneas. Dessa forma, por meio de uma compreensão mais aprofundada da importância e do papel do cooperativismo na sociedade, foi possível mapear diversos conhecimentos e experiências culturais compartilhados por indivíduos envolvidos direta e indiretamente com o tema, considerando a influência e a percepção do cooperativismo contemporâneo na sociedade.

Embora tenha se proposto a examinar a conexão histórica entre os princípios cooperativos e os princípios cristãos sob a perspectiva da ética, moral e contexto em que surgiram, esta pesquisa não conseguiu aprofundar de maneira satisfatória e precisa essa relação. A análise se concentrou principalmente na primeira hipótese, que buscava revelar o *ethos* presente nas narrativas e no cotidiano das pessoas. No entanto, é importante ressaltar que uma abordagem preliminar foi realizada, como detalhado de forma mais específica no capítulo quarto, que discute os princípios de Rochdale. Nesse sentido, é relevante reafirmar que, embora os princípios cooperativos se baseiem no respeito à individualidade de crenças, expresso no princípio de neutralidade religiosa, reconhecido como fator primordial, foi observado que, diante da diversidade de crenças existentes na sociedade, especialmente nas sociedades cooperativas, há indícios e conexões estabelecidas entre o cristianismo e a dimensão da cooperação no desenvolvimento prático do movimento cooperativo como fenômeno social e cultural. Como teólogo metodista, dediquei-me ao estudo das práticas de ajuda mútua que envolveram os pioneiros de Rochdale e cristãos metodistas, mesmo antes da fundação da

cooperativa de consumo, conforme destacado por Thompson (1994). Essas práticas reverberaram em intercooperações e na criação de outras sociedades cooperativas de natureza confessional⁴⁷. Portanto, este tema requer novos estudos para uma compreensão mais aprofundada.

De modo geral, as vivências empíricas ao longo destes quatro anos de estudo, seja na investigação, cultivo ou nas análises de dados, forjaram a construção da tese sobre o *ethos do cooperativismo* e fez dela uma jornada incrível de aprendizado sobre como podemos usar os valores humanos para enfrentar desafios sociais e econômicos complexos, além de melhorar nossas relações pessoais diárias. Foi gratificante entender como os sentimentos ligados a esses valores podem ajudar a criar uma cultura cooperativista unida e poderosa, que promove a prosperidade mútua, não apenas individual. Acredito que esse conhecimento pode transformar vidas e comunidades, e estou entusiasmado para continuar aprendendo mais sobre o poder do cooperativismo.

⁴⁷ Cf. artigo preliminar publicado pelo autor em plataforma digital. Disponível no link: <https://www.linkedin.com/pulse/os-pioneiros-do-cooperativismo-e-o-povo-chamado-zequetto-msc/> . Acesso em 22 ago. 2022.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Pista 7 - cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, V.; KASTRUP, L. E. (Orgs.) **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- ASHLEY, P. A. **Ética e responsabilidade social nos negócios**. São Paulo: Saraiva, 2005.
- AZEVEDO, F. P de. O conceito de cultura em Raymond Willians. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)**, São Luís, v. 3, Número Especial Jul/Dez. 2017. Disponível em <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/7755>. Acesso em: 27 jul. 2019.
- BAKHTIN, M. M. (1895-1975). **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Emsantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedito Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BARROS, M. E. B.; SILVA, F. H. Pista da atividade. O trabalho do cartógrafo do ponto de vista da atividade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Org). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 128–148.
- BUBER, M. **O socialismo utópico**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- BROWN, T. Design thinking. *Harvard Business Review*, v. 86, n. 6, p. 84-92, 2008. Disponível em: <https://hbr.org/2008/06/design-thinking>. Acesso em: 24 mar. 2023.
- BRUNER, J. *Acts of meaning*. Harvard University Press. 1990.
- CASTRO, L. R. de. Conhecer, transformar-(se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In: CASTRO, L. R. de; BESSET, V. L. (Orgs.). **Pesquisa Intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CERRONI, U. **O pensamento político: das origens aos nossos dias**. Lisboa: Estampa, 1975. v. 5.
- COLE, G.D.H. **A Century of Co-operation**. London: George Allen & Unwin, 1994
- COLE, J. **Conflict and Cooperation: Rochdale and the pioneering spirit 1790 – 1844**. George Kelsall, The Bookshop, Littleborough. Lancashire, 1994.
- DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v.2. Rio de Janeiro: Editora 34. 1995.
- DELEUZE, G. **Neitzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Rio/SEMEION, 1976.

DURKHEIM, É. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ENGELS, F. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1987.

FAIRBAIRN, B. The meaning of Rochdale: the Rochdale pioneers and the co-operative principles. **Centre for the Study of Co-operatives**; Fairbairn, Brett, 1959. Library and archives canada cataloguing in publication, Fairbairn, Brett, 1959; Canadá, University of Saskatchewan, 1994, ISBN 978-0-88880-317-7.

FARDINI, G. **Fundamentos do Cooperativismo**. SESCOOP. Brasília:DF, Sistema OVB, 2017.

FOURIER, C. **La armonia pasional del nuevo mundo**. Madrid: Taurus, 1973.

FRANTZ, W. Educação e cooperação: práticas que se relacionam. **Sociologias**, v. 3, n. 6, p. 242–264, 2001.

FULANETI, O. de N. Análise do discurso do Cooperativismo Oficial. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 281–287, set.-dez. 2008. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N3_28.pdf. Acesso em: 5 jan. 2022.

GAMBETTA, D. Confiança e cooperação. In: OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. (Eds.). **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. p.119–120.

GIDE, C. **O cooperativismo**. Tradução: Egídio Francisco Schimitz. Confebrás – Confederação Brasileira das Cooperativas de Crédito: 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva E Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HANSMANN, H. Cooperative firms in theory and practice. In: **Economic Policy Review**, v. 2, n. 1, 1996. Disponível em: <https://www.newyorkfed.org/research/epr/1996v2n1/9601hans.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2023.

HOLYOAKE, G. J. Os 28 tecelões de Rochdale (história dos probos pioneiros de Rochdale), **Fon-Fon e Selecta**, Rio de Janeiro, 1972.

JESUS, P.; TIRIBA, L. Cooperação. In: CATTANI, A. (Ed.). **A outra Economia**. Porto Alegre: Veraz, 2003. p. 49–54.

KIRST, P. G. *et al.* **Cartografias e Devires: a construção do presente**. In: FONSECA, T. M. G.; KIRST, P. G. (orgs). Porto Alegre: editora UFRGS, 2003.

KRIEG-PLANQUE, A. **Análisis discursos institucionais**. Tradução: Luciana Salazar Salgado e Helena Boschi. Uberlândia: EDUFU, 2018.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.]

LÓTMAN, Y. **Estética y Semiótica del Cine**. Colección Punto y línea. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.

LÓTMAN, Y. **La semiosfera I**. Tradução: Desidério Navarro. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.

LÓTMAN, Y. **A semiosfera I: semiótica da cultura e do texto**. São Paulo: Annablume, 2002.

MACHADO, I. **Semiótica da cultura e semiótica da mídia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MACHADO, I. (Org.) **Semiótica da cultura e Semiosfera**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

MACHADO FILHO, C. P. **Responsabilidade social e governança: o debate e as implicações: responsabilidade social, instituições, governança e reputação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

MAINGUENEAU, D. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana. Raquel; SALGADO, Luciana. (Org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11–29.

MAIRESSE, D. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In: KIRST, P. G. et al. **Cartografias e Devires: a construção do presente**. Porto Alegre: editora UFRGS, 2003. p. 259–271.

MELLO CARVALHO RIBEIRO, L.; LUCERO, A.; DIAS GONTIJO, E. O *ethos* homérico, a cultura da vergonha e a cultura da culpa. **Psychê**, v. XII, n. 22, enero-junio, 2008, p. 125–138.

MEINEN, Ê.; PORT, M. **O cooperativismo de crédito ontem hoje e amanhã**. CONFEBRAS, 2012.

MLADENATZ, G. **Histórico das doutrinas cooperativistas**. Tradução: José Carlos Castro; Maria da Graça Leal; Carlos Potiara Castro. Confedbras: Brasília, 2003.

OIT. Organização Internacional do Trabalho. 2019. **História do Cooperativismo**. Recuperado em 26 de março de 2023, de https://www.ilo.org/empent/Units/Enterprise-development-in-Tripartite-Settings/Cooperatives/Coop-Advocacy-WORKING-TOGETHER-FOR-A-BETTER-WORLD/WCMS_617598/lang--pt/index.htm.

ORTIZ, R. **Mundialização da Cultura**. 2. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Org). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 66–91.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

- PASSOS, E.; BARROS, R. B. de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17–31.
- PINHO, D. B. **A doutrina cooperativa nos regimes capitalista e socialista**. São Paulo: Ed. Pioneir, 1966.
- PINHO, D. P. **Cooperativismo: Fundamentos doutrinários e teóricos**. São Paulo. ICA. 2001.
- PINHO, D. B. **O pensamento cooperativo e o cooperativismo brasileiro**. São Paulo: Brascope, 1982.
- PORT, M. **O Cooperativismo Financeiro: uma história com propósito**. Confebras, 2022.
- PROSCURCIN JUNIOR, P. **Investigação fenomenológica e sentido originário do *Ethos* [reprodução de letras gregas]**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- RUSS, J. **O Socialismo utópico**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- RIBEIRO, S. M. P. **Lições preliminares para o estudo do *ethos* contemporâneo**. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/47/tde-05042019-100757/publico//ribeiro_LD.pdf. Acesso em: 10 maio 2022.
- RIESSMAN, C. K. **Narrative methods for the human sciences**. Sage Publications, 2008.
- SCHECHNER, R. **O que é performance?** Performance studies: an introduction, second edition. New York & London: Routledge, p. 28–51. 2006.
- SIMONDON, G. A Gênese do indivíduo. In: PELBART, P.; COSTA, R. (Org.). **O reencantamento do concreto**. Cadernos de subjetividade. São Paulo: Hucitec. 2003.
- SIQUEIRA, A. W. N. de. **E se o vento levou, o WhatsApp Prantchou?** 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.
- TENÓRIO FILHO, L. D. **Pelos caminhos do cooperativismo: com destino ao crédito mútuo**. Ed. Central das Cooperativas, 1999.
- TEDESCO, S. H.; SADE, C.; CALIMAN, L. V. PISTA DA ENTREVISTA. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Org). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 92–125.
- THOMPSON, D. J. **Weavers of dreams: Founder of the modern Co-operative movement**. London: Co-operative Union Ltd, 1994.
- VANEK, J. **The participatory economy: an evolutionary hypothesis and a strategy for development**. New York: Cornell University Press, 1977.

VELHO, A. P. M. A semiótica da cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. **Rev. Estud. Comun.**, Curitiba, v. 10, n. 23, p. 249–257, set./dez. 2009.

WILLIAMS, R. **Cultura y Sociedad**. 1780-1950. De Coleiridge a Orwell. 1. ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2001.

WILSON, J. F.; WEBSTER, A.; VORBERG-RUGH, R. **Building Co-operation: a business history of the Co-operative Group, 1863-2013**. Oxford University Press. UK, 2013. ISBN 9780199655113.

WEBERING, S. I. Cooperative cooperation: Being, doing, and becoming. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 24, n. 6, p. 567–581, 2020.

ZEQUETTO, A. C. **Infância, Corpo, Educação e Cibercultura: crianças e a produção de imagens nas redes sociais**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, 2018.

ZEQUETTO, A. C.; SIQUEIRA, A. W. N. de. MANEJOS E AFETOS NOS DIÁLOGOS SOBRE COOPERATIVISMO. In: **Anais do 59º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER) & 6º Encontro Brasileiro de Pesquisadores em Cooperativismo (EBPC)**. Brasília: UnB, 2021.

ZWICK, E. Os utópicos como pioneiros da concepção cooperativista. **Revista espaço acadêmico**, n. 186, 2016.

5. Educação, formação e informação

Aprender sempre, para crescer sempre.

As cooperativas oferecem formação e treinamento para seus membros, dirigentes eleitos, funcionários e colaboradores, para que possam contribuir efetivamente e informar o público em geral – particularmente os beneficiários da cooperação.

Conhecimento

Capacitação dos colaboradores e associados.

Fornecer e capacitar os associados.

novas tecnologias

educação digital

educação digital

Formação cooperativista e educação financeira.

Crescer e educação financeira

educação digital e financeira

desenvolvimento humano

Atividade à ação continuada

Realização

Consultoria

desenvolvimento cultural

Educação financeira, e digital.

Que outros temas da atualidade se relacionam com este princípio?

Redução da Inadimplência

Inclusão e maior aumento da régua do conhecimento

Educação Digital

cooperativas promovem a educação e a formação dos seus membros

Educação continuada

programa crescer

Educação Financeira

Educação Financeira

Ter acessos a mais conhecimentos e atualidades

programa de integração novos colaboradores

Educação

Na prática, como vivenciar este princípio?

Formação, capacitação

Programa a União faz a Vida

Universidade Cooperativa

PROGRAMAS DE ASSOCIAÇÃO PARA QUE OS JOVENS APRENHAM DESDE DE CEDO COMO USAR O DINHEIRO, EVITANDO SE TORNAREM CONSULMISTAS E APRENHENDO A GUARDAR PARTE DE

ASSOCIANDO PESSOAS MAIS JOVENS

Projetos sociais

Programas de educação continuada.

Incentivo a educação continuada.

Incentivo através de cursos

Jucação financeira lança jogos educativos e filminhas laboratoriais

incentivo a educação continuada.

Jucação continuada

ef nas escolas

Classificação da informação: Uso Interno

6. Interação

parcerias. projetos conjuntos. parcerias entre cooperativas. Interesse Mútuo

desenvolvimento da comunidade com projetos coletivos

As cooperativas atendem e fortalecem o movimento cooperativo, trabalhando em conjunto com outras cooperativas locais, nacionais, regionais e internacionais.

fortalecimento do cooperativismo

APOIO AS COOPERATIVAS E UNIAO ENTRE ELAS

desenvolvimento regional

parcerias

Interesse Mútuo

Parcerias

Parceria e experiência entre cooperativas

parcerias

fortalecimento do movimento cooperativo

Que outros temas da atualidade se relacionam com este princípio?

Parceria entre as cooperativas

Atendimento humano personalizado

Fortalecer a cultura cooperativista

Cooperação

apoio

Atendimento humanizado.

Fortalecer a cultura cooperativista na comunidade

Conhecimento da cultura cooperativa

Cultura cooperativa

Parcerias

Fortalecer a cultura cooperativista

FortALECEENDO A COOPERATIVA

a polar

Diálogo

Vários canais de atendimento

Facilitar o atingimento das metas

Fortalecer a cultura cooperativista

Comitês Estratégicos

intercooperação entre cooperativas (COPACOP)

Trocar mais experiências entre as diversas cooperativas.

apoiar as agências com dificuldade

compartilhar ideias e experiências

Parcerias com outras cooperativas

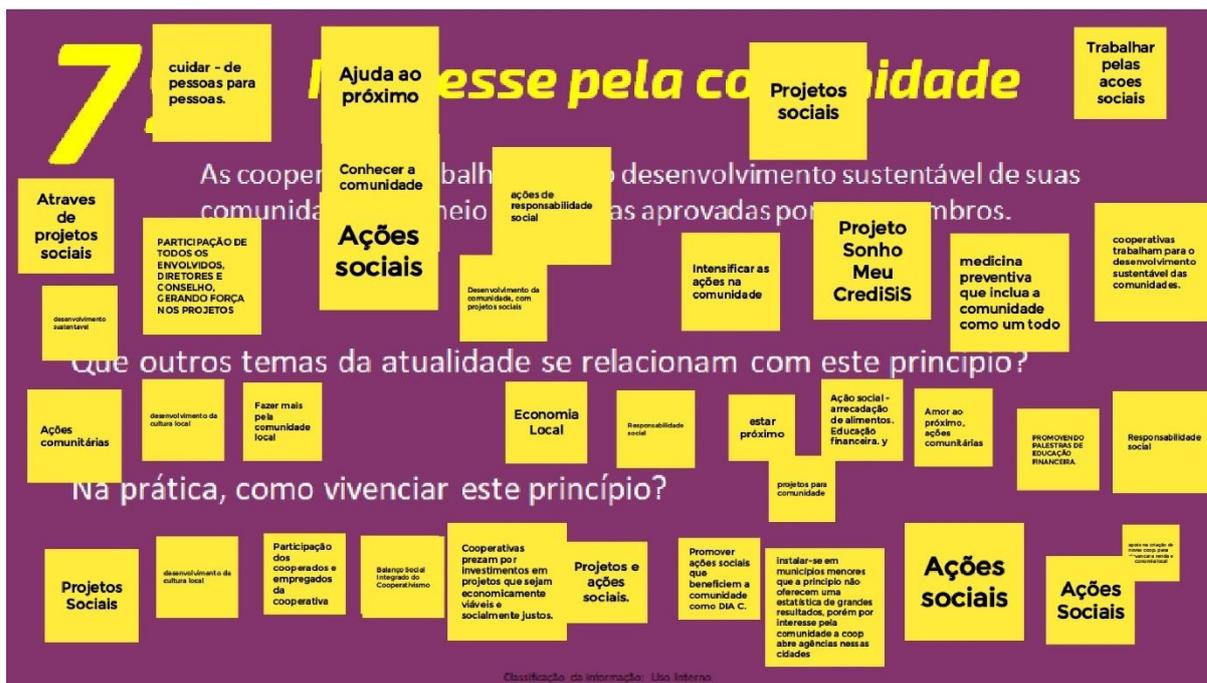
Parcerias com sebrae

Interação com cooperativas de outros sistemas, e com cooperativas de outros ramos do cooperativismo.

maior comunicação

maior comunicação

Classificação da informação: Uso Interno



Apêndice B – Colheita do Cooperativismo

ID	Hora de início	Hora de conclusão	Email	Nome	Informe sua faixa etária:	Identifique o teu perfil:	O que é cooperativismo para você?	Como o cooperativismo afeta você?	Qual é a sua contribuição para o cooperativismo?	Informações adicionais (se houver)
1	6/30/21 20:36:19	6/30/21 20:37:53	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	Aluna Icoop	Uma filosofia de vida	Positivamente	Trabalho voluntário e divulgação do movimento cooperativista	
2	6/30/21 20:59:06	6/30/21 21:01:02	anonymous		Entre 18 e 35 anos de idade	Funcionária Sistema S	Um modelo de negócio	Nincho de mercado para trabalhar	Estudo sobre esse modelo negócio para levar a mais pessoas o conhecimento	
3	6/30/21 20:57:13	6/30/21 21:04:41	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	associado(a) de cooperativa	Um modelo de negócio justo, sustentável e equânime de autogestão.	O cooperativismo contribui como escolha de vida social e econômica que traz benefícios pessoas e coletivo.	Ao escolher o cooperativismo e a educação acredito estar contribuindo para o desenvolvimento e perenidade do mesmo.	
4	7/1/21 7:23:51	7/1/21 7:29:31	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	É uma filosofia de vida! É um movimento social!	O cooperativismo me ensina a ser um cidadão melhor! Uma pessoa melhor, capaz de olhar para o meu entorno unir pessoas e mudar o que pode ser mudado!	Levo por onde eu for os aprendizados, humanizando espaços e transformando realidades!	
5	7/1/21 7:57:52	7/1/21 8:05:01	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	associado(a) de cooperativa	O cooperativismo é um movimento social, econômico e interativo que se pauta e agrega visão de conjunto, de colaboração e comunhão.	Afeta-me pelas vias: 1. Composição colaborativa. 2. Ideais comunitários. 3. Paradigmas emergentes. 4. Possibilidades do viver/humanizar. 5. Artes conhecer/conviver/significar a história e a cultura de uma comunidade.	Vivo o movimento enquanto: 1. Filosofia de vida. 2. Dinâmica de trabalho (princípio da COOPERAÇÃO) 3. Repertório de pesquisa.	
6	7/1/21 8:51:00	7/1/21 8:52:00	anonymous		Entre 36 e 65	colaborador(a) de cooperativa	Uma filosofia de vida	Em meus valores	Influenciar pessoas pra que vivam em cooperação	

ID	Hora de início	Hora de conclusão	Email	Nome	Informe sua faixa etária:	Identifique o teu perfil:	O que é cooperativismo para você?	Como o cooperativismo afeta você?	Qual é a sua contribuição para o cooperativismo?	Informações adicionais (se houver)
					anos de idade					
7	7/1/21 9:24:28	7/1/21 9:30:20	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	associado(a) de cooperativa	Um novo modelo econômico e social, para o século XXI.	Como usuário e associado.	Atuação profissional na academia Cooperativista.	Felicito a realização desta pesquisa, pois temos que fazer do cooperativismo uma ciência econômica e social.
8	7/1/21 9:38:35	7/1/21 9:45:01	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	Um grupo de pessoas com os mesmos objetivos e interesses, em prol da comunidade.	De forma positiva e responsável.	Participar da transformação da comunidade onde estamos inseridos,	
9	7/1/21 9:56:31	7/1/21 10:06:58	anonymous		Entre 18 e 35 anos de idade	associado(a) de cooperativa	União de pessoas para solucionar um problema ou uma dificuldade coletiva.	Em minha forma de pensar e no desenvolvimento da minha comunidade.	Sempre que posso consumo produtos ou serviços ligado a cooperativas.	
10	7/1/21 10:00:14	7/1/21 10:19:40	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	associado(a) de cooperativa	Uma forma justa, inteligente e sustentável para apoiar o desenvolvimento das pessoas e comunidades. É um modelo que proporciona, ao mesmo tempo, desenvolvimento econômico e social, baseado em princípios e valores que visam gerar prosperidade econômica, tendo como uma forte base a distribuição da riqueza de forma proporcional ao trabalho de cada associado.	De diversas formas. Enquanto cooperativista, pauto muitas das minhas atitudes, e até escolhas de consumo, a partir dos princípios do cooperativismo, especialmente quando estou atuando enquanto associado. Também me incluo nas pessoas que se beneficiam economicamente, pois há cerca de 20 anos recebo anualmente parte dos resultados gerados pela cooperativa de crédito a qual sou vinculado.	Como educador, dentre outros temas em que atuo, dissemino os aspectos da identidade cooperativa para colaboradores e associados. Como associado, concentro a minha financeira na minha cooperativa de crédito, Como coordenador de núcleo, faço minha parte para aprimorar o processo de gestão democrática.	Sei que posso fazer mais. Por isso, pretendo estudar mais e, na medida do possível, ajudar a disseminar melhor a nossa causa para que mais pessoas possam se beneficiar mais do cooperativismo.
11	7/1/21 10:34:46	7/1/21 10:39:21	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	associado(a) de cooperativa	Ato de cooperar, ajudar o próximo. Compartilhar . É um sistema de colaboração mútua entre os sócios com	Diretamente porque faço parte de uma cooperativa.	Colaboro direto e indiretamente através do meu trabalho...	Parabéns e boa sorte 🌹

ID	Hora de início	Hora de conclusão	Email	Nome	Informe sua faixa etária:	Identifique o teu perfil:	O que é cooperativismo para você?	Como o cooperativismo afeta você?	Qual é a sua contribuição para o cooperativismo?	Informações adicionais (se houver)
							mesmo interesse sócio econômico....			
12	7/1/21 10:41:45	7/1/21 10:47:05	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	Colaborara do órgão de representação do cooperativismo em MT	O cooperativismo é um modelo socioeconômico, pautado na união voluntária de pessoas que, juntas, buscam solucionar suas necessidades econômicas e sociais pelas vias da cooperação.	O cooperativismo hoje é minha principal fonte de renda	Como advogada do sistema OCB/MT contribuo auxiliando as cooperativas e grupos interessados em constituir uma cooperativa a estarem em conformidade legal	
13	7/1/21 10:40:39	7/1/21 11:03:54	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	associado(a) de cooperativa	Cooperativismo é a cooperação entre associados e grupo de pessoas com os mesmos interesses	O cooperativismo é um agente de transformação pessoal e empresarial	Disseminar a cultura cooperativista nos jovens em idade escolar, para que futuramente possam, possivelmente assumir um lugar em cooperativas, seja como cooperado ou como membro da diretoria.	
14	7/1/21 11:05:38	7/1/21 11:09:29	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	associado(a) de cooperativa	Algo que estamos buscando com excelência	Quando não tenho direitos que deveria ter como sócia do negócio	Estou buscando meios de praticar a cultura do intercooperação entre as cooperativas	
15	7/1/21 11:42:10	7/1/21 11:44:27	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	associado(a) de cooperativa	É estar em um ambiente em que as pessoas estejam ligadas por um mesmo interesse colaborando efetivamente para o bom funcionamento e alcance das metas	O cooperativismo me faz buscar novas oportunidades	Trabalhando e estudando	
16	7/1/21 11:54:33	7/1/21 11:59:04	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	União de pessoas em busca de interesses comuns, para a construção de negócios e sociedades mais sustentáveis	Sou colaborador de cooperativa e associado, defendo esta causa importante.	Defendo e incentivo o Cooperativismo em todas as situações.	Futuro dos negócios nesta sociedade tão globalizada
17	7/1/21 11:55:31	7/1/21 12:00:10	anonymous		Entre 36 e 65	associado(a) de cooperativa	A arte de cooperar, todos tem um mesmo objetivo	Ele é minha sobrevivência, uma vez que trabalho em uma	Me aperfeiçoando em gestão em cooperativismo,	O novo cenário exige um povo mais participativo,

ID	Hora de início	Hora de conclusão	Email	Nome	Informe sua faixa etária:	Identifique o teu perfil:	O que é cooperativismo para você?	Como o cooperativismo afeta você?	Qual é a sua contribuição para o cooperativismo?	Informações adicionais (se houver)
					anos de idade			cooperativa. Me afeta direta e indiretamente.	auxiliar a minha e outras cooperativas.	cooperativo e as cooperativas tenham um papel importante neste desafio.
18	7/1/21 12:29:31	7/1/21 12:35:03	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	associado(a) de cooperativa	Um grupo de pessoas unidas e envolvidas em uma sociedade visando o crescimento e vantagens econômicas em comum.	De maneira positiva, fazendo com que eu cresça como pessoa e cooperada.	Fazendo o bem a todos e o melhor possível em tudo no entorno não só da cooperativa, mas da sociedade em geral.	
19	7/1/21 12:59:42	7/1/21 13:01:52	anonymous		Entre 18 e 35 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	Dois pilares em (econômico e social) trabalhando em conjunto de todos ganham	Gerando prosperidade para minha vida	Apoio no Fortalecimento e desenvolvimento da nossa região	
20	7/1/21 13:18:00	7/1/21 13:20:23	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	associado(a) de cooperativa	Junção de pessoas por um objetivo que seja comum e que seja capaz de contribuir com a vida de todas as pessoas	Faz parte da minha vida.	Em uma Cooperativa todos contribuem. Sou associado de uma Cooperativa de crédito e nela faço toda a minha movimentação financeira. Além de participar da assembleia e outros eventos que a cooperativa realiza	
21	7/1/21 15:33:54	7/1/21 18:25:30	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	associado(a) de cooperativa	O cooperativismo é um modelo econômico que tem como propósito unir pessoas, com um mesmo objetivo, para atuar no mercado, onde o 'eu' dá lugar para o 'nós'.	o cooperativismo me dá a certeza que existe um modelo de negócio capaz de oportunizar a inserção de milhões de pessoas no mercado de trabalho, seja como empregado ou associado. Isso reflete na qualidade de vida, na segurança pública, na saúde física e mental.	Sou cooperativista há mais de 20 anos. Propago os benefícios do cooperativismo nas minhas conversas com amigos, familiares, redes sociais e no meu trabalho.	
22	7/1/21 20:41:05	7/1/21 20:42:37	anonymous		Entre 36 e 65	colaborador(a) de cooperativa	E a sinergia de várias pessoas dispostas a prosperar em comunidade.	No ato coletivo - propagação	Inspirar as pessoas a conhecerem os princípios e valores que norteiam	

ID	Hora de início	Hora de conclusão	Email	Nome	Informe sua faixa etária:	Identifique o teu perfil:	O que é cooperativismo para você?	Como o cooperativismo afeta você?	Qual é a sua contribuição para o cooperativismo?	Informações adicionais (se houver)
					anos de idade					
23	7/1/21 21:02:26	7/1/21 21:05:45	anonymous		Entre 18 e 35 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	É quando pessoas se unem de forma coletiva para buscar alternativas para suas necessidades	Fomentando a comunidade onde eu estou	Fazendo a disseminação na comunidade onde atuo	
24	7/1/21 21:20:01	7/1/21 21:24:01	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	E o forma de viver e conviver	Diretamente, pois é o meu viver e trabalho	Mudar a vida das pessoas para melhor	Somos uma alternativa para este mundo comunista e capitalista
25	7/1/21 21:49:40	7/1/21 21:51:37	anonymous		Entre 18 e 35 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	União das pessoas em busca de um objetivo comum	Impacta vida profissional e pessoal, agregando valores comuns	Vivo ele diariamente, ajudando as pessoas da comunidade	
26	7/2/21 8:08:52	7/2/21 8:10:52	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	associado(a) de cooperativa	União de pessoas com um objetivo comum, na busca de desenvolvimento individual e coletivo.	Principalmente nas atividades financeiras, com acesso a melhores condições de produtos, serviços e relacionamento.	Prefiro adquirir produtos de cooperativas, incentivo e convido as pessoas de relacionamento a fazerem parte do movimento.	
27	7/2/21 8:05:27	7/2/21 8:11:48	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	Associado e colaborador de cooperativa	É a forma como as pessoas se unem em associação para superar desafios ou obter vantagem competitiva.	Como associado vejo a redução de custos e maior rentabilidade dos meus recursos financeiros	Como colaborador é entender as necessidades dos associados e atendê-los integralmente. Como associado centralizo minha movimentação na cooperativa.	
28	7/2/21 10:15:02	7/2/21 10:38:08	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	associado(a) de cooperativa	Uma oportunidade de conexão com pessoas que compartilham dos mesmos ideias, visando o desenvolvimento da coletividade, promovendo assim, o fortalecimento da comunidade .	O cooperativismo está presente no dia a dia, nas relações familiares, no trabalho e no voluntariado, o vamos fazer juntos!	Posso contribuir pelo exemplo da coerência do discurso e a prática, as ações cooperativistas acontecem a todo instante, basta ser consciente da essência cooperativista, é um jeito de ser. Mas além da minha família e amigos próximos, no meu trabalho	Algo que penso ser válido compartilhar é que precisamos contar mais histórias do cooperativismo, falar mais, acreditar mais, pois, o cooperativismo é um modelo de vida, de desenvolvimento sócio econômico e cultural de uma

ID	Hora de início	Hora de conclusão	Email	Nome	Informe sua faixa etária:	Identifique o teu perfil:	O que é cooperativismo para você?	Como o cooperativismo afeta você?	Qual é a sua contribuição para o cooperativismo?	Informações adicionais (se houver)
									a metodologia do PUFV é o fio condutor das minhas práticas, o que estimula ações cooperativas, na participação ativa como associada da cooperativa Sicredi Ouro Verde, na ocasião conselheira, no incentivo e apoio à cooperativa local, a cooperativa com alguns trabalhos voluntários de registros e organizações.	comunidade, região e país, por que não????!!!
29	7/2/21 19:43:08	7/2/21 19:49:17	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	É um modelo de negócio que efetivamente desenvolve as comunidades onde está presente e que procura verdadeiramente agregar renda e melhorar a qualidade de vida das pessoas.	Afeta na medida em que vejo o impacto positivo que gera, os resultados distribuídos, as taxas justas e o desenvolvimento social dos associados e comunidade.	Contribuo como colaboradora, auxiliando a desenvolver produtos que atendam as necessidades das pessoas e programas que auxiliam com o seu desenvolvimento. Também contribuo sendo associada, tendo como única instituição a minha cooperativa de crédito há 20 anos, ajudando na sua saúde financeira.	
30	7/3/21 13:34:48	7/3/21 13:36:35	anonymous		Entre 18 e 35 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	Um modelo de negócio justo e sustentável	Na produção de itens de consumo, modelo de negócio, retorno de renda, trabalho, desenvolvimento local	Com meus valores, talentos, opinião e necessidades	
31	7/3/21 17:10:48	7/3/21 17:14:14	anonymous		Entre 18 e 35 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	Um estilo de vida	A todo momento, nascemos viver em comunidade e o Cooperativismo é a única saída	Ajudo as pessoas a Entender um pouco mais sobre Cooperativismo e viver melhor em comunidade	
32	7/4/21 9:28:38	7/4/21 9:36:35	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	É um movimento que propõe modelos justos e colaborativo para se atuar econômica e socialmente, a partir de valores e propósito das pessoas.	Por meio do Cooperativismo vejo as pessoas resolverem problemas e desafios, se desenvolverem, realizar sonhos e objetivos, enxergam possibilidades de transformação, resgatam o acreditar. Hoje o meu ganha	Continuar acreditando, gerando bons exemplos para com quem me relaciono, nos meus filhos fazendo a inclusão nesse movimento, afinal as cooperativas são das gerações.	Parabéns pela pesquisa, vai deixar uma baita referencial sobre esse tema em sua tese e principalmente obrigado pela oportunidade de contar minha vivência.

ID	Hora de início	Hora de conclusão	Email	Nome	Informe sua faixa etária:	Identifique o teu perfil:	O que é cooperativismo para você?	Como o cooperativismo afeta você?	Qual é a sua contribuição para o cooperativismo?	Informações adicionais (se houver)
								pão é fomentar o cooperativismo, é apresentá-lo às pessoas, ajudando a identificar os reais diferenciais.		
33	7/4/21 20:57:37	7/4/21 21:11:49	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	É a união de vários esforços e interesses que se tornam únicos, tendo assim um retorno mais satisfatório.	Com o cooperativos eu pude agregar mais renda e contribuir para a vida financeira de ouros.	Eu coopero aplicando os princípios do cooperativos, bem como cumprindo meu dever de associado tendo como principalidade a minha cooperativa	
34	7/5/21 8:06:15	7/5/21 8:11:36	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	associado(a) de cooperativa	Doutrina que visa conscientizar as pessoas para que possam cooperar e compartilhar conhecimentos e ações visando a melhoria das condições de vida tanto econômicos quanto sociais das pessoas e de suas comunidades.	Me inserindo no cooperativismo em forma de trabalho, educador, usuário e associado de cooperativas de crédito.	Compartilhando ideias, conhecimento e investindo nas cooperativas	O cooperar é compartilhar tudo que possa para que possamos ter uma vida melhor e mais consciente.
35	7/10/21 17:04:49	7/10/21 17:06:29	anonymous		Entre 18 e 35 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	Ajuda mútua	Diretamente no meu dia a dia, onde consigo identificar que ajudar o próximo é cada vez mais importante.	Estar sempre disponível para ajudar o próximo com engajamento.	
36	7/10/21 17:04:47	7/10/21 17:08:38	anonymous		Entre 18 e 35 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	É um movimento econômico e social, entre pessoas	colaboração e associação de pessoas ou grupos interesses em comum, com o intuito de alcançar vantagens em suas atividades econômicas, mutuamente.	Cooperativismo de crédito, fomentando negócios e desenvolvimento para economia local.	
37	7/10/21 17:05:39	7/10/21 17:10:24	anonymous		Entre 18 e 35 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	Fazer juntos, colaborar para um objetivo em comum onde todos ganham	Afeta de forma positiva, pois vivencio no dia a dia, com um colega, familiar, amigo ou cooperado.	Consigo através do meu trabalho ajudar ao próximo, na educação, formação e informação. Na geração de riquezas, na	

ID	Hora de início	Hora de conclusão	Email	Nome	Informe sua faixa etária:	Identifique o teu perfil:	O que é cooperativismo para você?	Como o cooperativismo afeta você?	Qual é a sua contribuição para o cooperativismo?	Informações adicionais (se houver)
									realização de sonhos, no fomento da economia.	
38	7/10/21 17:04:51	7/10/21 17:13:56	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	Colaboração com o próximo	Através de cooperativas podemos construir um mundo mais sustentável, sendo assim contribuiu para que as próximas gerações tenham um ambiente saudável para viver.	Neste momento trabalhando e divulgando o cooperativismo através de lives (programa crescer) e tentando sempre comprar produtos de cooperativas locais, ou até mesmo em pequenos comércios do bairro onde moro, ajudando na economia local.	
39	7/10/21 17:05:31	7/10/21 17:14:58	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	Cooperativa para mim é fazer juntos, construir uma sociedade com menos desigualdade social, desenvolver pessoas e contribuir para a economia local.	Afeta positivamente, gosto de fazer parte de uma cooperativa pois me identifiquei com os princípios e valores que as cooperativas têm.	Contribuo com meu trabalho, ajudando os associados, participando dos projetos sociais para a comunidade e disseminando o cooperativismo através das minhas atitudes perante a sociedade.	Acredito que o cooperativismo tem muito para contribuir para uma sociedade mais justa e humanitária. Quando as pessoas entendem que juntos somos mais fortes elas passam a enxergar a cooperativa com outros olhos.
40	7/10/21 17:36:36	7/10/21 17:38:02	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	Um conjunto de pessoas reunidas num propósito de melhorar a comunidade	Através de programas sociais	Em movimentar mais a minha cooperativa	
41	7/10/21 17:21:30	7/10/21 17:45:07	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	Ajuda mútua entre pessoas que visam o bem comum entre todos.	Contribui para o meu desenvolvimento financeiro	Sou uma protagonista em divulgar o quanto cooperar pode transformar nossas vidas em todos os sentidos. Cooperar nos torna humanos, prósperos e nós iguais como homens e mulheres cristãos e temente a Deus. Visa uma sociedade equalizada.	O cooperativismo deveria ser inserido desde a infância na vida do homem. Teríamos uma sociedade mais humana e sadia todos os âmbitos.

ID	Hora de início	Hora de conclusão	Email	Nome	Informe sua faixa etária:	Identifique o teu perfil:	O que é cooperativismo para você?	Como o cooperativismo afeta você?	Qual é a sua contribuição para o cooperativismo?	Informações adicionais (se houver)
42	7/10/21 17:33:57	7/10/21 17:46:13	anonymous		Entre 18 e 35 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	União de pessoas, e empresas. Em prol de um bem em comum, e crescimento e fortalecimento mútuo.	Afeta no sentido positivo, trazendo novas possibilidades de vivências, aprendizado e oportunidades tanto social como financeiras.	Minha contribuição é no ajudar, pesquisar, falar, negociar, indicar, e acima de tudo fazer pelo próximo o que eu queria que alguém fizesse por min.	
43	7/10/21 22:03:07	7/10/21 22:06:09	anonymous		Entre 18 e 35 anos de idade	colaborador(a) de cooperativa	Para mim é uma filosofia de vida que contribui com desenvolvimento sustentável da sociedade.	Modifica a vida das pessoas levando prosperidade as pessoas.	Disseminar a cultura da cooperação, trabalhar para promover ato cooperativo.	Propósito de vida
44	7/19/21 21:38:28	7/19/21 22:04:13	anonymous		Entre 36 e 65 anos de idade	Simpatizante e militante da causa	E a possibilidade das pessoas trabalharem o desenvolvimento econômico e social num mesmo nível ou seja de forma colaborativa tendo como pano de fundo o bem comum	O poder das pessoas se juntarem com objetivos comuns tendo a consciência da divisão de lucros igualmente sem uma pessoa se sobrepor a outra traz a possibilidade de trabalhar na prática os conceitos de igualdade , democracia , autonomia ,responsabilidade ,respeito e amorosidade que considero valores fundamentais para uma vida mais justa e sustentável	No meu trabalho com comunidade sempre busquei incentivar o trabalho cooperado trazendo instrumentos e ferramentas de educação fomentando discussão e reflexão de elementos que possam conduzir uma vida mais justa e saudável para todos	
							União de pessoas que decidem fazer elas mesmas aquilo que outros fariam para elas, sem o objetivo de lucro.	A filosofia e o propósito de construir um mundo melhor são aderentes a minha forma de pensar e agir		

Apêndice C – Transcrições do grupo focal utilizadas para análise

Diário de campo – Grupo de Estudos (aula 03/11/2020)

O ato de expressar gera a subjetividade

A memória consiste num meio de transformar os lugares

Ecologia do sujeito / subjetividade

Ecologia da palavra

Coletivo (Latour, 1995)

Escrever é uma passagem de vida, que atravessa o vivível e o vivido (Deleuze, 1997, p11)

Nosso primeiro encontro do grupo focal foi realizado no dia 3/11/2020 com conversas sobre percepções e afetos ligados ao tema cooperativismo, durante uma reunião remota feita virtualmente por meio de plataforma Google Meet. Participaram a professora anfitriã, que ministra uma das disciplinas do curso de graduação em gestão de cooperativas e os alunos convidados. Dos 28 alunos matriculados no curso, 20 compareceram neste momento.

“As pessoas já te conhecem e eu prefiro que você fale e tenha as portas da casa abertas pra você”, é a saudação que a professora anfitriã me recepciona na aula, entre risos e um ambiente amistoso entre todos. Após me apresentar e discorrer sobre os propósitos da nossa conversa, uma conversa aberta sobre o cooperativismo, os convido para cantar juntos a canção: *como uma onda no mar*, de autoria de Lulu Santos, contextualizando-a ao cenário de pandemia e realidades vividas por todos. No desafio de cantar e interagir virtualmente com todos, problematizo a conversa fazendo analogia das rotinas e fases da vida como ondas do mar. “Há sempre expectativas dentro de nós, mas há muita vida lá fora,” é a ênfase que trago pra convidar todos para um movimento de envolvimento e comprometimento com o que se desafiam a estudar e como praticar suas aprendizagens. Explico como decidi pesquisar sobre os pressupostos do cooperativismo e apresento as fontes que fundamento meus estudos bem como a proposta metodológica aplicada. Meu convite pra todos vocês é que possamos juntos conhecer e descobrir coisas novas sobre a temática do cooperativismo, é a abordagem que trago para os convidar a construir conhecimento para pesquisarmos conjuntamente. Diferencio o objetivo da pesquisa dos objetivos da instituição cooperativa e que este momento diz respeito à um aprofundamento qualitativo, explicando a proposta de pesquisa intervenção para que mutuamente possamos descobrir coisas novas e produzir os textos para composição da tese.

Destaco como as fundamentações da cartografia e como dialogam com as subjetividades das pessoas, contidas nas nuances do movimento cooperativista.

“Produzir conhecimento é posicionar-se e tomar posição no mundo. Nenhuma ciência é neutra porque nasce como necessidade de respostas às inquietações humanas em meio a um mundo humano, situado, datado, e encarnado em cada sujeito em sua multiplicidade expressiva.”
(KASTRUP, 2020)

Como esta citação eu tenciono a conversa inicial provocando os participantes a manifestarem-se. As principais questões pontuadas foram:

PARTICIPANTE A: Não sei se é bem relacionado à isso, mas eu faço jornalismo na UFMT e a gente fala bastante sobre isso né... que tem jornal que fala que é neutro, mas não tem como ser neutro, pois à medida que a gente vai escrever sobre alguma coisa, a gente, de certa forma já coloca nosso posicionamento sobre aquilo né...quando a gente decide quem vai entrevistar, que nicho vamos colocar ali, aquele recorte, da matéria, de certa forma já é um posicionamento.

PARTICIPANTE B: Eu estou aqui em êxtase... Eu “printei” essa tela, mandei no grupo de alunos e orientadores que temos. Particpei de uma banca que foi tensa, foi cansativa, porque: é muita produção, vários trabalhos sendo apresentados, mas principalmente a cabeça de alguns membros da banca dizendo: pesquisa é racional, tem método e tem que ser imparcial... e eu ouvindo aquilo, não concordo em momento nenhum e tentei justificar pelo horizonte da pesquisa de campo com pessoas pois já estamos inseridos nas realidades de pessoas retratando subjetividades... não é um laboratório de análises, pois as pessoas são afetadas de diferentes maneiras. Eu sinto alívio em saber que temos esta perspectiva para pesquisar. Eu tentei a justificativa na pesquisa de campo, porque quando fazemos pesquisa com pessoas já estamos retratando uma verdade. Não se faz pesquisa com pessoas dentro de um laboratório, pois as pessoas estão sendo afetadas.

PARTICIPANTE C: Hoje nós estamos observando que as cooperativas estão se tornando também em números mercantilistas. Bater metas, fazer isso, fazer aquilo e esquecendo das pessoas. Aí você se torna um número, um gráfico e deixa de existir.

PARTICIPANTE D. Quando falamos de métodos de pesquisa. Eu faço uma disciplina tópicos filosóficos. Estamos estudando Jaques Derridá. Desconstruir os métodos, os conceitos e teorias. Há necessidade de desconstruir tudo que nesse momento estamos construindo. A desconstrução vem ao encontro com as pesquisas.

Oferecendo pistas de reflexões sobre os sentimentos e afetos relacionados ao cooperativismo. Contribuições registradas virtualmente no Mural digital.

Alunos e professora foram abertos e demonstraram, manifestaram seu interesse em contribuir e participar da pesquisa: expressões registradas no chat e áudio nas gravações do encontro.]

CURSO:

O Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Cooperativas da Faculdade de Ensino e Pesquisa do Cooperativismo atende as demandas por educação cooperativista no Estado de Mato Grosso e vislumbra um projeto educacional voltado à formação de profissionais capacitados para participar da gestão dos negócios cooperativos de forma inovadora, empreendedora, sustentável e socialmente equitativa.

Proponho aos alunos durante que já estão na reta final do curso na aula da disciplina Relações Humanas que reflitam sobre as motivações que os levaram a estudar na graduação do cooperativismo em uma perspectiva de autoavaliação do antes, durante e depois de começar a graduação.

ANTES:

“Cheio de expectativas e com um entendimento muito vasto do conteúdo”

“Buscar a teoria e o que rege as cooperativas, minha família sempre esteve envolvida com o cooperativismo.”

“Chego com muita vontade de colaborar.”

“Sou apaixonada pelo Cooperativismo, decidi fazer a graduação por trabalhar durante algum tempo em uma cooperativa.”

“Não sabia, e nem Imaginava em algo tão maravilhoso como o cooperativismo.”

“Sem entendimento sobre o Cooperativismo.”

DURANTE:

Aprendendo muito!

Gostando da proposta

Cada dia que passa ainda mais apaixonada, somente triste por as cooperativas se tornando cada vez mais mercantilista

“Percebo que quero continuar.”

“Percebo as falhas que ocorrem nas cooperativas.”

“Estou amando o cooperativismo, apreendendo muito nesta gestão e acredito que juntos nós podemos.”

“eu percebo... que não sabia muito sobre o cooperativismo”.

“Leituras sobre o Cooperativismo”.

DEPOIS:

Ser Gestor em Cooperativa!

Integrar cooperativismo com a pecuária

Fazer pesquisa e um Doutorado em Cooperativismo.

Cartografia como metodologia da atenção.

Foco nos processos, experiências e afetos (intelectualidade x afetividade)

Cartografia é acompanhar processos: não se formulam regras, mas pistas

Envolver o cooperativismo com outras áreas

Ser Gestor, e viver em cooperação.

Aprofundamento em pesquisas cooperativista

Envolvimento contínuo em pesquisas e entendimento aprofundado ao Cooperativismo

Outro disparador da intervenção foi perguntar aos alunos como se conectam ao movimento e atividades ligadas ao cooperativismo? Respostas objetivas como solidariedade, entusiasmo, valores, união, paixão, compartilhar, participar.

Dadas estas conexões, proponho aos alunos a construção coletiva de um mapa da empatia com as contribuições que percebem sobre o que dizem, pensam, fazem e sentem sobre o cooperativismo:

O que dizem sobre COOPERATIVISMO:

“Não se fala”

“Uma vez que você conhece, nunca mais deixa de ser”.

“Modelo de negócios, futuro dos empreendimentos, visão”.

“Companheirismo, união, quem faz parte não quer sair. quem está fora e conhece quer fazer parte.”

“O cooperativismo levou à fundação do município.”

“um ajuda o outro e junto somos mais fortes.”

É mais "humano" que o mundo mercantil.

Ainda não é muito conhecido

O que é Cooperativismo?

O que PENSAM sobre COOPERATIVISMO:

me move a pensar no crescimento coletivo

crescimento, união, sabedoria e colaboração.

O cooperativismo me faz pensar em um mundo menos individualista

Infelizmente a prática não segue bem a teoria

Tudidibom, humanidade, amor, companheirismo, troca, cumplicidade, doação.

O que FAZ o COOPERATIVISMO:

Pensar em algo melhor!

“Pensar no outro, trabalhar em conjunto, viver em união, melhorar o meio que estou., pensar diferente, melhorar constantemente.”

“Buscar melhorias.”

“eu faço parte, o cooperativismo me faz agir diferente, e agir diferente, me faz querer buscar sempre o conhecimento e me proporciona momentos incríveis.”

“Desenvolver novas ideias e projetos.”

Atuar em Gestão, para gerar melhorias contínuas aos processos.

Atuar em equipe, empatia, ver como um todo, o ser antes do ter.

o cooperativismo mostra outra visão de agir, me faz crescer pessoalmente e profissionalmente.

ser empático, trabalhar em equipe, ajudar próximo.

O que SENTEM o COOPERATIVISMO:

Levando em consideração o que rola na prática, ainda há o que melhorar.

eu sinto paixão pelo cooperativismo, me completou muito me trouxe a solução de querer aprender e entender mais e mais.

Ser mais humano

Pode melhorar ainda mais!

Ser cada dia melhor, ser humano.

Após um hiato entre os encontros, reunimos novamente no dia 24/03/2021

O quanto somos afetados pelas alteridades instauradas?

PARTICIPANTE 1: oi boa noite a todos obrigada Cenira esqueci de te falar da do tom da voz dela eu acho um charme charme pai meu o problema assim tão nosso ar concordo com você seria o mesmo tempo tão marcante tão forte ai muito obrigada Senhora é eu reconheço todas essas qualidades que a Senhora falou né é uma pessoa que eu quero falar um pouquinho dela e dele Diane eu acho que ainda ninguém falou dela uma pessoa que eu vejo que ela é determinada esforçada inteligente ela vai atrás busca conhecimento não é está está muito empenhada em aprender libras e muito perto de ser patinho para também na nas aulas não é comunicativa e é isso eu vejo essas qualidades Na Na nossa colega Lidiane também eu acho que o Douglas pode falar agora não é Douglas você está aí acho que caiu de novo pra eu estou vendo ali não é caiu aqui porque nós temos mais uma pessoa aí para reconhecer e eu vou pedir a ajuda de vocês dos colegas que estão mais próximo que conhecem alguém que seja um voluntário para falar e reconhecer que eu acho que é

PARTICIPANTE 2: Kevin tinha não foi reconhecido ainda né conversar eu quase não interajo aqui só é que eu sou mais prático e racional daí eu acho que não me abro muito na minha vida pessoal etc tá certo

PARTICIPANTE 3: Assume e começa a falar dele...mas eu vou falar você quer uma pessoa admirável você é muito jovem comprometido nós fizemos um trabalho juntos todas as dúvidas você sempre me procurou a gente sempre trabalhou junto você é muito companheiro os trabalhos que a gente faz em grupo pelo menos é isso que você aparenta a sua responsabilidade seu companheirismo e você agrega muito na equipe obrigado pela ajuda

PARTICIPANTE 4: vou complementar é um menino interessado e não subestime o fato de você ser quieto pelo contrário eu vou te indicar um livro professor clima deve conhecer eu li esse livro por conta da minha filha que é quieta então se chama o poder dos quietos eu poder dos insetos e tem um poder dos quietos ser quieto ser é introvertido se quieto palavra é isso não é defeito isso não é não é problema das pessoas na verdade deveriam ser mais quietas analisar

pensar antes de falar com seria bem melhor então hoje a gente precisa de pessoas estejam corretas introspectivas analíticas críticas essa é uma das analista frente não é só para me conhecerem para o 5 obrigado pessoas isso aí não tem certo e errado viu Kevin cada um tem uma personalidade cada um tem uma subjetividade isso é muito bom somos pessoas diferentes o que você às vezes caracteriza como ao pequeno posso ter entendido como algo não bom pode ser uma Fortaleza sua então cada um tem a sua fortaleza quem sabe ser programático ser mais.

PARTICIPANTE 5: eu acho que eu princípio está bastante ligado a nossa origem o que foi nos passado a nossa formação eu penso assim os valores é o valor é o que a gente vem conquistando através dos princípios que nos for passado. Com o tempo a gente vai adquirir os valores observar mesmo acho que eu ainda mais ligado, na minha opinião, tá mais lhe dado origem ao principal princípio acho que está mais ligada origem a nossa base nossa informação dos valores é mais com o tempo já vem mais através de um processo vai com o tempo a gente vai adquirindo vai conhecendo ou vai passando a reconhecer determinados valores tanto faz se positivos ou não, isso é o que eu acho.

PARTICIPANTE 6: seria se o princípio seria a regra estar todo mundo e os valores são as minhas regras aquilo que Eu Acredito ou seja se é dentro da ética, dentro da moral não é então aí que são os princípios é aquilo que o que move o mundo dentro da ética dentro da moral dentro dos bons costumes seria o princípio certo não sei eu quero ouvir vocês o que que é princípio que é valor mais alguém gostaria de contribuir

No terceiro encontro do grupo focal foi realizado no dia 14/04/2021 com conversas sobre cooperativismo foi realizada virtualmente tendo como anfitriã, professora da disciplina do curso de graduação em gestão de cooperativas, alunos convidados. Pela proximidade e conhecimento prévio entre os docentes e alguns alunos participantes a conversa flui e se caracteriza por um espaço de sintonia entre os envolvidos.

Eu Acredito assim eu tenho lido um livro de Patrícia Hill Collins que é o pensamento feminista negro e a gente ela fala da questão mais do desse pensamento a tela tem **alguma posição quando fala da das fábricas nas cooperativas** ela fala alguma coisa nisso mas é uma é uma experiência estadunidense né e ela traz algumas questão de para é os países Latino americano onde vejo muito não a gente vê que não contrata um contrato é uma **lição é uma questão cultural está falando né isso exatamente uma questão cultural é a gente não foge né dos**

modos europeus não sabia infelizmente no caso não estamos ilesos né a isso e mais ainda por vir de um país estamos num país emergente não é um país em desenvolvimento nem a ascensão social então interna muito mais né a gente sabe que a cultura afeta muito a questão do conhecimento do acesso ao conhecimento da disponibilidade para conhecer coisas novas facilita ou quando não tem dificuldade muito a questão de interpretação sobre questões sensíveis como essa por exemplo né eu acho que o que o racismo sexismo tá muito regado nossa cultura que esse política cultura para a gente fazendo uma ponte não é aqui como o movimento do cooperativismo gerou uma inovação né gerou uma fonte rotativo porque a gente fala de 28 pioneiros dentre eles uma mulher que era esposa de um dos pioneiros né então uma mulher numa sociedade em que É Ela não podia votar direito legal ela acima de tudo era muito arbitrária sua vida não é sob o julgo mesmo é dos maridos ou quando não das famílias para aquelas que não eram casadas sempre focada muito no serviço doméstico então aí tem uma mulher lá no meio do cooperativismo ajudando a criar os preceitos princípios ainda bem né pelo menos tinha uma para representar ali para salvar parte né meninas com certeza porque sensibilidade né que existe nas mulheres onde estaria perdido é homens é concordam comigo com certeza certo que bom ó eu queria ouvir mais de vocês se vocês puderem completar enquanto a gente vai finalizando

A: "Essa questão é cultural. Não podemos negar que os modos europeus têm grande influência sobre nós, especialmente porque estamos em um país emergente. A cultura afeta muito a questão do acesso e interpretação do conhecimento, facilitando ou dificultando a compreensão de questões sensíveis, como o racismo e sexismo."

B: "Concordo plenamente com você. Nossa cultura está enraizada em políticas que perpetuam o racismo e o sexismo. No entanto, o cooperativismo gerou uma inovação ao criar um modelo rotativo que foi iniciado por 28 pioneiros, entre eles uma mulher que era esposa de um dos pioneiros. Isso foi uma conquista significativa para a época, considerando que as mulheres não tinham muita voz e eram limitadas pelas normas sociais que as restringiam ao serviço doméstico."

C: "Sim, realmente foi uma conquista importante. É encorajador ver que, mesmo em um ambiente tão repressivo, uma mulher foi capaz de fazer parte dos preceitos e princípios do cooperativismo. Certamente, a sensibilidade feminina foi essencial para o sucesso da iniciativa."

R: "Concórdia plenamente. É muito importante que as mulheres tenham um papel ativo em movimentos como o cooperativismo, porque sua sensibilidade é valiosa e, sem ela, muito estaria perdido."

B: "Exatamente. O que precisamos é de mais iniciativas como essa para promover a igualdade e justiça em nossa cultura. Precisamos trabalhar juntos para criar um futuro melhor."

C: "Com certeza, devemos continuar a discutir e buscar maneiras de melhorar a sociedade em que vivemos."

Aqui esse ponto sobre a **questão é de discriminação** quanto esse primeiro princípio está vinculado né a participação das cooperativas do combate à discriminação super importante que atitudes a gente percebe que existem ao que faltam e aí só pra gente fazer um raciocínio lógico rolê que conjuntamente com vocês então as palavras que surgiram está bom no quesito ações voluntárias que é o voluntariado não é voluntariedade que é proposta pelo primeiro princípio então a gente tem aqui palavras como liberdade de expressões projetos sociais multiplicadores reunião o respeito o conhecimento a solidariedade a igualdade todos Unidos com um só objetivo a humanidade ou seja perceber que nós somos seres humanos né não máquina simplesmente como dispensam querem tratar sensibilidade e dedicação humanitária legal é pertencer muito bacana amor ao próximo dedicação vida doação não a decisão dos operários há que eu acho que está colocando como uma contra o contraponto né que se ele não quiser aderir se ele não quiser participar isso quem escreveu o que puder o processo sobre isso mesmo eu participei durante muitos anos sobre acha um voluntariado dentro da cooperativa e a decisão dos cooperados não existe há entendi então o que você está trazendo aqui é

é falta da adesão ao voluntariado não é isso posso só complementar isso e os cooperados também tem escrito errado por favor ai que é importantíssimo essa ou operários depois eu sabia do tema voluntariado também colabora para o desenvolvimento pessoal olha que legal isso gente quem falou alguém que está aí pode com é pode comentar mais a respeito né é que legal essa percepção não é o voluntariado colabora para a gente se desenvolver como ser humano então não tem a ver só com as envolvimento local tem a ver com benefício pessoal também não é difícil individual também agregar valor interesse pois bem temos aqui então palavras e atitudes relacionados a esse princípio primeiro voltadas para a ótica das ações do voluntariado que ele projeta aí enfim em relação à inclusão de pessoas o quão inclusivo é o cooperativismo não é essa inclusão não é para gerar igualdade geral uniam leque na vertical gerar valorização aproxima pessoas respeito à uniam respeito de novo olha o respeito de novo que legal a incidência da palavra respeito até marcar aqui ó networking Acessibilidade paz comunicação

equidade é inclusão gera valorização era liberdade de expressão igualdade de novo desenvolvimento social a diferença do tratamento de um cooperado para o outro alguém que pudesse me ajudar aqui a interpretar melhor esse relato de que que você quis dizer com diferença no tratamento de um cooperado para o outro vem me ajudar aqui que diferença é essa E aí só pra gente fazer um associado lógico que eu vou ler aqui conjuntamente com vocês então as palavras que surgiram está bom no quesito ações voluntárias que é o voluntariado é a voluntariedade que é proposta foi o primeiro princípio então a gente tem aqui palavras como liberdade de expressão ações projetos sociais multiplicadores comiam o respeito conhecimento a solidariedade a igualdade todos Unidos com um só objetivo a humanidade ou seja perceber que nós somos seres humanos não máquinas simplesmente como muitos pensam querem tratar sensibilidade e dedicação humanitária legal é pertencer muito bacana amor ao próximo dedicação vida doação não a decisão dos operário sabe que eu acho que está colocando como uma contra o contraponto né que se ele não quiser aderir se ele não quiser participar isso quem escreveu o que puder o professor isso mesmo eu participei durante muitos anos sobre acha um voluntariado dentro da cooperativa ;

Vamos tentar reescrever o diálogo para torná-lo mais coerente e fluente:

A: Aqui, nesse ponto da questão, trata-se da discriminação, que está vinculada ao primeiro princípio que envolve a participação das cooperativas no combate à discriminação. É super importante perceber que existem atitudes que faltam para que o raciocínio lógico conjuntamente com vocês possa se desenvolver. As palavras que surgiram nesse contexto incluem ações voluntárias, como o voluntariado, que não deve ser confundido com voluntariedade, que é proposta pelo primeiro princípio. Temos aqui palavras como liberdade de expressão, projetos sociais multiplicadores, reunião, respeito, conhecimento, solidariedade, igualdade, todos unidos com um só objetivo: a humanidade. É importante perceber que somos seres humanos, não máquinas, e que devemos ser tratados com sensibilidade e dedicação humanitária. Pertencer a essa causa é muito bacana, pois envolve amor ao próximo, dedicação, vida e doação.

B: Entendi. Mas a decisão dos operários é sempre levada em consideração?

R: Sim, claro. Durante muitos anos participei de um voluntariado dentro da cooperativa, e a decisão dos cooperados sempre foi respeitada.

C: Posso complementar dizendo que o voluntariado também colabora para o desenvolvimento pessoal. É uma oportunidade para nos desenvolvermos como seres humanos, e não se trata apenas de envolvimento local. Além disso, é uma forma de agregar valor e interesse individual.

R: Exatamente. Temos aqui palavras e atitudes relacionadas a esse primeiro princípio, voltadas para a ótica das ações do voluntariado e suas projeções. Em relação à inclusão de pessoas, é importante perceber o quão inclusivo é o cooperativismo. Não se trata apenas de gerar igualdade geral, mas de unir um leque de pessoas, gerar valorização e aproximação, respeito e networking. Acessibilidade, paz, comunicação e equidade são importantes nesse contexto. A inclusão gera valorização e liberdade de expressão, além de desenvolvimento social. A diferença no tratamento de um cooperado para o outro pode ser interpretada de diversas formas, mas é importante que todos sejam tratados com igualdade e respeito.

B: Entendi melhor agora. Obrigado pela explicação.

Na perspectiva teórica da cartografia e semiótica da cultura, o diálogo apresenta algumas características interessantes. A cartografia propõe a ideia de que as relações entre os indivíduos e o mundo são dinâmicas e podem ser mapeadas, mas sem a pretensão de estabelecer verdades absolutas. Já a semiótica da cultura busca analisar como os significados são produzidos e transmitidos por meio de diferentes formas de linguagem.

Nesse diálogo, podemos perceber que os participantes estão tentando construir significados em torno de conceitos como voluntariado, inclusão e respeito no contexto de uma cooperativa. Eles estão explorando diferentes palavras e expressões para descrever suas ideias e experiências, mas também estão buscando entender as diferentes percepções e pontos de vista dos demais membros.

Além disso, é possível notar uma certa tensão entre a ideia de adesão ao voluntariado e a liberdade de escolha dos cooperados. Enquanto alguns participantes parecem enfatizar a importância do voluntariado como um princípio da cooperativa, outros questionam se essa adesão deve ser obrigatória ou não. Essa tensão pode ser vista como uma disputa de significados e valores, que faz parte do processo de construção e negociação da cultura da cooperativa.

Em relação à linguagem utilizada, é possível notar uma certa dificuldade de expressão por parte de alguns participantes, com frases desconexas e palavras mal colocadas. Isso pode ser interpretado como um reflexo da complexidade do tema e da dificuldade de encontrar palavras adequadas para descrever experiências e conceitos abstratos. No entanto, também é possível ver essa dificuldade como um desafio para a construção de novos significados e sentidos, que podem ser criados a partir do diálogo e da negociação entre os participantes.

voluntariado também colabora para o desenvolvimento pessoal olha que legal isso gente quem falou alguém que está aí pode com é pode comentar mais a respeito né que legal essa percepção né o voluntariado colabora para a gente se desenvolver como ser humano então não tem a ver só com a desenvolvimento local tem a ver com benefício pessoal também né em que se individual também agregar valor interesse pois bem temos aqui então palavras e atitudes relacionados a esse princípio primeiro voltadas para a ótica das ações do voluntariado que ele projeta aí enfim é **inclusão de pessoas o bem inclusivo é o cooperativismo** não é essa inclusão não é para gerar igualdade geral uniam leque na vertical geral valorização aproxima pessoas respeito à uniam respeito de novo olha o respeito de novo que legal a incidência da palavra respeito moderno marcar aqui ó networking Acessibilidade paz comunicação equidade é inclusão gera valorização é liberdade de expressão igualdade de novo desenvolvimento social **há diferença do tratamento de um cooperado** para o outro alguém que pudesse me ajudar aqui a interpretar melhor esse relato de que que você quis dizer com diferença no tratamento de um cooperado para o outro vem me ajudar aqui diferença é essa Eu Acredito que como 40 presidente é sempre fala né que a gente tem que o crítico os colaboradores tentam não ter o controle é sobre muitos operativo um gerente de conta né ele não é responsável por tantas pessoas porque ele não consegue quando por exemplo tem uma assembleia de núcleo alguma coisa ele não consegue ter um contato com todas elas num tempo hábil então vais isso as vezes acontece na gente talvez ele tem ele não fez face do limite ou tipo tenho ele tem até no serviço que ele não consiga é entrar em contato com todas as pessoas então um cooperado às vezes ele fica sabendo de uma de uma assembleia pelas redes sociais outro recebe um convite uma cartinha o outro recebe a visita no seu estabelecimento um ponto de melhoria ou ou uma realidade pelo fato de da inclusão que ele traz eu acho que eu acho que dependendo do cooperado ele se sente de forma desigual sabes tá entendi que são maior só que determinado associado tem uma atenção e o outro tem menos atenção sabe eu acho que isso as vezes é um empecilho é para o movimento cooperativista uma grande

Esse eu falo em relação a essa qualidade da atenção que é dada né isso porque é a gente sempre fala de atendimento diferenciado mas não são todos os cooperados que realmente tem assim um atendimento realmente de personalização mas ela não é tão latente quando na prática isso é uma grande diferença entre essa de é não sei ficou claro não ficou claríssimo mais alguém gente gostaria de contribuir com esse ponto concorda discorda joga lenha na fogueira aqui para ouvir outros depoimentos essa questão da desigualdade no tratamento na qualidade da atenção vocês veem que isso acontece com como vocês enxergam vamos falar assim pô eu quero ouvir as ações são de vocês eu estou aqui para estudar mentira entendi o tom desse OTA eu acho que isso acontece para complementar já que eu já tenho baldes é Eu Acredito ambiente confidencial fique tranquila tá escrito nacional essa carranca levando inclusão de pessoas e discriminação Eu Acredito que existe aqui para sempre entre os colaboradores porque querendo ou não é por mais que seja AO cooperativismo é tem aqueles que tipo ai eu não gosto de tal pessoa porque ela sabe mais que eu ou sem ela sempre me corrige ou algo assim e aí acaba que toda vez que esse preço pessoa que sei lá abria a boca para comentar alguma coisa ou outro colaborador tipo fica meio assim ou sai de cena EE tipo por mais que ele não desrespeite é evidentemente né tipo não o que você está falando e tal ele está discriminando né e tipo ele está também é excluindo essa pessoa nos seus círculos a gente sabe que tem um fator humano que que interfere não é um fator de como que eu posso dizer me ajudem com as palavras não é um personalidade né de cada um ela interfere muito nisso né porque apesar de haver um tratamento ideal em conta mentora há um tratamento recomendado não é há uma cultura de preconceito que paira uma cultura de que é para isso é chamado diferença de um i os também da professor de repente uma pessoa tem uma opinião a outra tem outra não contém uma convergência ali sim há um tempo criar um atrito ali a pessoa não pode concordar de imediato assim eu não futuro ela possa estudar que realmente a pessoa pense ele concordar parcialmente é integralmente ou simplesmente não concordância mas é isso a questão a gente não precisa concordar com todos né se não como seria o mundo né a gente pode acolher a dor das pessoas na reclamação de todos e assim eu acho que é um papel nosso como protagonistas do cooperativismo não é que eu estou falando aí no dia a dia de vocês né cada um como associado na seu relacionamento que já está atuando como profissional em cooperativas também é isso funcionamento disputa ativa né de atenção colega trouxe aqui muito né a qualidade da atenção eu acho que é um ponto também bastante sensível aqui na questão nesse princípio eles concordam acho que faz sentido é professor mas muitas vezes isso depende também muito da gestora o que você tem na sua cooperativa não é porque eu acho que vai muito da zona nesses conflitos não é porque eram bom mas gestora ela jamais deixaria chegar porque tem muitas gestoras que É Ela provoca esse tipo de coisa ela

olhou elogia um funcionário para um funcionário lá em cima que te coloca lá em baixo entendeu má gestão de cooperados e colaboradores, favoritismos; Jogar na colocou seria é negado também afinidade né às vezes você tem uma afinidade de trabalho com um colega e que não tem o outro e de repente é o outro já vê que é favoritismo